Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Esmeralda Guimarães Meira

O arquivista de si
História e Memória do escritor Camillo de Jesus Lima

Vitória da Conquista/Bahia
2017

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Esmeralda Guimarães Meira

O arquivista de si
História e Memória do escritor Camillo de Jesus Lima

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Memória Linguagem e Sociedade, como requisito parcial e obrigatório, para a obtenção do título de Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória

Linha de Pesquisa: Memória, Discursos e Narrativas

Orientador: Prof. Dr. José Rubens Mascarenhas de Almeida

Vitória da Conquista/Bahia
2017

M34o Meira, Esmeralda Guimarães
O arquivista de si – história e memória do escritor Camillo de Jesus Lima; Orientador: José Rubens Mascarenhas de Almeida - Vitória da Conquista, 2017.
201f

Tese (doutorado em Memória: Linguagem e Sociedade) – Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2017.

1. Memória. 2..História 3. Arquivo 4. Camillo de Jesus Lima 5. Intelectual. I. Almeida, José Rubens Mascarenhas de. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. T

Título em inglês: The archivist of himself - History and memory of the writer Camillo de Jesus Lima.

Keywords: Memory. History. File. Camillo de Jesus Lima. Intellectual. Autobiography

Área de Concentração: Memória, História e Sociedade

Titulação: Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade

Banca examinadora: Prof. Dr. José Rubens Mascarenhas de Almeida (Presidente); Prof. Dr. Aleilton Santana da Fonseca (titular); Profa. Dra. Ana Elisabeth Santos Alves (titular); Profa. Dra. Maria Aparecida Silva de Souza (titular); Prof. Dr. Reinaldo Martiniano Marques (titular).

Data da Defesa: 22 de fevereiro de 2017.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação Memória: Linguagem e Sociedade

FOLHA DE APROVAÇÃO

Esmeralda Guimarães Meira

O arquivista de Si: história e memória de Camillo de Jesus Lima

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Doutora em Memória: Linguagem e Sociedade.

Data da aprovação: 22 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. José Rubens Mascarenhas de Almeida (Presidente) Ass.:_____
Instituição: UESB

Profª. Drª. Ana Elizabeth Santos Alves Ass.:_____
Instituição: UESB

Profª. Drª. Maria Aparecida Silva de Sousa Ass.:_____
Instituição: UESB

Prof. Dr. Reinaldo Martiniano Marques Ass.:_____
Instituição: UFMG

Prof. Dr. Aleilton Santana da Fonseca Ass.:_____
Instituição: UEFS

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Universidade do Estado da Bahia – *Campus* VI, pela minha liberação nas atividades do departamento e pela concessão da bolsa PAC, o que possibilitou dedicação exclusiva ao doutorado; ao Programa de Pós-Graduação Memória: Linguagem e Sociedade/UESB, pelo acolhimento e motivação aos estudos interdisciplinares.

Agradecimento à parte, ao orientador desta tese, Prof. Dr. José Rubens Mascarenhas de Almeida (Binho), pela seriedade com que trata a ciência e pelo diálogo que traçamos nesses quatro anos, colaborando, efetivamente, com meu crescimento crítico, e, principalmente, por aceitar o desafio da relação entre História e Literatura; e ao Grupo de Estudo Ideologia e Luta de Classes – GEILC, que, sob a sua coordenação, desenvolveu acirradas discussões teóricas, contribuições especiais à minha iniciação nos estudos marxistas.

Um afago materno em minha família! Pela compreensão às minhas ausências, muitas vezes, estando presente. A Sofia, Fernanda, Paulo Vinícius e, em especial, a Paulinho Soares, meu primeiro leitor, sem sua dedicação e seu olhar crítico, talvez essa tese nem seria a mesma.

Sou imensamente grata aos familiares de Camillo de Jesus Lima, Luiz Carlos, Albion Helênica (Bia), Marta, Juldi, pela amizade que construímos, pela confiança e concessão irrestrita aos documentos pessoais e literários que serviram de fonte a esta pesquisa. Espero corresponder às expectativas criadas.

Agradeço aos arcontes, garimpeiros do arquivo e amigos de Camillo de Jesus Lima, por preservarem e difundirem a obra e o homem, em especial ao Dr. Ruy Medeiros, pela pronta disposição em acompanhar o processo de pesquisa, lendo minhas primeiras intenções de tese, dando depoimento e disponibilizando o material do arquivo que está sob a sua guarda; a Carlos Jehovah, Ubirajara Brito, Elomar Figueira e D. Dazinha (prima de Camillo) pelos depoimentos que ilustram passagens deste estudo; a Sérgio Martins, pela doação de livros que foram da biblioteca de Camillo, e que irão se juntar aos do arquivo literário; a Daniel Curi, o mais novo pesquisador da obra camilliana, pela digitalização dos documentos; a Reinaldo Silva e Luana Luz Malta, pelas traduções.

Por fim, e com honra em fazê-lo, quero agradecer aos professores e professoras que fazem parte da banca de defesa desta tese: Dr. Aleilton Santana da Fonseca – UEFS e Dra. Ana Elisabeth Santos Alves – UESB, que muito contribuíram no momento da qualificação, indicando caminhos que espero ter assimilado; Dr. Reinaldo Martiniano Marques – UFMG e Dra. Maria Aparecida Silva Souza, por aceitarem o nosso convite. É uma honra tê-los como arguidores nesse processo, um momento ímpar da nossa vida acadêmica.

Muito Obrigada!!!

Dedico este trabalho ao meu pai Esmeraldo Meira.
Foi ele o primeiro arquivista autobiográfico que conheci.
Escreveu as suas memórias em um diário (O Livro Verde),
durante o ano 1964, na Fazenda Campo Alegre, onde morávamos.

Guarda meus traços num postal
Guarda o que sou, o que serei nos caminhos do mundo.

(Camillo de Jesus Lima)

RESUMO

A presente tese é resultado de um estudo realizado no espólio arquivístico do intelectual baiano Camillo de Jesus Lima. Sua importância se justifica pela efetiva contribuição que teve e tem este autor, no panorama literário e histórico da Bahia. Ele publicou sete livros de poemas entre 1941 e 1973, mas sua obra inédita é vasta, consta de romances, contos, traduções, vários livros de poemas, além da crítica de rodapé e de crônicas publicadas em jornais e revistas da época. Camillo de Jesus Lima colaborou com vários jornais, sendo redator chefe do jornal *O Combate*, no qual escrevia críticas e crônicas jornalísticas de cunho social. A tese aborda a intrínseca relação entre memória e história, compreendidas suas especificidades epistêmicas –, sendo o campo da memória uma visão do acontecido vista de dentro (seja pelo olhar individual, seja pelo coletivo), e o campo da história, uma visão do acontecido vista de fora (da história corriqueira e oficial). Na prática, o processo de revocação e de revisão histórica acontece com a imbricação entre história e memória, em seu movimento dialético. Revocação entendida como uma busca consciente ao passado, a partir da necessidade do presente, e revisão histórica como uma correlação de diferentes tempos históricos para explicar o processo dialético a que estão submetidos os homens em sociedade. O método do materialismo histórico dialético conduziu a análise do homem Camillo de Jesus Lima em seu tempo e lugar, da obra camilliana e sua relação com a realidade, do contido no arquivo e seu contexto social, da relação entre passado e presente. A análise dos manuscritos do arquivo, realizada em cartas, crônicas e críticas, documentos autógrafos ou sob o olhar dos pares, elucidou o perfil autobiográfico que Camillo de Jesus Lima traçou de si e da sociedade, sua concepção de mundo e sua *práxis* social. A tese defende que o arquivo de Camillo de Jesus Lima é uma autobiografia de resistência, inscrição de quem viveu a contrapelo, enfrentando as contradições, documentando-se, arquivando-se para os pósteros, como uma forma de expressão da indissociabilidade entre luta e utopia. O arquivista de si preservou a sua obra e a sua experiência de vida, estabelecendo o *continuum* entre passado, presente e futuro.

Palavras chave: Memória. História. Memórias imbricadas. Arquivo. Arquivista de si. Autobiografia. Literatura. Intelectual. Camillo de Jesus Lima.

ABSTRACT

This thesis is the result of a study conducted in the legacy archival of intellectual from Bahia, Camillo de Jesus Lima. Its importance is justified by the effective contribution that had and has this author in literary and historical panorama of Bahia. He has published seven books of poems between 1941 and 1973, but his unpublished work is vast, consists of novels, short stories, translations, several books of poems, in addition to the footer and criticism of chronicles published in newspapers and magazines of the time. Camillo de Jesus Lima collaborated with several newspapers, being chief editor of the newspaper *The Combat* in which he wrote criticism and social journalistic chronicles. The thesis deals with the intrinsic relationship between memory and history – understood its specificities, and the field of epistemic memory a vision of what happened inside view (either by looking at individual or collective), and the field of history, a vision of the events, view from outside (whether official and character of common history). In practice, the process of recalling and historical review with the overlap between history and memory, in their dialectical movement. Recalling understood as a conscious search in the past, from the necessity of this, and historical review as a correlation of different historical times to explain the dialectical process which are subjected the men in society. The method of historical materialism dialectic led the analysis of man Camillo de Jesus Lima in his time and place, the work camilliana and its relation to reality, is contained in the file and its social context, the relationship between past and present, etc. The analysis of manuscripts held in file letters, chronicles and reviews, documents, autographs of Camillo de Jesus Lima, or under the eyes of their pairs, he elucidated the autobiographical profile he diddled you and society, its design and its social praxis. The thesis defends that the file of Camillo de Jesus Lima is an autobiography of resistance, of whom lived against the natural, facing the contradictions, documenting, archiving for posterity as a way of expression of the inseparability between fight and utopia. The archivist of himself preserved his work and his life experience establishing the *continuum* between past, present and future.

Keywords: Memory. History. Interwoven memories. File. Archivist of himself. Autobiography. Literature. Intellectual. Camillo de Jesus Lima.

.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO……..….....9

2 “ “SOLIDÃO UMA CONVERSA, EU ESTOU É NO MEIO DO MUNDO””
(CAMILLO DE JESUS LIMA EM SEU TEMPO E LUGAR)……..…… 19
2.1 UMA VIDA A CONTRAPELO
(CAMILLO POR ELE MESMO: DUAS DÉCADAS EM ENTREVISTAS)..... 36
2.2 “PÕE DIANTE DE MIM A OBJETIVA”
(CAMILLO DE JESUS LIMA PELOS PARES)…….…….... 50

3 “SOMOS PARTE DESTE SÉCULO. ELE É PARTE DE NÓS”
(DA HISTÓRIA À MEMÓRIA, DA MEMÓRIA À HISTÓRIA)…..…… 68
3.1 MEMÓRIAS IMBRICADAS
(UMA PERSPECTIVA SOCIAL DAS MEMÓRIAS)..... 73
3.2 “ “QUE RIMAS EU ACHARIA PARA ESSA TORMENTA POÉTICA?””
(MEMÓRIA E IDEOLOGIA, HISTÓRIA E LITERATURA)……..... 85
3.3 VINHO NOVO EM VELHAS TAÇAS
(O MOVIMENTO ENTRE PASSADO E PRESENTE)..……..…… 95

4 O ARQUIVISTA DE SI, NA MORADA DO ARQUIVO
(O ARQUIVISTA, O ARQUIVO, OS ARCONTES)..…...……... 104
4.1 ARQUIVO: LUGAR DE MEMÓRIA E DE HISTÓRIA
(O SENTIDO SOCIAL DO ARQUIVO)..……...…….. 113
4.2 OS UMBRAIS DO ARQUIVO: ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO
(A TRAJETÓRIA DO ARQUIVO DE CAMILLO DE JESUS LIMA)……... 120

5 ALGUMAS REVELAÇÕES DO ARQUIVO
(ESCRITOS DA DÉCADA DE 40 DO SÉCULO XX)……. 126
5.1 CRÔNICAS DE UM INTELECTUAL “DE ESQUERDA”
O PENSAMENTO POLÍTICO E SOCIAL DE CAMILLO DE JESUS LIMA 130

5.1.1 História anunciada nas páginas de *o Combate*
Leitura crítica de alguns fatos históricos)……..... 137
5.2 CARTAS: UMA REDE DE RELAÇÕES NO “LIVRO AZUL”
(DA CORRESPONDÊNCIA PASSIVA DE CAMILLO DE JESUS LIMA)….147
5.2.1 Caros amigos ...
(Da correspondência ativa de Camillo de Jesus Lima)……..... 151
5.3 UMA ESCRITA DE SI, NA LEITURA DO OUTRO
(LOURENÇO MOREIRA LIMA E JORGE AMADO SOB O OLHAR CAMILLIANO..... 163

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS…….....173

REFERÊNCIAS……...….176

ANEXOS…….....…186

1 INTRODUÇÃO

> *Desde a infância pobre e atribulada, minha vida tem sido uma guerra de defesa contra as investidas do destino. Se, um dia, escrever minhas memórias, darei a elas este título: UM HOMEM CONTRA O DESTINO.*
>
> Camillo de Jesus Lima, *O Conquistense*, 1957.

Este trabalho é resultado de uma pesquisa realizada no espólio arquivístico de Camillo de Jesus Lima, escritor baiano com vasta obra produzida no século XX, grande parte ainda inédita. O estudo buscou reconhecer, na materialidade histórica encontrada nos documentos do arquivo, a formação e a atuação de um intelectual em seu tempo e lugar e avaliou o movimento que memória e história fazem no referido arquivo, relacionando o contido com o contexto em que o autor viveu, produziu e organizou sua obra.

A questão central que conduziu à tese foi saber quais revelações o arquivo guardava sobre as memórias e a história de Camillo de Jesus Lima e, consequentemente, da sociedade em que ele viveu. À medida que a “obra arquivo” foi se mostrando, indagações outras levaram ao reconhecimento do escritor, do crítico, do militante político, do intelectual, enfim, do homem Camillo de Jesus Lima. Algumas destas questões ajudaram na sistematização da tese, tais como: Qual o perfil que Camillo de Jesus Lima criou de si mesmo ao arquivar-se? Teria essa imagem algum vínculo ideológico? Como memória e história se relacionam no arquivo em questão? Qual a importância dos documentos que compõem o acervo de Camillo de Jesus Lima? Que contribuições teve esse autor no panorama literário e histórico brasileiro do século XX?

A realização deste trabalho também corresponde à tentativa de dar respostas a questões levantadas desde o primeiro contato com a obra do autor, que teve início por via extracurricular, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, quando Zélia Saldanha e Anadete Gusmão, docentes do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários, organizavam a *Antologia poética – Camillo de Jesus Lima* (1987). Nesse período, os dirigentes da Casa da Cultura de Vitória da Conquista

assumiram a responsabilidade de organizar as obras completas desse autor e, para tanto, todos os originais foram entregues, pela família, à instituição. Mais tarde, por intermédio de um dos seus coordenadores, alguns manuscritos foram concedidos para uma pesquisa *lato sensu,* na qual se destacaram aspectos da lírica camilliana em textos sobre as mulheres, resultando no ensaio "As mulheres sob o olhar do poeta Camillo de Jesus Lima (algumas imagens)", publicado na revista *Heléboro*, *em* 19981*.*

O interesse pela obra de Camillo de Jesus Lima, entre os autores que compõem o panorama da produção literária na Bahia do século XX, teve sequência nas atividades docentes do curso de Letras da Universidade do Estado da Bahia, área de Literatura Baiana. As lacunas encontradas nos estudos desenvolvidos acerca da relação o escritor e sua obra levaram a novos estudos, sistematizados na pesquisa de mestrado em Estudo de Linguagens/UNEB, com a dissertação *Muito além das tardes nevoentas:* um estudo da lírica de Camillo de Jesus Lima (MEIRA, 2010)*,* que ganhou edição em livro com o título *Muito além das tardes nevoentas:* uma canção de teia de Camillo de Jesus Lima (MEIRA, 2012*),* pela EDUNEB/UNEB.

Foi durante esse período de pesquisa *stricto sensu* que tomamos conhecimento da existência do manancial arquivístico pertencente ao escritor e tivemos a concessão dos seus familiares (filho e filha) para a pesquisa, com acesso irrestrito a todo o acervo documental. A partir de então, desencadeou-se um novo desafio: saber o que guardava o arquivo de Camillo de Jesus Lima, para trazer à tona revelações acerca do escritor, sua participação como intelectual em seu tempo e lugar e a relevância de sua obra no panorama político literário brasileiro, uma vez que Camillo de Jesus Lima pôs-se a arquivar a escrita de si ou conforme dito por Philippe Artières (1998), a "arquivar a própria vida".

Os estudos realizados em arquivos possuem um movimento dinâmico, contrário ao que se poderia pensar da condição estática e intocável do guardado, principalmente quando se tem como parâmetro metodológico a dialética e como categórico analítico a totalidade, que garantem a análise do permanente processo entre as partes e o todo para se explicar a realidade. As relações do todo com as

---

1 *Revista Heléboro* (título atribuído em homenagem ao poeta Ruy Espinheira), edição organizada pelo Departamento de Letras e Literaturas da UESB – teve vida efêmera, limitando-se a dois únicos números. Esta foi a número 2.

partes têm como princípio o reconhecimento dessa totalidade e de seu movimento, resgatando, nesta relação, o concreto, sua abstração, chegando ao concreto pensado. Nesse sentido, K. Kosik (1976) esclarece que o conceito de totalidade:

> Na realidade, totalidade não significa *todos os fatos*. Totalidade significa: realidade como um todo estruturado, dialético, no qual ou do qual um fato *qualquer* (classe de fatos, conjuntos de fatos) pode vir a ser racionalmente compreendido. [...] Os fatos são conhecimento da realidade se são compreendidos como fatos de um todo dialético. [...] Sem a compreensão de que a realidade *é* totalidade concreta – que se transforma em estrutura significativa para cada fato ou conjunto de fatos – o conhecimento da realidade concreta não passa de mística, ou a coisa incognoscível em si. (KOSIK, 1976, p.35).

Ao desarquivar as memórias inscritas nos documentos – cartas, crônicas e críticas – há uma interconexão entre este campo empírico e o campo epistêmico-teórico-metodológico de base marxista, o materialismo histórico dialético, que norteou esta pesquisa. O estudo foi regido pela objetividade do arquivo e sua relação com o processo de subjetivação ou abstração consciente da realidade posta, seja na leitura realizada pelo intelectual em seus textos, seja na recepção e análise dessas leituras.

As respostas às questões levantadas na pesquisa podem ser contempladas na extensão deste estudo, sistematizado em quatro seções, para melhor compreensão do objeto e de sua problemática, embora entendemos que não há uma conclusão absoluta, pelo contrário, os resultados são por si, novas provocações.

Na primeira seção apresentamos o titular do arquivo em seu tempo e lugar, sob sua perspectiva e as de seus pares. A seção é composta por uma breve genealogia do escritor; sua trajetória da adolescência à vida adulta; o contexto histórico de Vitória da Conquista no período em que ele ali chegou; sua participação como professor, jornalista, funcionário público, crítico de rodapé e militante político; a exposição da produção literária, das edições e das publicações de seus livros. Tudo isso distribuído em três textos: “Solidão uma conversa, eu estou é no meio do mundo”, título retirado do poema “O poeta escrevendo”, de Camillo de Jesus Lima, como resposta, ao lugar assumido pelo escritor, tendo como subtítulo (Camillo de

Jesus Lima em seu tempo e lugar); o segundo texto traz como título “Uma vida a contrapelo” – uma inferência às conclusões do autor, ao dizer de si, ao conceder entrevistas a jornais e revistas entre os anos de 1943 a 1957, e traz, como subtítulo descritivo (Camillo por ele mesmo: duas décadas em entrevistas); o terceiro texto desta primeira seção tem como título outro verso de poeta: “Põe diante de mim a objetiva”, uma forma de colocar-se como objeto, de não temer a crítica, pelo contrário, convida-a a participar de sua obra, por isso o subtítulo (Camillo de Jesus Lima pelos pares). Podemos dizer que estes pares atuaram como colaboradores ativos na construção do acervo, uma vez que, grande parte da fortuna crítica de Camillo de Jesus Lima está compilada em seu arquivo pessoal.

Na segunda seção, tratamos da relação história e memória na construção do *continuum* entre passado, presente e futuro. O estudo inicia pelo aspecto social das memórias, defende que, nesse campo, elas estão sempre imbricadas, questiona os processos da ideologia em sociedade de classe, sua relação com as memórias e a história, e apresenta uma proposição catártica entre história e literatura, mediada pela *práxis* social. A seção constitui-se por um texto introdutório e três subseções. O primeiro texto tem título e desenvolvimento inspirados no pensamento de Eric Hobsbawm: “Somos parte deste século. Ele é parte de nós”, confirmando o processo dialético: da história à memória, da memória à história. O segundo texto (primeira subseção) apresenta uma defesa das “Memórias imbricadas” – como perspectiva social das memórias. A segunda subseção trata da relação memória e ideologia, história e literatura em “Que rimas eu acharia para essa tormenta poética?”. Esta questão é, na verdade, uma resposta do próprio poeta no poema “A um parnasiano”, ao refletir sobre a relação história e literatura. Concluímos esta seção com o texto “Vinho novo em velhas taças”, ao apresentar o movimento entre passado e presente, como prerrogativa da história em uma perspectiva dialética, conforme fundamentação de E. Hobsbawm, A. Gramsci, K. Marx e F. Engels.

A terceira seção enfatiza as condições objetivas em que o arquivo de Camillo de Jesus Lima foi produzido, assim como suas condições de preservação e organização, pelo escritor e pelos arcontes; dedica-se ao reconhecimento do arquivo como lugar de memória e de história e à análise da condição transitória em que se encontra o arquivo desse escritor, entre o particular e o público. O estudo do/no

arquivo propõe um diálogo interdisciplinar e toma como princípio as experiências práticas de pesquisadores de acervos, em especial, dos arquivos pessoais, e desses, o de escritores, com o intuito de elevar ao nível público o arquivo literário de Camillo de Jesus Lima. Como nas demais seções, esta se subdivide em um texto introdutório, intitulado “O arquivista de si, na morada do arquivo”, no qual os conceitos de arquivo e arconte são apresentados, e mais duas subseções. Na primeira, “Arquivo: lugar de memória e de história”, colocamos em destaque o sentido social do arquivo; na segunda, “Os umbrais do arquivo: entre o público e o privado”, apresentamos a condição em que se encontra o arquivo de Camillo de Jesus Lima, sua trajetória, e apontamos uma perspectiva de transição, por meio da organização do ALCJL (Arquivo Literário Camillo de Jesus Lima).

Na quarta e última seção, na tentativa de desarquivar as memórias do arquivo, destacamos a concepção de mundo do escritor, inscrita em documentos autógrafos, eleitos para esta análise, quais sejam: crônicas, cartas e críticas, escritas durante a década de 40 do século XX. Embora não tenha sido intenção preestabelecida restringir a análise das revelações do arquivo a este período, o recorte aconteceu: os textos (cartas, críticas e crônicas) foram escolhidos pela legibilidade, por terem sido publicados, no caso em *O Combate*, jornal ao qual tivemos acesso aos arquivos digitalizados, e por dialogarem com a perspectiva social a que se propôs a pesquisa inicial. Ao final desta seleção, estávamos com a década de 40 em mãos, o que não significa uma restrição à produção do escritor, mas sim, uma mostra dela, em um período que teve grande significado na vida de Camillo: começa a publicar seus livros, muda de emprego e de cidade, teve participação política ativa nos jornais, participa e ganha concursos literários, faz adesão ao PCB, etc.

Também não foi intenção tornar esta última seção mais analítica, uma vez que o estudo primou pelo movimento entre o empírico e o teórico desde o primeiro momento, apresentando suas imbricações. No entanto, ela (a quarta seção) acaba por se caracterizar pela predominância de análise, o que não significa que as “revelações do arquivo”, estejam apenas nesta seção, posto que, se manifestaram em todo o processo da tese. Este caráter, predominantemente analítico, também fez desta parte do estudo a mais extensa. Compõem a seção textos que confirmam a

condição de “escritor engajado”, “intelectual de esquerda”, “poeta social”, autodefinições repetidas ao longo da vida de Camillo de Jesus Lima, em depoimentos a jornais e revistas, como visto nos textos das seções anteriores. As subseções que sustentam as autodefinições do autor são: “Crônicas de um intelectual de esquerda” (introdução ao pensamento político e social de Camillo de Jesus Lima); “História anunciada nas páginas de *O Combate*” (uma leitura crítica da história, em crônicas publicadas nesse jornal, entre os anos 1944 e 1947); “Cartas: uma rede de relações, no arquivo Livro azul” (uma amostra da correspondência passiva de Camillo de Jesus Lima, nas quais os missivistas se colocam como receptores da obra camilliana, sendo seus primeiros leitores); “Caros amigos…” - uma amostra da correspondência passiva de Camillo de Jesus Lima – cartas a dois amigos, escritas durante a década de 1940, nas quais, trata da sua produção literária, explica sua vinculação ideológica ao comunismo; “Uma escrita de si, na leitura do outro” - uma amostra da crítica de rodapé feita por Camillo de Jesus Lima a dois livros, um de Lourenço Moreira Lima, o *Coluna Prestes – marchas e combates* e o outro de Jorge Amado, sobre *O Cavaleiro da Esperança*, ambos publicados na década de 1940.

As respostas à investigação no arquivo de Camillo de Jesus Lima revelam, portanto, uma memória social a partir das inscrições pessoais e de registros que asseguram e definem o pertencimento do arquivista de si a grupos que constituíram e integraram a sociedade de seu tempo e lugar. Assim, o arquivo ganha, neste trabalho, dupla característica: produto das memórias (ali materializadas) e fonte histórica (aberta a permanente consulta), mas, acima de tudo, confirma a hipótese central desta pesquisa: o arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima é uma autobiografia de resistência. Dialoga com a memória objetivada nos documentos do arquivo a memória de contemporâneos do escritor, amigos e parentes seus, que se dispuseram a compartilhar lembranças da convivência, por meio de depoimentos espontâneos.

Para a compreensão dos conceitos de arquivo e de documento, os estudos de Jacques Derrida (2001), Jacques Le Goff (1990) e Pierre Nora (1993) contribuíram para a fundamentação teórica desta tese, que se desdobra em atender às especificidades do espólio de Camillo de Jesus Lima, um arquivo pessoal e

literário. Para discutir essas categorias do arquivo, recorremos a pesquisadores como Heloísa Bellotto (1998, 2002), Reinaldo Marques (2003, 2015), entre outros que expressaram/expressam vasta experiência com arquivos de escritores brasileiros. Para desempenhar tal tarefa, foi imprescindível compreender a visão de arquivo como lugar de história e de memória. Memória vista sob uma perspectiva social, ali objetivada, e lugar onde a história se revela por meio dos manuscritos, dos registros e dos testemunhos neles contidos, em incessante movimento entre passado, presente e futuro.

Os conceitos memória, história, ideologia, intelectual constituem a base teórica que elegemos para a compreensão da totalidade histórica acerca de Camillo de Jesus Lima. Tais conceitos, articulados entre si, iluminam o objeto de estudo e medeiam a relação entre passado e presente, entre o guardado e o revelado, entre a obra e o autor. Trazem em seu conjunto um alinhamento, sem que suas exposições obedeçam a uma ordem sistemática, pelo contrário, eles se relacionam do início ao fim da tese, a partir das determinações apresentadas pelo conjunto de documentos do arquivo, ou seja, pelo movimento da história e da memória.

Ao optarmos pelo estudo da memória em uma perspectiva social, tivemos como marco epistemológico inicial os fundamentos preconizados por Maurice Halbwachs no seu primeiro livro, *Les Cadres Sociaux de la Mémoire* (1925)[2] e La mémoire collective (1950)[3]; dialogando, em seguida, com a crítica teórica posterior aos estudos da “memória coletiva”, representada aqui por: Jacques Le Goff (1990), em seu livro *Matéria e Memória*, ao abordar a relação entre memória e história, apostando no trânsito dialógico existente entre elas; Pierre Nora (1993), em “Entre a memória e a história: a problemática dos lugares”, no qual trata dos “lugares de memória” que institucionalizam e legitimam a memória social. Reforçam ainda a abordagem da teoria social da memória coletiva os estudos de Fentress e Wickham (1992), que chamam a atenção para a interseção entre os aspectos objetivos e subjetivos da memória; os de Paul Ricoeur (2007) que observa a relação entre “memória, história e esquecimento” nas relações sociais, determinante, tanto da permanência, como do desaparecimento de memórias em uma dada sociedade; e

2 Edição em espanhol: *Los marcos sociales de la memoria* (2004).
3 Publicação póstuma, edição em português *A Memória coletiva* (1990).

os de Michael Pollak (1989), que apresenta uma análise das memórias subterrâneas, consequências das relações de poder inerentes às sociedades divididas em classes. Esses autores não deixam de reconhecer a importância do trabalho iniciado pelo sociólogo francês, no que diz respeito ao estudo da memória sob uma perspectiva social.

Ao tratar da memória em uma perspectiva social, o conceito de história impõe-se como núcleo fundamental às discussões. O discurso epistemológico que fundamenta o entendimento da história como campo de saber tem base no materialismo histórico dialético, com contribuições de Marx (1975), Marx e Engels (1998, 2007, 2010), Eric Hobsbawm (1995, 2002, 2003, 2013) e Antonio Gramsci (1972, 1995).

Quanto ao conceito de ideologia, que permeia este estudo, o mesmo encontra subsídio teórico no marxismo, ou como preferiu Gramsci (1995), sob a perspectiva da "filosofia da *práxis*". Gramsci ampliou o sentido do conceito "ideologia" como uma filosofia fundamental para a transformação de toda concepção do mundo, um movimento cultural, de fé, presente em toda atividade humana e não só no mundo das ideias, uma filosofia que "produziu uma atividade prática e uma vontade, nas quais esteja contida como premissa" uma concepção de mundo, "que se manifesta implicitamente na arte, no direito, nas atividades econômicas e em todas as manifestações da vida intelectual e coletiva" (1995, p. 16). Ele apresenta dois significados distintos ao conceito: as ideologias historicamente "orgânicas", necessárias à estrutura, que organizam as massas para a luta de forma consciente, e as ideologias "tradicionais", arbitrárias, racionalistas (1995, pp. 62-63).

O pensamento desenvolvido por Gramsci sobre a "filosofia da *práxis"* aponta para uma libertação histórica do conceito de ideologia de bases idealistas, subjetivas e, diferentemente desta, toma-a como uma ação consciente em que a prática e a teoria coexistem de forma dialética e concreta, refletindo as contradições e as utopias. No tocante à questão do intelectual, os fundamentos e premissas apontados por esse filósofo acerca da ideia de "Intelectual orgânico" foram imprescindíveis para a compreensão da posição assumida por Camillo de Jesus Lima, sobretudo no período de sua vida que compreende as décadas de 1940 e 1950. Contribuições como as de G. Lukács (2010) e E. Hobsbawm (2003) sobre a atuação e

representação histórica dos intelectuais e o lugar que ocuparam (e ocupam) na produção de conhecimento crítico, ampliaram na justificação do escritor como um intelectual que sobressaiu em seu tempo e lugar, pela atuação no campo político e literário.

Já o que identifica Camillo de Jesus Lima como "arquivista de si" tem, como base material, documentos compilados em dois grandes volumes do arquivo pessoal do escritor, livros do tipo usado, antigamente, em cartórios, nomeados nesse estudo como Livro azul[4] e Livro cinza[5], cuidadosamente organizados pelo próprio escritor.

O "Livro azul" traz em sua constituição uma amostra da fortuna crítica[6] de Camillo de Jesus Lima, publicada em jornais e revistas, dos quais os recortes foram retirados, assim como as críticas feitas através da correspondência passiva. O "Livro cinza" contém crônicas, críticas literárias e artigos de autoria da Camillo de Jesus Lima, além de parte da correspondência ativa7. Esses aspectos do contido nos arquivos indicam que, enquanto o Livro azul apresenta uma imagem de fora em relação ao arquivista de si, o Livro cinza apresenta um olhar de dentro, ou seja, do arquivista para o mundo.

Além dos dois volumes citados, faz parte do acervo um terceiro, também intitulado por nós, segundo característica de sua capa, como "Livro de papelão". Este contém textos poéticos do titular e de outros poetas que estavam no rol dos seus preferidos, com muitos dos quais dialogou em sua obra; cadernos manuscritos, contendo poemas, crônicas e anotações; datiloscritos, avulsos, de originais de livros editados e dos inéditos (poemas, crônicas, críticas, romance); fotografias; e alguns livros que pertenciam à biblioteca do titular do arquivo. Essa descrição serve, também, de esclarecimento, para o fato de, muitas vezes, recorrermos à fontes que não estão restritas aos dois livros eleitos, mas que fazem parte do acervo como um todo.

Há também, nesses compêndios, recortes de jornais e revistas, que

---

4 Cf. ANEXO A, Fig. 6 – Capa do Livro azul, p.190.
5 Cf. ANEXO A, Fig. 10 – Capa do Livro cinza, p.193.
6 A fortuna crítica de Camillo de Jesus Lima, compilada no arquivo pessoal, é formada, sobretudo, pela "crítica de rodapé" que circulou em jornais e revistas entre os anos 30 e 70, do século XX.
7 Qual seja, correspondência passiva (recebida) e correspondência ativa (enviada), conforme uso corrente.

circulavam no Brasil8 e no exterior9, que traziam notícias do escritor. Muitas vezes serão utilizados como fontes de informação sobre a história e as memórias do autor do arquivo. Esclarecemos ainda que os documentos, as notas de viagens e de cabeceira, os manuscritos avulsos compilados pelo titular do arquivo são as principais fontes que utilizamos como dados biográficos do arquivista de si.

Quando o leitor desta tese se deparar com análises em que o objeto do discurso seja um texto publicado, notará que optamos pelo uso da pessoa verbal no tempo presente (o autor comenta, o crítico descreve, o texto aborda…), dando certa autonomia ao texto, em diálogo com a recepção do momento; enquanto que na descrição narrativa acerca da vida de Camillo de Jesus Lima, tomando ações do próprio sujeito como objeto do discurso, o tempo verbal fica conduzido ao passado (o escritor viveu, sua vida foi, o poeta escreveu…). Esta foi uma escolha que consideramos mais adequada à apresentação metodológica do discurso.

Ao final de um estudo científico, em que o homem é o objeto em pauta, os resultados se apresentam como processos em permanente transformação, espelhando contradições, lutas, utopias, sentidos dinamizadores da própria existência. Assim está a tese O arquivista de si – história e memória do escritor Camillo de Jesus Lima.

---

8 Jornais: O Combate, O Conquistense, A Batalha e Jornal de Conquista, (Vitória da Conquista/BA), O Imparcial, A tarde, Diário da Bahia, Sete Dias e O Momento, (Salvador/BA), Diário da Tarde (Ilhéus/BA), A Época (Itabuna/BA), O Comércio (Poções/BA), A Cidade (Itambé/BA), Correio de Aracaju (Aracaju/ SE) Jornal do Comércio e Jornal de Letras, (Rio de Janeiro), O Caetité (Caetité/BA), O Conservador (Nazará/BA), Tribuna Gonçalense (Teófilo Otoni/MG), Sudoeste (Jequié/BA), O Estado (Fortaleza/CE), O Diário de Bauru e A Gazeta, (São Paulo). Revistas: Leitura e Vamos Ler! (Rio de Janeiro), Cooperação (Itabuna/BA), Cabugi (Natal/RN), entre outros.

9 A exemplo do Jornal Norte (Salto/Uruguai).

2 “SOLIDÃO UMA CONVERSA, EU ESTOU É NO MEIO DO MUNDO” (CAMILLO DE JESUS LIMA EM SEU TEMPO-LUGAR)

> *O que eu quero dizer hoje é que estou muito bem no meu tempo. Sou um sujeito satisfeito da minha geração intelectual. Posso até dizer que sou um sujeito orgulhoso da minha geração intelectual. Não sei, mesmo, se poderia viver e produzir em outro lugar e em outra época.*
>
> Camillo de Jesus Lima, *O Combate*, 1944.

Se o início do século XX foi demarcador de um tempo de transformações históricas, resultantes das exigências impostas pela modernidade, essa época também marcou o nascimento de Camillo de Jesus Lima, a 8 de setembro de 1912, no alto sertão da Bahia, na cidade de Caetité, terra natal do seu contemporâneo Anísio Teixeira. E, como Anísio, também se inclinou às letras, à educação, à política, mas com uma peculiar diferença: a autodidaxia.

Filho do professor leigo Francisco Fagundes de Lima e de Esther Fagundes da Silva, ambos de famílias atuantes na formação educacional e cultural daquela região, Camillo buscou conhecer a totalidade em que esteve inserido, atravessando fronteiras de ordem social, cultural, linguística e geográfica. Quando jovem se destacou por aprender, sozinho, ou com o incentivo do pai, línguas e literatura, e, mesmo sem uma formação acadêmica, mostrou-se apto ao conhecimento científico das letras, da filosofia, numa prática compulsiva de leitura. Não fez nenhum curso superior, pois ingressar em uma faculdade dependia muito de recursos econômicos, que seus pais não possuíam. Contudo, as dificuldades financeiras não impediram o aperfeiçoamento dos conhecimentos que ia adquirindo na prática, ao contrário, funcionou como elemento incentivador na busca de novas alternativas que não a institucionalizada.

O pai Francisco Fagundes de Lima conhecia muito bem o latim e a língua portuguesa, além de ler em francês, inglês, espanhol e alemão; escreveu o romance “Os expatriados”, versando sobre a cidade de Caetité, no período do império.

Ainda no tocante a sua ascendência, Camillo de Jesus Lima sempre se orgulhou em dizer que era sobrinho-neto de Plínio de Lima, autor do livro “Pérolas

Renascidas", edição póstuma, criticada pelo sobrinho por não apresentar, segundo ele, fidelidade à obra original. Esta fora encontrada pelo professor Fagundes e outros familiares do poeta romântico, muito depois da referida edição, servindo, portanto, como fonte para a análise crítica de Camillo. Plínio de Lima fez faculdade de Direito, em Pernambuco, onde fora colega de Castro Alves, tornando-se muito amigos. Como o condoreiro, também escreveu versos em defesa da liberdade dos escravos, e, como aquele, a vida lhe foi breve, morrendo aos 27 anos de idade, já Bacharel em Direito, em Caetité, Bahia.

Há, no arquivo em estudo, alguns textos em que Camillo descreve a vida e a obra de Plínio de Lima. Era sua intenção resgatar toda a obra do tio-avô, grande parte desaparecida ou dispersa. Por curiosidade, encontrou alguns manuscritos que estavam com o professor Fagundes, este os conseguiu através de uma irmã de Plínio de Lima, a sua tia Mariquinha. E ainda há outros textos, recuperados pelo escritor João Gumes, publicados no jornal *A Pena*, de Caetité. Camillo de Jesus Lima sentiu-se responsável pela organização das memórias do tio, mas não chegou a publicar em livro, apenas divulgou o nome do autor de "Quis debalde, apagar-te da memória", em periódicos com os quais colaborava, a exemplo das crônicas publicadas em *O Combate*, em 30 de agosto de 1936, p. 2 e em 26 de setembro de 1937, p. 2.

Outra herança desse tio-avô está no seu nome. O prenome veio do avô materno, Camillo Prisco da Silva, mas o sobrenome, que não fazia parte do seu primeiro registro de nascimento, fora acrescentado posteriormente, uma homenagem na permanência dos Lima, pois, conforme consta no registro de nascimento, seu nome era Camillo de Jesus Fagundes[10], conforme declaração emitida pelo Arquivo Municipal de Caetité[11], onde está arquivada a certidão original. Não há registro de quando e onde fora feita essa alteração. O que podemos afirmar é que em todos os documentos de identificação pessoal consta o nome atualizado[12]. No entanto, encontramos entre os seus documentos pessoais uma solicitação de "Nada Consta" feita por Camillo ao juiz da Comarca de Macarani, datada de 27 de

10 Cf. ANEXO A, Fig. 1 e 2 – Certidão de nascimento de Camillo de Jesus Lima, p 187.
11 Cf. ANEXO B, Doc. 1 – Declaração do Arquivo Público de Caetité, p. 201.
12 Cf. ANEXO A, Figs. 3 e 4 – Identidade de Camillo de Jesus Lima, p 188.

dezembro de 1954, na qual assina Camillo de Jesus Fagundes Lima[13].

De Caetité para outras cidades baianas ou pelo norte de Minas Gerais até chegar a Vitória da Conquista, o jovem poeta acompanhou o pai em sua itinerância a serviço da educação. Tanto o pai como o filho atuaram como professores leigos.

Segundo nos conta D. Dazinha, uma prima em primeiro grau do escritor, o professor Fagundes partiu com a família da cidade de Caetité, por não aceitar a política ali dominante, colocando-se contrariamente à barreira social existente entre pobres e ricos, entre donos de terras e trabalhadores, diferenças que perpetuavam a polaridade senhores *versus* escravos. Em breve e agradável conversa, ela nos fala sobre as lembranças que guarda do primo e de quando ele e a família se mudam de Caetité. No alto dos seus 91 anos, quando conversamos, as memórias vêm com simplicidade e apurada crítica:

> A política de Caetité toda vida foi uma política imunda, uma política de guerra, de discutir sobre família, essas coisas que tinha e que que agora não tem mais, pelo menos do jeito que era. Hoje tem quem sabe escrever, quem sabe fazer por debaixo dos panos, mas não tem aquela coisa de ir para a praça atingir o próximo. Tanto assim, que tio Chico saiu daqui, justamente por isso. Ele saiu de vez. Quando ele foi embora com minha tia Esther, irmã de minha mãe, tomou a condução para ir para Conquista, lá pela ladeira afora, nem aqui na cidade ele veio.[14]

Nas fontes documentais dessa pesquisa, há referências sobre os caminhos por por onde andou Camillo de Jesus Lima. Consta que fora publicado em um jornal na cidade de Condeúba, onde vivia com a família, um poema de sua autoria, aos 9 anos de idade. Este foi o primeiro incentivo do pai, que já percebia a tendência literária do filho, que, segundo D. Dazinha (2015), “começou a escrever com o dedinho, na sala de visita da casa de vovó. Ele fez um verso aos cinco anos de idade. Monsenhor Bastos estava lá e ele contava.” A família morou também em Caculé, quando, com quatorze anos, presenciou a passagem da Coluna Prestes e a visita do capitão em casa dos Fagundes, fato registrado em várias passagens pelo poeta, como veremos adiante.

---

13 Cf. ANEXO A, Fig. 5 – Nada Consta assinado por Camillo de Jesus Fagundes Lima, p. 189.
14 Depoimentos de Agda Vilasboas Bonfim (D. Dazinha), no dia 27 de agosto de 2015, audiovisual, 1,65 GB, 00:23:21 de duração. [transcrição nossa].

A família Lima passou uma temporada em São João do Paraíso, município de Minas Gerais, onde as paixões amorosas começam a visitar o coração adolescente do futuro escritor, impulsionando suas inspirações poéticas. Em 1930, o caetiteense voltou a sua cidade natal e de lá se mudou para Tremedal, onde pai e filho davam aulas como professores contratados.

Aos 18 anos, já imbuído de espírito literário, havia produzido um grande número de poemas, influenciado pela vasta leitura dos clássicos da literatura brasileira e estrangeira, que lhe chegavam às mãos por intermédio do professor Fagundes. Dos escritos da adolescência e da juventude há, por exemplo, “O cemitério do sertão”, “Alma Lilás”, “Pesadelo”, de 1928, em São João do Paraíso/MG; “Tísica”, “Envelhecer”, “Noturno”, de 1930, em Caetité/BA; “Tristeza”, “Almas boêmias”, “Poema da saudade”, “A balada das mãos”, de 1930/1931, em Monte Verde/MG e Tremedal/BA. Nessa época, o jovem poeta, conforme comenta em suas anotações, cultivava dois desejos, publicar alguns de seus poemas e comprar uma camisa de casimira. Este último resolveu por si só, mas para conquistar o outro dependia de acesso aos veículos de comunicação, no caso, os jornais da região. Estes periódicos, quase sempre, inseriam em suas páginas produções literárias de poetas e escritores locais, estimulando, dessa forma, a criação literária. Era essa a oportunidade de Camillo mostrar o seu trabalho.

Ele encaminhou o poema intitulado “Tristeza” ao jornal *O Combate* para apreciação de seus editores e recebeu, pelo correio, uma edição do referido jornal com um bilhete de seu fundador, Laudionor A. Brasil, dizendo que gostara da poesia e que iria publicá-la. Mas, durante dois anos, o jovem poeta esperou, em vão, o cumprimento da promessa, quando fora aceito, sem reservas, por outro jornal da região, o *Avante*, de Bruno Bacelar, figurando-se, portanto, como um poeta à moda antiga, deixando até crescer a cabeleira romântica. Nesse período, já havia se mudado para Encruzilhada, onde continuou um romântico na poesia e na vida. Ali, escreveu “A minha mãe”, “Trovas”, “Paisagem Russa”, “Satânica”, “Lamentos”, “Devaneios”, “Canto da angústia e do desespero”, entre tantos poemas, de 1932 a 1934, quase todos dedicados a uma moça por quem se apaixonou, de nome Nair. Em 1935, Camillo mudou-se para Vitória da Conquista, onde intensificou a sua produção literária. Os escritos de 1928 a 1939, organizados em blocos pelo escritor,

podem compor uma antologia da sua fase romântica, textos considerados, pelo próprio autor, como imaturos, representando a sua primeira fase poética.

Camillo de Jesus Lima chegou à Vitória da Conquista em 1935, período em que essa cidade estava em ascensão, embora ainda guardasse resquícios das oligarquias, daqueles que desbravaram as terras do sudoeste baiano, inicialmente na esperança de ali encontrar minérios, mas depois, na intensa exploração das terras de mato cipó para o cultivo e, principalmente, para a criação de gado, expulsando e dizimando do lugar os nativos.[15]

Dominados os índios, e aglomerando trabalhadores no atendimento à demanda das oligarquias, formou-se o Arraial da Conquista, sob o domínio administrativo de Rio de Contas e, depois (1810), Distrito da Vitória, integrante, na divisão administrativa, de Sant'Ana do Príncipe de Caetité, hoje Caetité (MEDEIROS, 2015). Segundo este pesquisador, esta região, hoje Vitória da Conquista, fora emancipada politicamente em 9 de novembro de 1840, "quando o então Distrito da Vitória foi desmembrado de Sant'Ana do Príncipe de Caetité, para formar uma nova vila, a Imperial Vila da Vitória" (2015, p. 44), que, no período da República, passa a se chamar apenas Conquista. Somente em 1943 o município recebe o atual nome, Vitória da Conquista.

Esta cidade, nas duas primeiras décadas do século XX, ainda era considerada muito tradicional, embora ali já surgissem algumas atividades culturais e populares: um grupo de jovens criou o Grêmio Dramático Castro Alves, onde se discutia arte, cultura, política, com festas e dramatizações; havia, nesse tempo, um único cinema, com sessões aos domingos[16]e, uma vez por semana, circulavam na cidade *A Notícia, A Palavra, A Semana*, pequenos jornais que traziam ao público as noticias da região, depois, em 1929, surge *O Combate.* (MEDEIROS, 2009, 2012).

Mas, quando Camillo alí chegou (1935), Conquista (ainda sem o Vitória) já

---

15 Sobre a história de Vitória da Conquista consultar estudos memorialistas desenvolvidos por Tanajura (1992) e Viana (1982), considerados "historiadores locais" na visão de Medeiros (2015). Em relação ao período que compreende a chegada de Camillo de Jesus Lima a Vitória da Conquista, 1935, até o final do século XX, pesquisadores enfatizaram diferentes aspectos da região, em tese de doutorado, dissertações de mestrado, artigos e publicações. Cf. Aguiar (1999); Fonseca (1998); entre outros, além de Medeiros (1977, 1978, 2009), já citado.

16 Informações encontradas em anotações do próprio Camillo, em crônicas e manuscritos constantes no arquivo pessoal do escritor.

ganhava outros ares, assumia uma característica que, para aqueles tempos, correspondia aos anseios da modernidade, com rádio, gráficas, jornais, cinema, automóveis e um forte comércio. Na década de 1940 teve sua área urbana ampliada, foi interligada por estrada de rodagem ao litoral e ao sertão (estrada Ilhéus-Lapa, e ao sul e restante do nordeste pela Rio-Bahia (BR 116). Outros jornais foram criados, como *A Conquista*, abriu-se amplo cinema (Cine Íris), seu comércio desenvolveu-se e a sua economia rural (pecuária e subsistência) tornou-se importante no contexto da Bahia. Também o curso ginasial foi implantado, com admissão de alunos previamente selecionados, primeiro na mesorregião Centro-sul da Bahia. (MEDEIROS, 1977, 2012).

Se, em sua itinerância pelas pequenas cidades e arraiais, Camillo de Jesus Lima deparou-se com paragens propícias a uma iniciação poética, ao chegar a Vitória da Conquista tomou como meta o conhecimento de si e da sociedade, tornando-se um citadino, mesmo com ares provincianos. Já na década de 1940 sua produção literária começou a ganhar um caráter mais social, buscando conhecer, através de muitas leituras as transformações por que passava a história da humanidade. Fez leituras de sua localidade, ampliou sua objetiva por toda a Bahia, buscando compreender e dimensionar sua “totalidade”. Tornou-se, pois, um escritor cosmopolita, um cidadão do mundo que diz: “eu tenho todas as dores humanas dentro de mim.” (LIMA, “A um parnasiano”, 1955).

Estar em Vitória da Conquista significou para as aspirações de um “vira-mundo”, quase que uma necessidade. Ele sempre comentou sobre sua impaciência em se acomodar aos pequenos lugares, mas, dentre as muitas cidadelas por onde passou, Conquista encheu-lhe de expectativas, tanto no campo da literatura, como no político. Esta cidade que se estampava no cenário baiano como região economicamente ativa, na agricultura, na pecuária, no comércio, teve significativa influência na construção intelectual de Camillo de Jesus Lima e o inverso também foi verdadeiro. Logo que nela se estabeleceu, o jovem sonhador e cheio de expectativas encontrou guarida entre os intelectuais de plantão e formou com eles um sólido grupo pensante e ativista daquele momento, jovens imbuídos do desejo de transformação.

Uma parceria duradoura deu-se em torno do Jornal *O Combate*[17], entre Camillo, Laudionor Brasil[18] e Clóvis Lima[19], escrevendo matérias de cunho literário, histórico e também político, mas também colaboravam com outros periódicos locais.

Em um ensaio que fez sobre Laudionor Brasil, Camillo relata que, em abril de 1935, se aproximou do grupo de *O Combate* através de Flaviano e Euclides Dantas, momento em que Laudionor pode expressar o seu aborrecimento por ter perdido os originais do poema "Tristeza". Camillo descreve, nesta crônica, sua chegada a Conquista, destacando o acolhimento pelos que se tornariam, mais tarde, seus melhores amigos:

> Naquela tarde julguei-me, mesmo, armado cavaleiro, entre os paladinos das letras, em Conquista, - todos eles[20], sem dúvida, com a marca provinciana de uma ingênua e adorável seriedade para com a literatura. Abriu-se, pois, aos meus olhos, um mundo novo. (LIMA, 2002, p.14).

Integrou-se, pois, ao grupo de *O Combate* e, pelo reconhecido talento com as letras, galgou o posto de seu redator, com abertura para publicações literárias, críticas e crônicas, muitas vezes, de teor socialista.

Foi com esses amigos que fundou, em 1938, a "Ala de Letras e Artes de Conquista", tornando-se seu primeiro presidente. Esta organização cultural estava ligada à Ala de Letras de Salvador, que tinha como coordenador Carlos Chiacchio, respeitado crítico modernista das primeiras décadas do século XX. Segundo Mozart Tanajura (1992, p.113), de acordo com os Estatutos da Ala, esta compunha-se de 30 membros e que, na primeira sessão, apenas 17 tomaram posse. Além de Camillo de

---

17 Este jornal circulou pela primeira vez em 11 de agosto de 1929 e sobreviveu até 1964. Criado por Francisco Andrade e Laudionor Andrade Brasil. Este último esteve em sua direção com Flaviano Dantas e, depois, com Camilo de Jesus Lima e Clóvis Lima. Este jornal manteve uma linha política mais crítica que os demais da região. Em maio de 1964 foi fechado pela Ditadura Militar.

18 Laudionor de Andrade Brasil foi um grande colaborador das artes e da literatura da Bahia. Fundou o jornal e tipografia "O Combate" e a Ala das Letras e das Artes de Conquista. Esta última em companhia de Camillo de Jesus Lima e outros intelectuais do período. Autor do livro de crônicas e poesias *De Lenço Vermelho (1930)* pela Editora O Combate, em coautoria com o jornalista Bruno Bacelar.

19 Clóvis Lima nasceu em Vitória da Conquista e faleceu em março de 2016, em Salvador, aos 102 anos. Membro fundador da extinta Ala das Letras e das Artes de Vitória da Conquista. Autor de *Figurações do Natal* (1976) e de *Poesia Avulsa* (1994).Ocupou a cadeira número 22 da Academia de Letras da Bahia.

20 Referia-se a Laudionor Brasil, Bruno Bacelar, Erastóstenes Menezes, Clóvis Lima, Flaviano Dantas.

Jesus Lima, estavam: Laudionor Brasil, Clóvis Lima, Manoelito Mello, Erathósthenes Menezes, Euclides Dantas, Francisco Fagundes de Lima, Rostil Matos, padre Nestor Passos, Benedito Profeta, Mário Padre, Agenor Neves, Aloísio Lacerda, Crescêncio Lacerda, Clóvis Ataíde Pereira, Arlindo Rodrigues e Iolando Fonseca. E ainda contavam com alguns sócios correspondentes como Anísio Melhor, Carlos Chiachio, Afrânio Peixoto, Alexandre Lopes Bittencourt, Dalmar Americano, José de Sá Nunes, o escritor argentino Caetano T. Guerra, os poetas uruguaios Artigas Millan Martinez e Gaston Figueira, conforme revela Camillo em muitas de suas correspondências e crônicas.

Nesse período, quase todos os intelectuais eram autodidatas. Fundavam núcleos de estudo, mas não tinham formação acadêmica, sistemática. E embora não tivessem essa formação, tanto Camillo como o pai possuíam conhecimentos amplos sobre filosofia, sociologia, história, língua portuguesa, literatura, e contribuíram ativamente na formação cultural e educativa da região Sudoeste da Bahia.

Bom exemplo dessa conduta foi dado por uma testemunha viva. Para saber quais memórias sobre Camillo de Jesus Lima resistem ao tempo, conversamos com Ubirajara Brito[21], que relata como conhecera a família Lima e qual a importância que ela teve em sua vida, comprovando a participação que pai e filho tiveram na educação dos jovens da referida região. Conta-nos que fora convidado pelo professor Francisco Fagundes, carinhosamente chamado de “professor Chiquinho”, a fazer parte de um grupo de estudos que ele orientava, uma espécie de reforço na preparação para exame de admissão:

> Foi ali que conheci Camillo. Ele, rapaz, e eu com 13 anos na época. O velho [referindo-se ao professor Fagundes] me contava histórias deliciosas. Eu aprendi muito português com ele. Usava o método etimológico, ensinava escaneando as palavras.[22].

---

21 Ubirajara Brito é de Tremedal/BA, saiu de lá para Vitória da Conquista, depois para Salvador, onde, em 1959 diplomou-se em Engenheiro Civil. Exilado na França, durante a Ditadura Militar no Brasil, trabalhou no Comissariado de Energia Atômica e no Centro Nacional de Pesquisas Científicas. Após doutoramento, em 1971, volta ao Brasil como assessor do então governador Tancredo Neves, e, em 1985, é designado para a Superintendência de Ciências Básicas do CNPQ. Foi Secretário-Geral do MEC em 1988, assumindo interinamente como Ministro da Educação. De 1988 a 1991 foi membro da Comissão Consultiva de Desenvolvimento Nuclear e coinvestigador de amostras lunares. Durante dois anos fez parte do Comitê de Ciência e Tecnologia da Organização dos Estados Americanos. Foi um dos coordenadores do projeto de reforma do ensino superior da Argélia e, no Brasil, foi colaborador de Oscar Niemeyer em projetos educativos.

22 Depoimento oral de Ubirajara Brito em 29 de setembro de 2015, audiovisual, 3,95 GB, 00:55:42 de

Percebemos que o tempo não apagou as histórias de um convívio salutar entre o depoente, o poeta e o professor. Em meio às rememorações, o analista de pedras da lua confessa: “O velho era comunista, ateu e admirador de Prestes. Eu diria que fui muito influenciado pelo velho”[23].

Vitória da Conquista tornou-se, nesse período, uma referência para muitos jovens. Camillo foi, em seu tempo, um dos que mais contribuiu com a crítica literária e política nos jornais baianos. Não se tratava de um emprego fixo, era o tipo *freelancer,* com remuneração simbólica pelos textos que produzia, daí as dificuldades financeiras por que passou. Aceitou o convite do então prefeito da cidade, Luiz Regis Pacheco Pereira, para ser secretário da prefeitura municipal, permanecendo lá de 1938 a 1945. Nesse período (1938), sentindo-se mais seguro economicamente, oficializou núpcias com Maria José dos Santos (Miriam). Com ela teve dois filhos, Luiz Carlos e Albion Helênica.

Mesmo trabalhando como secretário da Prefeitura, nunca se afastou das atividades do jornal *O Combate* e da Ala de Letras. Também passou a lecionar no “Ginásio do Padre”, em Vitória da Conquista, nos primeiros anos de sua implantação, ou seja, logo que o Padre Luiz Soares Palmeira transferiu de Caetité para Conquista a sua escola. Em março de 1940 houve a orientação para o exame de admissão, trazendo a Conquista uma nova fase em sua educação. “Faltava formar os filhos dessa gente e transformá-los em *scholars*. Foi o Padre Palmeira quem veio fazer isso. Ele conduziu os estudantes para as universidades”, destaca Ubirajara Brito, em seu relato.

Fazia parte do quadro do “Ginásio do Padre” como diretores, Pe. Luiz Soares Palmeira, Pe. Nestor Bastos e o Prof. Aguinaldo Palmeira e, como docentes, Alfonso Hoffman, Camillo de Jesus Lima, Benedito Passos, Francisco Fagundes, Jorge Palmeira, Anfrísio Áureo de Souza, Dr. Adriano Bernardes Batista, Dr. Adelmário Pinheiro e Dr. Francisco Bastos, conforme informação do historiador Luiz Fernandes (2012), no blog *Taberna da História*. Mas, por uma exigência do Ministério da Educação, os professores leigos não poderiam continuar lecionando no ginásio, e

---

duração. Entrevista concedida para esta pesquisa. [Transcrição nossa, revisada pelo entrevistado].
23 Idem nota anterior.

Camillo, como não possuía nenhum diploma, teve que se afastar das atividades educativas.

Conquanto tenha tido grande participação política e cultural na Bahia, principalmente, como crítico de rodapé, Camillo tornou-se muito mais conhecido como poeta, por ter sua produção literária publicada em sete livros de poesias entre os anos de 1941 a 1973. É certo que as tiragens desses livros não passavam de 200 exemplares, pois eram financiados por grupo de amigos e com recursos próprios, mas foram suficientes, naquele tempo, para apresentar a obra de um autor que lia e escrevia quase que compulsivamente.

O primeiro livro publicado foi uma produção em parceria com Laudionor Brasil, o *As trevas da noite estão passando* (1941) uma edição da gráfica/editora O Combate. Este é um livro de cunho social, corajosamente lançado em pleno período de guerra mundial, um dos motes a que recorrem os escritores.

Com o livro *Poemas,* Camillo de Jesus Lima ganhou o prêmio Raul de Leoni em 1942, uma promoção da Academia Carioca de Letras em comemoração ao 17º aniversário da instituição, concedendo-lhe também o título de "Maior poeta moço do Brasil". O autor foi ao Rio de Janeiro receber o prêmio na Academia Carioca de Letras e fez um discurso que chamou a atenção dos presentes pela qualidade linguística e cuidadosa abordagem da literatura brasileira, não se esquecendo de inserir nela os novos escritores baianos. Naquela oportunidade também conheceu a Academia Brasileira de Letras em companhia de Afrânio Peixoto.

Embora tenha tido seu trabalho reconhecido pelo cânone, este livro premiado não teve publicação pela Academia Carioca de Letras, como deveria ser, vindo a público somente em 1944, pela gráfica/editora O Combate. O título a esta antologia poética foi uma sugestão de Carlos Chiacchio que, após ler os versos camillianos, lhe manda uma carta:

> Segue por Rostil o "Ruinas". Nada de ruínas [grifo do autor], todo esplendor. [...] O próximo rodapé (quarta-feira) será todo seu. E é pequeno ainda para o valor dos "Poemas", este, sim, o melhor título [...] "Ruínas" pode ser título de um dos "Poemas". Enfim, publique quanto antes o seu livro. Vale a pena, por todos os "títulos". (Carta de Carlos Chiacchio a Camillo de Jesus Lima,19 de fev.1937)[24].

24 Carta constante no arquivo pessoal do escritor, "Livro azul".

Em 1945 foram publicados *Novos Poemas* e *Viola Quebrada*, ambos os livros pela mesma editora conquistense, de O Combate. O *Viola Quebrada* possui uma estética com base na literatura de cordel e foi dedicado ao grande mestre da literatura popular nordestina Catulo da Paixão Cearense. Consta, nas fontes dessa pesquisa, uma carta enviada por Catulo, em agradecimento a homenagem a ele dirigida, como também há relatos de Camillo, descrevendo a primeira vez em que esteve com o poeta de "Luar do Sertão":

> Conheci pessoalmente Catulo na redação da revista "Vamos Ler". Batia papo com Antônio Vieira de Melo e Hildo Rocha quando ele entrou. […] Encheu a sala. [...] Já lhe havia mandado meu livro "Viola Quebrada".
> "– Camillo! Recebi seu livro, escrevi-lhe um bilhete agradecendo, recebeu? Essa negrada pensa que é fácil escrever versos regionais. Idiotas! Fácil uma ova! Os versos regionais saem do coração e não da pena. É preciso ter alma, Camillo, para compreender o que é o sertão, com seu povo sofrido e bom, que mora e sofre na terra mais bonita do mundo! Gostei dos seus versos. Você vai longe, menino!"
> Ao sair, convidou-me para uma feijoada em sua casa, no próximo domingo. Não faltei ao convite. Saltei do bonde, ao avistar a casinha branca da rua Francisca Meyer, no Engenho de Dentro[25].

Conforme referência feita na introdução, as cartas que Camillo recebia, quase sempre vinham acompanhadas de algum recorte de jornal ou revista em que se divulgava a obra ou sobre ela tecia referência a crítica brasileira, ou mesmo internacional, como é o caso da notícia que saiu no Jornal Norte, de Salto/Uruguai:

> Novos Poemas, Poemas y Viola Quebrada por Camilo de Jesús Lima. Editora Combate. Bahia. Brasil.
> Igual que Cordero y León, pero en su tierra bahiana de leyenda imponente y de grandeza colonial, este poeta brasileño colabora en la independencia artística de las Americas latinas. [...] El sertón con su alma tremenda y misteriosa de que nos hablara tan magníficamente Euclydes da Cunha, pasa por estos poemas con la tersura de una corriente cristalina y mansa, no obstante una rebeldía interior, funda y luciente. [...] Jorge Amado ha dicho que le parece extraordinario que Bahía tenga en el interior del Estado, dos poetas tan grandes como Sosígenes Costa y Jesus Lima.[26]

---

25 LIMA, Camillo de Jesus. "Gente de meu caminho – os mortos". Manuscrito constante no Arquivo Pessoal do autor - "Livro cinza".
26 Texto transcrito de recorte compilado no "Livro azul", sem data e sem identificação de páginas.

Como já anunciado, a produção do autor em questão não se limitou aos versos, ele escreveu romances, contos, críticas, crônicas, fez traduções, resenhas e estudos sobre a história política e social do período, material quase todo inédito, afora o que foi publicado esparsamente em periódicos da época. A sua atuação como militante político em defesa dos princípios socialistas também ganhou repercussão em textos jornalísticos, principalmente durante as décadas de 1940 e 1950, quando assumiu a linha de escritor engajado em causas sociais. Nesse período, Camillo de Jesus Lima passou a ter relações mais próximas a alguns intelectuais marxistas (comunistas), em especial a Jorge e James Amado, conforme revelam a correspondência e crônicas mantidas em seu arquivo pessoal.

Segundo Hobsbawm (2003, p. 36) "a história do marxismo entre os intelectuais do ocidente é, pois, em grande medida, a história de suas relações com os partidos comunistas que substituíram a social-democracia como principais representantes do marxismo." Também no Brasil, a influência do PCB conduziu muitas das atividades culturais, literárias e políticas de muitos intelectuais.

Conforme pesquisa desenvolvida por Albino Rubim(1995), o que resultou em seu livro *Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil*, a partir de 1935 consolida-se e potencializa-se condições "propícias a que o PC se torne um polo gravitacional de atração de intelectuais", citando nomes como Caio Prado Jr., Oswald de Andrade, Patrícia Galvão, Jorge Amado, Edison Carneiro, Raquel de Queiroz, Portinari, Dionélio Machado, etc. Mas, com o golpe do Estado Novo em 1937, esse grupo é desarticulado, mas não de todo, pois a luta contra o nazismo e a possibilidade de o Brasil participar da II Guerra Mundial foram fatores que ajudaram na reorganização dos comunistas. Foi a partir desse momento que o PC contou com novas adesões de intelectuais, além dos já mencionados acima, chegando a mais de 200 mil filiações até o ano 1947. Ainda segundo o mesmo autor, outros fatores foram decisivos "à invasão do partido pelos intelectuais", tais como, a fascinação despertada por Luiz Carlos Prestes, "o cavaleiro da esperança"; a derrota do nazi-fascismo e o prestígio da então aliada e vitoriosa URSS. Rubim elenca nomes de intelectuais que, posteriormente a estes acontecimentos, se filiaram ou se tornaram simpatizantes do partido, entre eles: Carlos Drummond de Andrade, Monteiro Lobato, Oscar Niemeyer, Aníbal Machado, Dorival Caymmi, Procópio Ferreira,

Nelson Pereira Santos, Carlos Scliar, Alina Paim, Dalcídio Jurandir, Walter Silveira, etc. (RUBIM, 1995, p. 66).

Embora na extensa lista de Rubim não conste o nome de Camillo de Jesus Lima, os documentos do arquivo deste escritor provam a sua ligação com muitos desses intelectuais, tendo, inclusive, seu nome indicado pelos irmãos Amado, para compor a comissão representante dos escritores baianos, no I Congresso de Escritores Brasileiros, evento de âmbito nacional, ocorrido em São Paulo, no dia 22 de janeiro de 1945. Por motivos particulares, teve que declinar do convite, conforme afirma telegrama enviado aos seus pares, comunicação esta publicada no jornal *O Combate,* de 17 de janeiro de 1945. (O COMBATE, 1945). Na verdade, sua participação junto aos escritores de todos os cantos do Brasil fora postergada, pois a colaboração com a literatura e a política brasileira nos anos que se seguiram, conferiu-lhe a condição de delegado, eleito pelos pares, para representar a Bahia no II e no III Congressos de Escritores Brasileiros, conforme noticiou o jornal *O Momento,* em 2 de abril de 1950. (O MOMENTO, 1950).

Sobre o II Congresso Brasileiro de Escritores, acontecido em Belo Horizonte, entre os dias 12 e 16 de outubro de 1947, Camillo escreve uma crônica, publicada no jornal *O Combate,* de 17 de novembro deste mesmo ano. Nesta oportunidade, destaca a importância da participação dos intelectuais nesses encontros para organização e fortalecimento da categoria. Destaca a necessidade de se colocar em prática as decisões tomadas por eles em assembleias nacionais, principalmente, diante das medidas repressivas que se instalavam naquele momento. Faz referência ao cerceamento da liberdade de expressão e às dificuldades enfrentadas pelos grupos sociais de esquerda. Afirma que:

> Toda obra intelectual deve ser uma participação consciente na exposição e solução dos problemas da coletividade; ela não se deve restringir ao domínio estético – 'absurdo jogo de rimas e de sons' – muito especialmente na hora que passa, conturbada e amargurada. (LIMA, 1947, s/d).

No período da legalização do Partido Comunista no Brasil, os seus líderes se organizaram em prol de ampla filiação partidária entre os intelectuais, artistas, educadores e trabalhadores em geral, resultando em mais de 200 mil filiados entre

os anos 1945 – quando Carlos Prestes assume a Secretaria Geral do PCB, se candidata a senador e ganha, com expressiva votação – até 1947, período em que os parlamentares comunistas têm seus mandatos cassados e, novamente, o PCB é posto na ilegalidade.

Em 17 de abril de 1946, um grupo de intelectuais brasileiros engrossava as fileiras do “Partidão”. Nesse dia, tanto os antigos membros do partido como os que passaram a militar após a sua legalidade receberam, em solenidade, o *carnet* de filiação ao PCB. Entre eles estavam o escritor Jorge Amado, que já era deputado comunista por São Paulo, Graciliano Ramos, Portinari, Aydano do Couto, Carlos Scliar, Guarnieri, entre tantos outros que já militavam no Partido desde seu surgimento, como é o caso do romancista gaúcho Dyonélio Machado e do escritor Astrogildo Pereira. Além deles, um bom número de jovens intelectuais acreditava que o PCB seria uma alternativa de mudança necessária. Entre os novos filiados estavam os baianos James Amado, Jacinta Passos, Aloísio Aguiar, Walter da Silveira e Camillo de Jesus Lima. (O MOMENTO, 1946).

Antes disso, Camillo já escrevia artigos em defesa do socialismo e sobre o PCB, visto, naquele momento, como um partido de vanguarda, defensor das liberdades essenciais ao pleno desenvolvimento da cultura e da arte, e acima de tudo, um partido que visava garantir os direitos sociais.

Neste ano de 1945, Camillo de Jesus Lima passou a trabalhar como oficial no Cartório de Registro de Imóveis e Hipotecas, município de Macarani, Bahia, onde também se dedicou às leituras de Marx e Engels, o que veio reforçar sua opção por uma vinculação ideológica ao comunismo, confirmando, de certa forma, as ideias socialistas advindas do berço paterno. Os ideais foram revigorados pelas novas leituras e pela sua atuação crítica no meio jornalístico, o que refletiu, significativamente, em sua produção literária, como poeta social, tornando-se um marxista assumido.

Se Camillo chegou a Marx via PC, isso não foi diferente com a maioria dos intelectuais de seu tempo, que buscava alternativas antifascistas, conforme esclarece Eric Hobsbawm (2003, p. 38):

> […] o intelectual comunista, ao optar pela União Soviética e seu partido, assim o fez porque, no balanço final, os aspectos positivos pareciam pesar mais que os negativos […] na década de 30, não apenas os militantes mais inflexíveis do partido, mas também os seus simpatizantes, se abstinham concretamente de criticar os expurgos soviéticos ou as falhas da República Espanhola no interesse da causa maior, o antifascismo.

Este mesmo sentido parece ter alimentado o vínculo dos intelectuais brasileiros ao PCB, pelo menos até fins dos anos 50, quando muitos deles romperam com o Partido, uns decepcionados com suas bases, outros por temerem as repressões da política ditatorial brasileira em vigência na época.

Em 1954, Camillo pediu licença temporária das atividades do cartório e se mudou com a família para Salvador, quando ganhou maior notoriedade, pela obra literária e pela atuação em jornais, como crítico de rodapé. Tornou-se conhecido de muitos intelectuais baianos e passou a assinar uma coluna de crítica literária no jornal *A Tarde*, de Salvador, sem perder o vínculo com os jornais com os quais colaborava em Vitória da Conquista.

Os ares da metrópole fizeram bem ao escritor. As rodas de conversa entre os intelectuais baianos nos cafés e nos bordéis ajudaram-no a manter atualizados os conceitos em torno da literatura, da cultura, da política, enfim, da sociedade, pois não se restringia aos acontecimentos da Bahia.

Em 1955, saiu pela Editora S.A. Gráficas da Bahia / Salvador, o *Cantigas da tarde nevoenta*, considerado um livro de transição, pois nele o poeta traz muitos poemas de teor social, com uma estética livre, diferentemente dos anteriores, nos quias, predominavam os sonetos. Os seus textos romperam com a formalidade da estética clássica e chamaram a atenção de seus leitores, principalmente daqueles que já esperavam pelo brado do escritor social que há alguns anos aspirava mudanças, no contexto mundial, na história de seu país, na política e na cultura de sua gente humilde. No poema “A um parnasiano”, constante nessa antologia, ele faz clara referência à divisão de classes, posicionando-se ao lado dos trabalhadores e das minorias sociais. Nesse e em tantos outros textos, abomina aqueles que se prendem em torres de marfim. para não enxergarem a violenta miséria que adentra becos e vielas, estacionam nos portos e nas fábricas, enquanto os senhores descansam e dormem sobre a desgraça alheia.

Quando Camillo retornou a Vitória da Conquista e Macarani, continuou com as colaborações em alguns jornais e, nesse período, mantinha contato com escritores e intelectuais do Brasil e do exterior. Nessa época, final da década de 1950 e início dos anos 60, os intelectuais de esquerda consideravam que a "liberdade" adquirida à duras penas, poderia ganhar força através de uma comunicação ativa com os pares. Mas, com a derrocada de João Goulart e com o Golpe Militar de 1964, todo o país viveu grandes convulsões e Vitória da Conquista também passou a ser palco de grandes pressões políticas.

Em 5 de maio de 1964, chega a Vitória da Conquista uma tropa militar comandada pelo Capitão Bendocchi Alves Filho, em busca de ativistas sociais ou daqueles que tivessem qualquer tipo de envolvimento com grupos comunistas. Em 6 de maio, prenderam o então prefeito José Pedral Sampaio. Levaram-no para o Batalhão de Polícia de Conquista, e, de lá, ele e outros presos foram transferidos para Salvador. Nesse mesmo dia, cassaram o seu mandato em uma plenária da Câmara de Vereadores, liderada pelo mesmo comandante militar. Em 8 de maio de 1964 Camillo de Jesus Lima foi preso em Macarani, levado pelas tropas militares para Salvador, onde ficou detido. Por falta de provas que o incriminassem, foi libertado, julgado inocente, após três meses atrás das grades. (MEIRA, 2012).

No período em que esteve preso, escreve uma carta[27] ao Capitão Bendocchi Alves, datada de 20 de julho de 1964, solicitando a devolução dos rascunhos de um livro que estava escrevendo e que fora apreendido no dia de sua detenção. Relata em sua solicitação que o rascunho do romance intitulado "Sol de Outono" constava de 24 páginas manuscritas frente e verso e que o livro não fora publicado por estar inacabado. Mas não há entre os escritos guardados em seu arquivo nenhuma referência a este livro, tampouco qualquer rascunho com esse título. O que é mais provável é que não tenha sido devolvido, conforme desejou seu autor.

Depois do livro *Cantigas da tarde nevoenta,* publicado em 1955, os escritos camillianos passam pela malha do cerceamento ao direito de expressão. Alguns textos são impedidos de publicação pela Ditadura Militar, devido ao teor político que carregavam, afinal, as mudanças históricas por que passava o Brasil, atingiam e motivavam os intelectuais. Depois do cárcere, Camillo de Jesus Lima passou a

27 Carta constante no acervo do escritor, no volume Livro cinza.

escrever crônicas para *O Jornal de Conquista*, usando os pseudônimos Brás Cubas e Severo Sales.

Somente na década de 70, saiu pelas Edições Mar o *A mão nevada e fria da saudade* (1971), livro de sonetos em homenagem a alguns amigos, uma antologia sem representação social e, em 1973, publica seu último livro em vida, uma homenagem a sua esposa, intitulado *O livro de Miriam*.

Durante os dez anos que se seguiram após sua prisão, até a sua morte em 3 de março de 1975, – vítima de um acidente na cidade de Itapetinga, quando viajava de Macarani com destino a Vitória da Conquista –, Camillo de Jesus Lima se dedicou ao seu trabalho de oficial de cartório, embora nunca tivesse se afastado das atividades de escritor. Do interior da Bahia, manteve-se alerta a tudo que acontecia no mundo. A história da humanidade era a sua própria história

2.1 UMA VIDA A CONTRAPELO
(CAMILLO POR ELE MESMO: DUAS DÉCADAS EM ENTREVISTAS)

Os textos eleitos, entre os demais que compõem o espólio de Camillo de Jesus Lima, são de autoria do titular como também de seus pares. Tais escritos podem ser classificados como autobiográficos e críticos, dentro de uma tipologia que abrange cartas, notas, entrevistas, crônicas e críticas de rodapé. Daí a proposta da divisão em duas perspectivas as informações sobre o intelectual Camillo de Jesus Lima, por ele mesmo e pelos pares. Neste texto estão impressões que Camillo apresentou de si, assim como avaliações que fez da própria obra literária, inserindo-a no contexto histórico brasileiro, em especial, nas décadas de 40 e 50 do século XX.

Para traçar o perfil autobiográfico de Camillo de Jesus Lima, nesta parte da pesquisa, elegemos alguns documentos do arquivo pessoal do escritor, o que não significa exclusão dos demais registros, uma vez que tais fontes serão utilizadas em outras seções desta tese. Retiramos, então, desse baú histórico, alguns textos em recortes de jornais e revistas, resultados de entrevistas concedidas pelo poeta às revistas Vamos Ler!, do Rio de Janeiro/RJ (set.1943) e à Cooperação, de Itabuna/BA (nov.1945), aos jornais O Momento, de Salvador/BA (dez.1945), Diário da Bahia, de

Salvador/BA (jan.1953 e nov.1953), Diário de Bauru, de Bauru/SP (fev.1954), Gazeta, de São Paulo/SP (nov.1956) e ao 7 Dias, de Salvador/BA (dez.1957). Em todas as entrevistas Camillo faz uma breve autobiografia, elenca sua obra editada e inédita, tece comentários sobre suas influências literárias e sobre passagens relevantes do contexto histórico, que marcaram alguns momentos da sua vida.

No contato com os documentos do arquivo, percebemos com que naturalidade o escritor fala de suas preferências, de sua realidade, deixando marcas das suas experiências em meio aos textos literários e à crítica realizada. Estas marcas desvelam a sua vida cotidiana, traçam uma trajetória biográfica em um plano histórico contextualizado, exprimindo suas características, suas fragilidades e suas virtudes.

Camillo de Jesus Lima falou ao jornalista Hildon Rocha, da revista Vamos Ler!, em setembro de 1943, no período em que fora ao Rio de Janeiro receber o prêmio Raul de Leoni, concurso promovido pela Academia Carioca de Letras no ano anterior à entrevista. Depois de falar sobre a lisura do concurso literário em que um jovem escritor desconhecido, do interior, vence, por quase unanimidade (não fosse um único voto contrário), concorrendo com mais de sessenta candidatos, Hildon Rocha pergunta como ele soube do concurso e quais as motivações para sua escrita. Camillo relata que fora casualmente, por meio de uma chamada, em crônica de Carlos Chiacchio: “um aviso aos poetas baianos que tivessem livros prontos. […] Pensei comigo 'vou aventurar, não custa nada'. Não tinha, como é natural, esperanças de ganhar um concurso no Rio.” (LIMA, 1943, p. 14). E sobre o que impulsionara a sua escrita, o autor de *Poemas*, reconhecendo a intrínseca relação entre o processo de leitura e escrita, responde:

> Lendo poesia, romance, conto, toda literatura boa que me aparecesse. Li tudo de Castro Alves, de Álvares de Azevedo, Varela, Gonçalves Dias, Junqueira, Quental, todos os poetas célebres da língua portuguesa me orgulho de conhecer. Dos vivos aqueles realmente conhecidos como Olegário Mariano, Menotti, Cassiano, também lia tudo que me aparecesse. Dos moços sempre tive particular admiração por J. G. de Araújo Jorge, poeta que não saiu do velho caminho trilhado pelos maiores expoentes da poesia do mundo. Destes vivos o que me empolgou na minha adolescência e que teve sobre mim nos meus primeiros versos muita influência foi Olegário Mariano. (LIMA, 1943a, p. 14).

Embora o poeta começasse a se despontar no panorama nacional, ele próprio coloca sua obra numa berlinda, uma autocrítica que soou em tom um tanto imaturo, naquele momento, quando confessa, em *Vamos Ler!,* as suas angustias face ao fazer poético, diferenciando-o da escrita em prosa, especialmente no que diz respeito à relação entre literatura e realidade.

> A poesia não traduz o que sinto pela humanidade, pelos homens simples, pelos seres anônimos e desgraçados. Uma coisa eu teria orgulho de ser, meu amigo: um romancista com o talento de Jorge Amado. […] A missão da arte é bem mais alta do que pensa certa gente vaidosa. […] A arte nunca deve ser sorriso da sociedade. Arte é coisa muito séria, assim penso. Um Zola, um Dostoievski, esses nunca sorriram para a sociedade. (LIMA, 1943a, p.15).

É certo que os versos do livro vencedor do concurso carioca ainda estavam ligados a uma estética parnasiana, de linha romântica, mas isso não os fazia uma literatura menor, como nos fez acreditar o poeta. Mais tarde, essa sua concepção de literatura como espelho da sociedade é tônica predominante de sua poesia de caráter social, enfeixadas em alguns livros, como, por exemplo, em *Cantigas da tarde nevoenta* (1955), *Poemas do povo* e *Cancioneiro de Vira-mundo* (estes dois últimos inéditos), entre outros.

A concepção de obra de arte e de obra literária que o escritor buscou explicar – já aplicada à sua produção – fundamenta-se em uma relação dialética entre teoria e prática. E o fazia de forma natural, tendo, na relação entre o fazer poético e o existir, um método de criação: a partir da condução reflexiva e crítica. Deixava muito claro, tanto nos textos literários como em suas declarações, a indissociabilidade entre literatura e realidade. Para ele, a arte deveria refletir a experiência humana, e o poeta que não representasse os verdadeiros sentimentos da humanidade, suas contradições, suas dores, seria apenas um mero fazedor de versos.

A base teórica para esses princípios está no materialismo histórico dialético, conforme explicita G. Lukács (2010a, p. 12), na “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”, de 1945: “a existência e a essência, a gênese e a eficácia da literatura só podem ser compreendidas e explicadas no quadro histórico

geral de todo sistema." Os argumentos lukacsianos acerca da revisão da literatura, como parte do todo histórico, não exclui as especificidades que são próprias da arte. Acrescenta o autor:

> A essência e o valor estético das obras literárias, bem como a influência exercida por elas, constituem parte daquele processo social geral e unitário através do qual o homem se apropria do mundo através de sua consciência. Do primeiro ponto de vista a estética marxista e a história marxista da literatura e da arte fazem parte do materialismo histórico, ao passo que, do segundo ponto de vista, são uma aplicação do materialismo dialético; em ambos os casos, porém, são uma parte peculiar, especial, deste conjunto, com determinados princípios estéticos específicos. (LUKÁCS, 2010a, p. 13).

Atendendo ao convite da Revista *Cooperação*, Camillo de Jesus Lima recebe em sua casa o jornalista José Leite, concedendo-lhe uma nova entrevista. Como o tema a discorrer seria falar sobre si mesmo, o entrevistado começa colocando-se como um homem simples, entre tantos homens pobres, dizendo ser a sua vida uma "cadeia de acontecimentos surrados de monotonia", enquanto Leite (1945), em sua exposição, disse ser Camillo "um movimento humano".

Em meio às passagens cotidianas de uma vida interiorana, os acontecimentos do mundo se inscrevem na obra e na vida desse homem. Ao mesmo tempo em que se posiciona criticamente diante do mundo, contagia os demais, aproximando-os do sentimento de humanidade que carregou, comprovados em pequenos atos. Confessa, nesta conversa com José Leite, que fez duas homenagens, para ele significativas: O nome do filho Luiz Carlos foi uma homenagem a Luiz Carlos Prestes, por quem tinha grande admiração, e a filha Albion Helênica, que nasceu em dias de guerra, guarda no nome uma homenagem à Inglaterra. "Sofri muito naqueles dias terríveis, e que me lembre, um dia sofri mais: quando a França caiu. Vivíamos, eu, minha esposa e meu pai, tristes e silenciosos, como se tudo estivesse acontecendo aqui dentro de casa." (LIMA, 1945a, s/p)[28].

Sobre a dinâmica dada a sua produção, ele afirma: "Continuo uma família

---

28 Esta e as demais citações em que não se apresentam o número da página deve-se ao fato da pesquisa ter sido realizada no arquivo pessoal do escritor ("Livro azul"), no qual as fontes foram compiladas em forma de recortes. Camillo de Jesus Lima, ao recortá-las, manteve os cabeçalhos dos jornais, sem se atentar à subtração que fazia das páginas dos periódicos. Usaremos sempre o s/p (sem página) para essas ocorrências.

dominada pelos livros." E relata, sem trair a memória: "Desde criança que o micróbio da velha doença de todo intelectual – ser autor – me corre no sangue. Publicar alguma coisa ou todas as coisas que fosse produzindo, foi a minha ideia, a minha virtude ou o meu defeito dominante." (LIMA, 1945a, s/p). Mas se dependesse da sua relação pessoal com os editores, talvez não conhecêssemos seus livros, publicações estas, sempre incentivadas e, muitas vezes, patrocinadas pelos amigos que reconheciam o valor da verve, conforme ele mesmo conta:

> Tenho medo dos editores. Não sei por que. Entro nas editoras com vontade de falar sobre os meus livros. E converso sobre tudo, menos sobre o assunto. Saio como entrei. Os meus livros "Poemas", "Novos Poemas", "Viola Quebrada" foram publicados por meus amigos. Com Laudionor Brasil publiquei o primeiro livro em 1941: "As Trevas da noite estão passando". (LIMA, 1945a, s/p).

Sobre esta entrevista realizada por José Leite, há, no "Livro cinza", uma cópia de carta enviada ao jornalista, agradecendo, comentando a publicação da entrevista e fazendo algumas retificações no tocante aos seus livros, citados por Leite. Nesta época, Camillo já escrevera uma boa parte de sua obra, mas com poucas publicações em livro, conforme dito acima.

Depois de descrever o ambiente em que o poeta vivia: uma casa modesta, em companhia da esposa, dos dois filhos, com a constante presença do pai, o professor Francisco Fagundes, além das permanentes imagens de Castro Alves, Jorge Amado e Carlos Prestes, que figuravam em retratos sobre a mesa de trabalho, o redator de *Cooperação* revela, com detalhes, este encontro:

> Abriu uma gaveta e levantou as mãos cheias de cadernos grandes datilografados. Leu em voz alta: - As Tristes Memórias do Professor Mamade Campelo – Terras dos Outros – Serões de um autodidata – Ensaios e Conferências – A Bruxa do Fogão Encerado – Contos Psicanalíticos – são estes os meus livros inéditos. (LEITE, 1945, s/p).

A retificação em carta de Camillo a José Leite refere-se a essa passagem acima, argumentando que dois títulos foram acrescidos e que os dois livros mais apreciados por ele foram omitidos:

> Você inclui dois livros que não existem, deixando de fora dois que

> estão vivos e bolindo. Não tenho livro com título "Ensaios e Conferências". "Serões de um autodidata", porém, é um livro formado de ensaios e conferências, isto sim. Também não tenho nenhum com o título de "Contos psicanalíticos". O meu livro "Vício" é que é composto de contos, todos eles de fundo psicanalítico. Os dois livros que faltam na relação chamam-se "Cantigas da tarde nevoenta" e "Cancioneiro de Vira-mundo" – o meu *béguin* poético, deveras. (Carta de Camillo de Jesus Lima a José Leite, s/d)[29].

O ano de 1945 foi de grandes transformações na vida de Camillo de Jesus Lima. Ao se mudar para Macarani, passa a ter mais tempo para as suas leituras. Começa a fazer um estudo sobre a obra de Marx e Engels, uma forma de melhor compreender o momento político por que passava a humanidade. Após a anistia, a legalização do Partido Comunista e a Constituinte, ele, como uma gama de artistas e intelectuais brasileiros, assume a militância socialista, escrevendo textos de caráter social e de divulgação das novas bases políticas a que esteve engajado.

Camillo de Jesus Lima afirma em *O Momento* que a sua busca partidária tem um determinado fundamento: "dever para com o proletariado, consciência para com o povo". E acrescenta:

> Apesar de somente agora filiar-me ao partido de Prestes, há bastante tempo, entretanto, venho me considerando um humilde escritor comunista, porque comunista foi a minha formação intelectual e pobremente camponesa a minha infância de menino que nasceu num latifúndio, em terra de agregado. (LIMA, 1945b, s/p).

O autor queria mesmo justificar a relação entre sua produção literária e sua opção política. A filiação assumida na citação acima tem estreita relação com a chamada obra de tendência, ou, conforme defesa de F. Engels, "romance de tendência". Em carta a Margaret Harkness, após analisar o livro *A city gils,* comenta: "romance de tendência – como dizemos nós, os alemães, para sublinhar os conceitos sociais e políticos do autor". Justificando não ser sua intenção "censurá-la por não haver escrito um romance puramente socialista", pois, para ele, "quanto mais dissimulados estejam os pontos de vista do autor, melhor será para a obra artística." (carta de Engels a Margaret Harknes, abril de 1888). (MARX e ENGELS,

---

29 Documento constante no arquivo pessoal do escritor, "Livro cinza".

2010, p. 68).

Antes dessa carta, uma outra completa o sentido desse engajamento político. Na carta destinada a Minna Kautsky, comentando seu romance mais recente de então, Engels alerta que, a tendência política não deve ser explícita ao ponto de sobressair mais que o todo do romance, devendo tal tendência ser discreta, indireta:

> O romance de tendência socialista só cumpre, a meu juízo, o seu objetivo quando reflete com veracidade as relações reais, rompre com as ilusões convencionais que existem sobre estas, fere o otimismo do mundo burguês e fomenta dúvida acerca da imutabilidade das bases em que repousa a ordem existente – mesmo que o autor não proponha uma determinada solução ou que sequer se posicione ostensivamente. (carta de Engels à Minna Kautsky, 26 de nov de 1885). (MARX e ENGELS, 2010, p. 66).

No concernente a posição assumida por Camillo de Jesus Lima, sabemos que durante muitos anos de sua vida ele escreveu sonetos aos moldes clássicos, cujas temáticas localizavam-se entre o subjetivismo parnasiano e a objetividade modernista, e, posteriormente, levantou a bandeira de poeta social, de intelectual engajado, politicamente, ao comunismo. As suas ações cotidianas eram impulsionadas pela história e esta interferia diretamente em sua obra literária, colocando em prática um realismo crítico.

Segundo Lukács (2010a, p.23), a criação artística, “enquanto uma forma de reflexo do mundo exterior na consciência humana está inserida na teoria geral do conhecimento professada pelo materialismo histórico”. E acrescenta: “É certo que a obra de criação artística, dadas as suas peculiaridades, constitui um momento singular, com características próprias, da teoria materialista dialética do conhecimento.” Depois de analisar algumas das peculiaridades literárias, tomando grandes autores mundiais como base, o filósofo húngaro conclui:

> A meta de quase todos grandes escritores foi a reprodução artística da realidade: a fidelidade ao real, o esforço apaixonado para reproduzi-lo na sua integridade e totalidade, tem sido para todo grande escritor (Shakespeare, Goethe, Balzac, Tolstoi) o verdadeiro critério da grandeza literária. (LUKÁCS, 2010a, p. 24).

Compreendamos o significado dessa reprodução da realidade como uma

metáfora, pois que a totalidade da vida na obra de arte, aspecto caracterizador dos grandes escritores como tais, conforme apontou o teórico acima, é a mais complexa busca daquele que traga a vida para devolvê-la em forma de arte, transformada pela linguagem literária.

Em 1953, Camillo de Jesus Lima fala ao *Diário da Bahia*, em entrevista a Moniz Bandeira, uma publicação que traz o título “A poesia e o poeta devem ser atuais e surpreender”. Se nos detivermos ao título, podemos fazer a leitura de que, uma vez sendo atuais a poesia e o poeta não são estáticos. Embora eles sejam demarcadores de tempo, conceitualmente acompanham as mudanças por que passa a realidade e sofrem as transformações do próprio tempo, devolvendo à sociedade o reflexo dela mesma. E a vida em forma de arte literária surpreende quando o escritor rompe com a acomodação, quando o texto chega ao ponto de tirar seu leitor da zona de conforto, e esse caráter da obra literária que o próprio Camillo traz à reflexão é muito claro em sua obra. Vamos, então, ao que disse o escritor sobre si e sobre a poesia: “Autodidata que sou, leio três ou mais horas por dia, daí a cultura dispersiva, própria dos autodidatas.” (LIMA, 1953a, s/p). E sobre a relação indissociável entre arte e política, defende:

> Aqueles que cospem na cabeça do povo, no alto de suas fantasmagóricas torres de marfim, poderão falar nos dias amargurados e decisivos em que nós vivemos, de uma arte apolítica. Nós outros, os que olhamos a arte como coisa séria, jamais poderemos separar, especialmente nos dias em que vivemos, a arte da política. (LIMA, 1953a, s/p).

Dez anos se passaram desde a primeira entrevista, concedida por Camillo de Jesus Lima a Hildon Rocha (1943), no Rio de Janeiro, até esta última a Moniz Bandeira(1953). Nesse novo momento, a defesa que o escritor faz da literatura, seja ela em versos ou em prosa, é muito mais contundente e clara. Os argumentos camillianos balizam-se nos princípios marxistas, embora saibamos que Marx não tenha se debruçado sobre uma teoria específica da literatura, mas, o que fez junto a Engels, assegura uma teoria sobre a construção literária e sua relação com o mundo objetivo, conforme apresentado nos textos escolhidos que compõem o livro *Cultura, Arte e Literatura.* (MARX E ENGELS, 2010).

A arte, no caso em estudo, a literatura, é tomada pelo escritor em estudo como a expressão de um pensar humano a partir das experiências dos que vivem, sofrem, amam, constroem a sociedade como um todo. Esse todo não pode desvincular-se do trabalho, visto como mola mestra para toda e qualquer atividade intelectual, processo que também abrange a atividade do escritor.

Camillo de Jesus Lima volta a falar da produção literária brasileira em entrevista ao *Diário da Bahia*, em especial, sobre a falta de interesse das editoras em publicar poesia. Se o ano de 1953 foi proveitoso para a escrita, conforme afirmou na entrevista a Moniz Bandeira, não se poderia dizer o mesmo em relação às publicações:

> Este ano nada traria de proveitoso à poesia brasileira, não fossem raros poetas que surgiram, fazendo poesia séria, nova, participante […] isto é, condizente com a hora séria e amarga em que vivemos. Esses, porém, são boicotados pela chamada grande imprensa e aparecem, com esforço titânico, graças à pujança de seu talento e de sua convicção. (LIMA, 1953a, s/p).

No que diz respeito às reflexões do poeta baiano sobre a literatura naquele momento histórico, sua concepção continua firme, no sentido de defender como obra literária aquela que reflete a realidade social, cultural e política de cada momento. Isto prova que Camillo não perdeu a coerência política ao longo de sua vida.

Na reportagem intitulada “O romantismo suplantou o modernismo na poesia contemporânea” Camillo faz uma crítica ao movimento literário da Semana de Arte Moderna. Apresenta uma defesa teórica, uma vez que a preocupação com a estética literária, defendida pelo grupo que organizou a Semana, não poderia, jamais, ter sobrepujado as questões de ordem social, por que passava o Brasil, na primeira metade do século, com ressalva ao movimento modernista de 30, que trouxe contribuições culturais, sociais e políticas. Por isso, em sua crítica afirma que “o velho romantismo é uma tendência jovem ultrapassando o modernismo iconoclasta da Semana de Arte Moderna.” (LIMA, 1953a, s/p).

Essa postura crítica de Camillo de Jesus Lima, em relação ao modernismo, não descaracteriza o movimento, que teve em Mário de Andrade um dos seus grandes representantes, como minuciosamente o analisa Aleilton Fonseca em sua

tese “A poesia da cidade: Imagens urbanas em Mário de Andrade” (1997), com versão em livro: *O Arlequim da Pauliceia* – Imagens de São Paulo na poesia de Mário de Andrade (2012). *A* crítica de Camillo se volta exatamente para o atalho que ganhou este movimento, fragilizando-se, ao tornar questões de ordem puramente técnicas e estéticas, as principais tendências da escola modernista brasileira. Quanto aos rumos que, posteriormente, tomou este movimento, Camillo ressalva a participação dos escritores de 30, por estes recolocarem questões de ordem cultural, social e política como cerne das suas produções literárias, sem afastar a importância estética e a subjetividade das obras.

Dando continuidade ao entendimento de Camillo acerca da relação entre história e literatura, outra face que ele destaca como importante ao trabalho do escritor é o movimento entre o local/regional e o universal/nacional. No depoimento a Moniz Bandeira (1953), o poeta destaca a contribuição dos autores baianos no panorama da literatura brasileira, ao mesmo tempo em que enfatiza a influência do cânone nacional no desenvolvimento das produções que surgem no interior, sem imprimir traços que as separem. Anuncia, naquela oportunidade, a produção de um novo romance seu, com o título “Terra dos Outros”. A trama aconteceria na região do centro-sul (sudoeste baiano) e retrataria a realidade nacional daquele momento, década de 50: “Nele focalizo o latifúndio da zona em que moro e os seus nocivos resultados na economia daquela zona.” (LIMA, 1953a).

No que diz respeito aos originais da referida obra, em consulta aos manuscritos do acervo em pauta, não há, ali, registro em forma de livro, restando dele apenas alguns capítulos ou crônicas publicadas nos periódicos. O escritor também fala sobre um livro de sonetos que escrevera para alguns amigos, justificando-se: “Esse livro não é, de forma alguma, uma fuga à luta, à poesia político-social que venho realizando nos últimos tempos.” (LIMA, 1953a).

Não só a imprensa baiana divulgou a opinião do escritor Camillo de Jesus Lima sobre os acontecimentos em torno da arte, da literatura e da política. Nos anos 50, jornais e revistas dos grandes centros, como Rio e São Paulo, consideravam relevantes as revelações vindas da Bahia, ainda mais se por intermédio de quem produzia literatura e também crítica literária. Em 1954, Camillo de Jesus Lima foi entrevistado por Nidoval Reis, do *Diário de Bauru.* Mais uma vez apresenta sua

produção literária, fala das expectativas, de suas preferências literárias e da importância da literatura no cenário brasileiro. Comenta sobre os mesmos quatro livros publicados, mencionados em 1945, na reportagem da revista *Cooperação,* do livro que estava no prelo, o *Cantigas da tarde nevoenta*, publicado em 1955, pelas Edições Gráficas da Bahia. Confirma em seu depoimento a Nidoval Reis que, embora muitos preferissem o *Cancioneiro de Vira-mundo* (ainda inédito) ao *Cantigas da tarde nevoenta* (1955), que ele tinha uma predileção toda especial por este último. “São os versos que o formam os que mais falam à minha saudade, ao meu remorso, ao meu sentimento.” (LIMA, 1954a, s/p).

E, quando questionado sobre a literatura brasileira, o poeta não reluta, faz uma lista dos contistas brasileiros que mais admirava: “Machado de Assis, o velho Graciliano, Humberto de Campos escreveram contos magistrais. Os contos de Lima Barreto são, porém, inigualáveis em realismo e cópia fiel da vida.” Sobre os que escreveram romances, ele retorna a Graciliano Ramos, a Lima Barreto, e acrescenta: “mas, para mim, o maior romancista brasileiro é Jorge Amado. *Jubiabá* estarrece. *Mar Morto* é um dos grandes poemas que já foram escritos no Brasil, *Terras do sem fim* é uma saga poderosíssima”. Quando foi chamado a falar dos poetas brasileiros, faz quase uma evocação: “eu sou um devoto de Nosso Senhor Castro Alves. [...] Castro Alves foi, é e será o maior poeta do mundo. Gênio. Gênio na expressão mais pura do termo!” Mas não deixa de fazer referência também aos novos: Vinícius de Moraes, Manuel Bandeira, Olegário Mariano, entre outros. (LIMA, 1954a, s/p).

Camillo não se restringiu à leitura dos autores brasileiros. Dentre os romancistas estrangeiros destaca Aldous Huxley, Dostoievski, Tolstoi, além de outros escritores russos que sempre estiveram no rol dos mais lidos por ele. O movimento entre leitura e escrita sempre povoou dias e noites da vida literária de Camillo de Jesus Lima. Fora um leitor voraz e um crítico feroz. Um escritor compulsivo, como ele mesmo confessa:

> Nasci para escrever e hei de escrever enquanto for vivo. Nada sou mais que um homem de letras. Esta é que é a verdade, embora seja Oficial de um Cartório. Tenho orgulho de ser um homem de letras, desses que levam a sério a função de homem de letras porque

> sabem o papel importante e significativo das letras no mundo novo que está sendo construído, por ai. (LIMA, 1954a, s/p).

O pensamento que Camillo de Jesus Lima demonstra de si mesmo pode parecer um tanto determinista se não conhecemos o contexto em que ele foi formado, sendo ele mesmo, reflexo das contradições e das superações que a vida lhe impôs. Ao se dizer um “homem de letras” que veio das bases, reconhece as carências de sua classe e coloca-se como mediador na formação de novos conceitos, novas concepções de mundo, com o intuito de aproximar as possibilidades das necessidades. A citação acima explicita, em parte, a concepção de intelectual que o próprio Camillo assumiu, comprometida e indissociável das ações do sujeito histórico. Nunca se absteve da função social e política do escritor, atrelada às demais funções que exerceu, posicionando-se sempre de forma crítica.

Por algum tempo Camillo de Jesus Lima fez parte de uma organização político-partidária, o Partido Comunista Brasileiro, e a essa ordem esteve ideologicamente ligado, do mesmo modo que esteve comprometido com organizações literárias, assumindo sempre o perfil crítico e transformador diante da realidade e da literatura. Como crítico de rodapé deixou, nas margens de seu trabalho, quando não explicitamente, a marca de um leitor que jamais se tendenciou às neutralidades, pelo contrário, suas argumentações e análises sempre foram conduzidas por princípios da dialética e a partir das condições objetivas que amparavam o seu trabalho. Tudo isso refletia em suas análises. Estabelece, portanto, uma linha de pensamento sobre o papel do escritor como aquele que produz em função de seu tempo, ou dizendo de outra forma, o tempo histórico exige dele uma posição que seja crítica e construtiva, no sentido de rever conceitos, adotar novos parâmetros, romper com alguns ícones, apresentar novas perspectivas.

Essa formação crítica é adotada por aquele que se destaca no meio social onde vive, como colaborador de um processo em construção, desejoso por um mundo com consciência política e filosófica colocada em prática. Assim Camillo se expõe. E a sua concepção de mundo está amparada pelo que Gramsci chamou de “filosofia da *práxis*”, ou seja, uma formação que parte das experiências concretas da realidade, do “senso comum”, não para manter a ingenuidade e a compreensão fragmentária dele, mas para, a partir do conhecimento prático poder criticá-lo,

reconhecendo suas fragilidades, até alcançar o “bom senso”. Para Gramsci (1995, p. 20),

> a filosofia da práxis não busca manter os simplórios na sua filosofia primitiva do senso comum, mas busca, ao contrário, conduzi-los a uma concepção de vida superior. Se ela afirma a exigência do contato entre os intelectuais e os simplórios não é para limitar a atividade científica e para manter uma unidade no nível inferior das massas, mas justamente para forjar um bloco intelectual-moral, que torne politicamente possível um progresso intelectual de massa e não apenas de pequenos grupos intelectuais. (GRAMSCI,1995, p.20).

No caso de Camillo de Jesus Lima, ele atuou como um intelectual de seu tempo e usou da sua produção literária – incluindo a crítica e a crônica jornalística – como exercício de sua consciência e como exercício de conscientização, formando e sendo formado ao mesmo tempo.

Em outra entrevista, agora para a *Gazeta*, de São Paulo, publicação de 5 de novembro de 1956, como se fosse uma continuidade à conversa que manteve com Nidoval Reis no *Diário de Bauru*, Camillo expõe suas impressões de leitura dos escritores baianos que ganhavam espaço pela qualidade de suas produções. A publicação trouxe como título “A Bahia, sua arte e sua gente”. Ao falar dos escritores baianos jamais deixaria de começar pelo “gênio da raça”, Castro Alves, seguido de Gregório de Matos, Junqueira Freire, Afrânio Peixoto, Jorge Amado, Eugênio Gomes, João Mangabeira, Hermes Lima, Pedro Calmon, José de Sá Nunes, autores que conquistaram projeção nacional e mesmo internacional. E sobre a arte moderna, temática recorrente em sua crítica de rodapé, durante a década de 50, afirma:

> Penso ser a Arte uma só, qualquer que seja a manifestação externa que ela assuma. A arte não consiste em suas manifestações externas, mas nos impulsos internos do sentimento [...] na obra de arte eu não procuro senão a vida, o sentimento de humanidade capaz de irmaná-la a todas as coisas, venha ele vestido de roupagens novas ou antigas […] Reprovo o sectarismo parnasiano contra o modernismo e o sectarismo modernista contra o parnasianismo, até porque todo sectarismos importa em intolerância. (LIMA, 1956a, s/p).

Camillo de Jesus Lima escreveu sonetos, cantos, baladas, vilancetes,

rondós, quando estes não impediam a sua vontade de expressão, quando as formas rígidas não superavam o extravasamento do sentimento, mas também adotou o metro livre e a ausência de rimas obrigatórias. Não quis rótulos nem defender facções, como ele mesmo afirma:

> Não posso, pois, ser incluído no rol hierático dos parnasianos nem no rol dos modernistas. Não vivo nas esferas estelares nem perdido, romanticamente, em divagações transcendentais. O sentimento dos explorados, dos frustrados, dos ex-homens, sempre esteve presente em tudo que tenho escrito desde a adolescência. (LIMA, 1956a, s/p).

Essa confissão vem confirmar a condição de que a escrita não é, para ele – como não deve ser para nenhum grande escritor –, meio para determinados fins, senão para a expressão do sentimento que carrega da vida, em consonância com a própria existência, afinado com a sua verdade.

E, para finalizar esta seção na qual a ênfase recai sobre o que Camillo de Jesus Lima mostrou sobre arte, literatura e política, tomando como fonte entrevistas concedidas a alguns jornais, entre os anos 1945 e 1957, apresentamos a última da série, publicada na coluna “Caderno de Notas”, do *Jornal 7 Dias*, de Salvador, semana de 9 a 15 de dezembro de 1957. A questão principal levantada pelo entrevistador era a crise da poesia. Queria saber em “Inquérito sobre a crise da poesia”, qual o posicionamento do escritor baiano acerca do assunto. Ele, seguindo os seus princípios de formação, condizente com o marxismo, diz:

> Eu não encaro a arte como cousa estagnada, como dogma. Encaro-a como um fenômeno de superestrutura, sujeito, portanto a transmutações e a evoluções, como todas as coisas. A arte é uma consequência das condições de sua época. Sendo a poesia uma arte não poderia fugir à regra. […] A poesia não pode fugir à realidade de seu tempo, porque, se o fizer, não será capaz de influir sobre ela. O poeta de hoje haverá de ser um participante das transformações por que passa a humanidade, nesta hora convulsionada e definitiva em que um sistema social entra em franca agonia, contanto que não venha a cair na poesia de encomenda, submissa a interesses demagógicos, em flagrante renúncia à liberdade e a independência. (LIMA, 1957a, s/p).

Em defesa da condição necessária para fazer poesia, não atendendo à arte de encomenda, mas fruto da consciência crítica, compreendida a partir do

entendimento que teve do mundo e das relações sociais, Camillo de Jesus Lima finaliza a sua fala, nesta última entrevista, assumindo a posição de quem se (pre)ocupa com os acontecimentos que cercam a humanidade, defendendo, portanto, a imprescindível relação entre literatura e a realidade de cada tempo e lugar.

2.2 “PÕE DIANTE DE MIM A OBJETIVA” (CAMILLO DE JESUS LIMA PELOS PARES)

Antes de falarmos do perfil que os pares traçaram sobre o escritor Camillo de Jesus Lima e sua obra literária, faz-se necessário explicar à qual crítica nos referimos, e a melhor forma para isso é localizá-la em seu tempo histórico. Esta é também condição *sine qua non* para análise do processo de criação e recepção da obra literária, como também para compreender as relações entre escritor e crítico literário.

Sobre a relação entre o escritor e o crítico, Lukács (2010) esclarece que a interação entre eles lhes foi retirada com a especialidade imposta pela divisão capitalista do trabalho, destruindo, “em uns e em outros, a unidade dinâmica dos fenômenos da vida, substituindo-a por 'campos' limitados, isolados, descontínuos (arte, política, economia, etc.)”. Com isso, deforma-se a totalidade da produção literária, como também da crítica, colocadas, sob a vigilância do capitalismo, a falarem de um determinado lugar: o de quem fala como escritor, atendendo às imposições do seu tempo, sem relacioná-las com o contexto mais geral, resultando em um produto fragilizado. Da mesma forma se dá a produção do crítico literário, ainda mais especializada, na tarefa de fazer ver o que interessa aos meios de comunicação, dos quais se tornam dependentes profissionalmente, sem apreensão da universalidade, própria aos grandes críticos e escritores, como autores de obras que refletem a “concretude de interesses humanos, sociais, políticos e artísticos.” (LUKÁCS, 2010, p. 231).

Embora esta interpretação esteja se referindo ao início do século XX, ela condiz com as décadas em apreciação nesta análise, (1940 e 1950), não diferindo muito dos nossos dias. Mesmo que alguns escritores e críticos não se enquadrem

nesse grupo de especialistas mencionados, sem aceitar totalmente as imposições do mercado editorial, na tentativa de resistir às especulações forjadas pelo capitalismo, acabam tendo o seu trabalho reduzido, amesquinhado. Ou seja, o fator "divisão capitalista do trabalho" impôs parâmetros ao exercício desses profissionais, refletindo diretamente nos seus perfis.

Os jornais foram o meio de veiculação que mais atingiu a grande população leitora durante a maior parte dos séculos XIX e XX. Através desse meio de comunicação os escritores e críticos tiveram oportunidades de mostrar suas concepções de mundo, motivando outros sujeitos a analisarem criticamente os acontecimentos por que passava a humanidade. Isso contribuiu significativamente para a formação de opinião, embora, em poucos jornais circulassem, livremente, ideias críticas ao sistema dominante. Houve subordinação de quase toda a imprensa ao poder do capital, com críticos que se colocaram a serviço de uma propaganda política favorável à burguesia.

Os periódicos que se diziam independentes e desejavam cultivar a liberdade de expressão tiveram seus escritores perseguidos e as suas atividades impedidas de funcionamento, como foi o caso do jornal *O Combate*, em Vitória da Conquista, em 1964. A imprensa, considerada alternativa, estrategicamente, articulava mecanismos de resistência, outras vezes, mantinha uma relação mais amena com os poderes políticos conforme as transformações que iam acontecendo em diferentes momentos históricos.

Independentemente dessa classificação, se a serviço do sistema capitalista ou se a serviço dos grupos que se diziam de esquerda, os periódicos que serviram de fonte para o estudo acerca do escritor Camillo de Jesus Lima trazem em suas páginas a chamada "crítica de rodapé"[30], e é a ela que recorremos para traçar o perfil desse autor a partir do que disseram seus pares. Essa é uma crítica em que se condensaram aspectos teóricos e/ou impressões de leituras de escritores, que também exerciam a função de críticos de rodapé, em sua maioria, não especializados, ou seja, não exerciam a função de crítico por formação. Por isso,

30 Textos veiculados em jornais e revistas, antes localizados na parte inferior das páginas e daí o nome "crítica de rodapé", que com o tempo ganham espaço nos periódicos, chegando a se constituir como colunas, encartes e cadernos especiais, voltados para a arte e literatura, conforme observa Flora Süssekind (2002).

boa parte dessa crítica tem caráter mais universal que específico.

As críticas que circularam no meio jornalístico, sobretudo nas décadas de 30 a 50 do século XX, em cujo período se inserem as que falam sobre Camillo de Jesus Lima, têm um caráter muito mais apreciativo do que acadêmico, o que não significa que sejam de menor criticidade que a crítica dos *scholars.* Além do mais, muitas delas se sustentaram ou se acercaram de conceitos filosóficos, estéticos, políticos e culturais, tal qual o faz a crítica acadêmica. Os avaliadores estiveram incumbidos de mostrar imparcialidade em seus pareceres, articulando conceitos que dizem respeito à arte literária como um todo, sem separar forma de conteúdo, estética de filosofia, metalinguagem de realidade histórica.

Os autores dessa crítica, conforme discorre Flora Süssekind (2002), assumiram, por muitos anos, os rodapés de periódicos, pelo menos nas primeiras décadas do século XX, até que entram em cena os críticos especializados, os *scolars,* formados nas Faculdades de Letras de São Paulo e Rio de Janeiro, a partir de 1939. Na metade desse século houve acirradas tensões entre os “homens de letras”, autores de resenhas e crônicas que veiculavam nos rodapés de jornais, e os especialistas, os críticos universitários. A linguagem dos primeiros era mais simples e acessível aos leitores daqueles periódicos, enquanto que os críticos acadêmicos ostentavam as formas eruditas da linguagem. São inquestionáveis as grandes contribuições que os críticos de rodapé deram à crítica literária. A autora de “Papéis Colados” destaca dois nomes que atuaram na crítica brasileira desse período: Afrânio Coutinho e Álvaro Lins. O primeiro privilegiava valores estéticos e teóricos na análise da obra literária; o segundo era representante de uma análise embasada em princípios de natureza “impressionista”. Süssekind salienta o importante papel que desempenharam os críticos de rodapé e, tomando como referência sua pesquisa, afirmamos:

> Enquanto no circuito Rio/São Paulo destacavam-se nomes como Antonio Cândido, Tristão de Ataíde, Sérgio Milliet, Otto Maria Carpeaux, Mário de Andrade, Sérgio Buarque de Holanda, Wilson Martins, Nelson Wernek Sodré, Olívio Montenegro, Agripino Grieco, além do onipresente Álvaro Lins (SUSSEKIND, 2002, p. 17), também na Bahia, algumas figuras colaboravam com a crítica literária baiana e brasileira, destaque especial para Eugênio Gomes e o jornalista Carlos Chiacchio. (MEIRA, 2010, p. 42).

No que diz respeito à crítica sobre a obra de Camillo de Jesus Lima, elegemos como *corpus* para esse trabalho alguns textos de Carlos Chiacchio (1939;1941), José Leite (1944;1955), Álvaro Meira (1945;1954), João Eurico Matta (1956a; 1956b), Moniz Bandeira (1954; 1955) e Jacinta Passos (1955), publicados nos jornais *A tarde*/BA, *O Momento*/BA, *Sudoeste*/BA e *Correio da Manhã*/RJ. A eleição de apenas alguns dos textos da fortuna crítica, compilada em um dos volumes do arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima, que intitulamos de "Livro azul", traz uma amostragem da totalidade do olhar sobre o poeta e sua obra, e vem atender ao critério de uma perspectiva crítica sobre o escritor. Reafirmamos ainda: o que mobiliza as considerações às referidas críticas são as suas condições de produção no tempo e lugar, com vista à contribuição ao entendimento da obra camilliana, assim como à própria crítica literária, além de apresentar possíveis relações entre o escritor e o crítico.

A primeira crítica de rodapé que Camillo de Jesus Lima recebeu veio da pena de Carlos Chiacchio[31], um incentivador da literatura baiana, considerado, no meio literário, como um dos críticos modernistas que mais contribuiu com a expressão artística, durante a primeira metade do século XX. Na coluna "Homens & Obras" do jornal *A tarde*, de responsabilidade desse crítico, figuraram muitos dos grandes nomes da literatura brasileira, em especial, a baiana, pela qual esteve em constante vigília, descobrindo novos talentos ou reavivando os que, em diversos cantos da Bahia, produziam arte e literatura. Segundo afirma Gutemberg Moura (2006), de janeiro de 1928 a setembro de 1946, o crítico publicou 957 rodapés, principalmente de crítica literária.

Em fevereiro de 1939 foi a vez de Camillo de Jesus Lima ter sua obra sob a mira do crítico modernista. Chiacchio inicia seu texto, praticamente, sugerindo um título ao livro inédito: "Poemas de todos os tempos". Isto confirma o que dissera, em carta a Camillo de Jesus Lima, datada de 19.02.1937, falando da antologia que,

---

31 Carlos Chiacchio formou-se em medicina, defendendo a tese "A dor". Atuou nessa profissão por muitos anos, mas nunca se afastou das atividades como crítico de rodapé. Manteve, por 18 anos, a coluna Homens & Obras, no jornal *A tarde* (1928/1946) e uma seção denominada "Ala das Letras e das Artes", no *Imparcial*, onde organizou os "Salões de Ala". Autor de vários livros, entre os quais *Os Grifos* (1923), *Infância*, (1938), *Biocrítica* (1941), *Modernistas e Ultramodernistas* (1951). (MOURA, 2006).

inicialmente, trazia como título “Ruínas”, modificado, posteriormente, para “Poemas”. Mas, conforme exposição do crítico, ruínas não foram encontradas em sua leitura:

> Camillo é sangue de Plínio de Lima, o poeta bahiano que não desapareceu, ainda, da tradição espontânea da nossa poesia regional. Veio-lhe, com o nome, a vocação das musas. E nas mostras que ora verifico definitivamente organizadas em livro, evidencia em Camillo um alto poder plástico das cousas e dos seres que lhe cercam e abrilhantam os ares nativos de Conquista. (CHIACCHIO,1939, s/p).

No que se refere ao livro em questão, a crítica colocou o autor entre os grandes poetas “do tempo que flui”, como menciona Chiacchio: “Eis aí, força e originalidade, os traços marcantes de Camillo de Lima”. E completa:

> Força, que é a maneira impetuosa do estilo de versejar, de poema a poema a largo voo, cadenciado de eloquência, sem ser a grandiloquência condenada por Verlaine. Eloquência no sentimento inspirador da arte. Originalidade, por mercê dessa mesma força de concepção e fartura, que lhe garante uma situação de independência criadora, a única virtude capaz de marcar nos poetas novos a linha autêntica de uma personalidade. (CHIACCHIO, 1939, s/p).

Este livro em análise ganhou, em 1942, no Rio de Janeiro, o prêmio Raul de Leoni, na Academia Carioca de Letras, concorrendo, seu autor, com escritores de todo o país, com expressiva votação da banca examinadora. As feições dessa obra, de estrutura clássica-parnasiana, não resumia a produção poética de seu autor, naquele momento. Como foi anunciado pelo mesmo crítico de Homens & Obras, em 1941, em parceria com Laudionor Brasil, Camillo de Jesus Lima publicara o *As trevas da noite estão passando*, um livro composto por versos modernistas e de teor social. Em resenha crítica a esta antologia, o crítico comenta:

> Quem não sente no canto dos poetas uma alta expressão do sentimento geral de revolta contra os terrores panorâmicos do nosso século, em que a guerra absorve todas as atividades, justifica todas as misérias […]. Toda a canção desesperada dos poetas, que se não quiseram separados, senão unidos, para maior eco vibrador de seus cânticos, está cheia de sofrimento coletivo, de angústia da espécie abandonada nos desertos, de lampejo de raiva sagrada contra os maus, contra os vis, contra os algozes, contra todos os semeadores da inquietação satânica do ódio. (CHIACCHIO,1941, s/p).

Outros pares teceram críticas à obra camilliana, buscando entender a produção do autor no momento em que ela surge, as relações dialógicas que os textos apresentam em conformidade com o abrangente campo de leitura daquele que os produz. José Leite, então jornalista da *Cooperação* (Itabuna/BA) e dos jornais *A Tarde* (Salvador/BA) e *Sudoeste* (Jequié/BA), é um dos que dá esse tratamento à leitura que fez do *Poemas*. Ele publica uma crítica no jornal *Sudoeste*, em 17 de dezembro de 1944, aplicando algumas analogias entre os escritos do poeta sertanejo e de outros escritores. Esse método comparativo e intertextual revela semelhanças ou diferenças entre autores e obras, o que não significa um consenso na opinião dos leitores, é claro, mas apresenta uma visão que medeia a relação entre leitor e obra/autor, conforme as circunstâncias da produção e da recepção. Leite compara a poesia camilliana a de Raimundo Correia e a de Augusto dos Anjos, destacando que:

> Camillo de Jesus, com a saúde de seu otimismo, faz a vida mais doce, chega mesmo a convencer de que a felicidade consiste em a gente pensar que é feliz. Raimundo Correia desilude, Camillo de Jesus, consola: “toda ventura mora em ti somente”. (LEITE, 1944, s/p).

Já no caso do poeta “pré-modernista”, o crítico elege um elemento presente tanto nos versos camillianos como nos augustianos, para tentar convencer o seu leitor da existência de um diálogo entre os autores, mesmo que seja através da negação um do outro. Seria esse elemento de ligação, entre Augusto dos Anjos e Camillo de Jesus Lima, nos versos de *Poemas,* a árvore. No primeiro, “pouco importa que ele faça da árvore um símbolo para se vingar da mulher que o traiu: ' As árvores, meu filho, não têm alma ' [...]”; já a visão que absorve da poesia camilliana é a de que há, no uso do elemento árvore, um sentimento de proteção: “deseja ser árvore para dar sombra aos que não têm sombra.”(LEITE, 1944, s/p). Esta parece-nos uma leitura crítica em que se leva em conta aspectos da estética e da semântica literária.

José Leite continua sua análise, tentando aproximar o campo subjetivo da objetividade que aflora na poética camilliana, evocando outro elemento da escrita que o autor deu ênfase: a imagem das mãos. *S*egundo análise desse crítico, os

versos “[…] 'As minhas mãos já agasalharam nas suas conchas / as mãos doridas e roxas de frio dos peregrinos / As minhas mãos já afagaram / fontes de crianças pobres e faces de órfãos' [...]”, lembram os cantos de amor de Alta de Souza e de Hermes Fontes, “na tessitura deliciosa das emoções que as mãos lhes despertam.” E sobre o livro “Poemas”, destaca:

> Em quase todos os poemas elas aparecem quentes, carinhosas, em súplicas, estorcendo-se em angustias, finas, trêmulas, agitadas, emoções em gestos, dor em linhas crispadas, saudades em dedos acenando, paixão na violência de músculos que se dilaceram, amor na carícia das mãos entorpecendo o corpo desejado, na carícia dos sentidos que querem carícia. O grande poeta de Conquista é grande de verdade. É poeta mesmo. (LEITE, 1944, s/p).

Em 8 de setembro de 1955, dia em que o poeta completara 43 anos, este mesmo jornalista, em agradável coincidência, publicou, no *A tarde,* uma critica de rodapé intitulada “O poeta de Cantigas da Tarde Nevoenta”, iniciando sua exposição com a seguinte declaração: “Minam de suas páginas lágrimas e suor, gritam almas aflitas e bocas convulsas. Gargalham criaturas no histerismo das frustrações e dos desenganos. Um livro com sabor de tragédia de tanto amargo e de tão pungente.” (LEITE, 1955, s/p). Tomando conhecimento da obra, reconhecemos que, praticamente todo o livro é um conflito intenso de revolta, marcada pela vida daqueles com os quais o poeta se identificou, solidarizou, defendeu. Leite atribui o caráter, às vezes trágico, outras, de desenganos, à condição pessoal do autor, da sua infância sofrida aos duros dias da maturidade:

> Camillo de Jesus Lima é um homem a quem o sofrimento espremeu, da meninice até hoje… A sua sobrevivência é um milagre da obstinação do seu caráter construído a cutiladas de dor e privações. Esse Camillo que hoje anda aí de brilho seco no olhar e cor pálida no semblante plissado é um pedaço humano de uma existência em que a angústia cansou de bater. Incapaz de aniquilá-lo para não ser aniquilada, abandonou-o. (LEITE, 1955, s/p).

Os versos do *Cantigas da tarde nevoenta* soaram, naquele momento, como uma onda revolta e, até hoje, vibram. Nevoentas estavam as vidas de todos que desejaram romper com os paradigmas sociais em que a classe proletária e os homens humildes viviam, à sombra do poder burguês. Não à toa, o poeta esperou

por dez anos que aceitassem a edição dessa antologia, originada da experiência de vida e luta. “As raízes dos seus versos vêm e tem de vir da terra molhada de suor, da argila e da pedra onde se bateu e se dilacerou a sua vida.” (LEITE, 1955, s/p).

Essa análise destaca, também, que mesmo em meio à poesia de cunho social, o poeta lírico não se perde, pelo contrário, a vocação de poeta revolucionário se inscreve no lírico que se move de humanidade:

> Em Cantigas da Tarde Nevoenta o que desborda é o lírico exuberante, esbanjador e pródigo em toda a fascinação da sua força e da sua beleza. Voz que o poeta não alcança emudecer. Vem a furo torrencial e impetuosa, rompendo a vontade do poeta na espontaneidade inata que se disfarça, mas não estanca. Até no tumulto das suas revoluções psicológicas, sociais ou politicas o lirismo circula quente e vivo, nas veias da maioria de seus poemas. (LEITE, 1955, s/p).

Dos periódicos nos quais a crítica de rodapé circulava, o jornal *A Tarde* destacou-se por abrir espaços a colaboradores, que se empenharam na efetiva demonstração e interesse em ver a literatura baiana como parte do panorama nacional. É justo considerar a relevância do papel que os críticos de rodapé tiveram ao assumirem seções, colunas ou páginas de crítica nos periódicos da Bahia.

O crítico Álvaro Meira, colaborador do jornal *A tarde* e de outros periódicos baianos, em 28 de setembro de 1945, apresentou uma resenha crítica à obra de Camillo de Jesus Lima. Reafirma o que já diziam outros leitores sobre a poesia desse autor – e acrescenta, pontualmente, a relação entre a objetividade e a subjetividade: “seus versos, versados numa linguagem simples, falam diretamente à sensibilidade, e se não sacrificam a objetividade a emoção, cumprindo, destarte, a sua finalidade, não deixam, por isso, de ser espontâneos e belos.” (A. MEIRA, 1945, s/p). A leitura de Álvaro Meira aborda questões de ordem estética em uma perspectiva que aponta para uma possibilidade de análise do belo na esfera objetiva, ou melhor, de como a realidade objetiva se apresenta na esfera literária, contribuindo com a desmitificação do conceito de beleza. Ainda sobre a objetividade que marca a obra camilliana, eivada da sensibilidade artística e humana, este crítico faz uma exposição analítica do poema “O papa tem fundas rugas”:

> Essa poesia é um protesto corajoso do poeta, contra aqueles que, podendo, não obstaram a tempo o desencadear da fúria fascista antes que ela submergisse o mundo em “sangue, suor e lágrimas...” Essa poesia acusa a complacência, senão a aquiescência dos grandes ante os primeiros crimes do fascismo. […] E assim é a musa de Camillo de Jesus Lima: ativa, combatente, a serviço dos grandes problemas universais. Do seu canto de Conquista, ele não se limita a cantar as belezas locais, mas olha de frente para o mundo largo e tumultuário que se desenrola para além de seu horizonte visual. (A. MEIRA, 1945, s/p).

Não só a poesia representa essa face social da escrita camilliana. Como já era do conhecimento de muitos dos pares, Camillo de Jesus Lima começava, naquele momento, a se enveredar pelo mundo do romance, enfatizando, também nesse novo gênero, a realidade de seu tempo, as pressões políticas e a exploração que sofriam os trabalhadores em terras de latifundiários. Um livro aguardado, desde aquele momento até hoje, pois que, infelizmente, não veio a lume. Referimo-nos ao romance inédito *Tristes Memórias do professor Mamede Campelo*. Na expectativa da edição que não veio, mais uma vez Álvaro Meira (1954, s/p.) escreve sobre Camillo:

> Como poeta o nome do autor há muito já transcendeu as fronteiras do nosso Estado para projetar-se vitoriosamente através do Brasil, dispensando por isso maiores comentários. Como romancista que Camillo de Jesus Lima é, por enquanto, desconhecido. […] Livro amargo esse de Camillo de Jesus Lima, livro triste, cuja leitura nos deixa impregnado na alma um gosto de cinza.

A conjuntura política brasileira na década de 1950 poderia ter sido contributiva de maior avanço nas artes e na literatura, considerando que, no movimento dialético das contradições, os homens ocupam novos espaços a partir de revisões históricas. Este momento, posterior à tentativa de revolução comunista no Brasil e anterior à Ditadura Militar de 1964, seria propulsor de mudanças, de transformações. Porém, o romance *Tristes Memórias do Professor Mamede Campelo* não galgou o lugar de “romance histórico” – como desejou o seu autor –, ficou de mãos em mãos, de editora em editora, caindo no esquecimento.

Outro crítico de rodapé dividiu a obra camilliana em duas fases: a poesia primeira e a poesia segunda de Camillo de Jesus Lima. O autor dos ensaios críticos, uma vez que desenvolve em dois textos os seus argumentos, é o escritor e

professor, hoje aposentado da UFBA, João Eurico Matta[32], com quem estivemos em 2012, em evento promovido pela Academia de Letras da Bahia, em uma homenagem ao centenário de Camillo de Jesus Lima, momento em que revelou, publicamente, sua amizade com o poeta. Mostra-nos, então, os originais do livro *Cancioneiro de Vira-mundo,* que Camillo deixara com ele para que fizesse uma apreciação crítica, antes de uma possível edição, o que não aconteceu.

O texto em que disserta sobre "A poesia primeira de Camillo de Jesus Lima" está em uma edição do jornal *A tarde*, do dia 19 de abril de 1956 e o em que fala sobre "a poesia segunda", em 2 de junho do mesmo ano e jornal. O jovem crítico de então considerou como poesia primeira as da adolescência e como poesia segunda as da maturidade do autor, compondo a primeira fase os livros *Poemas* (1944), *Novos Poemas* (1945) e *Viola Quebrada* (1945), deixando à parte o livro *As trevas da noite estão passando* (1941), que foi uma produção em parceria e mereceria, segundo ele, uma análise à parte. Os livros classificados como da segunda fase estavam: o *Cantigas da tarde nevoenta* (1955) e o *Cancioneiro de vira-mundo* (inédito). Os demais livros, publicados posteriormente, ainda não eram do conhecimento do crítico, que diz:

> Corre nas artérias da copiosa poesia de Camillo de Jesus Lima um sangue de duas cores diversas, duas feições, dois aspectos. Há, mesmo, um abismo entre as duas formas, a do sonetista de antanho e a do modernista de hoje. Um corte radical dissocia as duas fases, do ponto de vista formal. (MATTA, 1956a, s/p).

Para Matta, o Camillo da primeira fase ainda não havia se libertado das correntes literárias parnasianas, demonstradas no bilaquiano domínio da forma. "Não são raros os sonetos magnificamente burilados", comenta o crítico, citando poemas e analisando-os: "Escreve poesia, esse moço, dotado de um senso vivaz da tragicidade da vida contemporânea, consciência das 'máximas abominações e depressões', e das amarguras vitais que ele sofreu e que o tornaram materialista e jacobino." (MATTA,1956a, s/p).

---

32 João Eurico Matta é membro da Academia de Letras da Bahia, ocupando a cadeira 16, autor de vários livros, ensaios e prefácios, a exemplo de *Filosofia e Divórcio (*1953); *Os intelectuais soviéticos e a luta ideológica em Física* (1958); *Revisitando o Homo Ludens* (1998); entre outros. (ALB, 2007)..

Mas a constatação da leitura crítica de Matta é de que esse processo de transformação se deu processualmente, do *Poemas* aos *Novos poemas*, e deste ao *Viola Quebrada*. A partir destes, até o *Cantigas da tarde nevoenta*, o processo foi cadenciado passo a passo. O "jacobinismo" do poeta moço não se firma de imediato, debatendo-se com o lirismo amoroso, sensual e revolto. Além disso, toda a sua relação com o sertão, segundo afirma o crítico, pretere a chegada do social.

> Do sentir a alma do sertão ao render-se àquele sentido social que o persegue, o poeta dá um pequeno passo. Entre o poema "A lição das árvores" e o "Clamor", não há mais que sessenta páginas. Diz o poeta: 'As minhas mãos já afagaram frontes de crianças pobres e faces de órfãos… mas minhas mãos anseiam ainda por quebrar os grilhões de todos os cativos'. O intimista romântico, o lírico juvenil se faz poeta cosmopolita. (MATTA,1956a, s/p).

Embora Matta considere que o processo de construção poética de Camillo tenha acontecido em duas fases distintas, ele mesmo destaca que, na penúltima página do *Novos poemas*, o poeta já anunciava a sua nova fase, como um "brado de insurreição", referindo-se a este poema:

> Poeta novo, da raça nova, da raça que sofre, da raça que chora.
> Tira os teus olhos extasiados
> Do céu que de estrelas doiradas enflora;
> Das flores que nascem; Dos rios que descem chorando
> Deixa, por um momento, a mulher que inspira o amor que te encanta e magoa
> Poeta novo, da raça nova, põe teus olhos no sofrimento universal.
> (LIMA, *Poeta novo*, 1945).

Ao se dedicar à análise da poesia segunda de Camillo de Jesus Lima, Matta (1956b) o faz de forma acadêmica, trazendo as influências que sofreu o escritor, sua construção poética, a essência que move a poesia camilliana, como também apresenta as fragilidades encontradas no novo modelo que Camillo criou para a sua poesia.

No que se refere ao "precipício" existente entre as duas fases da poesia de Camillo, o crítico busca uma justificativa do próprio autor que dissera ter imprimido "*animus*" na transformação visível entre a poesia primeira e a segunda, "ante os imperativos prementes da atualidade literária no mundo". Essa "atualidade" que o poeta viu como necessária, refletindo a sua consciência política, no que diz respeito

à transformação da arte, conforme as transformações dos homens em suas realidades, o crítico a compreende como uma imposição do movimento que promoveu a Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. Isto pelo fato de este movimento ter impulsionado mudanças literárias àqueles que já não viam sentido no parnasianismo e desejavam romper com as velhas formas.

Para melhor compreensão do que poderia ter significado esse movimento literário na obra de Camillo de Jesus Lima, não tivesse ele mesmo buscado entender as transformações por que passou o modernismo, João Eurico Matta reedita, em seu ensaio, quão desastrosas foram as consequências do mesmo para a literatura brasileira, pois, "o sentido cultural desse movimento pequeno-burguês, bem o sabemos, desvirtuou-se, confundiu-se, desorientou-se, e mesmo, degradou". E, politicamente, traça em seu texto, as causas de tudo isso:

> Mais cedo do que se pensava, um cunho mercenário, utilitário, personalista, qualquer coisa semelhante a um comércio ou 'negócio' intelectual apoderou-se daqueles representantes e usufrutuários do movimento modernista, fê-los abandonarem covardemente a esquerda ofensiva e os converteu à tibieza de um direitismo em todos os setores. Aburguesaram-se, por assim dizer. (MATTA, 1956b, s/p).

Nesse segundo ensaio, o crítico de rodapé, com toda a clareza, própria aos que leem com o sentimento da razão, avalia a obra *Cantigas da tarde nevoenta* (1955) e a *Cancioneiro de Vira-mundo* (inédito), considerando que ambas tiveram origem no primeiro livro de Camillo, o *As trevas da noite estão passando* (1941), lançado em pleno período da Segunda Guerra Mundial, constituído, majoritariamente, por poemas antinazistas, antibelicistas. Para ele, foi ali que começou a transição do autor. Afirma, então:

> Mas não o considero, e a isso quero chegar, um usufrutuário do espírito decadente de 22; isentou-se habilmente dos males desse movimento e manteve-se lídimo representante, raro talvez, do que Mario de Andrade chamaria de modernismo consciente, autêntico, limpo, semeado daquela "dor mais viril da vida". Porque Camillo torna-se fundamentalmente um poeta de esquerda e rebela-se contra a si próprio, isto é, contra a sua Poesia Primeira. (MATTA, 1956b, s/p).

Para exemplificar a clareza da exposição elaborada por João Eurico Matta, a própria poesia toma corpo. O fragmento que segue serve, empiricamente, à matéria em análise quando, no diálogo/monólogo de um Eu lírico com um Outro que, na verdade, é ele mesmo, ou a sua negação, como resultado do processo histórico por que passou:

> Tu contornas teus versos de mármore com cinzel delicado,
> Como se fizesses colunas para salões fidalgos.
> Tu facetas teus versos de ouro com o buril,
> Como se eles fossem um mimo de Celine para as mãos das princesas.
> Os meus versos, eu os atiro a esmo, nas faces dos maus.
> São blocos de pedra que eu tiro da alma, com marteladas fortes
> Para construir, com a argamassa do sangue e de lágrimas,
> O grande monumento, disforme e rude, ao sofrimento universal.
> (LIMA, *A um parnasiano*, 1955)

Mas isso não quer dizer que tenha, de todo, se afastado do lírico, pois, assim como, no que Matta chamou de “poesia primeira” já surgia o social, no que chamou de “poesia segunda” ainda morava o lírico, permanecendo nas composições posteriores, confirmando, na prática literária, a condição dialética da escrita como o é na vida.

A análise desse crítico não camuflou as fragilidades encontradas no novo/velho poeta. Diz que, mesmo predominantemente social, o poeta ainda se perdia “em lirismo por vezes truístico, artificioso e tolo […] Todavia, há o bom lirismo, tocante e original, corajoso e comovedor.” (MATTA, 1956b). E, como dito acima, a permanência de alguns aspectos vão se adequando aos novos elementos, tanto na forma como no conteúdo: “reaparece, esparso, renovado, o sertanismo, o panteísmo medular do poeta e um gostoso localismo em Bahia” (1956b). E, mais uma vez, reavalia:

> É este, pois, o grande poeta que marcha com as multidões, sente o povo na sua simplicidade, vibra com as emoções vulgares e as torna poéticas, na sua própria grosseira realidade. Por isso elejo-o, sem receio, como o fiz com Carvalho Filho, um poeta nacional. (MATTA, 1956b, s/p).

Foi exatamente em uma análise comparativa destes dois poetas baianos,

Carvalho Filho e Camillo de Jesus Lima, que Moniz Bandeira[33](1954), escritor indicado ao Prêmio Nobel de Literatura pela União Brasileira de Escritores (UBE) em 2015, trouxe sua contribuição crítica à obra camiliana. Revela, por meio de uma crônica, publicada no *Correio da Manhã*/ RJ, características, consideradas por ele, como vanguardistas de uma poesia "enferrujada, onde as aranhas fazem teia". Bandeira traça, portanto, algumas diferenças entre os poetas:

> Enquanto Camillo de Jesus Lima procura fazer uma poesia de caráter social, uma poesia de luta, a poemática de Carvalho Filho apresenta um sentido diferente, mais filosófico, onde se acentua o anseio pela vida e predomina um forte colorido sensual. [ ] E ao tempo em que Camillo de Jesus Lima pensa que não se pode separar a arte ou a poesia da política nos dias de perturbações sociais em que vivemos, Carvalho Filho vê a literatura como revelação ontológica do homem. (BANDEIRA, 1954, s/p).

Diferentes e de igual importância os dois escritores baianos. Segundo demonstra o cronista, havia, naquele momento, uma necessidade urgente de recuperar a poesia voltada para o homem e sua realidade. Há nesse texto um sentimento explícito de melancolia e um desejo de resgate, não do tempo, que não para, não volta, mas busca o reconhecimento social de muitos escritores, na construção da história literária, a contribuição que deram à sociedade, engrandecendo tanto o passado como o presente, afinal, a história literária se faz nesse processo de reavaliação, transformação, reconstrução.

Este crítico de rodapé volta a falar sobre "A poesia de Camillo de Jesus Lima" no jornal *A Tarde* de 7 de julho de 1955, colocando em pauta apreciação da antologia *Cantigas da tarde nevoenta*, e, conforme afirma, este é um livro considerado de transição:

> O poeta se envereda pelos caminhos da luta, explorando na questão social elementos dramáticos do sofrimento e da amargura. E põe-se,

33 Luiz Alberto de Vianna Moniz Bandeira é doutor em Ciência Política, professor titular (aposentado) de História da Política Exterior do Brasil na Universidade de Brasília. Atualmente radicado na cidade alemã de Heidelberg, onde é cônsul honorário do Brasil. É autor de várias obras sobre as relações dos EUA com o Brasil e os demais países da América Latina, entre as quais *O Governo João Goulart: as lutas sociais no Brasil – 1961-1964* e *De Marti a Fidel: a revolução cubana e a América Latina* (BANDEIRA, 2002).

> é claro, do ponto de vista de uma classe. O que, todavia, não nega, absolutamente, as verdades de suas palavras. Ao contrário, confirma-se, pelo seu amplo conteúdo humano. (BANDEIRA, 1955, s/p).

Colocando-se contrário à condição de submissão da arte e da literatura a uma ordem política, qualquer que seja, Bandeira defende que, o sentido revolucionário de uma obra é a sua independência, posição com a qual compartilhamos. Mas também concorda que a literatura não pode se afastar das lutas sociais e políticas: “Podemos divergir em muitos pontos, de sua orientação política ou literária. Haveremos de reconhecer, entretanto, em Camillo de Jesus Lima o vigor de seu estro, principalmente nos versos de caráter social e humano.” E reafirma sua convicção de que não existe arte “pura”, mas

> uma arte que reflita as contradições de sua época, que não fuja à realidade, a fim de que venha sobre ela influir, e que, pela sua independência, se torne tendenciosa, isto é, mostre aos homens o rumo da civilização. (BANDEIRA, 1955, s/p).

A última avaliação, aqui examinada, à produção de Camillo de Jesus Lima, vem da escritora Jacinta Passos[34], que nas décadas de 1940 e 1950 teve participação ativa em *O Momento*, escrevendo sobre assuntos polêmicos e pelos quais lutava: política, transformação social e sobre a posição da mulher na sociedade.

Em crítica de rodapé, publicada no jornal *O Momento*, em 16 de dezembro de 1955, Passos faz observações bem pontuais, de parte a parte do livro, questionando a escrita camilliana em muitos aspectos com os quais ela não concordava, no tocante à estética e ao conteúdo. Muitas das indagações feitas por essa escritora se referem ao caráter social da produção de Camillo de Jesus Lima. Ela pontua o fato de a antologia camilliana não ser uniforme, variando na forma e na abordagem temática. Segundo o olhar crítico de Passos, alguns poemas do Cantigas refletem

---

34 Jacinta Passos nasceu em Cruz das Almas, na região do recôncavo da Bahia, em 1914. Desde o final de 1920 escrevia poemas. Em 1930 participou de grupos literários em Salvador, como a Ala das Letras e das Artes (ALA). É autora dos livros *Momentos de poesia* (1941), *Canção da partida* (1945), *Poemas políticos* (1951) e *A Coluna* (1958). Colaborou também com jornais e revistas do Rio de Janeiro e de São Paulo. Militante do Partido Comunista Brasileiro de 1945 até a morte, em 1973.(http://jacintapassos.com.br. Acesso em 27/04/2016).

uma “desordem interior, choque de pensamentos e sentimentos que o poeta não consegue exprimir numa forma definida, clara”, o que compreendemos ser consequência de um estado objetivo da existência humana, em cada tempo, e, no caso de Camillo, refletia o momento conturbado em que o país estava mergulhado, após a Grande Guerra, e os sentimentos que isso nele provocou.

Passos destaca alguns poemas, cujos temas e estética estão reveladas a sensibilidade e a atitude do poeta, como em “As Vinhas da Ira”, “Entrevista com Garcia Lorca”, “Cantigas de acalanto para meu filho” e “A canção da guerrilheira”. Em sua opinião, os primeiros poemas do livro não estão entre os melhores do autor, afirmando que alguns conservam motivos acadêmicos, uma prática pequeno-burguesa, que quase todos os poetas seguiam.

Conforme dito anteriormente, este é um livro considerado, do ponto de vista estético literário, de transição, do parnasianismo ao modernismo, mesclando características subjetivas às objetivas, não tendo seu autor determinado em qual momento isso se deu (como se fosse possível). A avaliadora demonstra compreender que, no processo de feitura e composição do conjunto de poemas dessa antologia, a materialização da realidade (aos modos camillianos) fica mais clara no final do livro.

> O poeta abandona os motivos acadêmicos e descobre motivos, aqui e agora, onde antes não os via. [...] Os motivos ditos eternos, como o amor e a natureza, e os motivos universais aparecem então situados no tempo e no lugar. (PASSOS, 1955, s/p).

Diante disso, a crítica revela seu encantamento ao ler a imagem do soldado morto, cujos braços abraçavam a linha fria da fronteira, imagem esta que considerou “escondida num poema longo demais”. Ainda adverte sobre o sentimento de piedade, encontrado em alguns poemas. Questiona: “Diante da injustiça, a piedade não é como uma bofetada com luva de pelica dada na face do povo?” (PASSOS, 1955, s/p).

Esta reflexão que Jacinta Passos leva ao público leitor do Jornal *O Momento* e ao próprio escritor, ao mesmo tempo em que cobra posicionamentos mais claros por parte do autor de *Cantigas da tarde nevoenta*, não deixou de ser também um

voto de confiança, pois é notório, na obra deste poeta, que faz versos a contrapelo, o compromisso social com os oprimidos. Sua postura, politicamente coerente, expressa o desejo de uma humanidade mais justa, do ponto de vista da classe proletária.

A crítica de rodapé apresentada neste estudo sobre o escritor Camillo de Jesus Lima traz à cena o perfil de um homem situado em um tempo histórico, vivendo as contradições e as transformações ocorridas entre as décadas de 30 a 50 do século XX, refletidas, substancialmente, em sua obra, conforme as perceberam seus pares. Seja no "alto poder plástico das cousas e dos seres que lhe cercam", ou na "originalidade, por mercê dessa mesma força de concepção e fartura, que lhe garante uma situação de independência criadora", como percebeu Chiacchio (1939); seja no "homem a quem o sofrimento espremeu, da meninice até hoje […], um milagre da obstinação do seu caráter construído a cutiladas de dor e privações" ou na "voz que o poeta não alcança emudecer", como o sentiu José Leite (1955); um homem que "não se limita a cantar as belezas locais, mas olha de frente para o mundo largo e tumultuário que se desenrola para além de seu horizonte visual", como afirmou Álvaro Meira (1945); "do sentir a alma do sertão ao render-se àquele sentido social que o persegue" Camilllo de Jesus Lima "torna-se fundamentalmente um poeta de esquerda e rebela-se contra a si próprio" para se encontrar com "o grande poeta que marcha com as multidões, sente o povo na sua simplicidade, vibra com as emoções vulgares e as tornam poéticas, na sua própria grosseira realidade", como revelou João Eurico Matta (1955); um poeta que "se envereda pelos caminhos da luta, explorando, na questão social, elementos dramáticos do sofrimento e da amargura. E põe-se, é claro, do ponto de vista de uma classe", confirma Moniz Bandeira (1955); e, portanto, toma "os motivos ditos eternos, como o amor e a natureza, e os motivos universais", para então situá-los "no tempo e no lugar", como afirmou Jacinta Passos (1955) ao ler as *Cantigas da tarde nevoenta*.

Após essa tessitura crítica – ressalvadas as diferenças, próprias às perspectivas assumidas por cada olhar, que vêm enriquecer a análise sobre o escritor Camillo de Jesus Lima, em diferentes fases de sua produção literária – retomamos uma afirmação de Lukács no "Prefácio de 1965", do livro "Marxismo e teoria da literatura", ao comentar análise que fez à obra de Thomas Mann e de

outros autores em sua *Estética*, e que serve também como conclusão à proposição deste texto, tanto no concernente ao escritor como aos críticos, tanto à obra literária como à sua recepção crítica. Ele diz que: “toda obra de arte autêntica obedece e amplia, ao mesmo tempo, as leis de seu próprio gênero. E a ampliação ocorre sempre no sentido de satisfazer as exigências do momento.” (LUKÁCS, 2010, p.16).

Ressaltamos mais uma vez que o trabalho realizado pelos críticos eleitos nesta análise é apenas uma parte do que fora escrito sobre a obra de Camillo de Jesus Lima em vida, portanto, entendemos que existem outras possibilidades, outros tantos olhares que, certamente, ampliarão o conhecimento sobre esse escritor e sua importância no panorama da literatura brasileira.

3 "SOMOS PARTE DESTE SÉCULO. ELE É PARTE DE NÓS" (DA HISTÓRIA À MEMÓRIA, DA MEMÓRIA À HISTÓRIA)

O estudo da memória social é um dos meios fundamentais de abordar os problemas do tempo e da história, relativamente aos quais a memória está ora em retraimento, ora em transbordamento.

Jacques Le Goff, *História e Memória*,1990, p. 427.

Camillo de Jesus Lima, ao arquivar as suas memórias, mostrou-se preocupado em guardar a história. E o fez das mais variadas formas: em verso e prosa, em cartas e críticas, como escritor e como crítico, enfim, como um intelectual atuante de seu tempo. E, conforme anuncia Eric Hobsbawm (1995, p.13), na frase que tomamos como título a esta seção, se o tempo é parte de nós, ao falar de si mesmo, Camillo não tinha como fugir do tempo que o acolheu, o século XX. A história desse século é também a sua história. Um tempo de grandes convulsões que se tornou inesquecível, marcado por guerras, profundas transformações sociais e políticas. Se entendemos que o homem histórico é um ser situado, não podemos desmembrar a sua vivência pessoal do contexto coletivo e social.

O que os documentos do arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima nos apresenta não está nos anais da história oficial, geralmente reconhecida a partir da perspectiva de um poder hegemônico, do qual este escritor não fez parte, pelo contrário, sua vida se balizou na luta contra o poder econômico burguês, que marginalizava e explorava as classes a ele subalternas. Portanto, a história que serve de testemunho a esta tese pertence ao rol das que estão nas bases, nas periferias dessa história (dita oficial), e revela uma autobiografia de resistência.

O exemplo do historiador E. Hobsbawm é bastante elucidativo, ao justificar o seu percurso pelo "breve século XX" em *A era dos extremos* (1995), como também no livro *Tempos Interessantes, uma vida no século XX* (2002). Coloca-se não apenas como um historiador, mas fala de um tempo em que ele foi um dos atores sociais da história:

> Para qualquer pessoa de minha idade que tenha vivido todo o Breve Século XX ou a maior parte dele, isso é também, inevitavelmente,

> uma empresa autobiográfica. Trata-se de comentar, ampliar (e corrigir) nossas próprias memórias. E falamos como homens e mulheres de determinado tempo e lugar, envolvidos de diversas maneiras em sua história como atores de seus dramas — por mais insignificantes que sejam nossos papéis —, como observadores de nossa época e, igualmente, como pessoas cujas opiniões sobre o século foram formadas pelo que viemos a considerar acontecimentos cruciais. (1995, p.13).

Ao conhecer o arquivo pessoal do escritor baiano Camillo de Jesus Lima, vemos que ele é um desses homens de que fala Hobsbawm. Há, nos registros, a autobiografia de um escritor que descreve sua participação em um tempo e lugar, sujeito ativo em uma sociedade com a qual contribuiu e foi influído por ela. Tais revelações do arquivo são determinantes, pois os fatos não são vistos apenas como coisas em si, mas como elementos necessários à transformação.

As memórias do homem Camillo de Jesus Lima alimentaram a história no seu arquivo pessoal, e não se restringem às lembranças de suas experiências pessoais e individuais. No mesmo movimento, a história, da qual participou o escritor das *Cantigas da tarde nevoenta,* também alimenta memórias do presente, pois estas se mantêm vivas enquanto o grupo, de alguma forma, também permanecer, mesmo que não se tenha dele a presença física, mas mediado pela recordação.

Enquanto a recordação vem reforçar o vínculo social dos membros de um determinado grupo, a falta desse exercício promove uma ruptura entre o presente e o que se tem como referência no passado, ou dizendo de outra forma, provoca-se o esquecimento. Há caminhos para avivar lembranças que estão escondidas pelas névoas do tempo. Às vezes é necessário uma provocação, alguma afecção do presente para que elas se desprendam do passado. Um reencontro com amigos, uma cena do presente que lhe remete ao acontecido, um cheiro, uma música, um quadro.

Em visita a alguns contemporâneos de Camillo de Jesus Lima, provocamos esse exercício, fazendo, talvez, o papel do sinete na cera, conforme metáfora aristotélica. O último deles foi Elomar Figueira Mello.[35] Embora de geração posterior

---

35 Elomar Figueira Mello nasceu em 21 de dezembro de 1937, na Fazenda Boa Vista, região de Vitória da Conquista. É formado em arquitetura, escritor e músico. Autor da ópera *O Auto da Catingueira* (1969) entre tantas outras peças musicais e do recente livro *A Era dos grandes equívocos* (2016). Com Camillo de Jesus Lima compôs a sua primeira canção com letra, uma rumba.

à de Camillo, o nosso entrevistado vasculha suas memórias e traz imagens surpreendentes de uma amizade construída por intermédio da literatura e da música, em momentos de deleite e de boemia. Mas, antes de descrever aquele a quem dedicou uma incelença, Mello evoca o sentido que o tempo provoca em suas memórias: “Tem tanto nevoeiro de tempo na frente que mal lembro de fagulhas. Vejo apenas réstias de luz dentro de uma penumbra escura”. Para ele a memória “é uma tábula pleroma onde se assentam as coisas, ela enfumaça e pega névoa, as lembranças ficam no nevoeiro”. E vai descortinando o tempo:

> Essas lembranças de Camillo vão muito *lejano, muy lejo*, muito distante. Tem uma grossa poeira de tempo aí, que mal a gente divisa vultos e silhuetas, silhueta *res, rerum*, muito longe […] Eu era muito novo quando conheci Camillo. Há, entre nós, uma diferença de idade. Eu tinha uns 14 ou 15 anos, e ele já ali pelos 35 ou mais. Ele era muito amigo de meu tio Valter, seresteiro, um tenor médio, que cantava muito bem. Este era da geração de Camillo, de Chagas fotógrafo, Iris Silveira, Dr. Hugo Lima, Euríclides Formiga, Erathósthenes Menezes, uma curriola que tinha aqui. Eu, novo ainda. Quando eu tive o primeiro contato com Camillo, nem um verso tinha feito. Fazia música, compunha já. Porém, eu já andava em seresta com eles. Quando fui estudar em Salvador, fazer o científico, que eu me despertei mais para o poeta Camillo, porque até então, para mim, a poesia era uma malha estranha, que eu não conhecia, uma coisa vaporosa ainda. A partir dos 18 anos, de ter mais relacionamento com a arte, com a música erudita, com a obra de Castro Alves, grande poeta brasileiro, com os europeus, os portugueses, os franceses, é que fui entendendo Camillo.[36]

A memória coletiva refere-se, portanto, à condição de partilha na convivência em grupos, e dos quais todos que deles participam têm uma lembrança comum, mesmo que de pontos de vista particulares, ou mais ainda, mesmo que se guarde apenas uma lembrança de alguma coisa ou fato de que se ouviu falar, conforme afirma Halbwachs (1990, p. 26): “Nossas lembranças permanecem coletivas e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de eventos nos quais só nós estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós.”

Na verdade, é o indivíduo que recorda, e não o grupo. No entanto, este

---

36 Depoimento oral de Elomar Figueira Mello, em 2 de janeiro de 2017, audiovisual, 3,95GB, 00:56:52 de duração. Entrevista concedida para esta pesquisa. [transcrição nossa, revisada pelo autor].

indivíduo já nasce pertencendo a um grupo familiar e, à medida que ganha maturidade, vai se agregando sempre a novos grupos que, por sua vez, estão inseridos em contextos específicos. Cada núcleo de que passa a ser membro, o sujeito leva novas lembranças, assim como ali deixa sua marca. Além de retratar um tempo e um espaço, as memórias confirmam a formação dos indivíduos e suas relações sociais. Comprova essa afirmativa a rememoração de Elomar Figueira Mello, sobre Camillo de Jesus Lima, ao descrever lugares, momentos específicos e tocar nos significados que tiveram em sua vida:

> Lá em Salvador, ele morava no Tororó e eu interno no 2 de Julho, naquele exílio terrível a céu aberto. Nos domingos, eu abria no mundo, ia pra casa dele, ficava o dia inteiro por lá. Quando eu saí da prisão do colégio americano, passei a morar em casa de pensão e continuei indo lá. Às vezes, eu pegava livros pra ler. Ele ficava ali lendo, escrevendo. Um dia, eu me lembro, nos meus 17 anos – Camillo tropeça nas palavras diretas, tinha uma leve gaguice – ele me falou: 'Ô, Elomar, vamos fazer uma rumba?' [fala imitando Camillo] Eu falei: Vamos. Ele escreveu a letra e eu levei pra casa de pensão, onde eu morava, na Tuiuti. Lembro que numa noite, eu estava tomando uma sopa e veio a melodia, a rumba. Quando eu cantei, ele encantou com a música. Essa foi a primeira canção minha com letra. Interessante que foi uma parceria. Eu mal lembro da melodia, [solfeja e canta o verso]: mesmo estando ausente, estás presente, na minha saudade.[37]

Talvez, como uma forma de agradecimento a essa primeira parceria, Elomar Figueira Mello (1983) escreve a “Incelença para um poeta morto”[38]. Em seu depoimento ele nos revela detalhes de como a canção foi construída, confessando, no final: “Ela é bonita porque partiu de dentro das camarinhas mais secretas, de dentro do coração. Por causa da saudade que eu senti e do vazio deixado por Camillo.”

Após esse e os demais testemunhos das memórias vivas que dialogaram com as memórias materializadas no arquivo do escritor Camillo de Jesus Lima, entendemos ser responsabilidade do presente delegar valor e existência ao passado. Importa o passado que pode ser reconstruído no presente. Um passado revisitado, que dialoga com o presente, sem se repetir.

As memórias de um sujeito situado no tempo e no espaço são memórias

---

37 Idem nota anterior.
38 Cf. ANEXO B, Doc. 2. pg. 202.

históricas, contextualizadas, portanto, sociais. Por isso esse estudo acerca-se da realidade objetiva que mobiliza a produção de memórias que, por sua vez, são indissociáveis e necessárias à história em seu contínuo.

Reafirmamos, com isso, que, na antítese lembrança *versus* esquecimento há uma necessidade de resistência, quando se trata de memórias sociais que se viram no total esquecimento, necessitando da permanente dialética entre presente e passado, numa tarefa intensa de evocação dos fenômenos sociais, de vivências passadas que, em contato com o presente, podem ser reestruturadas, como observa Pierre Nora (1993, p. 9), ao falar da memória:

> Ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

E é sob essa nova possibilidade de revitalizações, que a memória social se firma, na diferença, nas contradições, na relação dialética entre o vivido e o lembrado, sendo ressignificada. Nesse sentido, confirma-se o dizer de Eric Hobsbawm (1995, p 13), que tomamos como título para essa seção, ao afirmar a dialética entre os homens e o seu tempo histórico: “somos parte deste século, ele é parte de nós”.

3.1 MEMÓRIAS IMBRICADAS
(UMA PERSPECTIVA SOCIAL DAS MEMÓRIAS)

Os estudos sobre a memória remontam à Antiguidade, como podemos ver na filosofia platônica do “Fédon” e do “Sofista” (PLATÃO, 1979) ou no texto “Da memória e da revocação”, de Aristóteles (2012), por exemplo. Mas não é possível afirmar que tenha sido nesse período histórico que tais estudos tiveram início. No entanto, podemos dizer que a abordagem sob uma perspectiva social é preocupação recente.

Somente a partir do final do século XIX, inicio do século XX, estudiosos da memória, tais como Halbwachs, na sociologia, ou Bartlett, na psicologia, passaram a analisar os processos mnemônicos e sua relação com a realidade social, partindo

para reflexões teóricas em que o centro deixa de ser o indivíduo em si mesmo, observando o sujeito como agente social em permanente transformação, a partir das relações com o meio e com os grupos.

Jacques Le Goff, ao explorar a relação entre memória e história fala da dimensão que a memória social ganhou nos últimos tempos nas diversas áreas das ciências humanas e sociais. Segundo ele, “a memória coletiva sofreu grandes transformações com a constituição das ciências sociais e desempenha um papel importante na interdisciplinaridade que tende a instalar-se entre elas”. (LE GOFF, 1990, p.473).

A concepção de memória, seja sob uma perspectiva filosófica, psicanalítica, antropológica ou social, vai sempre revelar uma relação entre passado e presente. A origem da palavra, tanto do latim, *memoria*, como do grego, *mnemis,* traz como significado a “ação de lembrar”. E essa ação de lembrar traz consigo uma correspondência ou interdependência com a ação de esquecer. Este par antagônico vive em permanente circuito, já que a recordação é um retorno do campo do esquecimento.

Para Fentress e Wickham (1992, p 19) “recordar implica muitas vezes viajar para trás ao longo de um encadeado de memórias; se a cadeia se desfizer e todos os elos ficarem separados, deixaremos de todo de poder recordar.” Resta saber, então, de que forma este processo se torna possível. Estes autores destacam, em seus estudos sobre a *Memória Social*, dois aspectos da memória que podem garantir sua continuidade: a objetividade e a subjetividade. Para eles, acima de uma dicotomia, há uma interseção entre estas duas formas de apresentação ou constituição da memória. A experiência de recordar não distingue o que se pode classificar como fatos verdadeiros, que seria a memória objetiva, daqueles que estão no plano subjetivo ou interpretativo. Segundo os autores o que vai permitir a utilização da memória como fonte, por exemplo, é o fato de podermos articulá-la, ou seja, o seu aspecto social.

> Em si e por si, a memória é simplesmente subjetiva. Ao mesmo tempo, porém, a memória é estruturada pela linguagem, pelo ensino, pela observação, pelas ideias coletivamente assumidas e por experiências partilhadas com os outros. Também isto constrói uma memória social. Qualquer tentativa de usar a memória, de uma

> maneira sagaz, como fonte histórica, tem que se confrontar com o caráter subjetivo, embora social, da memória. (FENTRESS e WICKHAM, 1992, p.20).

O que se constata na opinião dos dois teóricos é que, dito de forma semelhante a Maurice Halbwachs, confirmam que a memória, mesmo a pessoal, é social, quando se toma como princípio as estruturas e as relações humanas. O homem é, inexoravelmente, um ser social, portanto, as suas memórias também o são, independente dele estar fisicamente só ou em grupo.

Le Goff afirma que, dos estudos que vêm sendo desenvolvidos na atualidade, tanto nas ciências sociais como nas humanas, grande parte traz, como referência inicial, os primeiros estudos de Maurice Halbwachs, sobre os quadros sociais da memória e sobre a memória coletiva. Este teórico sedimentou a tese da memória social sob três pilares: a filosofia, a sociologia e a psicologia. A convivência com dois mestres franceses – o filósofo Henri Bergson e o sociólogo Émile Durkheim – influenciou sua compreensão acerca do funcionamento da memória, amparando teoricamente suas reflexões e suas decisões. Refutou, em grande parte, as ideias do primeiro e se colocou como discípulo do segundo, dando continuidade ao pensamento durkheimiano, com proposições de nova roupagem. Assim como Durkheim (2007), seu seguidor acreditou que não é o indivíduo que determina a sociedade, mas a sociedade que condiciona o indivíduo. Também no campo da psicologia, Halbwachs contestou alguns princípios de Sigmund Freud, gerando, inclusive, certo descontentamento entre teóricos vinculados a essa ciência, como foi o caso do britânico Charles Bartlett, que considerou uma invasão de fronteiras, ao tratar de causas próprias da psicologia. Segundo destaca Santos (2003), este psicólogo está entre os que mais contribuíram, no início do século XX, com os estudos da memória em uma perspectiva social, que as bases teóricas desenvolvidas por ele definiam memória como uma construção coletiva, interativa, rejeitando a separação entre memória e sociedade.

A perspectiva teórica de Maurice Halbwachs tinha como método a análise do funcionamento da memória a partir dos grupos sociais. A influência do positivismo, bem como das correntes reformistas do socialismo da época, inspiraram-no em suas pesquisas, com proposições teóricas vinculadas ao realismo sociológico

durkheimiano. Dessa escola utilizou os princípios da “consciência coletiva” e desenvolveu o que denominou de “memória coletiva”, agregando a ela outros conceitos de expressão social.

Os estudos adotados pelo autor de *A Memória Coletiva* ofereciam, naquele momento, uma alternativa não só teórica, mas também política, embora se reconheça que o método desenvolvido por ele não extrapolou o reconhecimento das práticas de grupos, identificando-as, cientificamente, como “fatos sociais”, sem mencionar conflitos inerentes aos processos sociais, melhor dizendo, não dando ênfase ao aspecto histórico dialético dessas relações.

Conforme aponta Santos (2003, p, 21), Halbwachs centra sua ideia de memória nos “laços sociais existentes entre indivíduos, constituídos no presente.” Ele reafirma os preceitos durkheimianos, de que a presença da coletividade garante a preservação da memória. Tal afirmação está baseada em dois princípios básicos, propostos pelo seu mestre, o da “solidariedade” e da “coesão”. Para ele, é na cumplicidade solidária e na coesão do grupo que os traços mnemônicos preservam a memória coletiva.

Desde seu primeiro livro, *Les Cadres Sociaux de la Mémoire (1925)*, Maurice Halbwachs faz uma abordagem sobre a memória social, a partir de observações objetivas. Este livro foi considerado uma resposta às inquietações deixadas do seu convívio com Bergson, portanto, é uma forma de embate teórico entre filosofia e sociologia.

Da teoria bergsoniana, Halbwachs também acabou reconfigurando alguns conceitos em aplicações práticas sobre a ação de recordar, como é o caso da noção de tempo como “duração” qualitativa. Ele aproxima-se do conceito de tempo como duração e duração como memória, no seguinte sentido: o que eles valorizavam não era o tempo cronológico, quantitativo, mecanizado, mas sim, o tempo qualitativo, indivisível, denominado de tempo real. Esse tempo determinante da memória, especificamente de uma memória coletiva, conforme defendeu o sociólogo francês, possui vinculação com o momento presente, embora estejam as lembranças ligadas às determinações da consciência por quadros sociais que a antecedem. Segundo conceito halbwachiano as memórias resultam de representações coletivas, construídas no presente para manter a sociedade coesa, solidária, unida.

Já para Bergson (1999), a memória pertence ao passado e não ao presente. Este, para o filósofo, é um passado contraído, uma vez que o presente está sempre passando, enquanto que o passado não passa, fica armazenado na "memória virtual", acessível a quaisquer demandas dos indivíduos. A melhor forma que este autor encontrou para ilustrar a relação entre presente e passado, entre matéria e memória, ou ainda para explicar o tempo como duração, foi através da "metáfora do cone invertido". Essa imagem, segundo ele, representa o estado de contração ou de distensão das memórias, conforme a localização das mesmas nas várias camadas (lençóis) que compõem o passado geral e o salto que venham realizar em direção ao vértice. Como ilustrado por esse filósofo, quanto mais contraído o passado, mais próximo ele estaria da realidade, da materialidade, do presente, o que não justifica uma divisão de tempo, pelo contrário, na perspectiva bergsoniana o presente coexiste com o passado, ou melhor, o presente, nada mais seria do que um passado extremamente contraído. Toda memória passa a fazer parte desse passado geral, grande arquivo de memórias. (BERGSON, 1999).

No que diz respeito a esta conservação das memórias, Halbwachs também se posiciona contrariamente ao caráter depositário de "memória arquivada" de Bergson. Para este último, as memórias estariam arquivadas em um campo virtual, todas elas, e seriam requisitadas por um estado consciente, apenas no momento em que fossem úteis, necessárias. Mas, segundo pensamento halbwachiano, desta forma, as transformações por que as memórias passam, com as intervenções do vivido, de seu entorno, nas relações sociais e na atualização do passado no momento presente, seriam desconsideradas.

Halbwachs também negou a noção bergsoniana de "memória pura" ou memória enquanto "intuição humana", como fluxo ou estado puro da consciência, incapaz de ser explicada pela razão. Para ele, a memória, por ter em seu núcleo o social e contar com as interferências do coletivo no processo de compartilhamento, traz consigo um misto de lembranças que, embora processadas pelo indivíduo, são sempre acionadas pelas lembranças que permanecem nas comunidades ou grupos sociais. Enquanto os estudos de Bergson dão vasão à subjetividade, Halbwachs trabalhou com a objetividade, a realidade social.

Halbwachs toma como parâmetro uma base estrutural arquitetada a partir de

dois pilares: memória individual e memória coletiva. Ao lado da memória individual estariam a autobiográfica, a pessoal e a interior; no outro grupo, da memória coletiva, estariam a exterior, a social, a histórica. O teórico defende que a primeira coluna (individual, pessoal, interior, autobiográfica) se apoia na segunda (coletiva, social, exterior, histórica), afirmando que “toda história de nossa vida faz parte da história em geral” (HALBWACHS, 1990, p.55), com o que concordamos, mas, não de forma compartimentada em conjuntos, como se cada estágio da memória acontecesse independente do outro.

Por isso, antes de expor e analisar esses quadros sociais da memória é interessante levar em conta um ponto de vista sobre o processo de revocação, como também o processo de materialização das memórias e sua imbricação. Se consideramos o processo ativo das memórias, coletiva/individual, elas se apresentam não dissociadas da história, do contexto social em que se originam, assim como no contexto em que são evocadas. Quanto ao processo de materialização das memórias, consideramos sua forma passiva quando as mesmas estão presas em registros físicos, seja a escrita, a imagem, o documento, o monumento, etc. o que não significa dizer que estejam isentas de vulnerabilidades. Este estado objetivado das memórias também se constitui de imbricações do social/coletivo com o pessoal, do histórico com o individual e autobiográfico, etc.

Portanto, a persistência argumentativa de Maurice Halbwachs em defesa de que toda memória é coletiva, até mesmo a individual, acaba por desmoronar o fundamento de que elas sejam independentes uma da outra, confirmando a ideia das memórias imbricadas, que apontamos como condição representativa da totalidade das memórias.

Para compreendermos esse movimento contínuo entre as memórias não podemos considerá-las de forma segmentada, estanque, compartimentada. O processo das memórias imbricadas extrapola a condição de dependência entre umas e outras. Para definir as memórias imbricadas é preciso, portanto, compreendê-las dialeticamente, ou seja, em toda e qualquer necessidade de memórias, elas se relacionam mutuamente, atendendo às condições objetivas do presente em diálogo com o passado. E o que vai garantir esse diálogo, essa vontade de memória, é a compreensão histórica em cada tempo e lugar.

Portanto, entendemos revocação aqui como uma necessidade propositiva na compreensão do agora a partir de análises conscientes de experiências anteriores. Seja um processo pessoal ou coletivo, as memórias têm como cerne o condicionamento social, portanto, histórico, do homem em sociedade.

Segundo o autor de *Les cadres sociaux de la mémoire*, as lembranças pessoais não deixam de ter como referências "os quadros sociais" pelos quais passaram os indivíduos: a família, a igreja, a escola, as associações, a nação, pequenos e grandes grupos. Todos eles criam e reproduzem as condições necessárias para o convívio em sociedade. O que Halbwachs chamou de "marcos sociais da memória" são, portanto, princípios norteadores externos, condições objetivas, para a conduta individual do ato da recordação. As bases materiais de formação e permanência desses grupos se fundamentam a partir de interesses culturais, sociais e econômicos.

A memória é a ação de lembrar facultada ao indivíduo, e, segundo entendimento de Halbwachs, há duas maneiras de se organizar as lembranças: ora "em torno de uma pessoa definida, que as considere de seu ponto de vista, ora distribuir-se no interior de uma sociedade grande ou pequena, de que elas são outras tantas imagens parciais." (1990, p. 53). No concernente à memória coletiva, o autor descreve que, no processo de permanência da mesma, ao fazer parte de um grupo, o indivíduo ajuda na evocação de lembranças impessoais, conforme o interesse do grupo. Mas esta jamais se confundiria com a memória individual, pois

> A memória coletiva envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas lembranças individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal. (HALBWACHS, 1990, pp.53-54).

O fato de a memória se originar de um ponto de vista individual não a separa do coletivo, como ele mesmo afirma, e a parcialidade das memórias individuais, mesmo do ponto de vista coletivo, não desaparece dessa totalidade, pelo contrário, compõem as partes desse todo social, contribuindo, ora com a permanência ora com a transformação das sociedades.

O homem, ser imanentemente social, busca sempre por alternativas de

socialização, transformando a natureza e a si mesmo, conforme as condições materiais de cada tempo e lugar. Há momentos em que o indivíduo não distingue o pessoal do coletivo, o que comprova a imbricação das memórias, posto que é na coletividade que ele se forma e transforma a mesma sociedade. É compreensível, portanto, dizer que as memórias permanecem porque estão socialmente imbricadas, interdependentes umas das outras. E uma vez que as experiências pessoais e coletivas se relacionam em uma reconfiguração histórica, não há como separá-las ou distingui-las.

É inegável que as convenções sociais se organizam ao ponto de estruturarem as memórias coletivas para reconfigurarem as lembranças individuais quando estas chegam ao grupo. As convenções sociais são responsáveis, por exemplo, pela utilização que o individuo faz da língua e de ideias que nem sempre lhe são próprias, tomadas de empréstimo de um determinado grupo social, valendo-se das experiências coletivas. Do que cada indivíduo se lembra está relacionado com o que ele vê, sente, assiste, faz, ou do que tomou conhecimento, nos diferentes grupos dos quais participou ou que a eles se sentiu vinculando. São memórias emprestadas, originadas das histórias que ouviu contar, coisas até anteriores ao nascimento ou distantes do espaço onde o sujeito se localiza. Dizendo de outra forma, a partir do momento em que o indivíduo se integra a um grupo, mesmo as narrativas que fazem parte desse grupo antes de sua inserção, elas não lhe são indiferentes ou desconhecidas. Estas são recordações incutidas nos indivíduos ou nos grupos, como forma de preservar a memória que lhe deu origem, pois toda memória está ligada a um tempo e a um espaço que a anima. Basta ao grupo ativar tais memórias e elas serão sempre reavivadas pelo compartilhar, pelo “lembrar junto”. Halbwachs afirma:

> As lembranças coletivas viriam aplicar-se sobre as lembranças individuais, e nos dariam sobre elas uma tomada mais cômoda e mais segura; mas será preciso então que as lembranças individuais estejam lá primeiramente, senão nossa memória funcionaria sem causa. (1990, p. 62).

A condição de pronta transformação entre o individual e o coletivo acontece sem premeditar a exclusão daquela em benefício desta ou vice-versa, mas em um

movimento de ida e de volta no processo de construção e reconstrução das memórias. No fluxo que visita e transforma tanto o individual como o coletivo, flagram-se as imbricações de velhos e novos elementos constitutivos da memória social, movimento esse que implica transformação, renovações, mudanças.

Ao rever fontes datadas, descrições de acontecimentos em registros físicos, o indivíduo pode remontar uma autobiografia, acrescentar a ela o que para ele estava à parte, ou porque ainda não o reconhecia como tal. Os acontecimentos paralelos no tempo e no espaço vão ajudar na reconstrução de memórias autobiográficas, esclarecendo fatos, muitas vezes escondidos ou desapercebidos pelas lembranças pessoais; ajudam na compreensão de fatos que, antes, estavam lacunados. Na verdade, são memórias guardadas que vêm à tona porque têm algum significado, ou diria ainda, porque são necessárias e, nessa busca, encontra-se ou reencontra-se o que ficou retido, preso às margens de uma trajetória.

Nas memórias de infância, por exemplo, não se pensa em comparar a memória pessoal com a memória histórica ou em validar uma em detrimento da outra, mas elas se completam exatamente no movimento histórico de tempo e espaço e na consciência que se adquire à medida que os fatos vão sendo revistos e confrontados na vida adulta. Contudo, a criança, por mais que esteja em um mundo bem peculiar à infância, dividindo com o adulto o mesmo tempo histórico, não deixa de perceber e reter muito das experiências, pelas quais, todos passam. Posteriormente, confronta as impressões pessoais da infância com as impressões atualizadas das novas experiências, somadas aos fatos históricos e suas revisões. É essa relação conflituosa, saudável, dinâmica, que torna os homens protagonistas de suas memórias e histórias, conforme destaca Hobsbawm:

> É inevitável fazer comparações entre o passado e o presente: é essa a finalidade dos álbuns de fotos de família ou filmes domésticos. Não podemos deixar de aprender com isso, pois é o que a experiência significa. (2013, p. 44).

Há, ainda, experiências em que a história pessoal é posta no âmbito da história nacional, universal. Quando os fatos históricos, dos quais se quer lembrar, fizerem parte da vida cotidiana, de experiências passadas. Neste caso, os indivíduos passam a ter outras conotações, que não estão ligadas apenas a datas e fatos, mas

sim, passam a relacioná-los com as repercussões que ganham esses fatos em sua própria vida e na vida daqueles com quem dividiu momentos e opiniões. A história de vida do próprio Camillo de Jesus Lima é um exemplo dessa imbricada relação entre as memórias autobiográfica e histórica. O contexto em que ele viveu ilustra essa imbricação de memórias, ao ponto dele mesclar as suas vivências com a experiência daqueles que ele analisou em críticas de rodapé, como veremos adiante, na seção "A escrita de si na leitura do outro".

As convivências compartilhadas no presente são importantes para que se compreenda o que cada período significou ou significa, tanto para o grupo na coletividade, como para os seus membros individualmente. Halbwachs alertou sobre o sentido coletivo dessas convivências, contribuindo com o conceito das memórias coletivas. Falou do peso que tem estas memórias na continuidade dos grupos:

> Chegará um momento em que, olhando em torno de mim, encontrarei somente um pequeno número daqueles que viveram e pensaram comigo [...] e meus filhos, tendo mudado de ponto de vista surpreender-se-ão ao descobrir subitamente como estou distante deles, e que, por meus interesses, minhas ideias e minhas lembranças, eu estava tão próximo de meus pais. Eles e eu estaremos então, sem dúvida, sob o domínio de uma ilusão inversa: não estarei tão longe deles, posto que meus pais não estão tão longe de mim: mas conforme a idade e também as circunstâncias, ficamos admirados sobretudo das diferenças ou das semelhanças entre as gerações que ora se fecham sobre si mesmas e se afastam uma da outra ora se juntam e se confundem. (HALBWACHS, 1990, p.70).

Algumas experiências vivenciadas por Camillo de Jesus Lima servem como exemplo para essa convivência entre gerações nos grupos. Por um grande período de suas vidas, ele e o pai, Francisco Fagundes, pertenceram aos mesmos grupos sociais, embora pertencessem a gerações diferentes. Foram contemporâneos em muitas atividades desenvolvidas por ambos. Isso exemplifica essa relação entre gerações, às vezes tão longe uma da outra, mas também, às vezes, tão próximas.

Camillo de Jesus Lima e Francisco Fagundes foram professores do Ginásio do Padre Palmeira, em Vitória da Conquista, no mesmo período; ambos eram membros da Ala de Letras e Artes de Conquista; compactuavam das mesmas preferências políticas e literárias. Das influências que teve, na convivência com seus pais, algumas repercutiram, diretamente, na memória literária do escritor, pois,

segundo Camillo, foi ouvindo as leituras de mundo do velho pai que começou a construir o seu arcabouço literário, embasado nos clássicos da filosofia, da literatura e da história. Relata o poeta em entrevista ao *Diário da Bahia*:

> As angustias de meu pai e os prantos da minha mãe vivem, muito vivos, nos romances, nos contos e nos poemas que tenho escrito. Filho de pai pobre, não pude fazer um curso regular. O único professor que tive foi meu pai. Vem do que ele me contava essa minha tendência para a ficção e toda essa poesia banhada de amargura e de revolta que tenho feito. (LIMA, 1953a s/p).

Novas pesquisas partilham da ideia apresentada por Halbwachs, aprimorando o conceito de permanência de grupos, cujos membros se ligam pela contemporaneidade ou pela coetaneidade. A citação que segue, resulta de estudos desenvolvidos por Magalhães e permite uma interpretação em correspondência com os estudos do sociólogo francês no tocante à forma como os grupos ora se aproximam ora se afastam, mas que, de alguma forma, guardam memórias que se apresilham por identidades herdadas ou configuradas, a partir da convivência, como aconteceu com os Lima.

> Tudo isto supõe a generalização de que sempre há grupos de idades que viveram distintas experiências, e ao envelhecer, trazem consigo determinadas experiências acumuladas que, de certa forma, são sempre condicionadas às condições conjunturais (econômica, política e culturais) em dado tempo, e que passam a ser continuadas e superadas por outros grupos no processo dialético de novas condições e oportunidades históricas, ao tempo em que estas experiências são compartilhadas, adquiridas e transformadas, pelo processo de transmissão geracional. (MAGALHÃES, 2007, p.100).

Também sobressai nos estudos das memórias imbricadas sua relação com o tempo e com o espaço, demarcadores imprescindíveis na lembrança. São pilares dos quadros sociais, além de possuírem papéis relevantes na permanência pragmática do que se quer lembrar. As imagens espaciais vivem enquanto o tempo dura. Portanto, conforme apontado pelo sociólogo francês, toda memória coletiva precisa de um quadro que funcione como suporte para suas recordações. Muitas vezes uma casa, uma rua, uma arquitetura são representantes fiéis e motivadores da recordação. Mesmo que se mudem as características de uma praça, que uma rua

se transforme na aparência, permanece na lembrança a imagem guardada, conforme o contexto social que serviu de base para a sua inscrição primeira, sem, no entanto, desprezar os novos elementos, acrescidos por outras gerações.

Ao ler os documentos do arquivo pessoal do escritor em pauta, um exemplo dessa relação, entre o espaço e a memória, salta dos registros. Em uma crônica escrita por Clóvis Lima sobre o *Livro de Miriam (1973),* ele diz que as poesias do amigo poeta desempenharam o poder de transportá-lo para outro momento de sua vida, para uma Conquista da década de 30, quando ele e Camillo dividiam as páginas do jornal *O Combate* e as noites enluaradas, ao som do violão. Afirma que não conseguia imaginar a cidade daquele momento em que escrevia, mas a Conquista de suas lembranças. Embora soubesse e reconhecesse as mudanças na Praça da República, era a Rua Grande que estava em sua memória, confirmando, portanto, a imbricada relação espaço, tempo e memória.

Magalhães e Almeida, ao falarem das “relações simbióticas entre memória, ideologia, história e educação”, também contribuem com a ideia das imbricações das memórias:

> [...] sublinhamos a existência de muitas memórias coletivas, plurais, mantidas por interesses de seus grupos de referência social. Por sua vez, tais memórias não são lineares, se imbricam e dependem, dialeticamente, da capacidade de consciência que determinados grupos mantêm sobre o seu pertencimento em uma dada formação social. Assim, deparamo-nos com o fato de que algumas memórias são constantemente ressaltadas, perenizadas, e outras relegadas, esquecidas. Este fato implica afirmar a existência de um controle do uso da memória a partir da necessidade de manutenção e/ou reprodução de determinadas relações sociais. (2011, pp. 2-3).

Os autores, além de considerarem a imbricação entre as muitas memórias, também tratam da ideia dos usos e abusos de grupos dominantes em sociedades de classes. Mesmo que haja resistência por parte de grupos considerados subalternos, relegados à invisibilidade, mesmo que seus membros lutem no sentido de tornar as suas memórias representativas, contra-hegemônicas, sempre haverá um jogo em que o domínio de memórias é colocado em evidência, para atender a um determinado poder. Sobre esse controle da memória coletiva, Le Goff (1990, p. 427) ressalta:

> A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva.

Este autor destaca a importância da memória social na formação da identidade, seja ela individual ou coletiva, e acentua que, nessa busca por conquistas e permanências, a memória coletiva é também um instrumento de poder.

3.2 “QUE RIMAS EU ACHARIA PARA ESSA TORMENTA POÉTICA?” (MEMÓRIA E IDEOLOGIA, HISTÓRIA E LITERATURA)

A manutenção e o controle das memórias possuem bases que se fundamentam na relação entre o objetivo e o subjetivo, por que não dizer entre poder e ideologia, pois que, do que se esquece não é por acaso, assim como do que se lembra, especialmente quando se trata da memória coletiva. Se existe uma força que mobiliza o poder da lembrança ou o esquecimento, essa força se chama ideologia, seja no sentido marxiano (negativo e crítico), seja no sentido gramsciano (positivo e crítico), os instrumentos de alienação reforçam a condição de classe social, ao querer manter-se no poder (como acontece com a burguesia), ou na luta por seu espaço (como deseja o proletariado). Mas o que fica patente, em ambos os casos, é que a vontade representa apenas uma parcela da sociedade, não a sua totalidade. Confirmam essa ideia da intrínseca relação entre ideologia e poder dominante os argumentos de Marx e Engels (1998, p. 48), ao destacarem que:

> Os pensamentos da classe dominante são também, em todas as épocas, os pensamentos dominantes; em outras palavras, a classe que é o poder material dominante numa determinada sociedade é também o poder espiritual dominante. A classe que dispõe dos meios da produção material dispõe também dos meios de produção intelectual, de tal modo que o pensamento daqueles aos quais são negados os meios de produção intelectual está submetido também à classe dominante.

E dentre as memórias sociais estão as resistentes ao domínio daquelas que

se oficializam como dominantes, por pertencerem a uma classe também dominante, o que não significa ser as primeiras independentes das segundas, pois é na contradição que elas se formam e se fortalecem. Poderíamos classificá-las como memórias “contra-hegemônicas”. Nas sociedades capitalistas existem dois grupos que se sobressaem: um que representa a continuidade do domínio burguês, colocado em evidência; e, por outro lado, ainda que sob o fio da navalha, o grupo dos resistentes, advindo dos explorados pelo capitalismo. Da relação conflituosa entre esses grupos surgem novas forças de resistências ao apagamento de memórias, contrários à produção/reprodução capitalista e à sua memória oficializada. Essas resistências se sustentam pela ampliação da consciência histórica (política, econômica e cultural) de uma nova hegemonia de classe, como a pensou Gramsci (1995).

Constrói-se, nessa medida, uma contraideologia, à qual os sujeitos vinculam-se, por meio de uma *práxis* social, para superar as condições impostas pela classe dominante, e, movidos por certa organicidade, constrói-se uma contra-hegemonia, a dos trabalhadores, dos proletários, dos subjugados, contando com a efetiva participação de “intelectuais dirigentes.” (GRAMSCI, 1995).

A história, mesmo situada, localizada no tempo e no espaço, com seus traços e registros, com suas marcas sociais e políticas, ela não se apresenta de forma fixa, pelo contrário, se reconstrói dialeticamente, apontando para um permanente devir, quando se permite revisões críticas. Desta forma, contamos com um elemento implacável na sociedade de classes, a luta entre lembrança e esquecimento, observadas as forças de poder e de manipulação coletiva.

Cabe, portanto, às minorias sociais, intervir, de forma mais decisiva na sociedade, no sentido de tirar da latência, do esquecimento imposto pelas classes dominantes, as memórias silenciadas, reorganizando-as na história. No Brasil há grandes exemplos desse campo de luta: a história de Palmares e de tantos quilombos afora; dos resistentes políticos no período da Ditadura Militar; de mulheres que lutam ante as adversidades, não só de gênero, mas, sobretudo econômica, para, ainda hoje, terem suas vozes respeitadas pela/na sociedade, genuinamente patriarcal como a nossa. Estes, entre tantos coletivos sociais que buscam, por meio de incessante luta alcançar os seus direitos. Uma contribuição

pontual sobre essa luta em que os sujeitos sociais buscam reverter o quadro em que se encontram pode ser vista no estudo sobre o “processo de construção da contra-hegemonia do exército zapatista de libertação nacional”, desenvolvido por Almeida (1999). Sobre a publicização das memórias dos subalternos, o autor ressalta:

> Para que um ator social se insurja contra uma determinada ordem, cremos ser necessária a construção lógica e coerente de pensar a realidade sob o prisma de seu grupo social e que aponte, a partir das condições objetivas em que vive, a possibilidade de reversão do quadro. Deve, de algum modo, articular à ação política o discurso (mesmo porque toda ideologia se materializa, se corporifica), que tenha expressão própria e que se contraponha à ideologia hegemônica: uma contra-hegemonia construída a partir da ótica do dominado.[...] Assim, para que uma contra-hegemonia se consolide, deve representar a materialidade das relações sociais ao reverso (1999, p.131).

Da mesma forma em que se dá essa construção ideológica, fundada na materialidade das relações sociais, guardadas as devidas proporções – conforme apontado por Almeida (1999), consolidadas ao “reverso” ou como dito por Walter Benjamin (1994) “escovada a contrapelo”, referindo-se ao conceito de história em perspectiva materialista – também se fundamenta a produção do escritor Camillo de Jesus Lima, um sujeito que nunca concordou com os propósitos do “destino”, conforme dito na epígrafe que abre essa seção. Ele se diz “um homem contra o destino”, levando a vida a contrapelo, na marcha contra uma sociedade burguesa, patriarcal, excludente.

Para exercer uma posição contra-hegemônica, Camillo de Jesus Lima, como todos os intelectuais que se posicionaram de forma crítica ao padrão social, econômico, cultural ou linguístico, necessitava dos meios de comunicação para a exposição de seus trabalhos. No caso desse escritor, o jornal foi o principal veículo por meio do qual externava sua concepção de mundo e sua reação às contradições sociais, através de textos literários e não literários. Conquistou espaços em vários periódicos da Bahia, contribuindo, significativamente, com a literatura, a crítica literária e política. Além de crítico de rodapé, parecerista das mais diferentes tipologias textuais que lhe eram apresentadas para leitura, publicou nos jornais *A Tarde*, em *O Combate,* em *O Conquistense* e no *Jornal de Conquista*, poemas,

crônicas e pequenos contos de sua autoria, quando expunha suas tendências literária e política, nunca dissociando uma da outra.

O escritor possui uma obra que não se assenta em subjetividades metafísicas, mas sim, toma a realidade objetiva como ponto de partida para o enlace entre história e literatura, entre forma e conteúdo, como bem observou Aleilton Fonseca (1993, p. 29): “Em Camillo, a forma do poema sempre está a serviço de uma ideia, uma vez que para ele a poesia tinha uma função clara”, qual seja, a representação do sentimento humano diante do mundo, no tracejar da história.

Antônio Cândido (2000), em seu livro *Literatura e Sociedade,* chama a atenção para a relação entre história e literatura, ao fazer uma análise da obra literária *Caramuru.* Este autor afirma que “a função histórica ou social de uma obra depende de sua estrutura literária. E que esta repousa sobre a organização formal de certas representações mentais, condicionadas pela sociedade em que a obra foi escrita.” (2000, p.153).

O texto seguinte, intitulado “A um parnasiano”, faz parte do livro *Cantigas da tarde nevoenta* e é um exemplo, tanto às observações desenvolvidas por Cândido (2000), sobre a obra de Santa Rita Durão, como às levantadas por Fonseca (1993) acerca da obra do próprio Camillo:

> Não tenho, como tu, a alma de grego.
> Tenho a alma de um bárbaro indômito
> Crestada de sol, batida das intempéries.
>
> Não posso levar minhas emoções para casa, como tu fazes
> Porque eu não resistiria trazer dentro de mim essa tormenta
> E explodiria, com certeza, se guardasse dentro de mim esse vulcão imenso.
>
> Minha poesia vem como o anátema dos profetas:
> Indômita, louca, sem peias, desatinada.
> Sobe com a fumaça do meu cachimbo,
> Sai dos meus lábios, ríspida e bárbara, como os meus gritos de amor e sofrimento.
>
> Eu tenho todas as dores humanas dentro de mim:
> Gritam operários caídos dos andaimes.
> Gemem meninos com fome.
> Abençoam mães martirizadas.
> Amaldiçoam prostitutas bêbadas.
> Que rimas eu acharia para essa tormenta poética?
> Que metros meus dedos poderiam contar para esse turbilhão emotivo?

Não. Minha poesia não é, como a tua, a flor cuidada nos interiores silenciosos.

Minha poesia é aquele cardo selvagem de Bandeira,
Que as mãos dos homens nunca puderam tornar delicado.
Não tenho, como tu, a alma de grego.
Tenho a alma de mongol.
Não nasci vendo o céu sereno e o mar azul.
Nasci recebendo na face a chicotada da neve das estepes imensas.

Tu contornas teus versos de mármore com cinzel delicado,
Como se fizesse colunas para salões fidalgos.
Tu facetas teus versos de ouro com o buril,
Como se eles fossem um mimo de Celine para as mãos das princesas.
Os meus versos, eu os atiro a esmo, nas faces dos maus.
São blocos de pedra que eu tiro da alma, com marteladas fortes
Para construir, com a argamassa do sangue e de lágrimas,
O grande monumento, disforme e rude, ao sofrimento universal.

Não. Eu não tenho, como tu, a alma de grego. (LIMA, 1955).

A produção literária, que o próprio poeta classificou como revolucionária, também se apresenta a contrapelo da literatura canônica, assim como a sua condição de “poeta social”, “intelectual de esquerda”, “poeta dos proletários”, como sempre se autodenominou, diferente daqueles acomodados em suas “torres de marfim”. Dito isso para justificar como a realidade histórica interfere e influi na produção literária desse autor. Ou, dizendo de outra forma: como entender a memória literária de Camillo de Jesus Lima sem reconhecer nela a experiência do homem histórico?

Algumas notícias veicularam em torno da sua militância político-partidária, enfatizando sua vinculação ao Partido Comunista e sua relação com Luiz Carlos Prestes. Um exemplo está na matéria intitulada “A missão do artista é lutar pela democracia e o progresso – um escritor a serviço do partido de Prestes”, publicada no jornal *O Momento*, em 1945, na qual Camillo de Jesus Lima afirma a necessidade de o escritor se posicionar ao lado dos proletários, na luta pelo respeito ao trabalho digno, pelo respeito aos direitos humanos, o que se confirma em grande parte de sua produção literária, voltada à temática social.

Uma vez que o Partido Comunista do Brasil conseguiu atuar legalmente, os intelectuais ligados a ele puderam expressar as suas posições diante da realidade política brasileira, e no caso dos artistas, a obra de arte (plástica, literatura, música, teatro) era o meio que encontraram para expressarem os seus ideais. Ao ser

questionado em *O Momento*, sobre a importância do escritor comunista, ele reage da seguinte forma:

> A importância do escritor comunista é a importância do verdadeiro escritor que não se desliga do povo e seus problemas, que escreve e cria em função de combate ao fascismo e a reação e que por força da verdade vem educar e esclarecer a massa, ventilando os problemas atinentes a ela, buscando as suas soluções, o que não acontece com a arte de eunucos e reacionários, que compreende a vida trancada na sua torre de marfim, destinada a raros eleitos. (LIMA, 1945b, s/p).

Em visita ao seu acervo literário, qualquer leitor curioso identificará a ligação do escritor baiano com as demandas sociais. Destacam-se em C*antigas da tarde nevoenta* (1955) alguns poemas, entre muitos textos que poderiam ilustrar o lugar de onde fala o poeta, ao se colocar em defesa da dignidade de uma classe que se via oprimida. “Bate, Cesar!”, “A canção da guerrilheira”, “As vinhas da ira”, “Entrevista com Garcia Lorca”, “A um parnasiano” são alguns deles. Em análise realizada sobre esses textos, destacamos:

> Nesses poemas ouvem-se vozes que ecoam em nome dos infelizes, dos abandonados, dos guerrilheiros e das guerrilheiras, dos que ficaram à margem numa sociedade cheia de desigualdade social. É a voz do poeta que não se cala diante da força dos césares e dos cárceres; é a voz da guerrilheira que alça ao ombro o fuzil em nome da luta social; é uma homenagem aos guerrilheiros mortos e aos poetas, ante a crueldade do poder; é a voz da revolta e da esperança, na releitura de “As vinhas da ira”; é a voz dos escravos nas reminiscências do poeta. (MEIRA, 2012 p. 115-116).

O canto destemido que ecoa em seus versos assume a voz dos marginalizados, ao tempo em que se coloca a serviço de causas abraçadas pelo socialismo na época em que o Partido Comunista ganhava adesão entre os intelectuais brasileiros, sobretudo de escritores. Destacam-se nesse meio, além de Camillo de Jesus Lima, Graciliano Ramos e Jorge Amado, dois ícones da literatura brasileira que, juntos ao poeta baiano, receberam de Carlos Prestes um *carnet* de filiação ao partido. A partir de então, ou muito antes, Camillo dizia ter a sua literatura uma missão social.

Essas declarações, assim como a sua obra, correspondem à utilização da

linguagem literária como instrumento libertário e revolucionário da sociedade, uma literatura atenta à realidade, sem subterfúgio, tanto de ordem estética como temática, formando e sendo formada, ou seja, uma arte que cria “um sujeito para o objeto”, conforme apontam os autores na citação abaixo:

> A produção não fornece apenas materiais às necessidades, fornece também uma necessidade aos materiais. Quando o consumo sai da sua rudeza primitiva perde o caráter imediato – se nele permanecesse, seria o resultado de uma produção mergulhada ainda na rudeza primitiva – e é, ele próprio, solicitado pelo objeto como causa excitante. A necessidade que dele manifesta é criada pela percepção desse objeto. A obra de arte – e, do mesmo modo, qualquer outro produto – cria um público sensível à arte e capaz de sentir prazer com a beleza. Por conseguinte, a produção não cria apenas um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto. (MARX e ENGELS, 1974, p.60).

Camillo de Jesus Lima se preocupou com o efeito da arte, partindo do princípio de que a realidade é determinante no processo da escritura, tanto na forma como no conteúdo, por isso o sensato questionamento: “Que rimas eu acharia para essa tormenta poética? Que metros meus dedos poderiam contar para esse turbilhão emotivo?” (LIMA, 1955). As respostas surgem ao longo de uma *práxis* social, pois, como leitor crítico do mundo, não poderia se omitir ante as convulsões por que passavam os homens no pós-guerra, sob o jugo de poderes arbitrários. Torna-se um escritor sensível à realidade opressiva, excludente e mutiladora. A palavra, sua arma de combate, esteve em riste, apontada para o opressor em defesa dos humildes, dos marginalizados, dos proletários. Assim estaria em paz consigo mesmo e com os seus ideais. Camillo não concebeu a ideia de ser um poeta que não trouxesse em sua linguagem a representação dos verdadeiros sentimentos humanos, jamais isentos da carga social que carregou. Realizou, portanto, uma literatura coletiva, conforme conceito de Antônio Cândido:

> O que chamamos arte coletiva é a arte criada pelo indivíduo a tal ponto identificado às aspirações e valores do seu tempo, que parece dissolver-se nele, sobretudo levando em conta que, nesses casos, perde-se quase sempre a identidade do criador-protótipo. […] Os elementos individuais adquirem significado social na medida em que as pessoas correspondem a necessidades coletivas; e estas, agindo, permitem por sua vez que os indivíduos possam exprimir-se,

> encontrando repercussão no grupo. (2000, p.23).

Mesmo distante dos centros urbanos, tornou-se um cosmopolita, um homem do mundo. Conheceu dos clássicos universais aos escritores locais e os leu criticamente. Sua escrita, eivada de intertextualidades, revelam identidades ideológicas, como é natural aos bons leitores, dialogando com um universo de escritores como Balzac, Lorca, Dostoievski, Zola, Tolstoi, Vítor Hugo, Castro Alves, Jorge Amado, entre tantos outros.

Esse diálogo entre autor(es) e leitor(es), mediado pela obra, acaba por estabelecer uma segunda relação da obra com o próprio autor, mediada pelo leitor, ou seja, é na recepção da obra que o texto pode ser considerado finalizado, no seu retorno ao criador. Conforme proposição de Antônio Cândido, com a qual concordamos, cada recepção à obra literária pode mudar, e muda, a depender das condições de leitura, dos leitores, seus contextos, etc. Cândido afirma:

> A literatura é, pois, um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vive na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. A obra não é produto fixo, unívoco ante qualquer público; nem este é passivo, homogêneo, registrando uniformemente o seu efeito. (2000, p. 68).

Podemos afirmar que, na obra camilliana, há uma apreensão do social, motivada pela realidade de seu tempo, pelas suas experiências e pelas leituras críticas e reflexivas que fez do mundo e das muitas obras que lhe chegaram às mãos, conforme ele mesmo confirma:

> Veio Voltaire. Veio Rousseau. Vieram Freud e o doce Renan. Dostoievski, epiléptico, sofria na Casa dos Mortos. Os famintos e os revolucionários de Gorki chegavam uivando como lobos. As correntes dos forçados de Tolstoi, tiniam rebrilhando ao sol. Os grevistas de Dias da Costa e de Jorge Amado caiam, morrendo de fome e ódio. Chegou o grupo das dolorosas de Amando Fontes. E a turma de infelizes do mulato Lima Barreto. Os heróis humildes, construindo casas, tombavam dos andaimes. Outros levantavam os braços musculosos para o céu vazio. Os bandidos da Falange na madrugada nevoenta, atravessaram com bala o coração de ave de Garcia Lorca. Os negros de Gilberto Freire plantando cana no eito, tinham as costas cortadas de relho. Os mulatos de Portinari vieram, trazendo, aceso, nos olhos, um amor monstruoso, e nas mãos

> pacdérmicas, doçuras incompreendidas. Ah, os olhos medonhos dos emigrantes de Segall O Deão de Canterburry contou a história de um mundo que ele descobriu. E Marusia Chubikova, nas ruas de Stalingrado, encheu, pela última vez, os olhos moribundos com a luz da liberdade. A sereiazinha de Sosígenes Costa fez duas festas no mar. O Volga desembocou no Mar Caspio – Pois, podem crer: Foi essa cambada que me fez passar a tesoura na cabeleira romântica. (LIMA, 1943a, s/p).

A lista de autores citados por Camillo, no longo fragmento, além de exemplificar sua referência de leitura, configura como referência de identidade, ou dizendo de outra forma, Camillo reconheceu, nos enredos e temas traçados por esses autores, uma realidade que não lhe era estranha, encontrou personagens que figuravam no seu cotidiano. Lendo a obra camilliana, muitas vezes, também nos deparamos com algumas dessas personagens. É um diálogo intertextual que tem o contexto histórico como testemunha.

Ao analisar o trabalho do arquivista de si e as marcas que, objetivamente, deixou em sua seleção de manuscritos, percebemos que elas não se caracterizam como rua de mão única, mas apresentam nuanças, descaminhos, idas e vindas, em um determinado contexto histórico no qual viveu e construiu seu arcabouço intelectual. Prostitutas, famintos, minorias sociais exploradas, trabalhadores, revolucionários, guerrilheiros… Tudo isso parece balizado por uma concepção de mundo em que, (se nos permite a inserção gramsciana), “a estrutura da força exterior que subjuga o homem, assimilando-o e tornando-o passivo, transforme-se em meio de liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético-política, em fonte de novas iniciativas.” (GRAMSCI, 1995, p.53).

Outro poema bastante expressivo dessa feição social é o texto “O poeta escrevendo”. Nele o autor desmitifica a imagem do poeta, como sujeito contemplativo e o insere na sociedade como um ator social ativo, sujeito crítico diante das questões sociais:

> Solidão uma conversa! Eu estou é no meio do mundo.
> De que serve trancar a porta?
> De que serve botar as mãos nos ouvidos?
> De que serve fazer o papel do surdo que não quer ouvir?
> Gritos de homens da rua entram, apesar de tudo,
> Vozes angustiadas de mulheres perdidas entram, apesar de tudo.
> Uivos de seviciados entram, apesar de tudo.

Solidão uma conversa! Eu estou é no meio do mundo.
Os eunucos estão fazendo flores nas torres de marfim,
Mas eu estou é no meio do mundo.
O rumor das ruas confunde-se ao ritmo do teclado de máquina;
Metralhadoras escrevem poemas no teclado da máquina,
Cavalos estão batendo patas no teclado da máquina.
Gente lutando,
Suando,
Amando, nas cinco partes do mundo.
Quem pode escrever poemas na solidão,
Se portas trancadas nada valem,
Se mãos nos ouvidos nada valem,
Se, fazer o papel do surdo que não quer ouvir nada vale,
Se os olhos dos moribundos ficam, do alto, iluminando as páginas,
Se mãos alvas vêm acender o cigarro, devagarinho,
Se o rumor das ruas vem fazer coro ao ritmo do teclado da máquina?
Solidão uma conversa! Eu estou é no meio do mundo...[39]

Desse mesmo lugar de onde fala o “eu lírico”, ecoa a voz do homem Camillo de Jesus Lima e a materialidade expressa em forma de linguagem vale como objetivação de suas memórias e da história, como uma extensão de sua *práxis*. A obra de arte se aproxima da realidade quando rompe com um estado de permanência e serve aos indivíduos, no momento da mobilização coletiva, como uma espécie de atitude revolucionária. Nesse sentido, a literatura é uma das expressões humanas que mais atende ao anseio de liberdade, e é também instrumento de luta e resistência.

3.3 VINHO NOVO EM VELHAS TAÇAS
(O MOVIMENTO ENTRE PASSADO E PRESENTE)

> *A verdadeira imagem do passado perpassa, veloz. O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido.*
>
> Walter Benjamin, *Obras escolhidas,* 1994, p. 224.

A reconstrução histórica de um tempo e lugar acontece a partir do movimento entre passado e presente e, como afirmou Benjamin (1994) na epígrafe

39 Este texto faz parte da antologia *Cancioneiro de vira-mundo* (inédito), mas foi publicado em vários jornais. No centenário de nascimento de Camillo de Jesus Lima, 8 de setembro de 2012, recebeu novas leituras através da linguagem musical (por Gutemberg Vieira) e audiovisual (por Carlos Rizério), artistas do sudoeste baiano.

acima, a fixação do passado acontece (no presente), desde que ele (o passado) seja reconhecido. Para tanto é imprescindível que as bases históricas materiais sejam criticamente analisadas nesse reconhecimento.

Marx e Engels construíram uma concepção e análise da história a partir de bases materiais. A teoria materialista da história poderia ser sintetizada na frase: “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência.” (2007, p. 94). Foi a partir desse princípio que os autores desenvolveram sua filosofia, partindo do seguinte entendimento histórico:

> Totalmente ao contrário da filosofia alemã, que desce do céu à terra, aqui se eleva da terra ao céu. Quer dizer, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou representam, tampouco dos homens pensados, imaginados e representados para, a partir daí, chegar aos homens de carne e osso; parte-se dos homens realmente ativos e, a partir de seu processo de vida real, expõe-se também o desenvolvimento dos reflexos ideológicos e dos ecos desse processo de vida. (MARX e ENGELS, 2007, p. 94).

Perseguindo esse pressuposto, Eric Hobsbawm constrói o conceito de história, discorrendo sobre a estrutura necessária para sua análise, destacando, ainda, mecanismos para se concretizar um projeto dessa ordem, fundamentado na concepção materialista da história, que estuda a relação entre o ser social e a consciência: “Um argumento típico seria o de que é impossível distinguir relações sociais de produção das ideias e conceitos.” (2013, p. 228).

No que se refere ao sentido que tem o passado nas sociedades humanas, Hobsbawm aponta que esse movimento entre presente e passado é uma “dimensão permanente da consciência humana” (2013, p.25), o que confirma o processo contínuo da existência. A história não se repete, embora esteja sempre ligada aos acontecimentos pretéritos. O retorno ao passado faz a engrenagem da história movimentar em direção ao futuro, acionada pelo dínamo do presente. No presente, esse passado é reinterpretado, segundo as circunstâncias materiais de cada tempo e lugar, adequando-se, transformando-se. Afinal, como afirmou Marx (2010, p.124), “os homens fazem a sua própria história, mas não a fazem segundo sua livre vontade, em circunstâncias escolhidas por eles próprios, e sim nas circunstâncias imediatamente encontradas, dadas e transmitidas pelo passado.”

Assim, quando falamos de passado pensamos logo em história e em memória. E é essa a abordagem que este texto faz, busca relacionar a memória – ou memórias – com a história a partir do movimento entre passado e presente, destacando, entretanto, que este percurso tem como base a construção da consciência humana, que se move “da terra ao céu”, ou seja, é a materialidade histórica de cada tempo que impulsiona as permanências ou as transformações entre passado e presente, ou melhor, entre presente e passado no processo de vida.

Os estudos sobre a memória, em especial sobre a memória social, têm sido motivo para grandes debates, em especial sobre a implicação história/memória. E, como já anunciado em seção anterior, um dos precursores nessa linha teórica que aborda a memória no âmbito da sociedade foi o sociólogo Maurice Halbwachs, com filiação à escola funcionalista de Emile Durkheim. Ao pensar a memória a partir das relações nos grupos sociais, Halbwachs contribuiu significativamente com os estudos contemporâneos, embora o caráter funcionalista de sua teoria dificulte uma abordagem mais aberta e dialógica, como por exemplo, na relação entre história e memória. Para ele, os fatos históricos chegam ao individuo através de registros, de inscrições que estão longe do alcance de sua lembrança pessoal, em contato com a história, com a memória histórica. Já os fatos vividos, compartilhados nos grupos, lhe chegam à memória pessoal pelas lembranças das próprias experiências. Por esse processo, Halbwachs afirma que a história começa onde a memória se finda.

Como podemos observar, a concepção desse sociólogo acerca da memória e da história constrói um fosso entre elas, uma compartimentação de difícil acesso dialógico, principalmente se considerarmos a memória como adjunto na construção histórica, como instrumento ativo em diversas áreas do conhecimento, valendo-se dela não apenas os historiadores, como também filólogos, sociólogos, psicólogos, cientistas nas mais diferentes medidas e acepções.

O historiador francês Pierre Nora concorda com a base halbwachsiana ao tratar da relação entre esses dois campos. Explora a oposição entre eles e afirma ser a memória “um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado”. E em uma relação paradigmática, tal qual Halbwachs, ele continua: “A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções

e às relações das coisas. A memória é o absoluto e a história só conhece o relativo." (NORA, 1993, p.9).

Os fundamentos teóricos, tanto de Halbwachs como de Nora, ao tratarem da relação entre memória e história – sem considerar as articulações entre ambas – reduzem-nas a blocos estanques, fugindo da possibilidade de articulação entre elas. Na verdade, todo esse processo de troca é inerente ao homem, ser social por natureza, que amplia seus horizontes, suas buscas, seus conhecimentos, a partir da relação com o outro e na troca do que possui com o que deseja. Avaliando a concepção de Nora: primeiro, onde "enraíza" a memória está também a história: "no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto"; segundo, a história se liga às relações das coisas, desde que estas sejam um produto das relações entre os homens, conforme apontam Marx e Engels (2007, p.94): "os homens, ao desenvolverem sua produção e seu intercâmbio materiais, transformam também, com esta sua realidade, seu pensar e os produtos de seu pensar."

Jacques Le Goff, ao trazer a sua concepção de memória e a relação desta com a história, mesmo reconhecendo as diferenças próprias a cada uma, busca não distanciá-las, ou conforme dito por ele:

> A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir o presente e o futuro. Devemos trabalhar de forma a que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens. (LE GOFF, 1990, p. 477).

A defesa que este historiador levanta a respeito da relação que aproxima a memória da história merece uma breve discussão, pois, ao colocar a primeira como ambientação propícia ao desenvolvimento da segunda, cria entre elas uma condição de interdependência. Em leitura mais cuidadosa da sequência de seu pensamento, percebemos que, ao colocar a memória como elemento de ligação entre o passado, o presente e o futuro é, portanto, da história que ele está falando, e, neste caso, poderíamos também entender o inverso, que o terreno da história é propício ao crescimento de memórias. Objetivamente, a história está posta em seus tempos e espaços e a memória passeia por ela e com ela. O autor explicita que não há delimitação entre esses campos, embora fique claro que a memória coletiva serve como adjunto da história no processo de libertação dos homens.

Cabe, portanto, levantar questionamentos sobre a disputa das memórias e da história, quem as usa e em proveito de quem ou de que. Se a memória social e a história forem manipuladas por grupos que querem se manter no poder, geralmente, grupos economicamente abastados, a memória e a história que permanecem são as que lhes interessam, procrastinando a liberdade das memórias populares, das minorias sociais marginalizadas.

Para melhor compreender a crítica aos usos e abusos, tanto da memória social como da história, mais uma vez o pensamento de Jacques Le Goff é contributivo nessa investigação. O historiador traz alguns pontos sobre os "lugares de memória" e destaca que outras memórias coletivas possuem histórias que precisam ser consideradas:

> Mas não podemos esquecer os verdadeiros lugares da história, aqueles onde se deve procurar, não a sua elaboração, não a produção, mas os criadores e os denominadores da memória coletiva: "Estados, meios sociais e políticos, comunidades de experiências históricas ou de gerações, levadas a constituir os seus arquivos em função dos usos diferentes que fazem da memória". (LE GOFF, 1990, p.474).

Ao fazer um percurso historiográfico dos estudos da memória, o historiador chega a uma conclusão crítica sobre os domínios de uma história seletiva, e, consequentemente, de uma memória também seletiva. É questionável a quem serve essa memória oficial, institucionalizada, uma vez que o Estado sempre atendeu aos interesses da classe que o domina e à manutenção de seu poder econômico. Daí a proposição do autor em não se esquecer dos verdadeiros lugares da história, para que se tenha, igualmente, a condição de se reconhecer os diferentes lugares de memória.

A proposta de Le Goff motiva, então, o conhecimento de abordagens que surgem das periferias, das margens, dos resistentes a uma ordem cada vez mais excludente. Chegam dos lugares em que as narrativas dos fatos não eram ouvidas, muitas vezes sob a imposição oficializada do silêncio. Exemplos disso é o caso dos presos políticos da Ditadura Militar no Brasil e de seus familiares. A memória e a história oficiais impuseram silêncios. Poucos foram os resistentes e pouquíssimas as oportunidades de expressão.

Nos anais da história oficial, em que sempre esteve representada a memória dominante, sempre conferindo à classe também dominante, o direito de seleção do que deveria permanecer guardado, destituindo os demais do direito à sua representação (a não ser como dominados, submissos, etc.), como se os pensamentos de todos se rendessem a um determinado domínio. Eric Hobsbawm tece severas críticas à história tomada por esse viés e, em defesa de uma história crítica e dialética, assevera: “Teoricamente, o passado – todo o passado, toda e qualquer coisa que aconteceu até hoje – constitui a história” (2013, p. 45), e não apenas um lado dela, como se uma parte abarcasse a totalidade. Ele critica o falseamento da história por parte de alguns historiadores que se prestam a “servir e justificar os regimes” (2014, p. 60), afirmando que: “A história como inspiração e ideologia tem uma tendência embutida a se tornar mito de autojustificação. Não existe venda, para os olhos, mais perigosa que esta, como o demonstra a história de nações e nacionalismos modernos.” (2014, p.60). E, na certeza de que existem novas possibilidades de uma história crítica, ressalva:

> É tarefa dos historiadores tentar remover essas vendas, ou pelo menos levantá-las um pouco ou de vez em quando – e, na medida que o fazem, podem dizer à sociedade contemporânea algumas coisas das quais ela poderia se beneficiar, ainda que hesite em aprendê-las. (HOBSBAWM, 2013, p.60).

Mas, enquanto as vendas não são retiradas, como propõe o historiador, o que a sociedade conhece de períodos como os da famigerada ditadura militar está inscrito em discursos velados, camuflados pelas conveniências, mascarando as atrocidades, escondendo seus torturadores, quando não, criminalmente, os elogiam pelos feitos. Quanto às experiências dos que estavam envolvidos com a tragédia da ditadura, estas jamais foram reveladas fielmente, devido às condições traumáticas por que passaram todos, respingadas, fortemente, nas famílias, tanto dos que sofreram as condenações fascistas como dos que foram “obrigados” a cometer as atrocidades. Corrobora essa opinião um pensamento de Walter Benjamin (1989) sobre as narrativas dos que voltavam da guerra, passagem à qual nos referimos em outro texto. Diríamos que, para o filósofo alemão, “o silêncio daqueles que conseguiram voltar das trincheiras representou a catástrofe, pois nada ou ninguém

seria capaz de descrever aquela imagem da guerra através de registros escritos." (MEIRA, 2012, pp. 133-134).

O silêncio imposto pela Ditadura Militar no Brasil (1964-88) chegou às cidades interioranas da Bahia e atingiu os intelectuais e militantes políticos que se declaravam de esquerda, simpatizantes dos ideais comunistas, que não compactuavam com os fascistas ou se voltavam contra o Golpe. Em maio de 1964, os militares chegaram à Vitória da Conquista. Sindicatos e jornais foram fechados e seus líderes presos. A Câmara de Vereadores teve sessão sob mira de metralhadoras para cassar o mandato do então prefeito José Pedral Sampaio, preso sob o argumento de fazer parte de um grupo político com o apoio da esquerda, incluindo os adeptos do PCB. Depois de dois dias detido no batalhão de polícia, já como ex-prefeito, ele foi transferido para Salvador, recluso por 59 dias. (VIANA, 1982; OLIVEIRA, 2013).

Como preconizado por Marx e Engels (2007), esses não são homens idealizados, subjetivos, mas sim, homens de carne e osso, que fazem parte da história desse lugar. Durante todo o mês de maio daquele ano, muitas casas foram invadidas, muitas esposas e mães choraram a falta de filhos e esposos que se tornaram prisioneiros das garras do capitão Antônio Bendocchi Alves, comandante da Companhia de Inquérito da Polícia Militar em Vitória da Conquista e região, em busca acirrada aos comunistas e simpatizantes de João Goulart. Depois de feita uma triagem, os mais "perigosos" ao regime implantado foram transferidos para Salvador. (OLIVEIRA, 2013) Entre estes estava o escritor Camillo de Jesus Lima, que ficou preso no Quartel de Amaralina, em Salvador, por quase três meses (de 8 de maio a 20 de julho). A família, temerosa com o que poderia acontecer, ateou fogo em livros de teor comunista, cadernos, cartas, o que pudesse comprometer a figura do militante político naquele momento de repressão e terror.

O silêncio imperou por algum tempo. Mas, conforme Pollak (1989, p. 4), é no embate entre as memórias reabilitadas das periferias e da marginalidade com a memória oficial que se percebe e se "acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional." Desta forma se deu a implantação do terror durante toda a Ditadura Militar brasileira. A cada reação uma nova e mais agressiva ação militar. Em Vitória da Conquista, as prisões de maio de 1964 reprimiram,

censuraram, serviram de silenciamento aos comunistas que resistiam às atrocidades fascistas, tal qual acontecia por todo o Brasil, naquele momento político.

Dentre tantos presos políticos que marcaram a história e a memória de Vitória da Conquista, dois se destacam por estarem diretamente ligados à incursão desta pesquisa: O arquivista e seu arconte. Camillo de Jesus Lima foi preso na cidade de Macarani a 8 de maio de 1964 e Ruy Hermann Medeiros, duas vezes detido, primeiro, na militância estudantil, impedido de continuar o seu curso de direito na UFBA, e a outra, quando já advogava em Vitória da Conquista, preso em 25 de maio de 1973.

Ruy Medeiros é um dos símbolos da resistência a esse período de Ditadura Militar, uma voz que esteve quase sucumbida nos momentos de tortura física e psicológica por que passou, durante os 91 dias em que esteve nas mãos de seus algozes; uma voz que, ainda hoje, se levanta destemida, forte e brava contra todo tipo de opressão e silenciamento. Ou nas palavras de Pollak (1989, p.4), sobre as novas formas de reação dos silenciados: “[...] essas memórias subterrâneas que prosseguem seu trabalho de subversão no silêncio e de maneira quase imperceptível afloram em momentos de crise em sobressaltos bruscos e exacerbados.”

Acreditamos que este seja um dos motes para uma revisão histórica da obra do escritor baiano Camillo de Jesus Lima. Muito do que ele escreveu no período da ditadura foi censurado, engavetado, relegado ao esquecimento ou colocado à suspeição, levando a reboque toda uma obra literária, de grandeza imensurável. O teor dos seus escritos e o posicionamento político que assumira desde a década de 40, foram justificativas para levarem-no como “subversivo comunista”.

Após os momentos de crise, a voz do escritor já não se levantava aguerrida como antes, foi tomada de sobressalto nos anos em que tentaram emudecer (e emudeceram) posicionamentos da esquerda no Brasil. O escritor passou a ser mais cauteloso. O que fez, a partir de então, ainda foi motivado pela ambição da liberdade, inerente à existência humana, mas, quase sempre, cerceada pelo poder imposto aos intelectuais, artistas, educadores, escritores, que colocaram suas obras a serviço de causas sociais.

Além disso, dentre as possibilidades de reação às contradições impostas pela

sociedade de classes, há ainda a disputa pela memória entre grupos concorrentes, o que acaba, muitas vezes, provocando uma dispersão dos valores das classes subalternas e fortalecendo, ainda mais, o poder dominante. Por isso que o reconhecimento e a valorização do que ficou nas galerias subterrâneas da memória coletiva sempre dependeu de organizações desses grupos marginalizados, numa luta pela sua libertação, mobilizada por ideais e espírito revolucionário, sem dispersão.

Está claro que mudanças radicais e rupturas com a estrutura dominante não são decisões fáceis em sociedades capitalistas, por mais consciência política e social que se tenha. Os grupos que se levantaram contra determinadas ordens, tiveram, muitas vezes, suas bases infiltradas e nem sempre ou quase nunca a "redistribuição das cartas políticas e ideológicas" (POLLAK, 1989, p.5) corresponderam às expectativas de um projeto original, contra-hegemônico, em que os objetivos atendessem às reais necessidades da classe proletária.

Dessa forma, consideramos imprescindível o movimento entre passado e presente de modos que, a reorganização do próprio passado seja possível a partir do presente e vice-versa. Sem essas intervenções sociais muito das histórias e das memórias permanece silenciado, regido por uma ordem cíclica, que busca estabelecer homogeneidades que, na verdade, não existem, como uma síntese, em que o esquecimento ganha lugar enfático na luta contra as lembranças.

Essa antinomia lembrança/esquecimento ou memória/esquecimento está, segundo Ricoeur (2007), diretamente ligada aos apagamentos de rastros, quer pela condição interna ao indivíduo ou externa a ele, ou seja, o sujeito sofre por um trauma psicológico e por uma coação política. Em ambos os casos há uma ação imposta pela força que representa o poder dominante das sociedades classistas, contra a qual o escritor em pauta tanto lutou, buscando defender os direitos de igualdade social a partir de uma lógica política, o socialismo.

Esse processo só poderá acontecer no contínuo movimento entre passado e presente, sem que haja imposição de um em relação ao outro, mas em um processo crítico, como bem afirma Hobsbawm (2013, p. 29): "O domínio do passado não implica uma imagem de imobilidade social." Afirmando ainda:

> Quando a mudança social acelera ou transforma a sociedade para além de um certo ponto, o passado deve cessar de ser o padrão do presente, e pode, no máximo, tornar-se modelo para o mesmo […] Isso implica uma transformação fundamental do próprio passado. Ele agora se torna, e deve se tornar, uma máscara para inovação, pois já não expressa a repetição daquilo que ocorreu antes, mas ações que são, por definição, diferentes das anteriores. (HOBSBAWM, 2013, pp.29-30).

Assim, as adaptações entre os diferentes tempos, promovidas pelo movimento entre passado e presente, fazem surgir o novo, que não existe por si mesmo, mas que toma sempre o passado como referência, mesmo que seja para negá-lo, tornando-o diferente de si mesmo quando o aproxima do outro (o presente), buscando acomodá-lo, como poeticamente descreveu Hobsbawm (2013, p. 27), referindo-se às transformações históricas da sociedade: “Isso não exclui uma certa flexibilidade ou até inovação de *facto*, na medida em que o vinho novo possa ser vertido no que, pelo menos na forma, são velhos recipientes.”

4 O ARQUIVISTA DE SI, NA MORADA DO ARQUIVO (O ARQUIVISTA, O ARQUIVO, OS ARCONTES)

> *Arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio, e nesse sentido o arquivamento do eu é uma prática de construção de si mesmo e de resistência.*
>
> Philipp Artières, *Revista Estudos Históricos*,1998, p.11.

Antes de enveredar pela especificidade do arquivo em pauta – como *locus* da pesquisa em que história e memória se imbricam para trazer à tona o homem Camillo de Jesus Lima – alguns conceitos de arquivo e suas articulações com as diversas áreas em que ele se empresta, como objeto de estudo ou como fonte, são muito importantes. Mas, sem a preocupação de aprofundamento nessas variantes, pois o intento dessa parte do estudo é enfatizar a dinâmica que hoje é dada aos acervos literários, trazendo, como referencial empírico, o arquivo do referido escritor baiano.

Os pesquisadores de arquivo traçam um perfil conceitual ou veem os arquivos conforme os interesses e orientações a que estão ligados, seja à Arquivística, à História, à Filologia, à Crítica Literária ou Textual, dando-lhes um tratamento ora como objeto, ora como fonte de seus trabalhos. E, mesmo não sendo nosso objetivo neste momento, tratar o arquivo como objeto de estudo, a sua condição de fonte não foge às articulações de bases epistemológicas e metodológicas que o tornam elemento principal na revisão histórica das memórias que nele estão materializadas. É importante trazer o conceito de arquivo sob algumas perspectivas, para, *a posteriori*, analisar a contribuição que o arquivo de Camillo de Jesus Lima apresenta na construção do conhecimento histórico e literário de seu tempo e lugar.

Jacques Derrida traz uma contribuição ao conceito de arquivo a partir da própria palavra que o guarda. Segundo o autor este vocábulo tem origem no termo grego *Arkhê*, designativo de “começo” e “comando”. Estes dois sentidos foram classificados por ele, respectivamente, como princípio ontológico e nomológico. O primeiro está ligado ao princípio da natureza, da história, da origem; o segundo ao da ordem, da lei, da autoridade.

> O vocábulo remete, bastante bem, como temos razões de acreditar, ao *arkhê* no sentido físico, histórico ou ontológico, isto é, ao originário, ao primeiro, ao principal, ao primitivo, em suma, ao começo. Porém, ainda mais, ou antes ainda, arquivo remete ao arkhê no sentido nomológico, ao *arkhê* do comando. (DERRIDA, 2001, p.12).

O autor amplia a aplicação dos princípios de começo e de comando utilizando-se de outro vocábulo de sentido originário do grego, *arkheîon,* lugar "de morada" dos arquivos, onde se guardava os documentos oficiais que ficavam sob a responsabilidade dos arcontes. Estes eram "aqueles que comandavam". Portanto, para Derrida, todo arquivo se fundamenta nesses princípios: ontológico e topo-nomológico. Essas noções sustentam a nossa compreensão do arquivo pessoal do escritor Camillo de Jesus Lima, cuja trajetória veremos adiante.

Heloísa Bellotto, uma das pesquisadoras brasileiras mais citadas na área da arquivística, define arquivos como:

> Conjuntos orgânicos de documentos produzidos / recebidos / acumulados por um órgão público, uma organização privada ou uma pessoa, no curso de suas atividades, independentemente de seu suporte, e que, passada sua utilização ligada às razões pelas quais foram criados, podem ser preservados, por seu valor informativo, para fins de pesquisa científica ou testemunho sociocultural. (BELLOTTO, 2002, p. 18).

Nas dimensões pública e privada, os trabalhos com arquivos estão sempre voltados ao estudo do passado. Se o que foi arquivado não possui mais utilidade funcional naquele momento em que se guardou, o tempo transforma essa utilidade a partir do ponto de interesse e das necessidades que se tem do conjunto ou de parte do arquivado, conforme as solicitações do presente. Seja para análises comparativas, estudo das origens, informações de fatos, reconhecimento de leis, tudo isso assegura a importância dos arquivos.

Os primeiros arquivos não foram criados para se tornarem públicos ou disponibilizados para pesquisas. Segundo Bellotto (2002), a história desses espólios no mundo ocidental remonta à antiguidade oriental, com os acervos religiosos, reais, diplomáticos, tratados, normas, preceitos, e ficavam à serviço das autoridades.

Somente depois da Revolução Francesa a história dos arquivos começou a mudar, com a criação do Arquivo Nacional, em Paris, e com a abertura aos cidadãos, mas como a prática até então, seu uso continuou sendo jurídico-administrativo.

Durante todo o século XIX surgiram vários arquivos institucionais, inclusive o Arquivo Nacional Brasileiro, em 1838, no Rio de Janeiro, e, a partir do século XX, outros foram implementados, incluindo acervos particulares. Terry Cook (1998), em artigo publicado na *Revista Estudos Históricos*, aborda a forma como os arquivos institucionais e particulares – ou, como dito por ele – "o público e o pessoal, o oficial e o individual" – são vistos pela arquivística. Destaca que em diferentes países – com exceção do Canadá que adotou o conceito de "arquivos totais" – vive-se uma tensa separação entre esses dois tipos de arquivos. Esboça, resumidamente, o que significa essa nova metodologia conceitual da prática arquivística canadense:

> Os "arquivos totais" refletem, assim, uma visão mais ampla dos arquivos, sancionada pela sociedade como um todo e reflexo dela, em vez de uma visão conformada a priori, ou por poderosos grupos de interesse dos usuários, ou pelo Estado. No Canadá, os arquivos pessoais são vistos como complemento e suplemento dos fundos de arquivos oficiais ou públicos. Em resumo, a tradição dos "arquivos totais" canadenses está mais voltada para os arquivos de governança*40* que para os arquivos de governo. (COOK, 1998, p.143).

O autor afirma ainda que, em boa parte da Europa, os documentos pessoais e papéis de particulares não são recebidos pelos arquivos nacionais da mesma forma com que o são documentos oficiais do governo nacional, porém, tais arquivos "são adquiridos pela biblioteca nacional, pelas bibliotecas regionais, ou pelas principais universidades e até mesmo por museus e por institutos de pesquisa ou documentação temáticos ou especializados." (1998, p. 130). Cook faz uma crítica às diferenças dicotômicas entre arquivos públicos e pessoais – conforme propõe a

---

40 Arquivos "de governança" incluem os documentos que refletem a interação dos cidadãos com o Estado, o impacto do Estado sobre a sociedade e as funções ou atividades da própria sociedade, tanto quanto incluem os documentos das estruturas do governo e de seus burocratas voltados para dentro. A tarefa arquivística coletiva no Canadá é preservar a evidência documentada da governança da sociedade, não apenas da atividade governante dos governos. COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. *Revista Estudos Históricos,* v. 11, n. 21, jul. 1998, p.143.

arquivística tradicional – considerando-as problemáticas e falsas, pois levam a uma divisão entre as duas tradições de arquivistas. Ele acredita que

> a própria natureza dessas mudanças conceituais transforma a tarefa dos arquivistas, tanto dos arquivos institucionais quanto dos pessoais, e oferece uma perspectiva compartilhada sobre arquivos que, por sua vez, pode levar a uma nova unidade nos esforços da arquivística, centrada na formação da memória da sociedade. (COOK, 1998, p.132).

Essas mudanças conceituais dos princípios arquivísticos de que trata este pesquisador, acompanham o desenrolar da história e refletem o espírito de cada tempo, o que é natural em qualquer área do conhecimento. Por isso, a ciência arquivística não é "nem verdade universal, nem realidade fundamental aplicável a todas as circunstâncias e meios arquivísticos em qualquer tempo e lugar." (COOK, 1998, p.133). O autor destaca, ainda, o papel do arquivista na contemporaneidade, que deixa de ser aquele de guardião que apenas preserva os documentos, para ser o de um sujeito investigativo, diante do que o arquivo passa a representar nesse novo tempo histórico, compreendendo "a natureza complexa de funções, estruturas, processos e contextos" (1998, p.139). Negando a ideia tradicional da imparcialidade do arquivista, o teórico recomenda:

> Os arquivistas deveriam aceitar, em vez de negar, sua própria historicidade, ou seja, deveriam reconhecer, ao invés de negar, sua própria participação no processo histórico. Não são historiadores, mas fazem parte do processo histórico, em vez de dele estarem distanciados. Deveriam, portanto, reintegrar o subjetivo (isto é, a mente, o processo, a função) com o objetivo (isto é, a matéria, o produto documentado, o sistema de informações) em seus constructos teóricos e em suas metodologias estratégicas. (COOK, 1998, p.142).

Bellotto (1998), em sua análise, corrobora a opinião de Cook, na medida em que dialoga teoricamente com a proposta apresentada no Seminário Internacional sobre Arquivos Pessoais, promovido pelo CPDOC em parceria com o Instituto de Estudos Brasileiros – IEB, da USP, realizado em novembro 1997, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Resenhando e citando Cook, ela afirma:

> A noção de verdade absoluta baseada no racionalismo e no método científico, na crítica textual e no conhecimento objetivo perde o lugar, diz Cook, para o 'contexto por trás do texto, [pois] as relações de poder que conformam a herança documental lhe dizem tanto, se não mais, que o próprio assunto que é o conteúdo do texto. [...] Tudo é conformado, apresentado, representado, simbolizado, significado, assinado por aquele que fala, fotografa e escreve [...] com um propósito definido'. (BELLOTTO, 1998, p. 203).

Há um avanço teórico significativo nos estudos arquivísticos apresentados pelos dois autores ao tentarem conformar o contexto atrás do texto, a mente por trás da matéria..., mas percebe-se que essa proposição de subjetivação dos arquivos ainda se apresenta de forma dicotômica, não alcança uma relação dialógica, pelo menos quando se posiciona uma sobre ou ao lado da outra. Essa relação entre os documentos e sua compreensão histórica, analisada sob uma perspectiva dialética, ganharia maior articulação interdisciplinar. Realmente, o documento em si, visto individualmente, sem a apresentação do contexto em que foi produzido, sem analisar as condições de preservação e permanência ou as transformações de seus significados em cada tempo e lugar não abarcaria a amplitude das relações históricas, refletidas, inclusive, diretamente, em sua recepção e análise; estaria também de forma lacunar o estudo histórico, sem que os documentos pudessem com eles dialogar ou representá-los. É no movimento entre eles, entre a objetivação e a subjetivação dos documentos, incluindo entre estes os de criação literária, que o arquivo adquire valor e importância.

Como vimos na epígrafe de abertura desta seção, Philipp Artières (1998, p.11), entende que a prática íntima do arquivamento do eu também tem uma função pública: “arquivar a própria vida é se pôr no espelho, é contrapor à imagem social a imagem íntima de si próprio”. Ressalta ainda que a constituição de arquivos pessoais provoca o processo de subjetivação e não de sujeição, como muitos acreditam.

Os arquivos pessoais de escritores são valiosos exemplos dessa subjetivação. Há neles uma particularidade que diz respeito aos manuscritos das produções, arquitetadas, por várias vezes, até chegar ao texto final ou ao que seu autor considerou pronto para publicar. Isso significa que os arquivos pessoais possuem um material rico quantitativa e qualitativamente, do ponto de vista da

gênese, da intertextualidade, da historiografia e ainda da recepção crítica, uma vez que muitos escritores guardavam, em seus arquivos, opiniões de seus pares acerca do processo de criação.

Alguns estudiosos vêm se debruçando sobre a temática de tratamento, guarda e conservação dos arquivos pessoais de escritores, assim como dedicando à sua classificação ou recebimento para fundos de arquivo. Questionam, como o fez Belloto ao analisar processos apresentados por dois pesquisadores de arquivos, sob duas linhas de abordagens diferentes, no já referido Seminário Internacional de Arquivos Pessoais, que resultou no número especial da *Estudos Históricos*. Um, com base na arquivística tradicional francesa, apresentado pela pesquisadora Ariene Ducort; e outro, na perspectiva da arquivística canadense dos “arquivos totais”, mencionada anteriormente por nós e defendida pelo pesquisador Terry Cook. A interpelação de Belloto à Ducrot foi a seguinte:

> Se pensarmos na questão dos "arquivos totais", será que vale a pena, ainda, pensarmos na estrita diferenciação das espécies e tipos documentais, característicos da velha e não da nova diplomática, pondo de lado os documentos derivados da criação artística ou literária, por não terem nascido de uma "necessidade utilitária" ou funcional? (BELLOTO,1998, p. 206).

Tomando como base o modelo francês de organização e classificação, Ducrot (1998) destaca que há diferença entre "documentos de criação" e "documentos de gestão", sendo estes acolhidos como fundos, enquanto aqueles seriam como apêndices para os arquivos organizados em bibliotecas, etc. Explica que as direções dos conselhos nacionais de arquivos, para facilitar o trabalho dos profissionais e pesquisadores, estabelecem quadros de arranjo padronizados, mas também enfatiza que esses quadros não são estabelecidos *a priori*, sendo os próprios documentos, por sua natureza, os condutores do fundo. Classifica, então, os arquivos pessoais da seguinte forma: a) Os arquivos pessoais em geral; b) Os arquivos de políticos; c) Os arquivos de escritores; d) Os arquivos de arquitetos; e) Os arquivos de cientistas; f) Correspondências. No que diz respeito à especificidade dos arquivos de escritores, que é o foco da questão, a pesquisadora justifica:

> Na França, a maioria desses arquivos é conservada em bibliotecas. Considera-se, na verdade, que os manuscritos sucessivos das obras são um complemento indispensável dos livros, para o estudo de sua gênese. No que concerne aos manuscritos literários, podemos ainda perguntar se, *stricto sensu*, são documentos de arquivo. Sem dúvida participam da atividade quotidiana de seus autores, mas não de uma atividade de gestão. Trata-se de criação. (DUCROT, 1998, p 165).

Esta justificativa foi, na verdade, o mote para uma segunda interpelação que, certamente, gerou novas possibilidades no trato com os arquivos pessoais durante os últimos quinze anos, desde então:

> Em se tratando de arquivos pessoais, se as séries são ditadas pelos tipos documentais resultantes das funções/atividades, como então não considerar os rascunhos, minutas e originais da produção literária como sendo intrínseca e visceralmente documentos - aliás, até os mais representativos – de um arquivo de escritor? (BELLOTTO, 1998, p. 207).

Um exemplo típico do que afirma Bellotto, no questionamento acima, são as revelações do arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima, que possui documentos autógrafos, recortes de publicações, cartas e manuscritos. O que ali está mostra a correlação entre vida e obra, que se misturam como que justificando uma a outra. A vida motiva o homem que produz a obra que transforma o homem, em uma constante e dinâmica relação entre realidade e literatura.

Entendemos que há muito mais a ser revelado em um arquivo do que as marcas deixadas em seus documentos. Mas o escritor, ao arquivar a escrita de si, redesenha a própria vida, imprime uma imagem que deseja preservar. Nas palavras de Artières (1998, p. 31):

> O arquivamento do eu não é uma prática neutra; é muitas vezes a única ocasião de um indivíduo se fazer ver tal como ele se vê e tal como ele desejaria ser visto. Arquivar a própria vida, é simbolicamente preparar o próprio processo: reunir as peças necessárias para a própria defesa, organizá-las para refutar a representação que os outros têm de nós. Arquivar a própria vida é desafiar a ordem das coisas: a justiça dos homens assim como o trabalho do tempo.

Ao analisar os arquivos literários de escritores mineiros, Reinaldo Marques

(2003) caracteriza-os como que descrevendo todos os demais arquivos literários, dada a semelhança que existe na prática de arquivamento, em especial, sobre a relação do arquivar-se arquivando também o outro, prática tão repetida entre os intelectuais:

> Assim, prover o arquivo do outro com tais recortes, e outros materiais, a par de afirmar a estima do amigo distante, suplementa uma memória alheia, de outrem. Trata-se de uma dupla operação de arquivamento, por meio da qual o escritor executa uma série de práticas arquivísticas, constituindo arquivos literários, e, ao mesmo tempo, se arquiva. Constrói sua imagem de autor e preserva a memória de sua formação e relações afetivas e intelectuais. (MARQUES, 2003, p.142).

Nutrir o arquivo dos pares era uma forma de preservar a cumplicidade, de escrever a várias mãos a história e, ao mesmo tempo, sugerir uma provocação crítica do olhar do outro sobre si. Essa rede de relações acaba por exigir do outro uma responsabilidade: o documentar compartilhado.

A correspondência é o principal instrumento para a manutenção dessa rede de informações e do exercício de alimentar o arquivo do outro com notícias e recortes de jornais e revistas, como vimos em várias cartas a Camillo, a exemplo de uma encaminhada por Jorge Amado. Nesta, após dar sua opinião sobre os poemas de Camillo e sobre um artigo que este fizera sobre a obra *Harpas e Farpas*, de Lafaite Spínola, Amado assim finaliza sua carta:

> Aqui vou indo, trabalhando muito, como sempre, tendo acabado um romance (“São Jorge dos Ilhéus”) que é a continuação das “Terras do Sem Fim”, o fim do drama do cacau. Escrevendo uma novela para radio sobre guerrilheiros russos, encomenda de uma estação do Rio, pensando numa peça de teatro, encomenda do Procópio e da Bibi, sobre Castro Alves. E no batente diário no “Imparcial”, onde saiu hoje seu artigo, que vou juntar a esta e entregar ao Moacyr que anuncia viagem para aí nesta sexta-feira. Um abraço de seu amigo.(carta de Jorge Amado a Camillo,19 de janeiro de 1943)41.

E mais uma vez recorremos à descrição elaborada por Reinaldo Marques, como uma forma de ilustrar a conduta que vimos no escritor Camillo de Jesus Lima,

---

41 Transcrição de fragmento da carta original (datiloscrita) de Jorge Amado a Camillo de Jesus Lima, datada Salvador, 19 de janeiro de 1943. [Transcrição nossa].

ao elaborar o seu arquivo pessoal, atestando, com isso, características semelhantes entre os intelectuais que viveram a experiência da autobiografia compartilhada:

> Resultam de uma rede de relações literárias e afinidades intelectuais na qual esses escritores se inscrevem. Revelam um cuidado com a memória do escritor, com sua formação intelectual, que possibilita a construção de sua imagem enquanto autor significativo. Ao arquivar correspondências de amigos e críticos que tratam de seus textos, artigos em jornais contendo críticas sobre seus livros, o escritor preserva uma fonte inesgotável de paratextos, que ajudam a entender a produção e a recepção de sua obra. (MARQUES, 2003, p.148).

Tal análise extrapola o momento inicial de organização dos arquivos, em que são observadas questões de ordem mais técnica e da prática arquivística, para se enveredar pelas questões teóricas e conceituais acerca da memória e da história, presentes nos documentos de arquivo de um escritor e na articulação com o contexto em que esteve inserido, além do diálogo entre a produção e a recepção de obras literárias.

Por tudo isso, na articulação entre arquivo, arquivista e arconte o certo é que não se pode afastar a possibilidade da memória seletiva. As escolhas se firmam a partir de parâmetros culturais, sociais, políticos, etc. A seleção do que deve ser arquivado e lembrado está da gênese do arquivo à sua recepção; tais memórias ganham proposições as mais distintas, a depender dos objetivos de quem as manipula ou para que fins são guardadas e, posteriormente, ativadas ou não.

Para ampliação das possibilidades de entendimento sobre os arquivos de escritores faz-se necessário: adequação e inserção de novos campos de estudo, a criação de diálogos interdisciplinares que desconstruam limites preestabelecidos, e atendimento às novas demandas, considerando o momento da leitura do arquivo.

4.1 ARQUIVO: LUGAR DE MEMÓRIA E DE HISTÓRIA (O SENTIDO SOCIAL DO ARQUIVO)

Este texto relaciona o conceito de arquivo como “lugar de memória”, não exatamente como preconizou Nora (1993), que trata os museus, arquivos e mesmo as comemorações como lugares de memória oficial, nacional, mas sim, como lugar

de memórias e de história, nele objetivadas, passíveis de interpretações e em diálogo com o tempo presente. Pierre Nora também defende que, entre as muitas formas de objetivação das memórias, estão os arquivos, e que estes só existem porque não há memórias espontâneas, daí a necessidade de fixá-las de alguma forma, ou seja, de materializá-las:

> Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. [...] Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É esse vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. (NORA, 1993, p.13).

Dessa forma, parece-nos que a constituição dos lugares de memória é forjada pela história que quer neles um lugar para si. Ou seja, há um jogo da memória e da história na construção desses lugares e, segundo Nora, é preciso ter "vontade de memória", e que "na falta dessa intenção de memória os lugares de memória serão lugares de história." (1993, p. 22).

Entendemos que é no movimento da história que a memória encontra o seu lugar. Por tudo isso, os arquivos são espaços sociais e de movimentação histórica. A primeira atitude de quem busca um arquivo – após o instante de contemplação – é a de questioná-lo, confrontar suas informações, entender seus documentos e a validade deles no tempo histórico em que surgiram, assim como no momento da recepção, da leitura do arquivo.

Falar de arquivo implica falar de documento. Um estudo desenvolvido por Jacques Le Goff retrata como os documentos que registram a história da sociedade eram considerados como uma, entre outras formas de monumentos, pois, conforme define, "O *monumentum é* um sinal do passado. Atendendo às suas origens filológicas, o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação, por exemplo, os atos escritos." (1990, p. 535). O autor explicita ainda:

> É no século XVII que se difunde, na linguagem jurídica francesa, a

> expressão *titres et documents e o* sentido moderno de testemunho histórico data apenas do início do século XIX. O significado de "papel justificativo", especialmente no domínio policial, na língua italiana, por exemplo, demonstra a origem e a evolução do termo. O documento que, para a escola histórica positivista do fim do século XIX e do início do século XX será o fundamento do fato histórico, ainda que resulte da escolha, de uma decisão do historiador, parece apresentar-se por si mesmo como prova histórica. (LE GOFF, 1990, p. 536).

Essa condição histórica do documento descrita por Le Goff é traduzida, muitas vezes, como uma prova forjada dos fatos, deixando nos anais da história a versão que atende a uma determinada parcela da sociedade, sem considerar a totalidade em que tais provas estão inseridas. O conceito de documento em uma perspectiva histórica amplia os entendimentos etimológicos, filológicos, genéticos ou semânticos, se observadas as relações socioculturais que o circundam, da sua produção às recepções e análises posteriores. Na concepção desse historiador

> O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 1990, p. 545).

Entendendo a condição do documento, conforme concepção de Jacques Le Goff, estaríamos atribuindo ao monumento o poder de perpetuar, em uma dada sociedade, uma representação por ela mesma determinada. Daí a necessidade de nos tornarmos cada vez mais críticos, para que a representatividade dos documentos/monumentos não se institua como forma soberana de se conhecer uma sociedade e sua história. Para este historiador não existe documento-verdade e destaca a urgência de transferir o “documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica”. Afirma, então, que:

> Todo o documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. [...] qualquer documento é, ao mesmo tempo, verdadeiro – incluindo, e talvez sobretudo, os falsos – e falso, porque um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É preciso começar por desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos. (LE GOFF,

> 1990, p. 548).

Quanto mais o documento parece ser objetivo, mais se deve questionar a sua subjetividade. Mesmo com o triunfo do documento sobre o monumento, este termo, ainda no século XIX, é usado para as grandes coleções de documentos, conforme exemplos trazidos pelo próprio historiador:

> Na França, aparece a partir de 1835 a "Collection de documents inédits sur l'histoire de France". Os "Documenti di storia italiana" são publicados pela Regia Deputazione sugli studi di storia patria per le provincie di Toscana, dell'Umbria e dele Marche desde 1867; os "Documenti per service alla storia di Sicilia", publicados pela Società siciliana per la storia patria, aparecem a partir de 1876. (LE GOFF, 1990, p. 538).

Não é intenção deste texto tratar da historiografia do documento, apenas considerar sua importância no conjunto arquivístico em que memória e história se imbricam em favor do conhecimento sobre a sociedade e os homens. A necessidade de se ampliar a noção de documento é fato relativo à contemporaneidade, não mais limitando-o ao texto em si, mas em sentido amplo. Seja ele escrito, ilustrado, sonoro, imagético ou expresso de qualquer outra forma, vale considerar as circunstâncias em que são produzidos, pesquisados, analisados.

Conforme estudo realizado por Ulpiano T. Bezerra de Menezes (1998, p. 93), há uma diferença a ser considerada entre as categorias objeto histórico e documento histórico. A primeira é a categoria sociológica do objeto histórico que, em muitos museus, constitui presença exclusiva ou de clara prevalência; a segunda é a categoria cognitiva do documento histórico, suporte físico de informação histórica.

O historiador Marc Bloch, citado por Le Goff, esclarece, de forma bastante contundente, a crítica que se deve ter aos documentos como algo definitivo; devendo o historiador e, em nosso caso, o pesquisador, desconfiar sempre da materialidade que se encerra em si mesma. Ele afirma:

> Não obstante o que por vezes parecem pensar os principiantes, os documentos não aparecem, aqui ou ali, pelo efeito de um qualquer imperscrutável desígnio dos deuses. A sua presença ou a sua ausência nos fundos dos arquivos, numa biblioteca, num terreno, dependem de causas humanas que não escapam de forma alguma à

> análise, e os problemas postos pela sua transmissão, longe de serem apenas exercícios de técnicos, tocam, eles próprios, no mais íntimo da vida do passado, pois o que assim se encontra posto em jogo é nada menos do que a passagem da recordação através das gerações. (BLOCH, apud LE GOFF, 1990, p 544).

Ao pensar os arquivos na contemporaneidade – como lugar de memória e de história – verificamos que os posicionamentos de alguns estudiosos aqui elencados não apresentam disparidades, pelo contrário, eles dialogam sem perder suas essências. Mesmo quando se trata de áreas distintas, que os utilizam como fontes ou como objeto do conhecimento, tal como o faz a Arquivística, subsidiando as demais áreas:

> Esse gesto de separar, de reunir, de coletar é o objeto de uma disciplina distinta, a arquivística, à qual a epistemologia da operação histórica deve a descrição dos trabalhos por meio dos quais o arquivo promove a ruptura com o ouvir-dizer do testemunho oral. (RICOEUR, 2007, p.178)

Deve-se, portanto, à Arquivística a condição materializada da história e da memória nos arquivos; entendemos, no entanto, que não há imparcialidade nesse arquivamento, assim como não há no desarquivamento.

Quando se propõe um trabalho com arquivos, é relevante destacar o tratamento que se deve ter com o material físico e, principalmente, com matérias históricas, políticas e sociais destes documentos que recaem sob a responsabilidade do pesquisador ou arquivista. Reitera-se, dessa forma, a assertiva de Renato Gomes em “A sedução do arquivo”:

> O acervo impõe uma posição pessoal de quem o reativa, do arquivista, que passará a “agente de formação da memória”, uma vez que o arquivo não é uma realidade pronta e acabada: ao contrário, em certa medida ele é construído pelo trabalho do sujeito, que ao cumprir nele um itinerário, deixa suas pegadas, seus vestígios. (GOMES, 2002, p. 97).

Em três momentos distintos, os documentos de arquivo passam por estágios de análise crítica: na produção, no arquivamento e na recepção. Em nenhum deles se pode considerar que este material seja bruto ou acabado. A esse respeito, Le Goff

afirma que:

> O fato histórico não é um objeto dado e acabado, pois resulta da construção do historiador, também se faz hoje a crítica à noção de documento, que não é um material bruto, objetivo e inocente, mas que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro. (LE GOFF 1990, pp.10-11).

Os trabalhos com arquivos ou acervos literários ganham sentido quando os documentos que deles fazem parte, recolhidos e preservados por seus arcontes, deixam o seu estado físico de papel ou de outro suporte que os materializem para, uma vez disponibilizados a pesquisadores, ganharem as múltiplas faces das informações neles contidas.

Podemos dizer que este momento de encontro com a cultura, com a gênese da criação, com a história, promovido pelo olhar investigativo do pesquisador, é uma expressão da memória, ou nas palavras de Nora (1993, p.11), “uma vontade de memória”: “O que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca”.

Tudo o que está registrado no arquivo, do risco ao tipo de papel, do bilhete ao recorte, do telegrama à cola, dos fatos à filiação ideológica de seus atores sociais, tudo isso é fonte histórica, mas também é memória materializada, objetivada. Daí preferirmos dizer que, no movimento da história, a memória também encontra o seu lugar no jogo dos lugares. Essa “vontade de memória” interage com a “vontade de história” na formação, conservação e revelação do arquivo.

O percurso pelo arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima se dá desconstruindo a permanência do guardado como representação oficial, nacional, imperativa, para interferir em seus registros, revendo o passado não em sua reprodução crua, mas atualizando a própria história conforme a condição social, política e cultural do momento. Isso não tira do arquivista de si o direito autoral como um intelectual de seu tempo, mas, pelo contrário, confirma esta característica preponderante em toda a sua obra, e ainda dialoga com o tempo presente ao reconhecer a sua importância na formação de consciência a partir das experiências como ator social.

No entanto, mesmo que o arquivista tivesse como propósito explicitar tudo

de si, a imagem traçada estaria cheia de silêncios. O titular de um arquivo, por mais que queira, não conseguiria inscrever a totalidade de si mesmo e de suas ações no tempo, pois que, no silêncio há mais do que o não dito. Suas rasuras, suas lacunas, dizem mais do que o subtraído. Ou, expressando as palavras de Marques:

> Como é impossível arquivar nossas vidas de uma vez por todas, e em sua totalidade, os arquivos apresentam um caráter lacunar, de inacabamento. Conservando seus papéis e documentos, funcionam como suplementos da memória e da obra do escritor. Com seu poder de rasurar, intervir, modificar e suplementar, afirmam o caráter também inacabado não somente de sua autobiografia, mas também da obra do escritor, problematizando a noção de texto último, definitivo. (2003, pp. 149-150).

Os espólios dos escritores contemporâneos, que são muitos, representam grande parte da herança cultural preservada na memória dos arquivos e a inclusão de Camillo de Jesus Lima nesse rol amplia a diversidade de saberes, de testemunhos, de histórias que dialogam entre si e com o tempo presente, formando uma complexa colcha de retalhos que traz informações sobre o saber comum e, especialmente, sobre o homem histórico e sua participação intelectual em boa parte do século XX.

Conforme revelado por Alicia Duhá Lose (2004), o arquivo – no caso especial dos espólios literários modernos – é multidisciplinar e dele pode se valer o historiador, o filólogo, o geneticista, o biógrafo. Ele diz do processo de criação, dos movimentos da feitura literária, traz dados da vida e da obra de seu autor, retrata a sociedade contemporânea do escritor e ainda revela marcas da recepção da obra.

Acontece que, na busca incessante pelo que se quer enxergar em um espólio, muitas vezes, apagam-se indícios que gritam de dentro do arquivo, daí a necessidade de saber lidar com a investigação, procurando um equilíbrio entre a paixão e a isenção do pesquisador. Ou, poderia dizer, contaminar-se e curar-se do “mal de arquivo”, termo cunhado por Jacques Derrida (2001) em livro homônimo, quando explica a perturbação que sofrem os que se envolvem nas tramas arquivísticas:

> A perturbação do arquivo deriva de um mal de arquivo. Estamos com mal de arquivo (en mal d’archive). [...] É arder de paixão. É não ter

> sossego, é incessantemente, interminavelmente procurar o arquivo onde ele se esconde. [...] É dirigir-se a ele com desejo compulsivo, repetitivo e nostálgico, um desejo irreprimível de retorno à origem, uma dor de pátria, uma saudade de casa, uma nostalgia do retorno ao lugar mais arcaico do começo absoluto. (DERRIDA, 2001 p.118-119).

E esse envolver-se nas tramas do arquivo é uma prática que abrange tanto o arquivar-se como o revelar-se, afinal, esse desejo ontológico se imprime como processo histórico. Vale finalizar com um pensamento de Artières (1998, p. 10): “Passamos assim o tempo a arquivar nossas vidas: arrumamos, desarrumamos, reclassificamos. Por meio dessas práticas minúsculas, construímos uma imagem, para nós mesmos e às vezes para os outros”.

No caso de Camillo de Jesus Lima, a imagem que ele constrói de si é a de um homem extremamente preocupado com os rumos da humanidade, pois tem consciência política das contradições que sedimentam a vida em sociedade. Põe-se, então, como mais um, entre tantos que lutam, na esperança de um tempo sem exploração social. Sabe da importância de seu papel intelecualo valor que as palavras

4.2 OS UMBRAIS DO ARQUIVO: ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO (A TRAJETÓRIA DO ARQUIVO DE CAMILLO DE JESUS LIMA)

Os patrimônios arquivísticos de escritores, quando não são entregues a instituições para guarda, organização e preservação, ficam com algum familiar que, mesmo não conhecendo as melhores condições de preservação, busca preservar o material como pode, no intuito de resguardar as memórias arquivadas. Afora isso, há ainda acervos em mãos de pequenos grupos, ou de pessoas a quem as famílias, por confiança, delegam o poder de guarda. Conforme aponta Jacques Derrida, o posto de guardião era concedido a alguém pela confiança que uma determinada comunidade nele depositava.

> Inicialmente, uma casa, um domicílio, um endereço, a residência dos magistrados superiores, os arcontes, aqueles que comandavam. Aos cidadãos que detinham e assim denotavam o poder político,

> reconhecia-se o direito de fazer ou representar a lei. Levada em conta sua autoridade, publicamente reconhecida, era em seu lar, nesse lugar que era a casa deles (casa particular, casa de família ou casa funcional) que se depositavam os documentos oficiais. Os arcontes foram seus primeiros guardiões. (DERRIDA, 2001, p.12).

Parece-nos que essa função arcôntica ainda permanece; não perdeu, de todo, a sua origem primeira, seu caráter ontológico e nomológico. A partir da conceituação de Derrida, podemos afirmar que o arquivo do escritor Camillo de Jesus Lima enquadra-se nesse perfil, pelo seu estado topo-nomológico. Há mais de oito anos, o acervo está sob a responsabilidade de Ruy Hermann Araújo Medeiros, resguardado na biblioteca de seu escritório de advocacia. Ainda não está aberto ao público, como desejam seu arconte atual e a família do escritor, como desejamos todos nós pesquisadores de arquivo. Mesmo nas condições em que se encontra, há possibilidade para pesquisas restritas, o que já significa um avanço entre os níveis privado e público.

Estas são as primeiras justificativas para situar o arquivo de Camillo de Jesus Lima como um arquivo em movimento, ou como o classificaria Marques (2015), no trânsito do privado ao público. Para essa articulação transitória este autor propõe a diferenciação entre os conceitos de arquivos de escritores/escritoras e os arquivos literários. Os primeiros estariam no domínio ainda doméstico, e os segundos, sob o domínio de instituições públicas ou mistas, abertos à consulta de pesquisadores das mais diversificadas áreas do conhecimento e ou interessados no assunto. Essa passagem do privado ao público ganha, no entender do autor, uma dimensão que diferencia o “arquivo do escritor ou escritora” dos “arquivos literários”, tanto em termos topológicos quanto nomológicos. Teriam os arquivos pessoais uma nova domiciliação, uma nova morada; também estariam sob novas leis e princípios de organização, preservação, sob um novo comando.

Marques afirma que há um “interesse crescente pela custódia e instalação de acervos literários, envolvendo tanto instituições do campo público, ou estatal, quanto do âmbito privado, ou de caráter misto.” (2015, p. 117). Quando o arquivo privado migra para o espaço público (sob a guarda de bibliotecas públicas, de centros de documentação e pesquisa de universidades ou fundações culturais), ele passa, segundo esse autor, ao *status* de “arquivo literário”, aberto a consultas e

pesquisas, acadêmicas ou não. Segundo concepção do autor de *Arquivos Literários*, com essa nova categoria busca-se, ainda, uma metamorfose no arquivo pessoal: “ele apresenta agora um estatuto ambíguo, uma vez que ainda é e já não é mais o arquivo pessoal do escritor em sentido estrito, situando-se num espaço intervalar, nos umbrais do público e do privado.” (MARQUES, 2015, p. 34).

Nesse sentido, podemos dizer que o arquivo de Camillo de Jesus Lima, atualmente, se encontra nesse “espaço intervalar”. Até chegar ao estágio atual, sua trajetória foi marcada por situações de ocultamento, de risco, de vulnerabilidade, mas, acima de tudo, pela vontade de preservação.

Se a gênese do arquivo teve o próprio Camillo de Jesus Lima como primeiro arquivista – compilando o que escrevia e o que publicava –, posteriormente, pode contar com outros guardiões, que ajudaram na preservação da memória do escritor: Erathósthenes Menezes, Mozart Tanajura, Carlos Jehovah e Ruy Medeiros são os principais deles, além da família do escritor.

O espólio esteve sob a guarda da Casa da Cultura de Vitória da Conquista para que se organizasse uma edição das obras completas, tentativa, muitas vezes, frustrada, pois até o momento atual, os livros deixados inéditos pelo escritor assim permanecem. Somente em 2015, após alguns anos de labuta junto aos órgãos públicos, saiu, pela editora da Assembleia Legislativa da Bahia, uma edição em dois volumes da obra poética do autor, organizada por Ruy Medeiros, contendo apenas os livros que foram publicados em vida, antologias que se esgotavam logo após as publicações, devido ao pequeno número de tiragens.

Procuramos Carlos Jehovah, representante da Casa da Cultura como seu presidente, e Ruy Medeiros, atual guardião do acervo, para nos contar um pouco sobre a trajetória desse patrimônio arquivístico e das experiências que tiveram ao lidar com o material entregue pelos familiares. Luiz Carlos e Albion Helênica, filhos de Camillo, também estiveram conosco, por várias vezes, demonstrando-se preocupados com a dispersão dos documentos do pai, expressando o desejo de ver o arquivo preservado e os livros inéditos publicados, para que o público leitor pudesse conhecer a literatura camilliana. Em uma visita que fizemos à residência de Luiz Carlos, em Macarani, fomos recebidos por ele, sua esposa Juldi, suas filhas e sua irmã adotiva Marta Cristina. Nessa oportunidade Luiz confessa:

> O que pode acontecer com o passar do tempo é tudo se perder, como já aconteceu com uma parte que achei em um baú, toda já estragada, não dava para ler mais nada. O papel desmanchava quando a gente tocava. O que deu para aproveitar foram esses cadernos e livros já bastante estragados pelo tempo [entregando-nos alguns cadernos com notas de leituras, cadernetas e documentos pessoais]42. [...] Por isso a gente precisa publicar as coisas de meu pai que ainda tão inéditas, para não se perder e para as pessoas conhecerem, pelo menos uma parte dos livros, como esse do professor Mamede Campelo.43

As lembranças de Carlos Jehovah44 trazem um pouco da trajetória do arquivo e reforçam o que Luiz Carlos comentou acima. Ele revela por quais mãos andaram os textos "proibidos" e a forma como as pessoas se preocupavam com a memória poética de Camillo de Jesus Lima:

> O material de Camillo estava praticamente esquecido. A família, depois de 64, quando Camillo foi preso, guardou tudo com muito cuidado. Eles não cediam a ninguém, tinham um certo receio de serem penalizados pela polícia do exército, que aqui ficou sediada por algum tempo. Dificilmente alguém tocava nos poemas de Camillo, a não ser quando de posse de algum jornal da época. Graças ao medo, a obra de Camillo foi salva. [45]

Jehovah, embora muito mais jovem que Camillo, desenvolveu laços de amizade com o escritor, de quem fala com emoção e respeito pela obra e pelas ações humanas, nunca separadas uma das outras. O seu empenho em formar um grupo em torno do autor de "Lição", que pudesse tornar o escritor conhecido, vem desde 1980. Nesse período, lembra-se de que, junto com a Casa da Cultura, assumiu o compromisso de inventariar tudo que estava em mãos de alguns amigos

---

42 Cf. ANEXO A, Fig. 20 a 22 – livros como *Eneida Brazileira*, uma edição de 1854; *O Banquete*, de Platão; livros de Humberto de Campos com anotações de leitura. (Entregues a esta pesquisadora em 30 de agosto de 2015), pp. 199-200.

43 Depoimento de Luiz Carlos Lima (Luiz de Camillo) em 30 de agosto de 2015, audiovisual, 3,17GB, 00:44:39 de duração. [Transcrição nossa].

44 Carlos Jehovah de Brito Leite é escritor, poeta e dramaturgo. Sua primeira peça, *Os Sacanas*, foi prefaciada por Camillo de Jesus Lima, assim como o livro de poemas *Cicatriz*. Com Mozart Tanajura escreveu a peça *O Corpo do Morto*. Tem uma sólida parceria com o escritor Esechias Araújo Lima, juntos escreveram o *Auto da Gamela*, prefaciado por Rachel de Queiroz, entre outras obras. É membro fundador da Casa da Cultura de Vitória da Conquista, instituição que hoje traz o seu nome, e nela se mantém como seu presidente.

45 Depoimento de Carlos Jehovah, em 4 de junho de 2016, audiovisual, 3,93GB, 00:55:43 de duração. [transcrição nossa].

e da família do escritor, para garantir a sobrevivência da obra camilliana:

> Nós fizemos uma comissão. Vicente Cassimiro, Geraldo da Silveira, Erathósthenes e eu nos reunimos com Pedral e lá fizemos ver a importância da obra de Camillo e o cuidado que deveríamos ter com esse material, que estava fadado ao desaparecimento, a qualquer momento. [...] No intuito de salvaguardar a memória de Camillo, nos reuníamos às tardes de sábado no casarão de João Cairo. Mozart ficou sendo o responsável pela guarda do material e lá começamos a separar os poemas das crônicas, dos ensaios, do romance, etc46.

Este foi um passo fundamental para o início da organização do arquivo literário de Camillo de Jesus Lima. Embora o objetivo primeiro tenha sido a organização de uma edição das obras completas, os resultados da distribuição dos textos em volumes datilografados e encadernados contam como mais uma fonte e instrumento para as pesquisas no arquivo, somando trinta cadernos com poesias de diferentes fases, traduções, contos, crônicas, críticas, cartas e romances.

No que diz respeito à reprodução dos originais que ficaram sob a responsabilidade de Mozart Tanajura, Jehovah ressalta dois pontos: primeiro, a cópia fidedigna dos documentos; segundo, a importância de tornar pública a obra de um escritor do porte de Camillo:

> A professora Miralva, quem datilografou tudo, foi muito cuidadosa, criteriosa, transcrevia a forma da escrita dos textos que tinha como base a formação clássica do autor, advinda dos conhecimentos e ensinamentos do professor Fagundes, pai de Camillo. Tudo foi datilografado exatamente como estava nos manuscritos. Posteriormente, eu passei uma cópia desse material, que foi organizado por Mozart e Miralva, para Ruy Medeiros que, a partir daí, organizou os dois volumes da Obra Poética47.

Nessa referida antologia (Obra Poética) estão contemplados os sete livros de poemas editados em vida e mais um livreto, de autoria do pseudônimo Brás Cubas. O organizador considerou relevante publicar nesses volumes o discurso pronunciado por Camillo de Jesus Lima na Academia Carioca de Letras, ocasião do recebimento do prêmio Raul de Leoni, em 1942, uma cronologia da vida do autor e

---

46 Idem nota anterior.

47 Depoimento de Carlos Jehovah, em 4 de junho de 2016, audiovisual, 3,93GB, 00:55:43 de duração. [transcrição nossa].

um texto de Mozart Tanajura, que seria utilizado como apresentação às obras completas.

Ruy Medeiros também comentou sobre essa trajetória descrita por Jehovah e sobre o acervo que atualmente está sob a sua responsabilidade. Descreve, de forma panorâmica, o conjunto da obra, especialmente os livros pautados, nos quais estão compilados recortes de jornais e de revistas, a correspondência e textos datiloscritos e manuscritos. Afirma que nem todos os textos publicados pelo autor estão no acervo, indicativo de que a produção literária de Camillo de Jesus Lima é ainda maior do que aquela arquivada. Um fator para essa dispersão talvez tenha sido o fato de Camillo ter colaborado com muitos periódicos, inclusive fora da Bahia, como crítico de rodapé, conforme relata:

> Nem tudo foi recortado e ajuntado ao arquivo pelo titular. Mas uma boa notícia é que tanto o jornal *A tarde* (quase todo digitalizado) como os jornais *O Combate, O Conquistense* e *O Jornal de Conquista* (com os quais Camillo colaborou) possuem seus acervos praticamente completos, o que dá ao arquivo de Camillo de Jesus Lima a condição de ampliação, de ter quase que a totalidade do que foi por ele publicado.[48]

Este arconte também acredita ser o próprio Camillo o primeiro arquivista do espólio: “Tudo indica que Camillo acumulava esse material em malas, caixas, gavetas, até o arquivamento desses recortes nos livros pautados. Ele era mesmo o próprio guardião desse arquivo”, afirma Medeiros.

Tanto Carlos Jehovah como Ruy Medeiros demonstraram extrema preocupação com os escritos de Camillo de Jesus Lima. Expressaram um grande respeito pelo escritor que consideram um dos maiores do Brasil em sua época. Ambos os arcontes mencionaram poemas que consideram marcantes em suas vidas. Entre os citados por Carlos Jehovah está o “Lição”, texto denso, que ele, como ator e diretor de teatro, declama emocionado, provocando a nossa emoção. Enquanto Ruy Medeiros, em fala alusiva à liberdade e à estética camilliana, evoca: “Me solta, gente, eu quero atravessar a fronteira”, versos do poema “A balada do Vira-mundo” e “Solidão uma conversa, eu estou é no meio do mundo”, versos do

48 Depoimento de Ruy Hermann Araújo Medeiros, em 6 de maio de 2015, audiovisual, 1,60GB, 00:22:00 de duração. [Transcrição nossa].

poema “O poeta escrevendo”. E voltando seu olhar ao acervo, Medeiros relaciona o conteúdo dos versos recordados com a vida do seu escritor:

> A gente sabe que Camillo andou banido, vamos dizer assim, da literatura, por ser um autor de esquerda. Mas ele não é apenas um autor de esquerda. Ele é um grande crítico e um grande lírico também. A gente acredita que Camillo volte a ser um autor lido.49

E para chegar a tal intento contamos com a possibilidade do movimento nos umbrais do arquivo: a criação do Arquivo Literário de Camillo de Jesus Lima (ALCJL), uma proposta interdisciplinar, para ampliação do portal entre passado e presente, entre memória e história, entre sujeito e objeto. Uma ação coletiva com o objetivo de resguardar a história e as memórias de um homem e da sociedade de seu tempo, dialogando e contribuindo com as gerações atuais e as da posteridade.

---

49 Idem nota anterior.

5 ALGUMAS REVELAÇÕES DO ARQUIVO (ESCRITOS DA DÉCADA DE 40 DO SÉCULO XX)

> *O arquivo apresenta-se assim como o lugar físico que abriga o destino dessa espécie de rastro que cuidadosamente distinguimos do rastro cerebral e do rastro afetivo, a saber, o rastro documental.*

Paul Ricoeur, *A memória, a história, o esquecimento*, 2007, p.177.

Conforme já anunciado, dois livros do arquivo do escritor Camillo de Jesus Lima formam o lastro desta pesquisa. Coube a esta seção desarquivar o guardado, com o seguinte propósito: apresentar a concepção de mundo do arquivista de si a partir das revelações de seus próprios documentos. Isso confirma o enunciado em epígrafe, acrescentado da afirmação: “o arquivo não é apenas um lugar físico, espacial, é também um lugar social.” (RICOEUR, 2007, p.177).

Segue uma apresentação panorâmica dos dois arquivos em estudo, o Livro azul e o Livro cinza, com o intuito de situar o nosso leitor. O primeiro é um grande livro de capa dura de cor azul, com páginas numeradas e pautadas. Poderia também ser chamado “Livro de Albion” a quem foi dedicado, conforme inscrição no verso da primeira folha, ao lado de uma fotografia do autor, com data de 30 de novembro de 1941: “Escuta, Albion: Si, um dia, te perguntarem quem era teu pai dirás: 'Ele era um poeta'. É o mesmo que se disseres: 'Ele era bom...”[50] [transcrição fiel do documento].

A distribuição dos documentos nesses arquivos não obedece a uma ordem cronológica, indicando que o seu primeiro arquivista preservava-os de forma avulsa e, uma vez que decidiu agrupá-los nesses volumes, foi compilando sem essa preocupação, o que não significa que haja desordem, pelo contrário, praticamente todos os documentos estão datados e com as referências de publicação, no caso dos recortes de jornais e revistas.

No verso da capa desse primeiro livro há um poema escrito em 1975, ano da morte de seu autor, e resíduo de cola, o que parece ser de algum outro documento que fora retirado e substituído pelo atual. Este é um texto manuscrito por Camillo de Jesus Lima, em folha de caderno, provavelmente anexado pela família,

---

50 Cf. ANEXO A, Fig. 7 – Dedicatória de Camillo a Albion – Livro azul, p. 191.

posteriormente à sua morte. Segue um pequeno fragmento do mesmo:

> Quando eu morrer,
> Ninguém pense em levar-me ao cemitério
> Ao som de marcha-fúnebre.
>
> Quero a alma de meu povo, representada por um samba bem brasileiro
> Que fale dos barracos empinados no morro,
> Vida amarga e alegre ao mesmo tempo;
> Quero a toada do boiadeiro,
> Arrancada em meio à "poeira vermelha,
> Poeira do chão."
>
> Ninguém chore por mim, quando eu morrer...51

No final do compêndio Livro azul há alguns documentos, não mais anexados pelo arquivista de si. São recortes de notícias que saíram em jornais sobre a precoce morte do escritor, assim como cartões e notas de condolências à família. Todas as páginas são pautadas e os documentos (cartas, recortes, cartões, textos datilografados e manuscritos) estão a elas anexados com cola[52].

O arquivo "Livro cinza", que também traz no título a cor de sua capa, guarda originais de cartas, de crônicas e de ensaios críticos escritos por Camillo. Estes documentos autógrafos, também foram compilados sem uma ordem cronológica, afixados com cola (muita cola!). Estão escritos a tinta, grafite ou datilografados, em tipos diversos de papéis, que foram dobrados para melhor acomodação entre as páginas, e mesmo assim, ou por isso mesmo, sofreram agressões do tempo, estando alguns muito estragados, impossibilitando a leitura. Essa opção de acomodação dos papéis que o autor do arquivo escolheu para o seu arquivamento requer cuidado especial no manuseio e necessita de urgente recuperação para a preservação da memória e da história ali materializada e organizada[53].

Estes e aqueles documentos constituem os escritos autobiográficos do escritor baiano, seja revelando a si mesmo, a sociedade e o tempo em que viveu, analisando criticamente a cultura, a política, as gentes que compõem o contexto histórico.

---

51 Fragmento do poema Peço, contracapa do Livro azul.
52 Cf. ANEXO A, Figs. 8 e 9 – Distribuição de documentos no arquivo Livro azul, p. 192.
53 Cf. ANEXO A, Figs.11 e 12 – Distribuição de documentos no arquivo Livro cinza, p. 194.

Por meio das missivas, de crônicas jornalísticas ou da crítica de rodapé, Camillo de Jesus Lima expõe a sua concepção de mundo, conforme os princípios que regem sua existência humana. Há nos arquivos “Livro azul” e “Livro Cinza”, relatos que revelam as condições objetivas da produção intelectual do escritor – desde sua formação leitora aos reflexos dela em sua escrita, como também revelações de sua memória autobiográfica e das suas relações sociais.

Estes dois volumes do arquivo de Camillo de Jesus Lima apresentam e atestam o perfil do arquivista, o que ele desejou reservar de si à posteridade. Muitas vezes encontramos o sentimento de mundo escondido em um “corpo de porco-espinho”, outras tantas o vemos como porta-voz desse mesmo sentimento, vestido de si e do Outro, desafiando uma realidade objetiva, e o faz com grande porção lírica.

No “Livro cinza” destacam-se crônicas e criticas de rodapé em que as questões sociais são matérias preponderantes, sobretudo, da décadas de 40, enquanto que o “Livro azul” é constituído por cartas recebidas pelo titular do arquivo, entrevistas e ensaios sobre o escritor, publicados em jornais e revistas – principais fontes da recepção crítica à obra literária camilliana enquanto ele vivia – algumas já vos apresentadas em seções anteriores. Desta feita, podemos dizer que enquanto neste último predomina um olhar de fora para dentro, naquele predomina um olhar de dentro para fora, o que não significa um estar em detrimento do outro, pelo contrário, existe uma relação dialética na composição desse todo que é a vida de Camillo de Jesus Lima.

Dada a quantidade desses manuscritos é imprescindível uma seleção. Todos os documentos escolhidos para ilustrar essa seção são da década de 40 do século XX e contemplam um determinado aspecto entre os que Camillo utilizou em cartas, crônicas e críticas: a temática social.

As cartas eleitas foram escritas a dois amigos e tratam, em especial, de suas escolhas políticas e da estética literária, justificando, por meio de seus argumentos a relação entre vida e literatura, segundo a concepção que tinha da realidade. As crônicas, publicadas no jornal *O Combate*, versam sobre acontecimentos históricos do período ou que sobre ele deixaram suas marcas. Quanto às críticas de rodapé, compõem o *corpus* algumas resenhas críticas, também publicadas em *O Combate*, e

que tiveram como objeto de análise do parecerista, livros que tematizavam o social e o político, em edições consideradas de esquerda naquele momento, ou que, pelo menos, estiveram vinculadas aos ideais de uma organização socialista/comunista.

Esta seção apresenta, portanto, o perfil autobiográfico que Camillo de Jesus Lima traçou de si, para si e para o mundo; faz uma mostra das atividades que ele assumiu em um determinado contexto histórico e analisa parte das revelações encontradas no arquivo pessoal do escritor. Deixamos claro que não se trata de uma análise do todo, mas da totalidade, que está nas relações das partes com o todo. Tal análise confirma a contribuição que Camillo de Jesus Lima deu à literatura e à crítica brasileira em meados do século XX.

5.1 CRÔNICAS DE UM INTELECTUAL "DE ESQUERDA" (O PENSAMENTO POLÍTICO E SOCIAL DE CAMILLO DE JESUS LIMA)

> *A paisagem humana do Brasil, crua na sua realidade burguesa, impiedosa e ilógica na sua desgraça proletária, deu-me a função social de intelectual de esquerda*.
>
> Camillo de Jesus Lima, *Revista Cooperação*, 1945.

A epígrafe que abre essa seção traz um depoimento do próprio Camillo, assumindo-se como um intelectual de esquerda. Mas antes de entender essa autodefinição, consideremos o conceito de intelectual a partir dos pressupostos gramscianos. Para Gramsci, todos os homens são intelectuais, mas "nem todos possuem na sociedade essa função de intelectuais." (GRAMSCI, 1972, p. 24). O que nos parece, na declaração em epígrafe, Camillo de Jesus Lima assume essa função e é disso que nos certificaremos adiante.

A premissa de Gramsci, ao afirmar que todos os homens são intelectuais, tem como base ontológica a condição humana: ser que se difere dos demais pela capacidade racional. Desde que o homem descobriu o trabalho, o fez não somente pela força corporal (nervo-muscular), mas também espiritual (intelectual-cerebral), na indissociabilidade do *homo faber* com o *homo sapiens*. Marx explica didaticamente essa relação quando afirma que:

> Pressupomos o trabalho sob forma exclusivamente humana. Uma aranha executa operações semelhantes às do tecelão, e a abelha supera mais de um arquiteto ao construir sua colmeia. Mas o que distingue o pior arquiteto da melhor abelha é que ele figura na mente sua construção antes de transformá-la em realidade. (MARX, 1975, p. 202).

O estudo desenvolvido por Gramsci (1972, p.19) vai além de saber se há intelectuais e não-intelectuais. A questão que levanta em sua pesquisa sobre a formação dos intelectuais é se eles formam "um grupo social autônomo e independente" ou se "todos os grupos sociais têm as suas próprias categorias de intelectuais especializados", concluindo, historicamente, que existem diversas categorias de intelectuais, destacando entre elas, duas formas que considerou mais importantes, os que denominou "intelectuais orgânicos" e os "intelectuais tradicionais".

Chamou de intelectuais tradicionais aqueles que advêm de uma estrutura a eles anterior, e que tem como objetivo dar continuidade a esta formação, independentemente das transformações sociais e políticas pelas quais passou a história, ou melhor, são aqueles que, mesmo perante as mudanças transcorridas na sociedade, mantêm as formas sociais e políticas precedentes. Destaca, entre estes, os eclesiásticos, que, por mais de um milênio (Idade Média), monopolizou a ideologia religiosa, a filosofia e as ciências da época, até o surgimento de outras categorias de intelectuais, como, por exemplo, a "aristocracia da toga", "com os seus próprios privilégios e hierarquias de administradores, cientistas, teóricos, filósofos não-eclesiásticos." (GRAMSCI, 1972, p.22).

Se os escravos e servos eram responsáveis pelo trabalho manual, utilizando-se do esforço físico, à classe dominante (senhores e donos de terras, incluindo ainda, o clero e os aristocratas de toga) estava delegada a atividade intelectual. Mas esse modelo de divisão do trabalho ganha nova concepção com a Revolução Industrial e o desenvolvimento de produção capitalista. O conceito de intelectual se amplia para atender a novas e diferentes demandas produtivas. Criam-se diferentes grupos de intelectuais ligados aos campos de trabalho, conforme a exigência do mercado. Os técnicos e especialistas vão subsidiar os grandes empresários que, por sua vez, têm o conhecimento do todo que está sob o seu comando, constituindo, portanto, o que Gramsci chamou de "intelectuais orgânicos". Mas estes novos

intelectuais continuam atendendo à parcela dominante da sociedade, num ritmo frenético de produção e reprodução do conhecimento.

Isso não significa que a categoria dos intelectuais orgânicos não se forme também na classe operária, como afirma Serafim Ferreira, ao traduzir o livro *A formação dos intelectuais:* "o operário institui o organizador sindical, o revolucionário profissional e também os organizadores de uma nova cultura, etc." (GRAMSCI, 1972, p. 20, nota do tradutor), reforçando o que disse o autor sobre essa categoria:

> Qualquer grupo social que surge como base original de uma função essencial no mundo da produção econômica, estabelece junto dele, organicamente, um ou mais tipos de intelectuais que lhe dão homogeneidade não apenas no campo econômico, mas também no campo social e político. (1972, p. 19).

Desta forma, emerge, historicamente, a necessidade de um novo tipo de intelectual, aquele que

> radica-se no fato de desenvolver criticamente a manifestação intelectual – que em todos existe, num certo grau de evolução – modificando a sua relação com o esforço muscular-nervoso num novo equilíbrio e conseguindo que este, como elemento de atividade prática geral que renova perpetuamente o mundo físico e social, se converta no fundamento de uma nova e integral concepção do mundo. (GRAMSCI, 1972, p. 25).

Este princípio baliza a inserção de Camillo de Jesus Lima como um intelectual orgânico de novo tipo, aquele que desenvolveu bases necessárias de atuação conforme as suas condições objetivas, sendo crítico e cronista de jornais e autor de expressiva produção literária, diretamente ligada à sua *práxis* social. Como intelectual de esquerda concentrava, em sua vida prática, características necessárias para uma formação dirigente: construtor, organizador e persuasor constante, agregou em si o especialista e o político.

A condição de autodidata, não pertencendo formalmente a uma instituição que lhe desse a chancela acadêmica, não foi impedimento para sua participação como crítico e cronista em jornais da Bahia, aventando seus discursos pela área cultural, política e social, tornando-se ainda mais conhecido, devido ao alcance que o meio jornalístico possuía naquele momento.

Na entrevista concedida, em 1945, à *Cooperação,* revista citada anteriormente, Camillo de Jesus Lima responde ao entrevistador sobre a sua trajetória literária e a que tendência ele se vincularia:

> Na cidade de Conquista, onde a tragédia humana me ensanguentou a sensibilidade, comecei a compreender que a minha arte devia ter outra finalidade. Devia esquecer o mundo das emoções subjetivas e ter uma função social. Lembrei-me então das palavras de Mathews Arnold: a poesia deve ser uma crítica da vida, e achei razão na sentença de Wordsworth: a poesia é uma atitude do espírito diante dos fenômenos da existência. Deixei de ser um místico da beleza e fiz da arte uma arma de combate. (LIMA, nov. de 1945a, s/p).

Este posicionamento de Camillo de Jesus Lima corresponde ao que Walter Benjamin (1994) destaca da relação entre qualidade da produção literária e a tendência. Ou seja, a que ou a quem serve o autor em suas atividades. Se o escritor está a serviço da burguesia, há que se admitir um posicionamento de manutenção de uma ordem sem questionamento crítico, uma arte literária para a mera diversão. Mas, ao se tratar de um escritor progressista, a sua produção está a serviço da luta de classe, colocando-se do lado do proletariado. E, conforme o encaminhamento dado, o conceito de tendência que Benjamin defende nessa exposição é:

> A tendência de uma obra literária só pode ser correta do ponto de vista político quando for correta do ponto de vista literário. Isso significa que a tendência politicamente correta inclui uma tendência literária. Acrescento imediatamente que é essa tendência literária, e nenhuma outra, contida implícita ou explicitamente em toda tendência política *correta*, que determina a qualidade da obra. (BENJAMIN, 1994, p.121).

Desta forma, a questão acerca de como se situa uma obra de arte/literária dentro das relações de produção, se reacionária ou se revolucionária, depende da relação dialética e concreta que seus autores têm com a sociedade e com os ideais que ela defende. No caso do escritor Camillo de Jesus Lima, não apenas se vale aqui de seus depoimentos em causa própria, mas da obra que circulou em jornais, como resultado, como produto de suas relações sociais, uma crítica que se diz engajada às causas socialistas.

Outro aspecto que requer cuidada observação na abordagem que estamos fazendo sobre a atuação do escritor Camillo de Jesus Lima, como cronista de uma

feição crítica, é a forma como os textos veicularam em um período histórico marcado por guerras, repressões e censuras. Neste estudo, apenas para atender a uma questão metodológica, fizemos um recorte temporal (centramos o olhar na década de 40, quando a segunda grande guerra mundial estava em ritmo final e no pós-guerra) e um recorte espacial (falamos do jornal *O Combate*, de Vitória da Conquista, onde Camillo atuou como redator). Mas queremos deixar claro que a produção desse autor extrapola tais limites, dada a relevância literária, cultural e política que sua obra possui.

Quanto a esse jornal, sabemos que foi o que veiculou por maior tempo, de 1929 a 1964. *O Combate* passou por diversas direções desde a sua fundação, mas sempre resguardando a característica peculiar de criticidade, autodenominando-se "noticioso e independente". Os conceitos e posicionamentos políticos de seus fundadores e redatores refletiam os momentos conjunturais por que passava a realidade brasileira e mundial. Mas não podemos deixar de levantar, no mínimo, uma questão, quanto ao dizer-se "independente": independente de quê? O certo é que as notícias de âmbito internacional, ou mesmo nacional, que veicularam no jornal, não estavam isentas de posicionamentos partidários, portanto, subliminarmente, havia uma opinião formada acerca dos assuntos. Mas, nem por isso, o jornal fechava-se à diversidade política, pelo contrário, acolhia opiniões, muitas vezes, adversas.

Havia um respeito recíproco entre Camillo de Jesus Lima e Laudionor Brasil, diretor proprietário do jornal *O Combate*, mesmo nos momentos de divergência político-partidária entre eles, as portas do semanário nunca lhe foram obstruídas, para a veiculação do pensamento socialista e divulgação da ideologia marxista que Camillo acreditava possuir.

Com as mesmas impressões iniciais de quando chegou a Vitória da Conquista e foi acolhido pelo grupo de Laudionor A. Brasil, Camillo de Jesus Lima volta a falar do jornal *O Combate* nos seus vinte anos de existência, um ano antes da morte de seu fundador. Descreve a luta e as vitórias de Laudionor, em relação ao seu jornal, com um olhar crítico; falando como alguém que conheceu o lado difícil dessa relação "inglória" do meio jornalístico. Na crônica "Vinte anos de O Combate", Camillo de Jesus Lima, que fora seu redator de 1936 a 1945, faz-lhe uma homenagem e ao seu fundador:

> Uma vida cheia de lutas e heroísmo obscuro. De si mesmo poderia ter dito como Humberto de Campos, que não poderia ir mais alto por haver partido de baixo… Mas, na realidade, pouca gente tem podido chegar a que chegou este espírito admirável, não obstante a hostilidade do meio em que viveu e a despeito de sua modéstia doentia que lhe fechava todas as portas. (LIMA, 2002, p.15).

O cronista começa descrevendo o momento conflituoso que precede o nascimento do jornal, as crises por que passava o capitalismo mundial em 1929, as contradições entre o imperialismo britânico e o imperialismo ianque, que respingavam na economia do Brasil. Um período que, segundo ele, no pensar dos jovens fundadores, desejosos por mudanças, poderia ser profícuo, diante do descontentamento popular instalado no país. De um lado estava a política de banqueiros americanos que apoiavam Getúlio Vargas e a Aliança Liberal, e, do outro, os políticos "finórios" que se aproveitavam da crise para iludir as massas. A descrição que Lima (1949, p. 1) faz da gênese do periódico se fundamenta na observação da confiança que viu em "dois jovens idealistas em Conquista, com a ingenuidade adorável dos românticos e dos entusiastas", referindo-se a Laudionor Brasil e a Bruno Bacelar, que acreditaram "ser aquela a hora de salvação do Brasil":

> Laudionor A. Brasil – filho da classe operária, que se adaptou à média burguesia, – sentindo na sua própria carne as contradições de um sistema social em agonia, tem sabido pautar a sua norma diretiva em "O COMBATE", no sentido de uma franca compreensão da causa popular. Si o misticismo, – que lhe vem de uma religiosidade inata, – não o permite passar de seu socialismo utópico, romântico e platônico a uma ação revolucionária científica, nunca transformou o seu semanário, – que vive e se alimenta da burguesia, – em arauto da reação ou da exploração do homem pelo homem. (LIMA,1949, p.13).

O tempo provou a firmeza das intenções do jornalista Brasil, diante da difícil tarefa de se manter um jornal em cidade do interior, sobrevivendo às intempéries da vida. E, segundo Camillo de Jesus Lima, a história pode revelar, vinte anos depois, o quanto de ilusão existia naqueles primeiros anos de *O Combate:*

> Ninguém sabe, do lado de fora, o que é a luta desigual e titânica de um homem pobre e honesto que mantém por vinte anos – uma vida –

> um jornal, no interior do Estado. Quanta prudência, quanta tolerância e ascetismo são precisos para tal tarefa! O que é rega-bofe e negociata para os Chatôs, é, para o jornalista honesto do sertão, uma série de amarguras e prejuízos, de horas carregadas de luta econômica e moral, dignas de um romance. (1949, p.13).

Esta apresentação do veículo utilizado pelo escritor, naquele momento histórico, abalizada pelas suas próprias palavras, servem-nos como referência do lugar de onde falou o cronista, em período de turbulências políticas, situações que os diretores do jornal, à sua maneira, souberam contornar. Camillo foi um dos grandes colaboradores desse semanário, mas, acima de tudo, teve em Laudionor Brasil um dos seus maiores amigos.

Quanto aos textos de Camillo podemos afirmar que, se muitos dos seus textos ficaram compondo o cenário de suas gavetas e das suas lembranças, conforme confessara na entrevista à *Cooperação*, "recusados pelos jornais, naqueles tempos trágicos de 1935 a 1945." (LIMA, nov. de 1945[a]), não se pode dizer o mesmo do jornal *O Combate*. Dessa leva de textos cerceados, entre as décadas de 1930 e 1940, muitos foram publicados em *O Combate,* onde pode expor a sua produção crítica sobre história, arte e política, textos que ajudaram na divulgação da "esquerda" brasileira. Teve espaço também para criticar o regime político local, que há muito vivia sob o comando dos coronéis, poderes transferidos, posteriormente, aos grandes empresários e industriais. Com isso, a repressão ao periódico era um risco que se corria conscientemente, silenciamento definitivamente consumado em maio de 1964, quando o jornal foi fechado pela Ditadura Militar.

5.1.1 História anunciada nas páginas de *o combate* (leitura crítica de alguns fatos históricos)

> *A destruição do passado — ou melhor, dos mecanismos sociais que vinculam nossa experiência pessoal à das gerações passadas — é um dos fenômenos mais característicos e lúgubres do final do século XX. Quase todos o*
> *s jovens de hoje crescem numa espécie de presente contínuo, sem qualquer relação orgânica com o passado público da época em que vivem. Por isso os historiadores, cujo ofício é lembrar o que outros esquecem, tomam-se mais importantes que nunca no fim do segundo milênio.*

Eric Hobsbawm, *A era dos extremos,* 1995, p.13.

O historiador Eric Hobsbawm se preocupou com a relação descontínua que os jovens do século passado [como do atual] apresentavam em relação ao passado, o que levaria a mediação mais dedicada dos historiadores – ou daqueles que primam pela história e pela memória. Sem a pretensão de tornar o discurso de Camillo de Jesus Lima em um discurso histórico, mas também, sem isentá-lo da responsabilidade informativa de uma realidade que pulsava efervescente, apresentamos algumas de suas crônicas, que cumpriram a função comunicativa a elas incumbida, naquele momento, e a ele, o papel de mediador dessa comunicação.

Elegemos cinco crônicas publicadas em 1944 e 1947, sendo de 1944 “Este lugar me convém” e “Conversa alegre para os amigos”; e de 1947, “Os empreiteiros da fome”, “O capital industrial e a abolição da escravidão”, e “O analfabetismo é filho da miséria”. Estes textos fazem parte da coleção de manuscritos que estão compilados no arquivo pessoal Livro Cinza e têm a indicação de seu autor, para que jornal estava escrevendo. De posse dos arquivos digitalizados do jornal *O Combate*, pudemos comprovar a publicação. Portanto, o primeiro critério dessa escolha se deve ao acesso às publicações das crônicas no jornal *O Combate.* Embora a fonte primeira seja o arquivo pessoal do escritor, a consulta aos arquivos do periódico foi imprescindível para comprovação das referidas publicações, na comparação dos escritos, para a seleção dos textos e, finalmente, na composição do *corpus*.

Outro critério para a escolha das crônicas foi a observação de aspectos históricos que atravessam os textos, uma vez que ele escreveu sobre vários assuntos e por meio de diferentes tipologias textuais. Destacamos nesses textos, a forma como este escritor baiano anuncia a história de seu tempo, a partir do arquivamento de si. A intenção do escritor ao publicar as suas crônicas não é a de um historiador ou crítico político, que se debruçaria sobre os temas, acercando-se de teorias específicas para explicar e fundamentar os acontecimentos, analisando-os como especialistas. Camillo coloca-se como um escritor crítico, e anuncia episódios da história, alguns fragmentos da totalidade para fazer refletir, posicionando-se sempre como um intelectual da classe trabalhadora, autodidata e com um nível de

conhecimento universal, adquirido a partir de sua *práxis* social.

A opção pela crônica, que tem como característica a síntese fotográfica do instante, condensa em anunciações alguns fatos e acontecimentos históricos. Essa foi a forma discursiva que Camillo encontrou como alternativa para movimentar opiniões, provocar novas criações, fazer refletir criticamente sobre o homem e a sociedade de seu tempo e lugar. Através de abordagens mais sintéticas, atingiria um maior número de leitores.

A atuação de Camillo de Jesus Lima como um cronista de perfil crítico demonstra sua reação à realidade à sua volta, aliados a isso os princípios marxistas que passaram a nortear sua *práxis.* Seguramente, esse movimento entre teoria e prática ajudou na compreensão de alguns acontecimentos do período, explorados com o objetivo de prestar esclarecimento acerca da história ou de faces dela, um compromisso assumido com seus leitores.

O primeiro texto dessa série, “Este lugar me convém”, traz o conceito de lugar não apenas como espaço físico, mas como representação de um tempo histórico caracterizado por concepções de mundo; lugar de onde o escritor lança a sua voz, como reverberação do seu olhar sobre a humanidade, no intuito de contribuir, de alguma forma, com a conscientização dos homens ante uma realidade posta; uma realidade que não poderia passar desapercebida àqueles que visam uma humanidade menos injusta, ou mesmo, igualitária. Camillo de Jesus Lima assume a posição de quem luta e se coloca ao lado daqueles que veem a vida como ela é, como afirma no seguinte destaque:

> Mas a minha geração é uma geração diferente. Não cata flores anacrônicas. Não engarrafa nuvens. Nem vê num rabo de saia uma asa de anjo. Vê a vida como ela é. O que caracteriza a minha geração é não ter medo de escandalizar a burguesia puritana. Escandaliza. […] Minha geração está pintando a vida para melhorar a vida. E eu estou bem, respirando o mesmo ar que respiram José Américo de Almeida, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Dalcídio Jurandir, Raquel de Queiroz, Érico Veríssimo, Emil Fahrat, Amando Fontes, Oswald de Andrade, Abgar Bastos, Gilberto Freire, Anísio Teixeira, Edson Carneiro, Alves Ribeiro, Rossini Camargo Guarnieri, Sossígenes Costa, Aydano de Couto Ferraz e esse imenso, esse querido Jorge Amado. (LIMA, 1944a, pp.1;2).

Acima de qualquer opção estava a que liga a palavra à vida, o verbo à carne,

a metáfora à realidade, pois Camillo de Jesus Lima sempre teve como base estrutural de suas crônicas, vivências e experiências que aproximam a humanidade de suas lutas e de suas utopias. E para falar dessa consciência política, em que teoria e prática não se dissociam, recorremos, mais uma vez, à elaboração de Eric Hobsbawm (2003, p. 246) sobre o intelectual revolucionário, trazendo à reflexão um pensamento de Marx sobre o ser de consciência: “Naturalmente é possível afirmar que os intelectuais não podem ser revolucionários sem esta consciência subjetiva, enquanto que isto é possível em relação a outras camadas sociais.” E justifica, com as palavras de Marx, o porquê de considerar as atividades dos intelectuais como revolucionárias a partir do momento em que eles constroem, subjetivamente, esse caminho de volta, ou seja, que sejam capazes de reconstruir a realidade e que tenham domínio histórico dela:

> Quando Marx falou dos operários como classe revolucionária, não quis dizer simplesmente que se rebelavam “contra as condições individuais de uma sociedade existente até o momento”, mas “contra a própria ‘produção de vida’ existente até agora e o ‘conjunto das atividades’ sobre a qual ela está baseada”. [...] Para ele, o proletariado era uma classe com tais características devido à natureza de sua existência social e não em razão da “consciência de seus fins”. (HOBSBAWM, 2003, p. 246).

Assim, o sentido de consciência pode e deve ser ligado a uma prática. Na mesma medida em que os intelectuais empresariais servem às suas organizações, como apontou Gramsci (1972), os intelectuais independentes, artistas, educadores, trabalhadores, literatos exercem a sua função no organismo cultural e social da sociedade, fazendo da sua produção crítica uma forma de conscientização pela prática.

Em “Conversa alegre para os amigos”, misturam-se os sentimentos do homem histórico com o do escritor, justificando, assim, a imbricação entre ambos. Nesta crônica, o autor faz referência ao momento em que a tropa de Hitler sofreu as últimas baixas e foi dominada, de um lado, pelos Estados Unidos e, do outro, pela URSS. Ele descreve a alegria de quem acompanhava cada momento da guerra e esperava por este resultado a qualquer momento:

> Ah! Meus amigos! Estou que não me contenho, porque o rádio está dizendo que o nazismo está perdendo. Que ele está como um charuto, entre os rapazes americanos e o Exército Vermelho. […] Perdi até aquele jeito valente que eu tinha, quando escrevia aqueles poemas de guerra, falando em sangue, em petardos e nas angústias do Papa que cruzava as mãos nervosas ante os brutos estrupícios das bombas de oito mil quilos que caiam, como umbus, dos aviões, sobre Roma. (LIMA, 1944b, p. 1).

O discurso dirigido aos amigos/leitores do jornal tem um tom íntimo de conversa, como o próprio título já indica. Quase um diálogo em que o seu emissor, excitado com a notícia, disparou a contá-la aos seus receptores, narrando a história de forma simples, em uma linguagem corriqueira e provocativa:

> Cadê o orgulho de Hitler? Cadê a pose do monstro? Onde é que andam os super-homens que iam mandar no mundo? […] Cadê a terra dos arianos onde um soldado estrangeiro nunca havia de pisar? Terra virgem, uma conversa! Terra pisada; deflorada; tomada, – o encanto quebrado, – a boca de Hitler calada. (LIMA, 1944b, p. 1).

Evoca, então, um poema de Vinícius de Morais, dando sequência aos seus questionamentos, levando a uma reflexiva provocação: “O que será de todos nós depois da guerra!” Retoma a sua prosa indicando algumas possibilidades. Faz uma convocação a todos os homens da terra, mas é claro, sem a ilusão de paraíso algum. Por isso, em meio ao seu discurso, solta sempre um lance de ironia, de crítica ao sistema burguês/capitalista:

> Farra, farra, numa farra. Felicidade. Tudo em paz. Hitler preso. Mussolini, à meia-noite, nas casas mal-assombradas, fazendo visagens. […] E todos nós, amigos meus – russos, tchecos, americanos, brasileiros, ingleses, gregos, chineses, pretos, brancos, curibocas, pardos, *'mestiços corruptos',* operários, camponeses (gente, cadê os burgueses? Cadê os capitalistas?), todos nós vivendo a vida, fazendo de novo a vida, nas mais belas das conquistas: – a do Direito, da Igualdade, a do Trabalho, a do Pão. Não só nos campos da Flandres: nos campos da terra toda hão de brotar as sementes da Liberdade e da Paz! (LIMA, 1944b, p. 1).

Essa alegria que descreve na citação acima alimentou uma esperança passageira. A conquista do trabalho, do pão, do direito ficou apenas no desejo daqueles que conheciam a realidade e reconheciam a necessidade de mudanças. O

domínio estadunidense e a ditadura stalinista logo mostraram as suas verdadeiras faces, jogando por terra o conceito de liberdade e de paz tão almejados.

Os temas abordados por Camillo naquele momento ainda soam tão atuais, que nos parece estar o escritor vivendo os dias de hoje. Sem nenhuma pretensão teleológica, ele expôs sua compreensão dos fatos, avaliando criticamente o momento histórico em que o Brasil se encontrava, inserindo-o no contexto mundial. Abordou temas como a fome, a escravidão, o capital industrial, sem se prender às especificidades de cada um, mas relacionando-os de forma mais geral. Deixou, nas entrelinhas de seus textos, seu posicionamento crítico sobre questões econômicas, políticas e sociais, e a forma como elas estavam sendo conduzidas no Brasil. Restringia-se, no entanto, à exposição dos acontecimentos, e mesmo descontente, jamais quis se tornar um cético diante da vida. Pelo contrário, mostrou, por convicção, que o mundo poderia ser melhor, se tomasse como princípio a luta por uma sociedade mais igualitária.

A personificação e a linguagem conotativa, utilizada na crônica “Os empreiteiros da fome”, tornam um assunto terrível como a fome, mais próximo de todos, mesmo dos que dela estão distantes, talvez os leitores que desejava atingir. E, como é próprio dos que fazem da palavra um instrumento de expressão para tocar a sensibilidade humana, Camillo de Jesus Lima não se isentou desse caráter, inserindo os elementos da realidade que assola parte do país:

> Agora há lugares em que ninguém distingue a mata da caatinga. Há extensões enormes de terrenos calcinados, esturricados, devastados, abertos ao castigo inclemente do sol. […] É por isso que já por aqui anda também, disputando os meninos que caem, à falta de um punhado de farinha ou fazendo sentinelas nas rancharias, onde velhos esticam a canela, com a barriga pegada no espinhaço, a tocadeira de harpa nas costelas dos desprotegidos – essa velha de cara engelhada e de nariz de adunco coruja – A Fome. (LIMA, 1947b, p.1).

Neste texto, o escritor desconsiderou a ideia de que a seca ou a falta de chuvas seja um castigo advindo do além, para castigar esses e aqueles. Em sua crônica reconstrói, objetivamente, a história, tomando a realidade física como referência. Faz, então, seu leitor pensar na interferência do homem diante da

natureza, afinal, desde os primórdios, o homem transforma-se ao transformar a natureza e sofre as consequências – bônus ou danos – conforme o processo de intervenção. No caso específico, responsabilizou os “empreiteiros da fome” pelas mudanças sofridas:

> Quem não viu ainda a estupidez das queimadas que perduram dias, semanas, meses a fio […]. O fogo talou tudo. Destruiu tudo. […] As árvores já não captam mais as águas do céu porque jazem no chão esturricado. […] A terra é uma esteira de cinzas e restos. E, por esteira vem chegando aos pulinhos, cuspinhando entre risos sinistros e contrações na face engelhada, a Fome […]. Ainda outro dia um fazendeiro me disse que ninguém sabe de onde vem o fogo: 'Às vezes um transeunte joga, ainda aceso, no chão, o fósforo com que acendeu o pito, às vezes o resto do pito'. Nada mais é preciso para que se abra a estrada longa por onde vai chegar a Fome. Por que não chamar a esses – perversos e ignorantes – de empreiteiros da fome? (LIMA, 1947b, p. 2).

Embora o Nordeste brasileiro tenha tido grandes secas em períodos anteriores a 1947, este momento teve destaque no texto do cronista como um sinal de alerta aos dias futuros, como uma parada para reflexão, ao reconhecer a necessidade de reação às ações desmedidas. As intervenções negativas de exploração e o processo de transformação da natureza sempre foi responsabilidade direta dos homens, o que pode levar (e levam) os mais necessitados à desgraçada das gentes, à morte, chegada pela via da fome.

A partir do entendimento histórico do contexto em que viveu, produziu e, principalmente, de onde levantou a sua voz, Camillo de Jesus Lima atuou como um intelectual de esquerda, em especial, na década de 1940 do século XX, ainda mais, como um revolucionário, tomando-se aqui, de empréstimo, o conceito aplicado por Hobsbawm (2003, p. 246): “Aqueles que rejeitam qualquer compromisso com o *status quo*, qualquer atividade não destinada direta e exclusivamente a opor-se frontalmente ao capitalismo, são certamente revolucionários no sentido mais literal do termo.”

Concordar com a afirmação do escritor que se diz um intelectual de esquerda não é muito difícil, uma vez que os seus textos literários e seu posicionamento crítico diante dos fatos atesta sua declaração. Outro exemplo desse lugar de onde fala o escritor está na crônica “O capital industrial e a abolição da escravidão”, de 24 de

maio de 1947. O escritor trata da questão de forma crítica, entendendo a libertação dos escravos como uma armação política internacional, uma articulação comercial mascarada por uma pseudoliberdade. Nesta crônica, o autor faz uma revisão da condição histórica da abolição, acontecimento que, até os dias atuais, é comemorado como uma realização em prol da libertação da mão de obra escrava. Luta digna pelo caráter social e humanitário, entretanto, sem desmerecer a importância histórica do evento no contexto da sociedade brasileira, tende a analisar o conjunto dos fatos, sugerindo uma visão crítica, coisa que poucos fizeram. Historiadores, jornalistas e, principalmente os poetas, estiveram voltados ao sentimento romântico da abolição, sentido tão bravamente visitado por Castro Alves, seu maior representante na poesia. Obvio que a escravidão foi um crime que feriu os direitos do homem. Mas a tese que Camillo de Jesus Lima levantou no texto citado acima, fundamentada em questões muito mais de ordem econômica que social, esclarecia uma face da história que seus leitores talvez desconhecessem. Ele afirma:

> Não é preciso ser sociólogo para saber que o sistema escravagista produziu essa classe desprotegida, que representa, hoje, o nosso pauperismo e a nossa indolência remanescente da massa de escravos, abandonados com a alforria, ao léu da sorte, ignorantes e desprotegidos. (LIMA, 1947c, p. 1).

Sua constatação tem um aporte teórico-político que poucos intelectuais autodidatas possuíam, fundamentada à luz do marxismo:

> Interpretada à luz de fatos concretos, a abolição da escravatura foi movida por forças de natureza puramente econômica. Naquela época os latifundiários senhores de escravos dominavam economicamente (e, por isso mesmo, politicamente) o Brasil; a industrialização existente era deficiente, quase nula, incapaz de dar causa ao aparecimento da burguesia e proletariado industriais, que pudessem exercer na vida brasileira qualquer influência política. (LIMA, 1947c, p. 2).

A exposição do assunto “abolição da escravatura no Brasil” ou “libertação dos escravos brasileiros” elaborada sob o olhar de um literato, podia parecer aos seus leitores/receptores, apenas mais uma das muitas crônicas que Camillo de Jesus

Lima tecia para *O Combate,* chamando a atenção, logo nas primeiras páginas. Mas, na verdade, havia uma ação subliminar que não se podia omitir: ao mesmo tempo em que informava, o autor formava opiniões, provocava a reflexão e a crítica. Nessa crônica do dia 24 de maio de 1947, seus argumentos são claros:

> Os grandes países industriais da época lutavam entre si pela conquista de mercados. O Brasil, cujo modo de produção era determinado pelo trabalho escravo, não podia ser, por isso mesmo, um mercado consumidor à altura da produção industrial que as grandes potências destinavam à exportação. Entre as demais potências, a Inglaterra compreendeu primeiro que só a libertação dos escravos daria ao Brasil novos consumidores, transformando-o, assim, no mercado de que necessitava. Quando os escravos libertos passassem à categoria de assalariados, adquiririam poder aquisitivo advindo dos salários que lhes seriam pagos: era preciso, pois, que os homens saíssem da escravidão e se tornassem proletários. (LIMA,1947c, p.2).

Era da classe proletária que a burguesia precisava no Brasil, para dar continuidade ao projeto de desenvolvimento industrial, intensificando o problema da exploração do homem pelo homem. Sérgio Lessa e Ivo Tonet afirmam que “Marx, Engels, Lenin, Lukács, Mészáros […] argumentam que o problema da exploração do homem pelo homem não está no valor dos salários, mas na própria existência de salários.” (2012, p.30).

Parece-nos que a análise desenvolvida pelo cronista acerca da abolição da escravatura no Brasil possui coerência histórica e consciência crítica dos fatos. Se na crônica “O capital industrial e a abolição da escravidão” Camillo de Jesus Lima apresentou aos seus leitores noções de como o Brasil se inseriu na totalidade econômica mundial, atendendo aos ditames do capital, em outros textos ele buscou elucidar as condições em que a classe trabalhadora desenvolveu o seu papel, acabando sempre explorada pela burguesia.

A linha crítica – ou “de esquerda” – desenvolvida por Camillo de Jesus Lima continua no texto “O analfabetismo é filho da miséria”, publicado em 21 de junho de 1947. Se há os que consideram uma campanha em prol da alfabetização de adultos um benefício social, ensaiando ser uma alternativa no atendimento às necessidades diretas do homem, ou ainda uma forma de ajudá-lo a encontrar soluções para suas carências, pode encontrar nessa crônica uma visão inversa: não é o analfabetismo

que gera a pobreza, mas é esta que gera o analfabetismo, ou como dissera o autor no texto citado: “não creio seja o analfabetismo a causa do atraso em que vive o nosso país. Tenho-o, porém, como um efeito desse atraso.” Toda a ordem de coisas começa, portanto, na questão econômica, como demonstra a seguir:

> O grande autor que torna tão vultoso o coeficiente de analfabetos que nos envergonha é a miséria a que nos condenaram condições econômicas precárias que não poderão ser solucionadas enquanto as classes que com elas se beneficiam puderem mantê-las e conservá-las – essa miséria que vem da colonização defeituosa que tivemos – latifundiária e escravagista. (LIMA, 1947d, p. 1).

Quem acompanhava as crônicas de Camillo de Jesus Lima no semanário conquistense podia compreender o delineamento dos fatos, relacionando-os uns aos outros e ao contexto histórico e político, uma vez que sua opção metodológica era clara: reconhecia a totalidade em que os fatos eram questionados; partia sempre do geral para compreender as particularidades e depois fazia o caminho inverso; articulava os fatos entre si e com o todo. As teses levantadas nas crônicas possuem intrínseca relação com a história: a miséria gera o analfabetismo; a fome chega via escravidão; a exploração do homem pelo homem sustenta uma classe dominante na sociedade capitalista, etc. Mas o autor não deixou de apontar também possibilidades a partir de suas convicções, de sua concepção de mundo, como por exemplo:

> Somente lutando por medidas progressistas de caráter econômico; pela elevação do nível da vida do povo; pela extinção dos restos feudais que persistem na exploração da terra, poderemos chegar à extinção total do analfabetismo no Brasil. (LIMA, 1947d, p. 2).

Ao que nos parece, os destaques colocados por Camillo – ao tratar de questões de ordem cultural, social, política e econômica – analisadas de forma indissociável, tendo como base o contexto histórico e, como dínamo, a possibilidade de um mundo mais justo, alimenta, também, esperanças: de que haja um tempo sem escravo e sem senhor, sem explorados e sem exploradores, sem empregado e sem patrão. Este pensamento camilliano pode ser analisado concretamente se a referência ilustrativa for uma sociedade sem classes, comunista, o que não parece tão utópico a alguns adeptos do comunismo/socialismo, reforçando a ideia do

“proletariado como sujeito revolucionário”:

> A emancipação do proletariado é também a emancipação de toda a humanidade. O interesse particular do proletariado, seu projeto histórico coincide com a superação de toda ordem social baseada na exploração do homem pelo homem, mediada pelas classes sociais, pelo Estado e pela família monogâmica. Por isso o proletariado é a classe revolucionária por excelência. Pela mesma razão, o projeto revolucionário possível, hoje, é a revolução proletária. (LESSA e TONET, 2012, p. 61).

As memórias históricas abordadas por Camillo de Jesus Lima foram e continuam sendo um alerta à sociedade brasileira. Ele as arquivou em seu espólio pessoal como uma forma de resistência às intempéries de um tempo histórico. Se pôde contribuir com a comunidade com a qual compartilhava seus posicionamentos críticos, publicando suas crônicas no jornal *O Combate*, de Vitória da Conquista, na década de 1940 do século XX, atualmente, na segunda década do século XXI, seu canto ainda reverbera altivo e atual. Grita de dentro do arquivo um apelo à liberdade, ao pão, ao trabalho, a justiça, a igualdade. É um eco de resistência, combatente, pronto para a luta.

5.2 CARTAS: UMA REDE DE RELAÇÕES NO “LIVRO AZUL” (DA CORRESPONDÊNCIA PASSIVA DE CAMILLO DE JESUS LIMA)

> *Caro Camillo Lima*
>
> *Quando um poeta passa por mim, fico marcado pelos seus rastros, o que vale dizer que estou marcado por você, não pelos rastros dos pés 44 – bico largo, mas pelos pés muito mais carimbados dos sonetos.*[54]
>
> D. Martins de Oliveira

Este é o trecho inicial de uma das cartas mantidas no acervo pessoal do escritor baiano Camillo de Jesus Lima, afixadas, como as demais, com cola, em folhas pautadas de um livro azul. Entre o tom de brincadeira e de seriedade, vemos uma declaração confessa do emissor, mostrando-se um leitor dedicado e

54 Fragmento de carta enviada por D. Oliveira Martins a Camillo de Jesus Lima, em Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1943 (Arquivo pessoal do escritor – Livro azul).

apaixonado pela poesia camilliana. Desta mesma forma está marcada toda a rede de relações de Camillo de Jesus Lima, no conjunto das missivas que recebia e, cuidadosamente, compilava em seu arquivo.

O “Livro azul” traz, em sua constituição, uma amostra da fortuna crítica de Camillo de Jesus Lima, por meio de cartas a ele enviadas pelos seus primeiros leitores, e no “Livro cinza” contém cópias da correspondência ativa. Mas isso não significa que toda a correspondência do autor tenha sido acomodada nas páginas desses dois grandes volumes do arquivo. Certificamo-nos de que existem cartas que foram datilografadas, fotocopiadas e encadernadas, agrupadas em separado daquelas que estão nos livros citados. Este trabalho de selecionar os escritos em blocos foi um trabalho não mais realizado pelo titular do arquivo, mas pelos seus guardiões, como uma forma de organizar o que estava avulso.

A correspondência de Camillo de Jesus Lima, reunida em seu acervo pessoal, demonstra a intensa rede de relações que nutria – uma prática bastante usual entre os intelectuais da época. Nessa extensa epistolografia alimentada por figuras eleitas há cartas de Jorge Amado, Carlos Chiacchio e Carvalho Filho (de Salvador/Bahia), Artigas Millan Martinez (de Salto/Uruguai), Gaston Figueira (de Montevidéu/Uruguai), Olegário Bastos, Afrânio Peixoto, Catullo da Paixão Cearense, D. Martins de Oliveira, Eugênio Gomes, Afrânio Coutinho (do Rio de Janeiro), entre tantos outros. Muitos desses correspondentes tinham como finalidade colaborar com os pares na manutenção dos arquivos, pois que, junto com a correspondência sempre encaminhavam recortes de jornais e de revistas, publicações sobre a recepção crítica de obras, tanto do emissor quanto do receptor das referidas missivas.

Os vários interlocutores de Camillo (amigos, familiares, críticos literários, editores) participaram ativamente como leitores da obra desse escritor baiano, uma vez que, na expressiva epistolografia passiva do seu arquivo pessoal há sempre referência a livros recebidos. Isso sugere que, ao editar seus livros, o escritor fazia questão de enviar exemplares para que seus correspondentes pudessem fazer uma apreciação, algumas delas publicadas e outras apenas encaminhadas ao autor, por meio de cartas.

No arquivo também estão preservados bilhetes, telegramas e cartões de Manuel Bandeira, Malba Tahan, Menotti del Picchia, Hélio Simões, Anísio Melhor,

Mario Cabral, Jorge Calmon, James Amado, Nestor Duarte, entre tantos outros já citados. Entre tantas cartas, citamos algumas como exemplo dessa correspondência passiva: uma do então ministro da Polônia, Dr. Thadeu Skowronski, de 1941, agradecendo manifestações empreendidas em defesa dos poloneses, em especial às crianças polonesas, no momento difícil por que passava aquele país, durante a guerra; cartas do então presidente da Academia Carioca de Letras, parabenizando Camillo de Jesus Lima pela conquista do prêmio Raul de Leoni, ao tempo que o convidava para ir ao Rio receber o referido prêmio; uma carta-convite de Afrânio Coutinho, solicitando de Camillo de Jesus Lima os seus dados biográficos, para que pudesse incluir o seu nome em uma antologia de escritores baianos que estava organizando.

Por intermédio de um amigo, o escritor Martins de Oliveira, Camillo de Jesus Lima conhece o poeta Artigas Millan Martinez. Este poeta uruguaio, que também se dedicava à crítica literária, divulgou a obra do baiano, traduzindo alguns poemas seus para o espanhol, tornando a literatura baiana mais acessível também em terras de língua espanhola, com ensaios publicados em jornais de Salto. Em carta a Camillo, Martínez relata:

> Yo que he sentido profundamente a Olavo Bilac, en sus perfectas ánforas de apolínea belleza en la forma y en la amplitud interior, me he quedado arrobado, leyendo algunos de sus sonetos, ya que en realidad hasta el momento no los he leído todos [...] Créame que los suyos me han hacho volver los ojos con verdadero interés, porque mi mundo interior se ha sentido conmovido sinceramente. Habré de escribir algo y publicarlo acá sobre usted y lo difundiré en América de habla española. Desde luego que “Viola quebrada” tiene un sabor de tierra brasileña muy interesante de lo que me ocuparé con preferencia. (Carta de Artigas Martínez a Camillo de Jesus Lima, 10 de julho,1945)[55]

Interessante que, conforme dito na última nota, uma parte da carta de Martinez fora manuscrita a lápis, aspecto que, certamente, deve-se ao fato da escrita datilografada não ser possível naquele espaço do papel ou coisa semelhante. No

55 Transcrição do documento original, constante no arquivo “Livro azul”. Esta carta possui duas laudas datilografadas, frente e verso, sendo uma delas a cópia do poema “Lição,” traduzido para o espanhol por Martinez. Nesta carta há ainda manuscrito feito a lápis no verso da primeira página e no início da segunda e seu verso.

que concerne a essas características físicas dos documentos dos arquivos literários, que tanto dizem, como bem o sabem a arquivística, a filologia, a crítica genética e a textual, nossa atenção também se volta para elas, para entender o que podem revelar.

Semelhante a esse documento é uma carta de Jorge Amado, datilografada e assinada pelo romancista. Logo abaixo do texto datilografado há uma inserção manuscrita, não mais do Jorge, mas do seu irmão James Amado, que também era amigo de Camillo de Jesus Lima. Cremos que o arauto [conforme dito por Jorge Amado, a carta seguia por Moacyr Guimarães] não esperaria uma nova missiva, permitindo a esse novo correspondente apenas o seguinte adendo: “Camillo. Um abraço. Vou te escrever uma carta longa num destes dias, contando uns troços sérios. Enquanto isso, mande seus poemas pra gente. Um abraço, do seu James”56.

Os traços de autobiografia de um arquivo pessoal traduz a memória de seu autor, mesmo que nele estejam registrados escritos de outros, textos que não foram produzidas pelo arquivista, mas, por ele guardados. A partir do momento que tais documentos compõem o corpo do arquivo, eles se imbricam e formam, do conjunto que representam, a imagem que o autor quis guardar de si e do tempo em que viveu. Podemos dizer, então, que as cartas seriam o coração desse corpo arquivístico. Elas refletem e registram os sentimentos mais íntimos daqueles que as escrevem, revelando, também, o perfil daqueles que as leem.

No que diz respeito ao ato de arquivamento dessas missivas, parece-nos que há uma intenção subliminar ao próprio ato de guardar, afinal, não há ato neutro, sem propósito. O arquivista de si, ao colecionar suas missivas, reconhece o valor de cada palavra escrita e a ele dirigida, documenta-se, portanto. O mesmo ato cuidadoso se dá ao guardar cópias das próprias cartas, preservando as suas memórias por meio da materialidade dos manuscritos. Documentar-se e arquivar a si mesmo tem um claro objetivo de permanência, de contribuição histórica na relação entre o passado, o presente e o futuro. Guardar-se de um tempo em oferecimento a outro é também uma forma de compreender a existência de transformações a que está submetida a

---

56 Bilhete de James Amado a Camillo de Jesus Lima, na parte inferior de carta de Jorge Amado, datada de 19 de janeiro de 1943, constante no arquivo “Livro azul”.

história dos homens. É reconhecer a diacronia dos tempos históricos sem perder de vista as relações sincrônicas; é uma forma de manter-se contínuo entre passado, presente e futuro, preservando e entendendo o movimento de cada tempo e lugar.

O titular do arquivo guardava cópia consigo não só do que escrevia aos amigos, mas também, aos inimigos. O mais caloroso entre estes últimos fora Plínio Salgado, com carta aberta datada de 6 de outubro de 1942. Vale lembrar de uma outra carta aberta, em favor dos seus camaradas, exatamente em oposição aos integralistas, os "verdinhos" comandados por Plínio Salgado. Esta carta fora destinada a alguns amigos seus que estavam presos, por se manifestarem em favor de Luiz Carlos Prestes. Essa comunicação não ficou apenas entre emissor e destinatários, pois o objetivo do escritor estava em tornar público o acontecimento daquele momento, denunciando e colocando-se ao lado dos "camaradas encarcerados". Publica-a nos jornais *O Combate* (VCA/BA) e em *O Momento* (SSA/BA)[57].

As cartas não dizem apenas ao amigo próximo ou distante, ao amigo ou ao inimigo, trazem também confirmações de posicionamentos do autor, tantas vezes vistos, ora em seus poemas, ora em crônicas ou nas entrelinhas das críticas de rodapé, pois não se pode separar a linguagem da realidade que ela veste.

5.2.1 caros amigos …
(da correspondência ativa de camillo de jesus lima)

Dada a quantidade de temas que o autor enredou em suas cartas fez-se necessário uma seleção para análise. Excluímos um conjunto de epístolas que não cabe ao momento analisar, deixando sob a guarda do arquivo muitos dos correspondentes de Camillo de Jesus Lima. Na prática, estamos assumindo, neste momento, uma perspectiva em que a nossa objetiva aponte aspectos que consideramos representativos nas relações sociais e políticas do homem histórico, detalhes que vimos revelados em seu arquivo pessoal.

O primeiro recorte é em relação ao tempo histórico, limitado à década de 40, período esse de grande representação e importância na vida do escritor, em sua

57 Cf. ANEXO A, Fig. 13 – Carta aos companheiros encarcerados (O Momento) e Fig. 14 (O Combate), pp 195-196.

produção literária e militância política, momento em que se vê tocado pela objetividade da existência. Percebemos uma relação catártica em sua produção literária e na crítica daquele momento: o tom e a estética de sua obra dialogam com a vida, representam-na, não por meio de mera cópia da realidade que o cerca, mas pela força que o "sentimento de mundo" lhe provoca. Assenta, pois, em linguagem poética, a apreensão histórica do tempo, oportunamente fundamentado pelo que estivera apreendendo das leituras que fizera/fazia do marxismo. Talvez, no intuito de conduzir o olhar dos seus destinatários.

O segundo recorte diz respeito a estes destinatários das cartas, entre aqueles com quem o escritor manteve correspondência durante a década de 40. Partimos então para a escolha de um número de cartas entre o conjunto de ativas e a eleição de dois destinatários entre um número vário de amigos: Erathósthenes Menezes[58] e Clóvis Lima. De antemão, podemos dizer que essa correspondência revela as inquietações de um homem maduro, tentando extravasar sua concepção de mundo de alguma forma, encontrando, nesse meio de comunicação, uma alternativa.

O caráter pessoal que as cartas carregam em si é um elemento caracterizador da autobiografia, em especial quando as missivas são destinadas a amigos próximos, como é o caso dos que escolhemos para esse fragmento. O dizer de si, a escrita de si, o desnudar-se perante o próximo com o objetivo de convencê-lo a também tirar as máscaras diante dos quereres é um sentimento que os irmanam. Daí a fluidez dos discursos que afloram nas cartas escritas aos amigos.

Embora toda comunicação pessoal deva ensejar o caráter relacional, esperando-se que a carta enviada, de posse do destinatário, seja imediatamente respondida, a correspondência que apresentamos aqui possui apenas uma ponta dessa linha que liga o emissor ao receptor. Se nas cartas a Clóvis Lima e a Erathósthenes Menezes há referências às missivas deles recebidas ou há reclamações do longo tempo de espera pelas respostas, o acervo não comprova seu recebimento. Não há delas nenhum rastro, a não ser os comentários sobre as

---

58 Erathósthenes Menezes nasceu no município de Brumado, no povoado Lage do Gavião. Mudou-se para Vitória da Conquista aos sete anos, permanecendo até o final de sua vida. Foi Tabelião de Notas por quarenta anos. Sempre inclinado às letras, participou de várias coletâneas de poemas e colaborou em muitos jornais da região. Tornou-se conhecido como o poeta do Mulungu, por causa do seu poema "Velho Mulungu" (TANAJURA, 1992, p. 228-229).

mesmas, tecidos por Camillo.

O porquê das cartas de Clóvis e Erathósthenes não estarem entre as demais ainda não sabemos. Se as guardava à parte e por isso tenham extraviado desse conjunto de missivas, ou, se a pedido dos emissores, não as guardou por quaisquer que sejam os motivos, ou ainda se foram destruídas, em algum momento, contra a vontade dos correspondentes, nada disso podemos afirmar. A única prova concreta que temos é que, entre a correspondência ativa de Camillo de Jesus Lima, – mantida em seu arquivo pessoal –, há cópias de cartas (datilografadas e fotocopiadas) que ele escrevera aos amigos de boemia e das tertúlias conquistenses. Importante revelar que no arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima consta a carta original enviada a Erathósthenes Menezes, provavelmente entregue aos arcontes no trajeto que fez o arquivo até o momento atual.

Clóvis Lima foi um dos grandes companheiros, desde quando Camillo chegou a Vitória da Conquista, em 1935, formando com ele e Laudionor Brasil um trio de escritores com participações ativas no jornal *O Combate*. Os três dividiam as páginas desse periódico com notícias, poemas e crônicas. Durante o ano de 1936 Camillo e Clóvis tornaram-se editores oficiais desse semanário, mas com a saída de Clóvis para Jequié, depois para Salvador, o contato entre eles foi mantido por meio de cartas, como se pode comprovar nas que apresentamos aqui.

As cartas que trazemos para exemplificar as memórias autobiográficas de Camillo de Jesus Lima falam do processo de construção de sua concepção de mundo, partindo das próprias experiências na sociedade de seu tempo. Elas foram escritas na década de 1940 do século XX, tornando-se bases fundamentais para o entendimento do homem que se vê como ator social da história. Não à toa esse século foi considerado como “a era dos extremos”, por Eric Hobsbawm (1995), um período de importantes transições históricas em todo o mundo, refletidas na política, na cultura, nas sociedades.

No Brasil, este foi um momento em que muitos artistas e intelectuais passaram a identificar-se com as causas sociais, econômicas e políticas, baseando-se em revisões históricas a partir da realidade brasileira; é quando alguns intelectuais brasileiros, a exemplo de Graciliano Ramos e Jorge Amado, entre tantos que citaremos adiante, voltam-se para as localidades. Viram nas potencialidades ou

nos esgotamentos regionais diferenciais geradores de possibilidades, e, por isso, a urgente necessidade de mudanças no campo político, tomando, em princípio, como base o socialismo/comunismo.

Ao analisar os textos das cartas de Camillo aos amigos, podemos destacar questões específicas que caracterizam um determinado tipo de intelectual: aquele que se reconhece como tal, buscando sempre informar e formar a sociedade, ao mesmo tempo em que se forma, se informa e se transforma com as próprias experiências e com as experiências do outro; aquele que utiliza os seus conhecimentos em prol da humanidade a partir da prática social e do exercício com as linguagens, buscando sempre uma compreensão crítica do mundo. Estes são aspectos importantes na construção do perfil que o arquivista de si deixou inscrito ao guardar-se.

Constatamos, por meio das cartas a Clóvis Lima, e, posteriormente, a Erathósthenes Menezes, uma fixação do emitente no que diz respeito a sua nova perspectiva teórico-metodológica, quando descobre o materialismo histórico como método para a compreensão dos fenômenos sociais. As incertezas que demonstrava possuir, estampada em sua produção textual (natural a qualquer ser humano questionador) acerca da história política e das contradições sociais levaram-no a debruçar sobre a teoria marxista/leninista, limitado que estava, é claro, às suas possibilidades. Os livros “marxistas” que conseguia chegavam via organização dos ideais comunistas, propostos pelo PC da União Soviética, e por meio de algumas revistas, como a *Problemas*, principal órgão de disseminação teórica do Partido, naquele momento, editada no Brasil em 1947, mas com a maioria dos textos de intelectuais ligados ao PC/URSS. Sua tiragem chegou a oito mil exemplares. Do próprio Marx, comenta nessas cartas, que fez um estudo do Manifesto Comunista.

Em 15 de julho de 1945, Camillo faz algumas observações a Clóvis sobre a inconstância da correspondência entre eles, o que motiva a exposição dos novos valores que passa a defender acerca da política e da história. Diz não poder demonstrar neutralidade diante dos novos tempos. Havia, sim, necessidade de posicionar-se, mostrando de que lado estava e de que lugar anunciava sua concepção de mundo. Ao mesmo tempo em que recolhia do meio e das relações sociais as bases materiais para estruturar a sua obra, buscava compreendê-las de

forma autocrítica, considerando o curso de sua vida, sua história dentro da história. Via-se preso a algumas situações e, em outras, quebrava correntes em busca de novos passos, conforme descrevera na carta ao amigo, sobre alguns pontos da política local e das novas tendências às quais pretendia se vincular:

> O panorama não mudou nada: o circo, o mesmo. Apenas uma cena nova: O Partido Comunista, que, assim organizado e legal, é um número novo na pantomima. Situação. Oposição. Verdinhos encarnados. Getúlio. Dutra. Brigadeiro. Quando se fala no Prestes, há a impressão de algo novo. […] Minha situação política do momento é uma situação singular. Amigo de Regis e a ele devedor de mil e muitas obrigações, não vou com o Dutra. Não topo a corrente reacionária do Brigadeiro, onde figuram como forças especiais, o reacionarismo doentio do velho Otávio, a tirania sinistra de Bernardes e a carolice do próprio Brigadeiro. Espírito democrático por excelência, chegado mesmo à anarquia, tenho feito muita força para ver se me acomodo à disciplina do Partido Comunista, o único que poderia traduzir as minhas aspirações de marxista convicto. (Carta de Camillo de Jesus Lima, a Clóvis Lima, 15.07.1945).[59]

Quanto a esta opção política, embora não tivesse se filiado ao PCB até aquele momento, fazendo apenas um trabalho à margem, com contribuições, segundo ele, reconhecidas pelos companheiros. Se propunha então, a fazer uma militância pelo viés da literatura. Usava a sua condição de escritor colaborador nos jornais baianos, em especial, em *O Combate*, para, no uso da palavra, tratar dos problemas sociais e políticos que afligiam a sociedade, esclarecendo aos seus leitores por quais razões havia tanta desigualdade social, apontando, nas entrelinhas da literatura, algumas possibilidades de reações. Comenta ainda, em outra carta enviada a Clóvis Lima, que fora convidado por Régis Pacheco, quando este estava no governo do Estado, para assumir um cargo na Secretaria da Fazenda, nomeação esta recusada por Camillo, que preferiu manter-se como oficial do cartório para o qual prestara concurso, desapontando a expectativa do então governador da Bahia.[60]

Voltemos à missiva de 1945 para tratar de um assunto que consideramos relevante na formação do perfil que Camillo de Jesus Lima traçou de si: as edições

---

59 Cartas ativas – Camillo de Jesus Lima a Clóvis Lima, em 15.7.1945. (acervo pessoal do emitente).

60 Informação obtida em carta de Camillo de Jesus Lima a Clóvis Lima, de 15 de fev. de 1952.

de seus livros. Escrever e publicar moviam as expectativas de qualquer escritor, ainda mais com a possibilidade de aceitação em editoras nacionais:

> Tenho escrito uma porção de poemas, todos novos, no sentido de arte renovada. Estou escrevendo outro romance. O Triste Memórias está na Editora Leitura, do Rio, passando por uma prova, para ver se pode ser editado. A coisa lá é demorada, em vista da multidão de concorrentes, e eu espero, até o fim do ano, ter qualquer solução a seu respeito. Também à Norte Editora fiz uma proposta de edição do "Cantigas da tarde Nevoenta", tendo o Jorge Amado me pedido, por telegrama, os originais do "Cancioneiro de Vira-mundo", (a menina dos meus olhos poéticos), não sei para que. Não é para desesperar que seja uma tentativa do Jorge de me arranjar um editor, no caso o seu, da Martins. Vendi a Aloísio Lacerda, por CR$ 500,00(!!) os originais de "Vício", comprometendo-se ele a mandar editá-lo dentro de dois anos; findo tal prazo, sem que seja editado o livro, perderá ele os direitos que lhe vendi. Além de tudo, venho fazendo a literatura esparsa do semanário e de algumas revistas e alguns suplementos, aqui e acolá, para matar o vício. (Carta de Camillo de Jesus Lima a Clóvis Lima, 15.07.1945).

Dessa expectativa criada pelo escritor em relação às publicações de seus livros podemos afirmar que muito pouco se cumpriu. O livro "Terra dos Outros" ficou inacabado, como ele mesmo confessara em outra carta a este amigo, que talvez nem o terminasse. O "Tristes memórias do professor Mamede Campelo" até hoje não fora publicado; "O Cantigas da tarde nevoenta" não saiu pela Norte Editora, mas sim, dez anos depois, em 1955, ganhou uma edição pela Artes Gráficas da Bahia; o "Cancioneiro de Vira-mundo" também não fora editado nem pela Martins nem por qualquer outra editora de Jorge Amado, tendo ocorrido de seu autor impedir uma edição proposta pelo grupo do *Cadernos da Bahia*, conforme revelou em carta a Clóvis Lima em 1953; e quanto ao livro "Vício", que seria um livro de crônicas, não se sabe de publicação alguma que cumprisse com o contrato dos direitos autorais vendidos, mas também não há nos arquivos do escritor cópia dele, a não ser uma ou outra crônica que fazia parte da referida coletânea. Se fora devolvido, como quisera o seu autor, pode ter sido extraviado ou mesmo incinerado entre muitos outros escritos de Camillo de Jesus Lima no período da Ditadura Militar – uma atitude impulsiva de sua esposa Miriam, com o propósito de protegê-lo –, conforme relata

Luiz Carlos Lima, filho de Camillo.[61]

Dentro de um ano, as expectativas do escritor, em relação à sua obra, mudam muito. Se em 1945 esteve motivado a publicar, conforme relatara no fragmento acima, a sua nova fase, diante dos acontecimentos do pós-guerra, das condições em que as editoras ficaram, sob a censura militar, não abrindo espaço às publicações consideradas de esquerda ou que tivessem quaisquer ligações com o socialismo/comunismo, fez com que o escritor, cada vez mais, apostasse na sua reclusão "nas costas d'África de São Pedro de Macarani", alusão feita a São Pedro de Loanda. Em 6 de novembro de 1946 escreve a Clóvis Lima uma carta em que conta a sua desilusão com a vida literária:

> Estou certo de que chegou a minha decadência. Esta é uma confissão que lhe faço, sem a menor preocupação literária e sem nenhum efeito estudado. Mas é que tenho deixado de produzir. Este, porém, é o maior mal. Há cerca de mais de ano que só produzo por vício; não o faço mais por aquela necessidade impetuosa, "além e acima da consciência", dos outros tempos. Nada me satisfaz do que faço. Das duas uma: ou uma cultura mais sólida dos verdadeiros problemas da arte e da vida me vem desiludindo acerca de mim mesmo, matando o fetichismo que a ingenuidade e a ignorância traziam aceso, ou estou esgotado, incapacitado, amargurado. Qualquer pessoa justa há de encontrar na minha obra de hoje uma ausência absoluta de calor. (Carta de Camillo de Jesus Lima a Clóvis Lima, 6.11.1946).[62]

Camillo demonstra, nessa carta ao amigo, possuir um nível de autocrítica voltado a análise do que fez até aquele momento ou o que deixou de fazer, tudo visto como reflexo das circunstâncias históricas a que esteve submetido. Mas há no homem em transformação uma exigência consigo mesmo, uma adequação aos novos tempos, uma revisão dos valores e de tudo isso passado a limpo em sua obra, como se colocasse para si mesmo uma sentença que precisava cumprir. Propõe, então, uma avaliação de tudo que fizera, como que buscando explicações para os novos passos do processo. Quando ele diz: "Quero, por tudo isto, vencer o vício", faz disso um problema e apresenta possibilidades para sua resolução: "Vou me dedicar à leitura exclusivamente. Ler que é o verdadeiro prazer da vida. Ler é prazer,

---

61 Por várias vezes Luiz Carlos Lima falou conosco em conversa informal, relatando algumas lembranças que tem de seu pai.

62 Cartas ativas – Camillo de Jesus Lima a Clóvis Lima, em 6.11.1956. (acervo pessoal do emitente).

escrever é esforço" Seria esta simples sentença a solução para vencer o vício compulsivo da escrita? Obviamente que a leitura ou o prazer da leitura vem da complexidade que ela exige do leitor e dos desdobramentos que ela (a leitura em seu sentido mais amplo) proporciona àqueles que reconhecem a *práxis* como resultado da imbricada relação entre o conhecimento e a experiência. Embora tentasse fazer essa separação entre as atividades do ler e do escrever, os resultados de uma não dissociação são visíveis em sua obra.

Descreve, na carta a Clóvis, sua nova fase de vida, em uma pequena cidade do interior da Bahia, onde tudo lhe parecia mais distante do que realmente era: dias sem notícias dos filhos, que ficaram com sua esposa em Vitória da Conquista, meses sem ler um jornal ou revista, tudo levava a uma vida de renúncias, que ele mesmo não compreendia. Sua maior motivação de permanência nas terras calcinadas pelo sol de Macarani era a dedicação à leitura:

> Em compensação estou estudando muito o marxismo; estou fazendo, mesmo, modéstia à parte, uma grande cultura marxista, que hei de empregar, em melhores dias, a serviço do glorioso partido do proletariado. Hoje, Clóvis, só creio no Partido Comunista, e se este me faltasse, seria eu um verdadeiro barco sem vela e sem leme, a quem seria indiferente o porto ou os escolhos. Dia a dia me aprofundo mais na doutrina de Marx, – esse gênio que conseguiu criar não apenas um sistema filosófico, porém, toda uma concepção de vida, – norte à solução única do complicado problema social e humano. (Carta de Camillo de Jesus Lima a Clóvis Lima, 6.11.1946).

Essas questões foram também abordadas na carta que fizera ao poeta Erathósthenes Menezes, a quem confiou parte de sua obra, para que a mesma pudesse ser resguardada, no silêncio das horas amargas, promovido pela Ditadura Militar de 1964. Assim como com Laudionor Brasil e com Régis Pacheco, a sua amizade com Erathósthenes Menezes também não estava no rol daquelas que coadunavam posições políticas, pelo contrário, estiveram de lados opostos, quando se tratava de opção partidária. Mas isso não foi motivo suficiente para separar as amizades e mudar a confiança que existia entre eles.

Em 20 de fevereiro de 1948, Camillo de Jesus Lima finaliza uma carta (com onze laudas) destinada ao amigo "Eros", como costumava chamar Erathósthenes Menezes. Esta é uma carta ensaio, na qual o emissor revela as suas mais

estudadas concepções de mundo, e tenta persuadir o seu destinatário, seja pelo convencimento das razões que o motivava a busca de novas possibilidades para entender a vida, seja apenas atualizando-o da sua nova rotina. Compartilhava, mais uma vez, momentos importantes de sua vida, como aqueles que dividiu em tempos de juventude:

> Quando esta carta não consiga despertar em você o lutador que existe em cada homem, sirva ela para que você fique sabendo que eu, quando penso no bem da humanidade, na extensão da miséria e da fome, numa época de justiça social e de um real aproveitamento de valores penso nos verdadeiros amigos, como você, como Laudionor, dignos por todos princípios, de estarem ao meu lado, conquistando o futuro e afrontando a estupidez e a violência dos exploradores e dos tiranos. (Carta de Camillo de Jesus Lima a Erathósthenes Menezes, Macarani, 20.2.1948).[63]

Como podemos observar é também uma carta convite, com objetivos claros: ele deseja convencer, primeiramente, aqueles que dialogam com sua forma de ver o mundo, para também poder contar com eles na transformação desse mundo caótico e dependente. Por se sentir capaz de realizar intervenções nos campos de sua atuação, o escritor busca auxílio daqueles que julga próximos a ele a partir das amizades construídas na juventude, de planos que pensaram juntos para a humanidade, independente da posição partidária assumida por cada um. Era a esses amigos que dirigia o seu discurso, no intuito de conquistá-los, de persuadi-los.

Na longa carta que escreveu a Erathósthenes, ele falou da amizade construída entre eles em Vitória da Conquista, das lembranças boas e de outras que preferia ter esquecido, ao longo do tempo, longe da família, dedicado ao trabalho no exílio a que se impôs. Mas também via, em tudo isso, uma possibilidade de mudança, pois construía, em meio ao caos, a esperança de melhores dias, além da concreta recompensa dos dias entregues à solidão: tornara-se um “marxista convicto”. Realizou, pois, uma digressão acerca do que compreendeu sobre o materialismo histórico dialético, buscando atingir a sensibilidade política de Erathósthenes, argumentando, com bases sólidas, a sua compreensão sobre o capitalismo, a luta de classes, a exploração do homem pelo homem, vendo no

---

63 Cartas ativas – Camillo de Jesus Lima a Erathósthenes Menezes, 20.2.1948.(Arquivo pessoal do emitente).

socialismo/comunismo uma alternativa para os problemas da humanidade.

A citação que aqui segue é ainda fragmento da extensa projeção teórica que Camillo de Jesus Lima realizou na carta de 20 de fevereiro de 1948, e, diferente do que havia afirmado em 1946 a Clóvis Lima, sobre a sua falta de vontade de produzir, nesse novo momento de sua vida, imbuído de uma convicção animadora, revela: “Tenho lido muito e escrito muito mais. Estou elaborando trabalho sério, em que tento estudar os fenômenos históricos de nossa terra, digna de melhor sorte, tomando por base o materialismo histórico”. E traz à tona o método, por meio do qual compreendeu que a vida, só poderia ser explicada, pelo viés da história, e esta, pelas relações de produção. O missivista buscou, – não muito longe no tempo –, alinhar algumas categorias e suas negações, para convencer o amigo de que o amor à vida não podia (não pode) ser fundado na ignorância dos fatos. Para tanto, assenta:

> Hegel, o mais notável dos idealistas alemães, - que foi beber dialética nos velhos filósofos gregos materialistas, - seguiu a pista dos que já começavam a ver a história humana, como a natureza, onde nada permanece o que era, nem onde existia, nem como história, mas onde tudo se destrói, se transforma, nasce e perece. [...] Hegel compreendeu o ridículo contido na obra dos utopistas franceses e começou a considerar, como Schelling, a História, como sendo um processo submetido a leis. Mas não foi ele um materialista e, por isso mesmo, querendo combater uma abstração, criou outra abstração semelhante, substituta: a “ideia absoluta”. […] É quando surge um dos maiores gigantes do pensamento de todos os tempos, - aquele que haveria de trazer ao mundo uma nova concepção de vida: Marx! Ele lança os alicerces de uma concepção objetiva da história. Bebe a dialética de Hegel e a põe a serviço do estudo da sociedade. Descobre que não é a consciência que determina a existência do homem, mas sim, a existência que determina a consciência, e o prova, minuciosamente, através do progresso humano condicionado pelas relações de produção. (Carta de Camillo de Jesus Lima a Erathósthenes Menezes, Macarani, 20.2.1948).

Torna-se então esta carta um “ensaio” sobre a teoria marxista. Os argumentos que ganharam as onze laudas encaminhadas a Erathósthenes – e, por seu intermédio, a Laudionor Brasil, pois confessara não ser sua digressão uma simples carta, devendo o remetente passá-la ao amigo em comum – buscam atingir a esfera da consciência desses companheiros, como sendo as suas palavras, mensageiras das maiores descobertas da existência. Não hesitou em dividi-las,

tentando mostrar aos amigos que a missão do socialismo é muito mais complexa do que apenas indicar os problemas existentes, mas saber por que eles existem e que meios são necessários para combatê-los. Afirma, então, que “nada é por acaso”:

> É preciso investigar o processo histórico-econômico de onde brotaram as classes e seus conflitos. A máscara do capitalismo – para ódio dos economistas burgueses, foi arrancada por Marx, com a descoberta do lucro, o trabalho não pago, isto é, o trabalho suplementar com que o operário cria a riqueza para o patrão, recebendo dele, apenas, nas horas do trabalho necessário, o que é estritamente indispensável à manutenção da força de trabalho que ele venderá, no outro dia, nas mesmas horas de trabalho diário ao capitalista. Chegamos, pois, graças a Marx, à certeza de que a produção e a troca de produtos são a base de toda a ordem social; do fetichismo da mercadoria vem a divisão dos homens em classes. Dessas classes, uma é a explorada e a outra exploradora. [...] É, pois, Eratóstenes, através dessa filosofia objetiva que devemos estudar a História do Brasil (Carta de Camillo de Jesus Lima a Erathósthenes Menezes, Macarani, 20.2.1948).

Nesta perspectiva o escritor traçou o seu entendimento da vida e, por conseguinte, não deixaria de abordar a relação entre a realidade de que falava acima e a literatura. Falou da arte e da história, uma interferindo na outra, motivadas pela sensibilidade dos homens que conhecem ou se reconhecem na força de trabalho do outro, na luta de classe, na experiência de vida dividida, coletiva. Trouxe à tona a importância da efetiva participação de escritores que emprestaram sua obra para a construção de uma sociedade mais justa, mais humana, mais crítica, formada por homens e mulheres mais conscientes de seu papel social e político, num momento em que a própria História exigia revisão de valores.

Depois de fazer referência à obra emblemática “Zé-Brasil”, de Monteiro Lobato: “Que antídoto, Eros, contra esse nacionalismo mentiroso e falso que o capitalismo ensina para a sua garantia!” – livro este que foi retirado das livrarias paulistas pela polícia fascista de Ademar de Barros – Camillo evoca ainda:

> É preciso ser poeta como Neruda. É preciso ser escritor como Jorge Amado, como Graciliano Ramos, pintor como Portinari e cantor como Caími. […] Sem intenção de agradar a ouvidos granfinos. Sem ambição de ver o que escrevo em jornais ou revistas (ah! Velhos tempos da ingenuidade infantil dos recortes!), mas com a profissão

> de fé de um homem que confia no futuro, para quem o futuro não tem mistérios. Esta é a hora amarga dos intelectuais livres do mundo. Mas é também a hora histórica dos intelectuais que não se dobram. (Carta de Camillo de Jesus Lima a Erathósthenes Menezes, Macarani, 20.2.1948)

Uma carta de onze laudas, com tantas nuanças temáticas, tantos argumentos, precisaria de dedicada pesquisa e análise minuciosa, portanto, não poderia deixar de ser citada sem a extensão dos fragmentos, como os que aqui apresentamos. Embora não seja o objetivo dessa investigação fazer essa delicada inspeção histórica, também não podemos nos omitir diante dos posicionamentos do autor, acrescentando ao propósito de anunciar as memórias autobiográficas inscritas nas cartas aos amigos, o contexto que o motivara a escrever.

Revelou nesta carta ao amigo que a sua nova forma de ver o mundo interferiu diretamente em suas atitudes e opções, pois, fora disso, viveria um paradoxo existencial. Contou que se afastara de todo e qualquer núcleo de resistência da burguesia, como por exemplo, a Maçonaria. Explicou o que significou a organização maçônica nos seus primórdios, a exploração dos seus aprendizes, intensificando a divisão de classes, quando apenas os mestres compunham as assembleias das corporações ou conforme ele mesmo questiona:

> Que papel representou a Maçonaria na Revolução Francesa que implantou a burguesia como classe dominante? Que papel desempenha ela hoje, mantendo uma ideológica igualdade e uma ideológica fraternidade que só pode ser atingida por quem tem dinheiro? É o espírito da classe burguesa, baseado na exploração, que a mantém até hoje. (Carta de Camillo de Jesus Lima a Erathósthenes Menezes, Macarani, 20.2.1948).

Avaliou, enfim, a sua inserção e participação no Partido Comunista como uma decisão impreterível, naquele momento. Viu o socialismo como solução para os problemas da classe do proletariado: “Orgulha-me muito mais, muitíssimo mais, ter recebido das mãos honestas e gloriosas de Luiz Carlos Prestes o meu *carnet* de escritor comunista, do que aquele prêmio convencional que me foi passado às mãos”, referindo-se ao prêmio recebido na Academia Carioca de Letras.

Conforme sua descrição, a missiva foi escrita sob a luz de um sol escaldante que entrava pelas duas janelas ao nascente, de onde também podia ver

a paisagem análoga à que Graciliano Ramos descrevera em seus romances, pois "parece haver uma toalha de fogo estendida nos pastos"; ou a um quadro de Portinari: "lá longe está um homem curvado para a terra, – as costas negras reluzindo ao sol, – figura gigantesca de Portinari, fazendo riqueza para os outros". Toda ambientação que relatou ao amigo é um exemplo categórico à apreensão que teve do materialismo histórico dialético, plasmado na realidade circundante, ou, diríamos, conforme concepção marxiana, foi essa existência que determinou sua consciência.

5.3 UMA ESCRITA DE SI NA LEITURA DO OUTRO (LOURENÇO MOREIRA LIMA E JORGE AMADO SOB O OLHAR CAMILLIANO)

Muitas vezes fizemos referência ao leitor compulsivo que fora Camillo, não se restringindo às leituras que considerava mais importantes ou que lhe fosse de puro deleite. Lia tudo que lhe chegasse às mãos. O hábito da leitura o acompanhava, seja nas noites frias de Vitória da Conquista ou no seu exílio, na cidade de Macarani, para onde fora, não por opção, mas pela necessidade imposta de sobrevivência e manutenção de sua família. O exílio a que se destinou, por obrigação, ganhara outras perspectivas: das muitas horas em que via o tempo passar, poucas foram entregues ao ócio. O leitor contumaz que sempre fora, desde a infância, teve este exercício aprimorado no São Pedro de Macarani. Dedicava-se várias horas por dia à leitura e a escrita, adentrando as noites sem sono, à luz dos candeeiros.

Em meados da década de 1940, à sua produção literária, soma-se a crítica de rodapé que realizava para o jornal *O Combate*. Tal crítica não se restringiu às obras literárias que recebia de vários cantos do Brasil, para tecer sobre elas suas impressões, mas faz da sua função, como jornalista e como crítico de rodapé, um meio de divulgação de sua concepção de mundo, estreitando, cada vez mais, os vínculos com o socialismo.

A vasta produção encontrada no arquivo do autor exigiu que, mais uma vez, fizéssemos um recorte para a análise, tomando como critérios: o tempo de produção e publicação (delimitado à década de 40 do século XX) e o veículo em que os textos foram publicados (jornal *O Combate).* Trata-se aqui da crítica de rodapé

realizada pelo escritor e, seguindo a ordem dessa seção, o critério da abordagem temática continua o mesmo: voltado às questões de ordem política e social.

Para ilustrar o leque dessa crítica realizada por Camillo de Jesus Lima estabelecemos uma relação entre suas atividades como leitor, – preocupado com a sua formação socialista, – e suas atividades como crítico, – relacionando a sua apreensão leitora aos textos que lhe eram submetidos para análise. Como provas documentais referentes a sua condição de leitor, citamos alguns livros que fizeram parte de seu acervo pessoal. Esta bibliografia, certamente, norteou as críticas que viria a realizar, servindo de orientação aos estudos que fizera sobre o socialismo e o comunismo.

Importante também fazer referência aos planos de leitura, estrategicamente bem arquitetados pelo criterioso leitor. Camillo de Jesus Lima deixava inscrições de sua prática leitora por todo livro, da capa às páginas finais, com grifos, anotações, sínteses e, uma especial marca temporal: datava dia e hora em que iniciava e terminava cada texto. Dada a complexidade de determinados livros ou o centro de interesse do leitor, muitas vezes realizava releituras, com novas observações, também registradas.

Dessa leva de livros que manteve em seu acervo pessoal, destacamos *História do partido Comunista (bolchevique) da U.R.S.S*. (Edições Horizonte LTDA, Rio de Janeiro), (COMISSÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PC DA URSS, s/d). Neste livro possui o seguinte registro: “começamos a ler este livro às 6 horas da manhã do dia 8 de novembro de 1948, em Macarani”, assina Camillo a primeira página e, no final da página 144 escreve: “termino a leitura deste grande livro às 10 horas da manhã do dia 13 de novembro de 1948, em Macarani. Grandes ensinamentos! Lições indestrutíveis! Camillo”. Como nos demais livros, registrava, nas páginas finais, uma espécie de sumário de leitura, com anotações das páginas, resultando em um resumo do lido[64].

Outro livro desse grupo de leitura é uma edição cubana: *Por que la URSS es invencible*, de Anna Louise Strong, (Ediciones Pueblos Unidos, Cuba), tradução de Victor M. Villaseñor. Logo na primeira contracapa o leitor fez a sua inscrição: “São 6 horas e 30 minutos. Manhã de 25 de junho de 1944. Camillo”, e, na página 181

64 Cf. ANEXO A, Fig. 15 e 16 – Notas de leitura e acervo bibliográfico, pp. 197-198.

escreveu: “Termino a leitura deste livro às 8 ½ da manhã de 28 de junho de 1944. Como deslumbra e enleva a luz da verdade! 'A estrela...somente nós!' Camillo”. Da mesma autora, Anna Louise Strong, é o *A Rússia na paz e na guerra,* tradução de Luiz C. Afilhado, com 4ª edição brasileira pela Editorial Calvino Ltda, Rio de Janeiro, 1945. Esse livro também teve traduções americana, australiana e mexicana. E, como sempre, Camillo de Jesus Lima registrou, criteriosamente, hora em que começara e que terminara cada livro ou a sua releitura: “Vamos ler este livro. São 6 horas e 27 minutos da manha de 28 de dezembro de 1945. Camillo”. Logo abaixo, três anos depois, fez outra anotação: “Vamos reler este livro. São 6 horas e 39 minutos da manhã de 11 de junho de 1948, em Macarani. Camillo”. Há, ainda, no acervo, *Resistência Russa*, de Maurice Hindus, da Edições Calvino, 1943; o *Abecedário da nova Rússia*, de Iline (Lenine), também pela Calvino; e as revistas *Divulgação Marxista*, vol. 6, 7 e 8, do ano I, organização de Calvino Filho e S. O. Hersen, entre outros[65].

Camillo tornou-se, com o tempo, um grande defensor do socialismo, ao ponto de sua produção literária ter visíveis marcas dessa transição durante a década de 1940. Chegou a considerar o que escrevera, antes disso, uma arte subjetiva, ingênua, romântica, diferente da literatura social que passou a escrever com frequência, imbuída de uma conscientização política. O que nos parece uma falta consigo mesmo, reparada com os anos, quando entendeu que a sua obra extrapolava essa condição de arte engajada; ela própria se representando pela grandeza universal, desde os versos adolescentes ao da maturidade, cada fase carregando as especificidades de seu tempo.

Seus posicionamentos críticos acerca da arte, da cultura, da literatura e da política naquele momento histórico, ajudavam outros jovens intelectuais a se manifestarem e o jornal era um dos meios de veiculação dessas ideias. Em meados do século XX a figura do intelectual ganhava espaço no meio jornalístico e era através desse veículo de comunicação que as tendências políticas e literárias se tornavam conhecidas. Em uma entrevista, concedida ao jornal soteropolitano *Sete dias*, Camillo argumenta:

---

65 Cf. ANEXO A, Figs. 17 a 19 – Acervo bibliográfico e notas de leitura. pp. 198-199.

> Através dos tempos a arte tem sido um reflexo do desenvolvimento econômico, histórico e social da humanidade. Na época em que vivemos, a luta social chega ao auge, a ponto de dividir o mundo em dois campos opostos: capitalismo e socialismo. Sendo a poesia, como todas as artes, um reflexo do desenvolvimento humano, não se pode manter indiferente às lutas que se desenrolam no mundo moderno, lutas que atingem profundamente a sensibilidade apurada dos poetas. (LIMA, 1957a).

Há no fragmento acima uma formulação acerca do dever do intelectual como aquele que, por fazer parte de uma organização, seja ela cultural, histórica, social e por isso sempre ideológica, possuir responsabilidade para com o meio social em que vive, atestando, de certa forma, o que Gramsci (1972) denominou de "novo intelectual":

> O modo de ser do novo intelectual não pode consistir já na eloquência como reflexo exterior e momentâneos de afetos e paixões, mas deve enlaçar-se ativamente na vida prática como construtor, organizador, e persuasor constante – mas não como orador – e, contudo, passando por cima do espírito abstrato e matemático; através da técnica-trabalho chega-se à técnica-ciência e à concepção humanística-histórica sem a qual se é "especialista", mas não se é "dirigente" (especialista + político). (GRAMSCI, 1972, p. 26).

E, conforme bem destacou Camillo, a literatura não pode fugir da realidade de seu tempo, nem o escritor de sua responsabilidade crítica e participação social. Certo de que, em uma sociedade capitalista, haverá sempre campos antagônicos, e em cada um desses campos, homens em luta e a serviço de uma determinada ordem, seja a serviço da burguesia ou do proletariado, o escritor assume a posição de intelectual de "esquerda".

As críticas de rodapé (resenhas críticas), produzidas por Camillo de Jesus Lima, publicadas no Jornal *O Combate,* durante a década de 1940, têm como característica que as une a abordagem crítico social, mas isso não significa que esse escritor não tenha tematizado outros aspectos em seus textos. De uma extensa lista, os textos de cunho socialista, servem como fontes para esse recorte. Ademais, não é nosso propósito analisar todas elas. Elegemos, entre as citadas a seguir, duas resenhas, em que o leitor crítico dialoga, tomando como base a sua experiência pessoal.

Em 1944 Camillo escreveu “Jorge Amado, o romancista da esperança”, uma resenha ao livro *São Jorge dos Ilhéus*, de Jorge Amado, editado pela Martins; em 1945, “Estrada da liberdade”, uma análise do livro de mesmo título da escritora baiana Alina Paim, pela Editora Leitura; o texto “Defesa e vitória de uma reforma política”, que explora o livro de Lenine *O capitalismo de estado e o imposto em espécie*, lançado no Brasil, pela Editora Guaíra; “Um livro de Bukharin”, resenha o livro deste autor, intitulado *O ABC do comunismo*, também pela Guaíra; o texto “Abêcê do cavaleiro da esperança”, publicado no jornal *O Combate* em 28 de dezembro de 1945, resenha crítica ao livro *Vida de Luís Carlos Prestes, o cavaleiro da esperança*, autoria de Jorge Amado, que saiu pela Martins e a crítica de rodapé “A história da Coluna Prestes”, referente ao livro *A Coluna Prestes – marchas e combates*, autoria de Lourenço Moreira Lima, uma publicação da Brasiliense/São Paulo, em 1945.

Tomamos destas, as duas últimas resenhas para uma abordagem analítica, observando a relação estabelecida entre o crítico, os autores e as obras, explorando “a escrita que Camillo faz de si na leitura do outro”, uma autobiografia intertextual. Nos textos “A história da Coluna Prestes” e em “Abêcê do cavaleiro da esperança”, a crítica se entrelaça às obras, numa atmosfera em que o pessoal e o coletivo se confundem, o real e o ficcional interagem, os sujeitos e os supostos objetos se completam, as memórias e a história se imbricam. As memórias de Camillo dialogam com a história e as memórias de Jorge Amado e Lourenço Moreira Lima. Parece-nos que, nas resenhas críticas aos dois livros citados, o crítico resenhista tomou os livros como espelhos, a escrita de si se espelha na leitura do outro.

Na resenha ao livro de Lourenço Moreira Lima, embora o foco seja a narrativa histórica do autor do livro, que teve participação efetiva na Coluna Prestes como seu secretário, Camillo de Jesus Lima, como leitor, não se abstém de uma interlocução que não se dá apenas ao nível textual, extrapola para as intertextualidades do lido e do vivido, entre a leitura de livros e a leitura de mundo, como quis Paulo Freire (1989). Camillo faz uma retrospectiva histórica incluindo-se como parte dela. Ou dizendo de outra forma, o cotidiano da infância do escritor foi atropelado pela história. Ele fala do tempo em que Luiz Carlos Prestes passou pela Bahia, enfrentando a aridez das caatingas e das terras do sertão nordestino, no curso do

São Francisco.

Nessa passagem da Coluna Prestes pelo interior baiano Camillo tinha então catorze anos e morava com os pais na cidade de Caculé. A narrativa de uma memória coletiva explicitada por Lourenço Moreira Lima toca profundamente a memória de infância do escritor baiano que, naquele momento de reflexão crítica, já não se apresenta sob a visão do adolescente ainda imaturo. Camillo revitaliza suas lembranças com uma análise crítica do momento histórico em que o fato aconteceu, relacionando-os aos acontecimentos ulteriores. Neste caso, em especial, o pessoal e o coletivo se imbricam para assegurar o sentido crítico e ideológico do texto.

> Nos dez anos trágicos que foram de 1935 a 1945 a ninguém era permitido falar sem afronta às iras do Estado Novo, no nome de Luiz Carlos Prestes. Era preocupação máxima da Gestapo Cabocla que se apagassem da memória do povo, a custa do silêncio, os feitos memoráveis do grande capitão que conduziu, através dos sertões brasileiros, num desafio indômito à reação, o estandarte da liberdade, desfraldado pelo Dezoito do Forte, em 5 de julho de 1922. Vão e estulto propósito esse de arrancar raízes que se entranharam no coração do povo! […] Ainda criança, em uma vilazinha de terra vermelha do interior da Bahia, eu também vi a Coluna. Todas as cenas estão vivas na minha lembrança e creio mesmo que são as cenas mais vivas que ainda guardo na memória.66

Esse texto de Camillo de Jesus Lima revela uma visão crítica do leitor ao tempo em que se coloca como partícipe da história em questão, expondo o seu entorno, o contexto histórico e ainda realiza uma análise do lugar discursivo que assume na relação entre o passado vivido e o tempo do discurso. Ele demonstra assimilar os padrões estéticos formais, mas não toma isso como preocupação primeira, prefere relatar acontecimentos autobiográficos para introduzir a narrativa em análise, inserindo o particular no coletivo:

> […] Na minha consciência de menino, a praça de terra vermelha cheia de soldados, de homens barbudos e sujos, de reses carneadas e de tropel de cavalos, tomou proporções de um acontecimento culminante e inédito. [...] Vi os presos hirsutos e negros saírem da cadeia arrombada, olhando, apalermados, a rua que não viam há anos. Vi os olhos assombrados dos chefes locais, arregalados ante o

66 O texto está distribuído em três páginas datiloscritas, afixadas às folhas pautadas do volume do arquivo “Livro cinza”, indicando pelo autor ser “Copyright da revista *Leitura* e de *O Combate*”, mas não o encontramos nos arquivos pesquisados.

> pelotão de fuzilamento que não chegou a entrar em atividade porque apareceram, afinal, as munições que Bernardes mandara para assassinar os rebeldes. [...] Vi também os olhos mansos de Luiz Carlos Prestes, seu rosto pálido e sua barba negra, o seu sorriso calmo, de bondade infinita e ouvi a sua fala cariciosa me pedindo água. Vi, afinal, a Coluna sumir-se como uma serpente coleante, na última rua da vila, Prestes à frente, vestido de branco, os feridos no meio, pacientemente conduzidos pelos companheiros, a gente de Siqueira Campos atrás, correndo a marcha de acorda-Brasil, na manhã clara de Sol do Sertão.67

Várias vezes Camillo fez referência a essa passagem em que a emblemática figura de Luiz Carlos Prestes atravessou a sua história de vida, provavelmente sob o olhar do outro Lima, o cronista das marchas e combates, nos idos de 1926, quando a Coluna passou pela cidadezinha de Caculé e seu comandante aportou em casa do professor Fagundes. Da mesma forma pode Camillo contribuir com a história, por meio de seus relatos e depoimentos, ajudando a desmitificar conceitos e a reconstruir uma nova concepção de mundo a partir da apreensão paulatina que passou a ter do socialismo e do comunismo, via leituras, em doses homeopáticas, dos livros e revistas patrocinados e disseminados pelo PCB.

Camillo de Jesus Lima confirma, em seu texto, o quanto foi difícil falar de Prestes em tempos da repressão por que passaram os brasileiros entre 1935 e 1945. Anos esses acalentados, mais tarde, pela legalidade do Partido Comunista Brasileiro, pela anistia de Prestes, pelo direito à liberdade de expressão e pela adesão de muitos artistas, intelectuais e educadores às fileiras da esquerda.

Nesse mesmo período, o livro de Lourenço Moreira Lima ganha uma reedição. O “Marchas e Combates”, uma espécie de diário militar, que em sua primeira versão fora editado em dois volumes, na edição analisada por Camillo, de 1945, recebe um novo título *A Coluna Prestes – marchas e combates*, um só volume com 657 páginas.

Sobre Lourenço Moreira Lima o cronista revela, com tristeza, a sua morte, patrocinada pelos fascistas. Deposto do Ministério do Trabalho, cargo que assumiu no governo Vargas, Moreira Lima é preso e julgado fazer parte da Intentona Comunista. Posteriormente, mesmo em liberdade, vivia clandestinamente, ao ponto de, em 1940, morrer em um hospital de São Paulo, sem que soubessem de quem se

---

67 Cf. nota anterior.

tratava, conforme afirma Jorge Amado no prefácio à reedição do livro, em 1945.

Nessa crítica Camillo lamenta a morte prematura de Moreira Lima, na certeza de que, se estivesse vivo, comporia o grupo dos que engrossavam as fileiras do PCB, incluindo entre estes Carlos Prestes, Jorge Amado, e Graciliano Ramos, com quem Moreira Lima esteve preso em 1935. Graciliano Ramos e Jorge Amado renderam-lhe homenagem: O primeiro escreveu “M. Lima e Apporely”, publicado no *Diário Carioca*, de 24 de dezembro de 1950 e o segundo confessa ter se inspirado na narrativa de Lourenço Moreira Lima para escrever *O Cavaleiro da Esperança,* livro sobre a vida de Luiz Carlos Prestes.

Este livro de Jorge Amado chega ao Brasil já condenado pelo Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e às mãos do voraz leitor, por meios “insanos”, conforme ele mesmo considerou, pois não lhe fora de fácil acesso. Mesmo sendo os dois escritores baianos correspondentes e estivessem voltados aos mesmos objetivos. Amado, ainda exilado, esperava a anistia para que o lançamento de *O Cavaleiro da Esperança* acontecesse no Brasil. De posse do livro, Camillo confessa que leu e releu e que o passava, aos amigos, como um “presente régio”. Aliviado declara em sua resenha:

> A vitória das democracias contra o fascismo permitiu, enfim, que o povo brasileiro pudesse ler, na língua de origem, o grande livro de Jorge Amado. Edições sucessivas de muitos mil exemplares não conseguiram ainda saciar o povo no desejo de conhecer a vida de seu herói, através do talento construtor do maior dos nossos romancistas. (LIMA, 1945c, p. 2).[68]

Camillo sempre fez questão de dizer da influência que Luiz Carlos Prestes exerceu em sua formação política e da aproximação de amizade que teve com Jorge Amado no campo literário e também político. Por isso que, ao falar de Prestes, mesmo reconhecendo que o momento da marcha pelo Nordeste não possuía a mesma configuração política de quando ele retornou de seu exílio ao Brasil, como representante do PCB, Camillo retoma as suas memórias da adolescência como elo entre ele e o Capitão.

---

68 Texto manuscrito em duas páginas, constante no volume do arquivo “Livro cinza”, publicado também no Jornal *O Combate* de 29 de dezembro de 1945, pp.1-2. Esta e as três citações seguintes são fragmentos desse mesmo texto.

Na resenha crítica ao livro de Jorge Amado sobre a vida de Luiz Carlos Prestes essas memórias são responsáveis pela introdução do texto, um retorno ao passado para impulsionar aquele presente. Primeiro recorda o emblemático encontro em que teve sobre a sua cabeça as mãos de Prestes, na Vila de Caculé, "um menino pálido e acanhado de catorze anos"; lembra-se dos versos "inçados das falhas indispensáveis aos poetas de quinze anos", inspirados por uma reportagem que leu no jornal sobre a emoção do General diante do corpo de um dos companheiros, vitimado pela febre, na floresta do exílio boliviano; e resgata uma cena quando tinha dezesseis anos, quando entra em defesa do líder revolucionário:

> Deixei boquiabertos alguns dos visitantes de meu pai, pela veemência e ousadia com que defendia o Cavaleiro da Esperança dos ataques de um velho legalista, e me lembro bem de que acabei chorando, entre irado e comovido, porque os meus argumentos de menino não conseguiram convencer os sessenta e tantos anos reacionários do meu antagonista. (LIMA, 1945c, p. 2).

Estes são alguns episódios que marcaram as lembranças do homem de então, aos 33 anos, mas muitos foram os momentos em que pode dialogar com o pensamento de Prestes e Amado. Certamente essas relações ajudaram-no a compreender o sentido objetivo e determinante da vida, aproximaram-no dos novos conceitos que passaram a fundamentar a sua própria história e, consequentemente, a sua obra literária. Um claro exemplo desse discernimento crítico pode ser observado na resenha "O Abêcê do Cavaleiro da Esperança", referindo-se à enunciação de Amado sobre Carlos Prestes:

> Em nota que antecede o livro, Jorge Amado confessa nunca haver tomado de sua pena senão para tratar de assuntos que ama. Daí a força de convicção que salta dessas páginas, como um grito de fé e entusiasmo para a alma amargurada do povo. É sob uma forma suavemente lírica, mas baseado em documentação incontestável – verbal ou escrita – que Jorge Amado nos apresenta O Cavaleiro da Esperança. […] livro esse em que a arte se faz "o instrumento da crítica social e política", concitando as massas populares à reivindicação dos seus direitos. (LIMA, 1945c, p. 2).

A relação entre o crítico (Camillo de Jesus Lima), o escritor (Jorge Amado)

e o texto (enredado pela biografia de Luiz Carlos Prestes) acaba por realizar uma configuração dialógica marcada pela formação ideológica desses sujeitos sociais naquele momento. Prova disso está na revelação que Camillo faz neste mesmo texto:

> Os meus primeiros estudos marxistas, as minhas primeiras manifestações literárias na imprensa e na praça pública em prol da causa do povo alimentaram-se mais do meu culto por Prestes do que mesmo da compreensão, para mim difícil na época, da complicada doutrina do materialismo dialético, Marx e Lenine chegaram até mim depois de Prestes. (LIMA, 1945c, p. 2).

Neste caso, se a história nos permite um diálogo poético, resenhando o próprio Camillo, poderíamos dizer: que a força daquela mão calorosa sobre a cabeça do menino se estendeu pela adolescência e pairou durante a vida do homem maduro, confirmando suas convicções e estimulando a esperança que sempre esteve viva no coração de quem luta.

O arquivo do escritor Camillo de Jesus Lima guarda, portanto, dados biográficos de seu autor, relatos que revelam as condições objetivas de sua produção intelectual, desde a sua formação leitora. Foi lendo e ouvindo histórias transmitidas pelas gerações de intelectuais que o antecederam, em especial, compartilhando das memórias do seu pai – a quem alega responsabilidade de sua iniciação no mundo das letras – que cresceu o menino Camillo. No interior da Bahia, de onde, mais tarde, ecoaria o canto de liberdade pelos injustiçados, nasce um escritor, proclamando em versos e prosa a sua voz. Sua marca atravessa fronteiras, como poeta, cronista, crítico literário, político e, acima de tudo, como um leitor das humanidades. Tudo isso está nas revelações de um arquivo pessoal, em uma autobiografia intertextual que desejou deixar à posteridade, por meio de memórias coletivas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ergui um monumento mais perene que o bronze
E mais alto que o régio edifício das pirâmides,
Que nem a chuva voraz, nem o Aquilão desenfreado
Possam destruir, tampouco as inumeráveis
Séries dos anos nem o decurso dos tempos.
Não morrerei de todo e boa parte de mim evitará a Libitina.

(Horácio, Ode III, 30, apud. PENNA e AVELLAR, 2014, p.27).

Trazer um poeta como Horácio (65 a.C. - 8 a.C.) para dialogar com o entendimento que tivemos da vida e obra do escritor baiano Camillo de Jesus Lima (1912-1975) é, no mínimo, dizer que o tempo da palavra não se limita ao tempo cronológico. E, pelo que apreendemos da epígrafe acima, o sentido da vida extrapola a morte quando o homem se eterniza nas próprias ações, no caso de um escritor, por meio de sua obra, pela palavra.

Na incursão realizada no arquivo pessoal de Camillo de Jesus Lima encontramos respostas para muitas questões acerca do escritor, do crítico, do militante político, mas, cada vez que nos aproximávamos desse homem histórico, ele se agigantava e as questões voltavam a se avolumar. Contudo, mesmo reconhecendo a impossibilidade de um resultado com ponto final, que traduza tal movimentação, consideramos alguns pontos reticentes como conclusão a um estudo sobre a história e as memórias de um intelectual em seu tempo e lugar, tomando como fonte registros que ele mesmo compilou, tornando-se, portanto, o arquivista de si.

Estamos seguros de que, sendo Camillo de Jesus Lima o “arquivista de si”, ele construiu, no arquivo, uma autobiografia; que esta é uma autobiografia de resistência, uma vez que “o arquivista de si” foi um homem que viveu a contrapelo, e em condição *sui generis* militou *e* produziu uma obra relevante, contribuindo, significativamente, com o panorama político e literário do Brasil no século XX. Estamos certos de que, no arquivo, memória e história se imbricam para revelar um tempo que não se prende ao passado, mas apresenta a relação dialética entre presente, passado e futuro. Consideramos, ainda, que o documentar-se e o arquivar-se foram formas que o escritor escolheu para preservar-se e a sua obra, por meio da

palavra.

Os documentos do *corpus* expõem, em grande medida, as experiências de um homem histórico, seja por meio de textos autógrafos ou dos escritos pelos pares, textos literários ou não literários. Nesses manuscritos há marcas que desvelam o cotidiano do titular do arquivo e registram a sua trajetória literária.

Ao se arquivar, Camillo de Jesus Lima definiu um perfil que desejou preservar, o que implica, no mínimo, duas situações diferentes: primeiro, os documentos do arquivo não dizem tudo, e estamos certos de que o silêncio diz mais do que o não-dito; segundo, em uma seleção há sempre exclusões, e o arquivista de si pode ter deixado de fora o que não considerou relevante ou revelações que preferiu omitir. Essa incompletude do arquivo condiz com a história. Tal qual a vida fora do arquivo, o que se preserva não possui caráter definitivo, pelo contrário, tal qual a vida, o arquivo é dinâmico, e depende da relação entre passado e presente, entre o contido e os contextos, entre o objetivo e o subjetivo para ter sentido.

Partimos do conceito de arquivo desenvolvido por Jacques Derrida (2001), e afirmamos que o arquivo pessoal do escritor Camillo de Jesus Lima não perdeu a sua origem primeira: seu caráter ontológico e nomológico. Consideramos, também, que seu estado topo-nomológico atual coloca-o em um estágio de transição, localizado nos umbrais do particular ao público. Embora o acervo do escritor (de caráter particular), esteja resguardado em ambiente seguro, aberto a algumas pesquisas de caráter acadêmico, ainda não pode ser considerado um “arquivo literário” (de caráter público). Para isso necessita de certa adequação física e de um projeto interdisciplinar, que abarque organização, preservação, manutenção e acessibilidade ao acervo, ampliando, desta forma, as possibilidades de atendimento às necessidades de um novo tempo histórico.

A proposição defendida no início desta tese, e que em um espaço de conclusão não poderíamos deixar de reforçar, é a ideia do arquivo como lugar social, de memória e de história. E como em todo espaço social há sempre contradições, o arquivo não está isento. As ações de selecionar, escolher, arquivar, preservar, etc, estão permeadas por ideologias.

No que diz respeito à atuação política e literária do titular do arquivo, colocada em relevo no estudo de seus documentos, podemos afirmar que as experiências

culturais, políticas e sociais vivenciadas, ou identificadas pelo autor, tornaram-se motes para sua produção literária. A obra de Camillo de Jesus Lima pulsa e é provocativa. Sua literatura revela a sensibilidade de um homem ante a realidade objetiva e traduz a vida em linguagem poética.

O estudo no arquivo de Camillo de Jesus Lima confirma algumas autoafirmações do arquivista de si. Como escritor, colocou-se como mediador na formação de novas concepções de mundo, apontando possibilidades às necessidades, em uma sociedade de classes, sempre ao lado do trabalhador, das minorias sociais. Conseguiu, a contrapelo, levantar a sua voz e inscrever o seu nome como ator social, exercendo a função política de um escritor crítico. Essa consciência política e também filosófica teve como base experiências concretas, partindo do conhecimento prático ou senso comum, até alcançar o “bom senso”, que Gramsci (1995) definiu como “filosofia da *práxis*”.

Por meio dos textos literários, de cartas, crônicas jornalísticas ou da crítica de rodapé, Camillo de Jesus Lima expôs o seu sentimento de mundo, conforme os princípios que regiam sua existência humana. Há nos arquivos “Livro azul” e “Livro cinza”, relatos que revelam as condições objetivas da produção do escritor, de sua formação leitora à influência dela em sua escrita, da sua vida pessoal e suas relações sociais.

Ao tomar conhecimento das memórias e da história que o arquivo do escritor preserva em suas páginas, estamos convictos de que não se trata aqui de uma análise conclusiva, até porque a totalidade está nas relações das partes com o todo e este jamais se esgotaria em um olhar investigativo. A totalidade do homem histórico ou de sua obra literária parece-nos fonte inesgotável de questões, o que vem confirmar a multiplicidade do arquivo. No entanto, podemos afirmar que, o espólio analisado prova a relevante contribuição que Camillo de Jesus Lima prestou à literatura e à crítica brasileira, sobretudo, em meados do século XX.

Quanto à digressão teórica acerca da relação entre memória e história – já bastante discutida nos últimos tempos pela Sociologia, pela Filosofia e pela História – encontramos, no realismo funcionalista durkheimiano e em seu seguidor Maurice Halbwachs (1990), um aporte inicial aos estudos da memória sob uma perspectiva social. Tanto este sociólogo, como os estudiosos que lhe sucederam, mesmo

defendendo que esses dois campos são produtos das relações sociais, destacam diferenças epistêmicas entre eles. Entendemos, no entanto, que, na prática, há um movimento de interdependência entre memória e história. Não se trata de um processo de dependência ou de sobreposição, mas de imbricação.

O conceito de imbricação está pautado no processo histórico dialético, uma vez que toda revocação está atrelada a uma necessidade real do presente em diálogo com o passado, e o que garante esse movimento dialético é a compreensão histórica do momento em que as memórias são evocadas, em cada tempo e lugar. Diria ainda que essa prática ou esse exercício mnemônico é construído a partir de uma provocação da realidade presente, de uma "vontade de memória".

Entre o dito e os silêncios, fica o perfil inscrito por Camillo em seu arquivo, em sua obra literária, em sua vida: de um escritor sem fronteiras. Os limites que, muitas vezes, ele mesmo criou para si, jamais o prenderam. A liberdade foi o seu bem maior. Por isso, ao final dessa digressão sobre o que nos revelou o arquivo pessoal desse escritor, não poderíamos nos furtar de um depoimento seu, em entrevista concedida a Roberto Pontes Gomes, para *A Gazeta* (SP), que, a nosso ver, sintetiza o perfil do escritor:

> Compreendi que a literatura intencional, de propaganda, encomendada ou imposta, conduz a um grosseiro artificialismo. Deixei de ser, por minha livre e espontânea vontade, o poeta político que fui, dos vinte aos trinta e cinco anos de idade, para continuar a ser um poeta participante, no bom sentido do termo, um livre-atirador, liberto de toda e qualquer imposição ideológica ou política e de toda e qualquer imposição de escolas. (LIMA, 5 de novembro de1956).

Documentar-se e arquivar-se têm, portanto, um claro objetivo de contribuição histórica na relação entre passado, presente e futuro. É uma forma de compreender a possibilidade de transformações a que estão submetidas a história e as memórias. O arquivista de si preservou-se para os pósteros como uma forma de resistência. Camillo de Jesus Lima ilustrou a vida em versos e prosa, em atos e afetos. Deixou-nos uma obra literária e um arquivo autobiográfico para serem desvelados. Apresentou-nos um labirinto, mas nos deu um novelo, uma obra que vibra, que resiste… Deu-nos a Palavra.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA DE LETRAS DA BAHIA. **João Eurico Matta**. Salvador, 2007. Disponível em:<https://academiadeletrasdabahia.wordpress com/2007/04/28/joao-eurico-matta> Acesso em 9 de maio de 2016.

AGUIAR, Edinalva Padre et al*.* **Política: o poder em disputa** – Vitória da Conquista e região. Memória Conquistense, n.4. Vitória da Conquista: Museu Regional/Universidade do Sudoeste da Bahia, 1999.

ARTIÈRES, Philippe. Arquivar a própria vida. In: Arquivos Pessoais. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil. Fundação Getúlio Vargas (CPDOC/FGV), V. 11 N. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em 05/04/2016.

ALMEIDA, José Rubens Mascarenhas de. **De pasamontañas e poliacates – A luta dos homens sem rostos** (processo de construção da contra-hegemonia do Exército Zapatista de Libertação Nacional). Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1999.

_____. MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha. Relações simbióticas entre Memória, Ideologia, História e Educação. In: LOMBARDI, José Claudinei; CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt S.; MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha (Org.). **História, Memória e Educação**. Campinas: Alínea, 2011.

ARISTÓTELES. **Parva naturalia**. Trad. Edson Bini. S. Paulo: EDIPRO, 2012.

BANDEIRA, Moniz. A crise da Argentina e os objetivos dos EUA. **Revista Espaço Acadêmico**, ano II, nº 15, Agosto de 2002, Maringá: Universidade Estadual de Maringá (UEM),2002. Disponível em: https://www.espacoacademico.com.br/015/15moniz_obras.htm

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística** – objeto, princípios e rumos. São Paulo: Associação dos Arquivistas de São Paulo, 2002.

_____. Arquivos pessoais em face da teoria arquivística tradicional: debate com Terry Cook. **Revista Estudos Históricos***,* [S.l.], v. 11, n. 21, p. 201-208, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2063>. Acesso em: 03 Jun. 2016.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política***:* ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. (Obras Escolhidas, v. I). Tradução Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGSON**,** Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOTTOMORE, Tom (editor). **Dicionário do pensamento marxista.** Tradução de Waltensir Dutra; org. da edição brasileira, Antonio Moreira Guimarães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

CÂNDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz-Publifolha, 2000.

COOK, Terry. Arquivos pessoais e arquivos institucionais: para um entendimento arquivístico comum da formação da memória em um mundo pós-moderno. **Revista Estudos Históricos**, [S.l.], v. 11, n. 21, p. 129-150, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2062/1201>. Acesso em: 03 Jun. 2016.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. de Cláudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relmé Dumará, 2001.

DUCROT, Ariane. A classificação dos arquivos pessoais e familiares. **Revista Estudos Históricos**, [S.l.], v. 11, n. 21, p. 151-168, jul. 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2059>. Acesso em: 03 Jun. 2016.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **As regras do método sociológico**. Trad. Paulo Neves. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FENTRESS, J.; WICKHAM, C. **Memória social**. Lisboa, Portugal: Teorema, 1992.

FONSECA, Aleilton. Camillo de Jesus Lima: um poeta para ser lembrado. **Revista Exu**, n 29, Salvador: Fundação Casa de Jorge Amado, 1993, p.29.

_____**. O Arlequim da Pauliceia** – imagens de São Paulo na poesia de Mário de Andrade. São Paulo: Geração Editorial, 2012.

FONSECA, Humberto José et al. **Historia e cotidiano no Planalto de Conquista.** Memória Conquistense, n.3. Vitória da Conquista: Museu Regional; UESB,1998.

GOMES, Renato Cordeiro. Acervos literários: implicações sobre a teoria e o ensino de literatura ou a sedução do arquivo. **Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS**, v8, n1, Porto Alegre: PUCRS, 2002, p. 95-104.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da História**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

_____. **A formação do Intelectuais**. Tradução Serafim Ferreira, Coleção 70, Venda Nova/ Amadora: M. Rodrigues Xavier/ Ed. Grijalbo, 1972.

HALBWACHS, Maurice**. A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vértice, 1990.

_____. **Los marcos sociales de la memoria**. Posfácio de Gérard Namer, trad. Manuel A. Baeza e Michel Mujica. Venezuela: Universid Central de Venezuela, 2004.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos**: o breve século XX:1914-1991. Tradução Marcos Santarrita, revisão técnica Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. **Revolucionários**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **Sobre história**. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. **Tempos interessantes***,* uma vida no século XX*.* Tradução S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KOSIK, Karel. **Dialética do concreto***.* Trad. NEVES, Célia; TORÍBIO, Alderico. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad.: Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da UNICAMP, 1990.

LESSA, Sérgio e TONET, Ivo. **Proletariado e sujeito revolucionário**. São Paulo: Instituto Lukács, 2012.

LOSE, Alicia Duhá, Arquivo: a morada da censura. **Revista Digital Inventário**, n. 2, Abril de 2004. PPGLL/UFBA, Salvador, 2004.

LUKÁCS, György. **Marxismo e teoria da literatura***.* Seleção, apresentação e tradução de Nelson Coutinho. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Cultura, Arte e Literatura** (textos escolhidos). Tradução de José Paulo Neto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010a.

MAGALHÃES, Lívia Diana Rocha. Educação, história e memória: uma aproximação do estudo geracional. **Revista HISTEDBR** (On-line), Campinas, n.28, p. 99 –105, dez. 2007.

MARQUES, Reinaldo M. O arquivamento do escritor. In: SOUZA. Eneida Maria e MIRANDA, Wander Melo (Org.). **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 141-156.

_____. **Arquivos Literários**: teorias, histórias, desafios. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2015.

MARX, Karl. **O Capital**, 3. ed. Livro I, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MARX, K. e ENGELS, F. **Cultura, Arte e Literatura** (textos escolhidos). Tradução de José Paulo Neto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

_____. **A Ideologia Alemã**. 2. ed. Introdução de Jacob Gorender. Tradução de Luis Claudio de Castro e Costa. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

_____. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

_____. **Sobre Literatura e Arte**. Trad. Albano Lima. 4. ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1974.

MEDEIROS, Ruy Hermann Araújo. **Conquista**: Poder e Conflito nos anos 30 do Século XX. Disponível em: <http://ruymedeiros.blogspot.com/2012/05/conquistapoder-e-conflito-nos-anos-30.html?view=timeslide>. Acessado em 18 de julho de 2016.

_____. Diversificação econômica, fator demográfico e participação política em Vitória da Conquista. **Jornal Fifó**, Vitória da Conquista, 25 de outubro de 1977.

_____. **História Compartilhada e Memória**: entre Alienação e Ideologia. Tese (Doutorado em Memória) 145 p. 2015, Vitória da Conquista: PPGMLS/UESB, 2015.

_____. **História Local e Memória**: limites e validade. Campinas: Librum Editora, 2013.

_____. Política, família e educação em Vitória da Conquista na primeira metade do século XX. Revista **HISTEDBR** On-line, Campinas, n.36, dez. 2009, p. 116-123

_____. A segunda guerra mundial e o desenvolvimento de Vitória da Conquista e da região. **Jornal Fifó**, Vitória da Conquista, 3 de janeiro de 1978.

MEIRA, E. G. Mulheres sob o olhar do poeta Camillo de Jesus Lima: algumas imagens. **Revista Heléboro**, ano 1, n 2, Vitória da Conquista: DELL/UESB, 1998.

_____**. Muito além das tardes nevoentas***:* um estudo da lírica de Camillo de Jesus Lima. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens), 133p. Salvador: PPGEL/UNEB. 2010.

_____**. Muito além das tardes nevoentas***:* uma canção de teia de Camillo de Jesus Lima. Salvador: EDUNEB, 2012.

MEIRA, E. G.; ALMEIDA, J. R. M. de A recepção crítica como produção de conhecimento*:* Camillo de Jesus Lima sob o olhar da crítica. In: **X Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional do Museu Pedagógico** – Produção de Conhecimento no limiar do século XX: tendências e conflitos. Vitória da Conquista:

Wmoreira Internet, 2013.

MELLO, Elomar Figueira. Incelença para um poeta morto *(de "O mendigo e o Cantador" – 5º Canto),* Faixa 04, Álbum **Cartas Catingueiras,** Disco 2, Gravadora e Editora Rio do Gavião, 1983.

MENEZES, Ulpiano T. Bezerra de. Memória e cultura material: documentos pessoais no espaço público. **Revista Estudos Históricos**, [S.l.], v. 11, n. 21, p. 89-104, jul. 1998. Disponível em: http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2067/1206. Acesso em: 03 Jun. 2016.

MOURA, Gutemberg. Carlos Chiacchio, 22 de junho de 2006. **Blog do Gutemberg**. Disponível em http://blogdogutemberg.blogspot.com.br/2006/06/carlos-chiacchio.html. Acesso em 13 de abril de 2016.

NORA, Pierre. Entre a memória e a história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, n° 10, dez. 1993. p. 7-28.

OLIVEIRA, Jeremias Macário. **Uma Conquista Cassada:** fogo e fuzil na terra do frio. Salvador: Assembleia Legislativa, 2013.

PASSOS, Jacinta. **Jacinta Passos** (Site Oficial da escritora). Disponível em: http://jacintapassos.com.br. Acesso em 27/04/2016.

PENNA, Heloísa e AVELLAR. Júlia. **Odes e Canto secular**. Belo Horizonte: FALE-UFMG, 2014.

PLATÃO. **Fédon**. In: Diálogos, 2. ed. Tradução e notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 57-126. (Coleção Os Pensadores).

_____. **Sofista**. In: Diálogos, 2. ed. Tradução e notas de Jorge Paleikat e João Cruz Costa. São Paulo: Abril Cultural, 1979. p. 127-196. (Coleção Os Pensadores).

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. In: **Estudos Históricos***.* Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3. 1989, p. 3-15.

_____. Memória e Identidade Social. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

RAMOS, Graciliano. M. Lima e Apporely. In: **Diário Carioca**, Letras e Artes, p. 8, Rio de Janeiro, 24 de dezembro de 1950.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: EdUnicamp, 2007.

RUBIM, A. Albino Canelas. **Marxismo, cultura e intelectuais no Brasil**. Salvador: Centro Editorial e Didático da UFBA, 1995.

SALDANHA, Zélia Nunes & GUSMÃO, Anadete Mota. **Antologia poética** – Camillo de Jesus Lima. Vitória da Conquista: UESB, 1987.

SANTOS, Miriam Sepúlveda dos. **Memória Coletiva e Teoria Social**. São Paulo: Annablume, 2003.

SOUSA, Maria Aparecida S; de BORBOREMA, Carlos Gomes. Literatura e Política: a trajetória de um poeta militante no interior da Bahia. **POLITEIA**: Hist. e Soc., Vitória da Conquista, v.1, n.1, 2001, p. 225-24

SOUZA, Eneida M. de; MIRANDA, Wander M. (Org.) **Arquivos literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SÜSSEKIND, Flora. **Papéis colados**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2002

TANAJURA, Mozart. **História de Conquista:** crônica de uma cidade. Vitória da Conquista: Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista, 1992.

VIANA, Aníbal Lopes. **Revista histórica de Conquista**, v. 1, Vitória da Conquista: O Jornal de Conquista, 1982.

FONTES:

BANDEIRA, Moniz. A poesia de Camillo de Jesus Lima. **A Tarde** (literatura e arte), Salvador/Bahia, 7 de julho de 1955.

_____. Carvalho Filho e a poesia baiana. **Correio da Manh**ã. Salvador/Bahia, 24 de julho de1954.

CHIACCHIO, Carlos. Poemas. **A Tarde** (Homens e Obras), Salvador, 22 de fevereiro de 1939.

_____. As trevas da noite estão passando **A Tarde** (Homens e Obras), Salvador, [1941].

COMISSÃO DO COMITÊ CENTRAL DO PC(b) DA URSS. História do Partido Comunista (Bolchevique) da URSS. Rio de Janeiro, Ed. Horizonte, s/d (publicada pela primeira vez em Moscou em 1938).

GOMES, Roberto Pontes. A Bahia, sua arte e sua gente. **A Gazeta**, São Paulo, 5 de novembro de 1956.

LEITE, José. Poemas, de Camillo de Jesus Lima. **Sudoeste**, N º 29, Ano 11, Jequié, 17 de dezembro de 1944.

_____. Camillo de Jesus Lima: entrevista. **Revista Cooperação.** Itabuna/BA, Novembro, 1945.

_____. O poeta de Cantigas da tarde nevoenta. **A Tarde** (literatura e arte), Salvador, 8 de setembro de 1955.

LIMA, Camillo de Jesus; BRASIL, Laudionor. **As trevas da noite estão passando**, Vitória da Conquista: O Combate, 1941.

LIMA, Camillo de Jesus. Abêcê do cavaleiro da esperança. **O Combate***,* 28 dez.1945g.

_____. O analfabetismo é filho da miséria". **O Combate**, 21 de Jun. de 1947c.

_____. A Bahia, sua arte e sua gente: depoimento. [5 de novembro de1956]. **A Gazeta.** São Paulo, 1956. Entrevista concedida a Roberto Pontes Gomes.

_____. Camillo de Jesus Lima: depoimento [Novembro, 1945] **Revista Cooperação.** Itabuna/BA, 1945a. Entrevista concedida a José Leite.

_____*.* **Cantigas da tarde nevoenta**. Salvador: *S.A. Gráficas da Bahia, 1955.*

_____. Conversa alegre para os amigos. **O Combate**, 21 de setembro de 1944b.

_____. O capital industrial e a abolição da escravidão. **O Combate**, 24 de maio de 1947b.

_____. Carta aos companheiros encarcerados. **O Combate** Nº11, Vitória da Conquista, 7 de março de 1950.

_____. Carta aos companheiros encarcerados. **O Momento** (Suplemento literário: ficção, crítica, debate), ano V, Salvador, 11 de março de 1950a.

_____. Defesa e vitória de uma reforma política (resenha do livro *O capitalismo de estado e o imposto,* de Lenine), **O Combate**, Vitoria da Conquista, 22 nov. 1945e.

_____. Estrada da liberdade. **O Combate**, Vitoria da Conquista, 11 mar.1945f.

_____. Os empreiteiros da fome. **O Combate**, 7 de Março de1947a.

_____. Esse lugar me convém. **O combate**, 7 de agosto 1944a.

_____. À guisa de esclarecimento – Entrevista minuto: depoimento [25 de fevereiro de 1954] **Diário de Bauru.** Bauru/São Paulo, 1954**.** Entrevista concedida a Nidoval Reis.

_____. Harpas e Farpas, **O Combate***.* Vitória da Conquista, 20 de janeiro de 1944.

_____. História curta e simples. **O Combate**. Vitória da Conquista, p.1, 22 nov. de 1943.

_____. A história da Coluna Prestes, **O Combate***,* 1945d.

_____. Inquérito sobre a crise da poesia: depoimento [semana de 9 a 15 de dezembro de 1957] **Sete Dias.** Salvador-Bahia, 1957a.

_____. Jorge Amado, o romancista da esperança. **O Combate**, 17 de agosto de 1944, p.1, Vitoria da Conquista, 1944c.

_____. Laudionor Brasil. In: BRASIL, Laudionor A. **A Luz desce da estrela***,* Vitória da Conquista: Brasil Artes Gráficas, 2002.

_____. Um livro de Bukharin, **O Combate,** Vitória da Conquista, 6 dez.1944d.

_____*.* **O livro de Miriam***.* Vitória da Conquista: Edições Mar, 1973.

_____***. A mão nevada e fria da saudade.*** Vitória da Conquista: Edições Mar, 1971*.*

_____. A missão do artista é lutar pela democracia e progresso: depoimento [10 de Dezembro de 1945]. **O Momento,** ano 1, nº 40. Salvador/BA, 1945b.

_____. Notas de um diário, **Conquistense**, Vitória da Conquista/Bahia, 30 de março de 1957.

_____*.* **Novos poemas***,* Vitória da Conquista: O Combate, 1945.

_____*.* **Poemas***,* Vitória da Conquista: O Combate, 1944.

_____. A poesia e o poeta devem ser atuais e surpreender: depoimento [4 de janeiro de 1953]. **Diário da Bahia.** Salvador, 1953a. Entrevista concedida a Moniz Bandeira.

_____. Um poeta do interior baiano premiado no Rio: depoimento. [16 set. 1943.] **Vamos ler!**, Rio de Janeiro, 1943a. Entrevista a Hildon Rocha.

_____. O Romantismo suplantou o Modernismo na poesia contemporânea: depoimento. [17 de Novembro de 1953]. **Diário da Bahia**. Salvador, 1953b.

_____*.* **Viola quebrada***,* Vitória da Conquista: O Combate, 1945c.

_____. Vinte anos de O Combate*,* **O Combate***,* 1949*.*

LIMA, Clóvis. O livro de Miriam. **A Tarde**, Salvador, 23 de março de 1973.

LIMA, Lourenço Moreira. **A Coluna Prestes** – marchas e combates, São Paulo: Brasiliense, 1945.

MATTA, João Eurico, A poesia primeira de Camillo de Jesus Lima, **A Tarde** (literatura e arte), Salvador, 19 de abril de 1956a .

_____. A poesia segunda de Camillo de Jesus Lima, **A Tarde** (literatura e arte) Salvador, 2 de junho de 1956b.

MEIRA, Álvaro. O poeta de Conquista. **A Tarde** (Página Semanal) Salvador, 28 de setembro de 1945.

_____.Tristes memórias do professor Mamede Campelo. **A Tarde** (literatura e arte), Salvador, 11 de novembro de 1954.

O COMBATE. I Congresso brasileiro de escritores (Convidado o poeta Camillo Lima a tomar parte do certame). Ano XVI, nº 18, p. 1, Vitória da Conquista, 17 de janeiro de 1945.

O MOMENTO. Entrega de "*carnet*" aos escritores e artistas do P.C.B., Salvador, 17 de abril de 1946.

_____. III Congresso de escritores brasileiros. Salvador, 02 de abril de 1950.

PASSOS, Jacinta. Cantigas da tarde nevoenta. **O Momento** (literatura e arte). Salvador, 16 de dezembro de 1955.

ROCHA, Hildon. Um poeta do interior baiano premiado no Rio. **Vamos ler!**, Rio de Janeiro, 16 set. 1943. p.14.

SETE DIAS. Inquérito sobre a crise da poesia (entrevista), Cadernos de notas, [semana de 9 a 15 de dezembro de 1957], Salvador, 1957.

DEPOIMENTOS:

BONFIM, Agda Vilasboas. **Agda Vilasboas Bonfim (D. Dazinha)**: depoimento [*27 ago. de 2015*] Entrevistadora: Esmeralda Guimarães Meira. Vitória da Conquista, 2015. Audiovisual. 1,65 GB, 00:23:21 de duração. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

BRITO, Ubirajara. **Ubirajara Brito**: depoimento [29 set. de 2015] Entrevistadora: Esmeralda Guimarães Meira. Vitória da Conquista, 2015. Audiovisual, 3,95 GB, 00:55:42 de duração. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

LEITE, Carlos Jehovah de Brito. **Carlos Jehovah de Brito Leite**: depoimento [4 de jun. 2016] Entrevistadora: Esmeralda Guimarães Meira. Vitória da Conquista, 2016. Audiovisual, 3,93GB, 00:55:43 de duração. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

LIMA, Luiz Carlos. **Luiz Carlos Lima**: depoimento [30 ago. De 2015]. Entrevistadora: Esmeralda Guimarães Meira. Vitória da Conquista, 2015. Audiovisual, 3,17GB, 00:44:39 de duração. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

MEDEIROS, Ruy Hermann Araújo. **Ruy Hermann Araújo Medeiros**: depoimento [6 maio de 2015] Entrevistadora: Esmeralda Guimarães Meira. Vitória da Conquista, 2015. Audiovisual, 1,60GB, 00:22:00 de duração. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

MELLO, Elomar Figueira. **Elomar Figueira Mello**: depoimento [2 de jan. 2017] Entrevistadora: Esmeralda Guimarães Meira. Vitória da Conquista, 2017. Audiovisual, 3,95GB, 00:56:52 de duração. Entrevista concedida para elaboração da tese da entrevistadora.

ANEXOS

ANEXO A: Documentos do acervo de Camillo de Jesus Lima

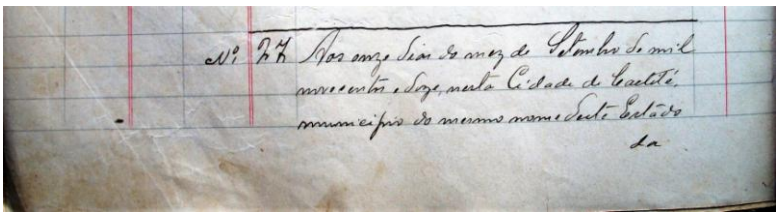


FIG. 1 – Certidão de nascimento de Camillo de Jesus Lima (pag. 1).

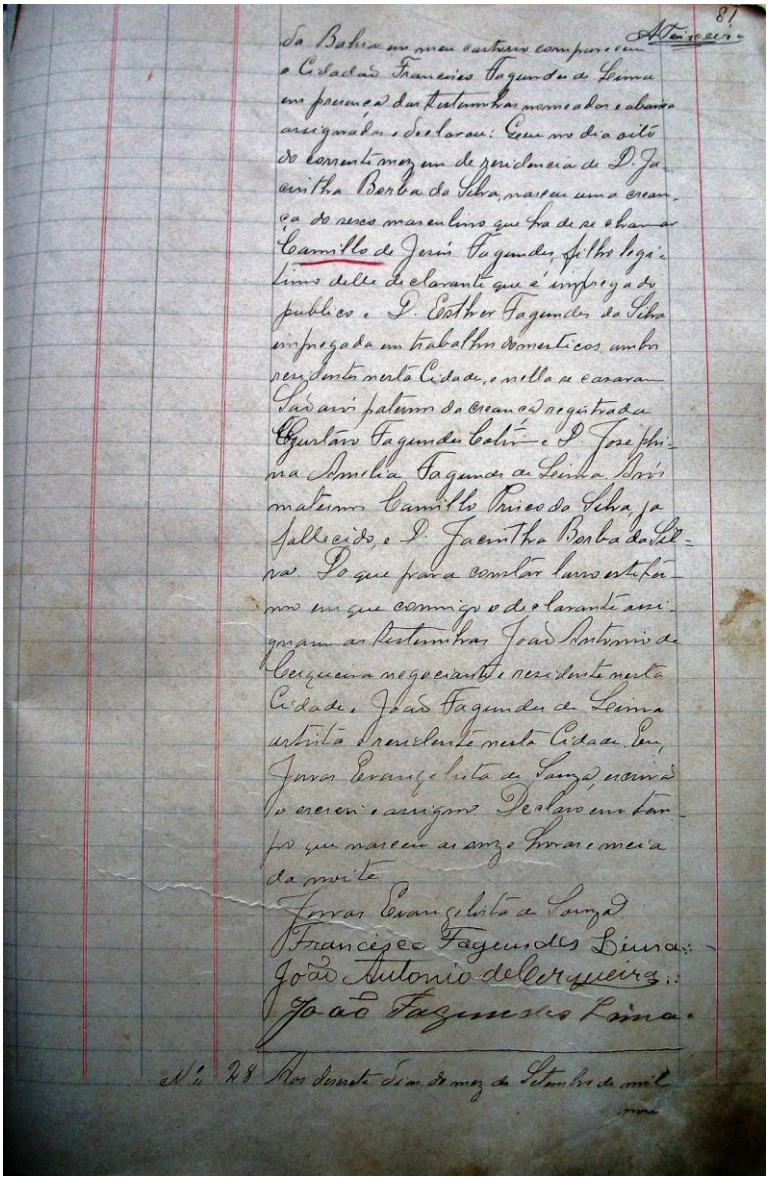
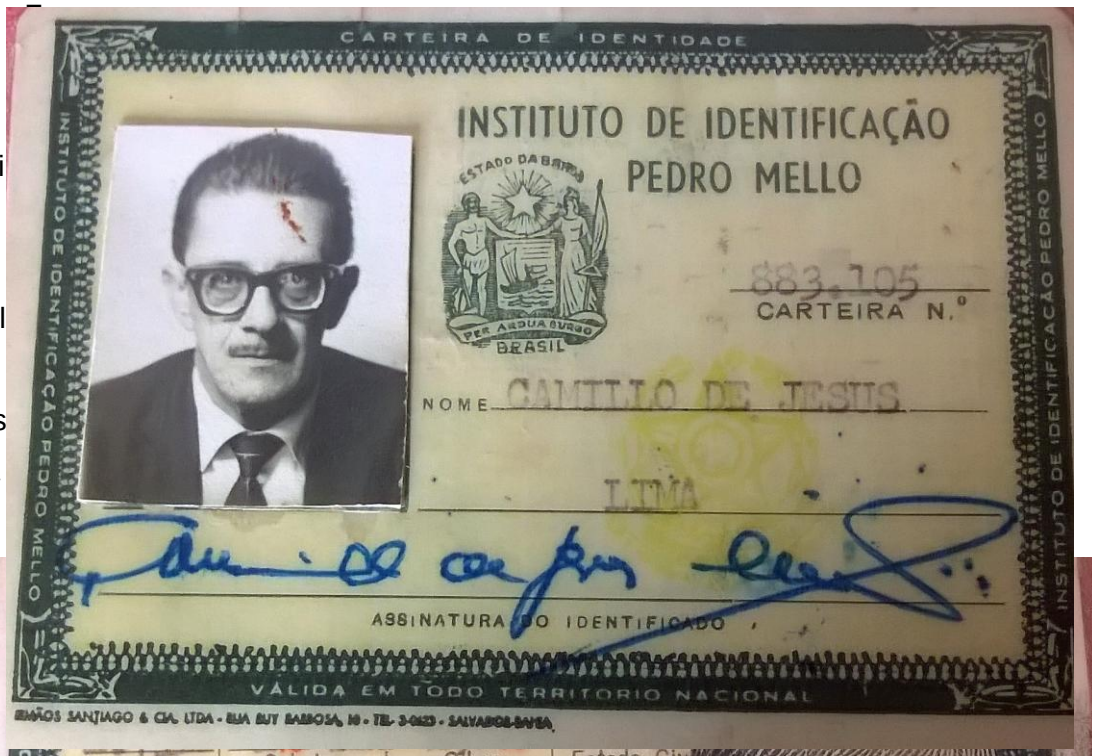
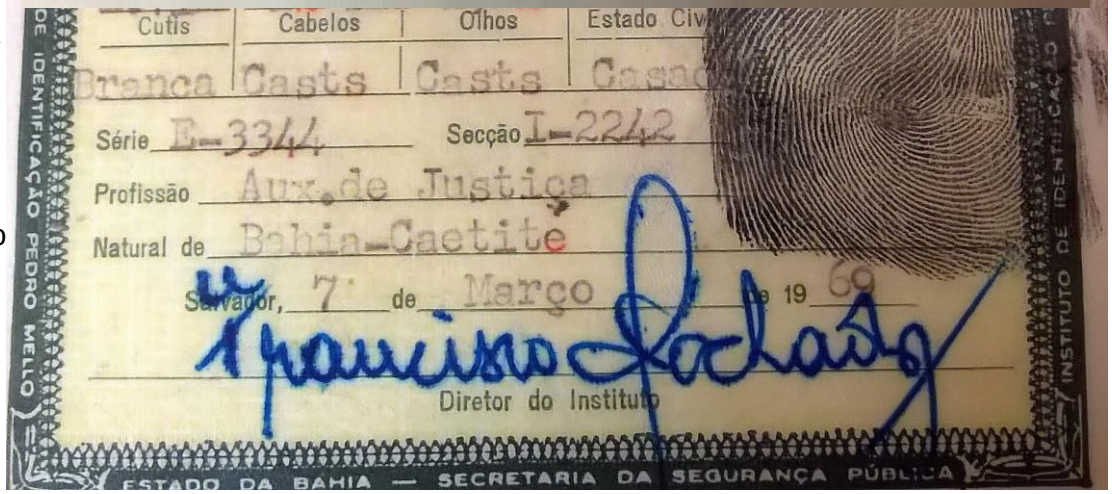


Fig. 2 – Certidão de nascimento de Camillo de Jesus Lima (pag. 2).

ig. 3 – Identidade de Camillo de Jesus Lima



ig. 4 – Identidade de Camillo de Jesus Lima



(verso).

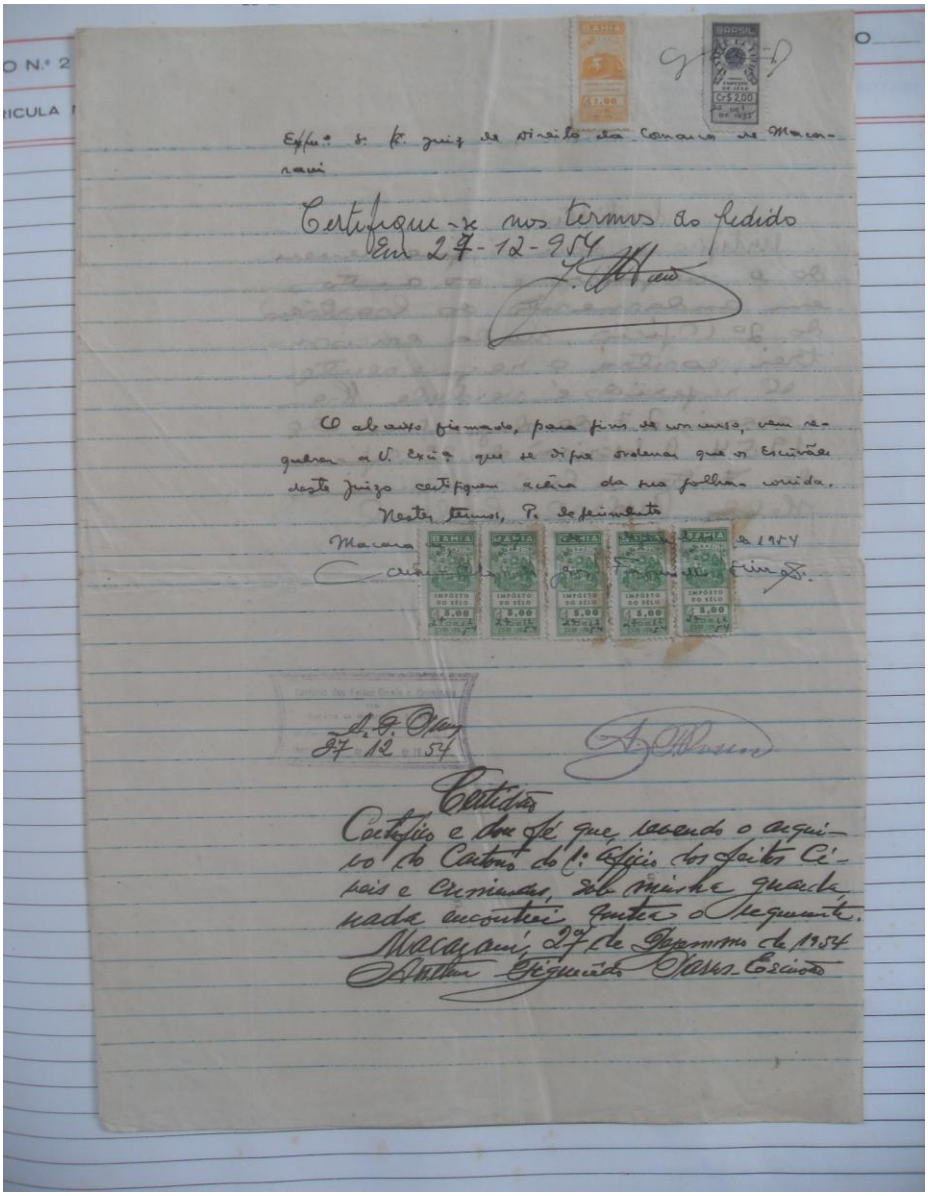


Fig. 5 - Requerimento de Nada consta ao juiz de Macarani

Fig. 6 – LIVRO AZUL

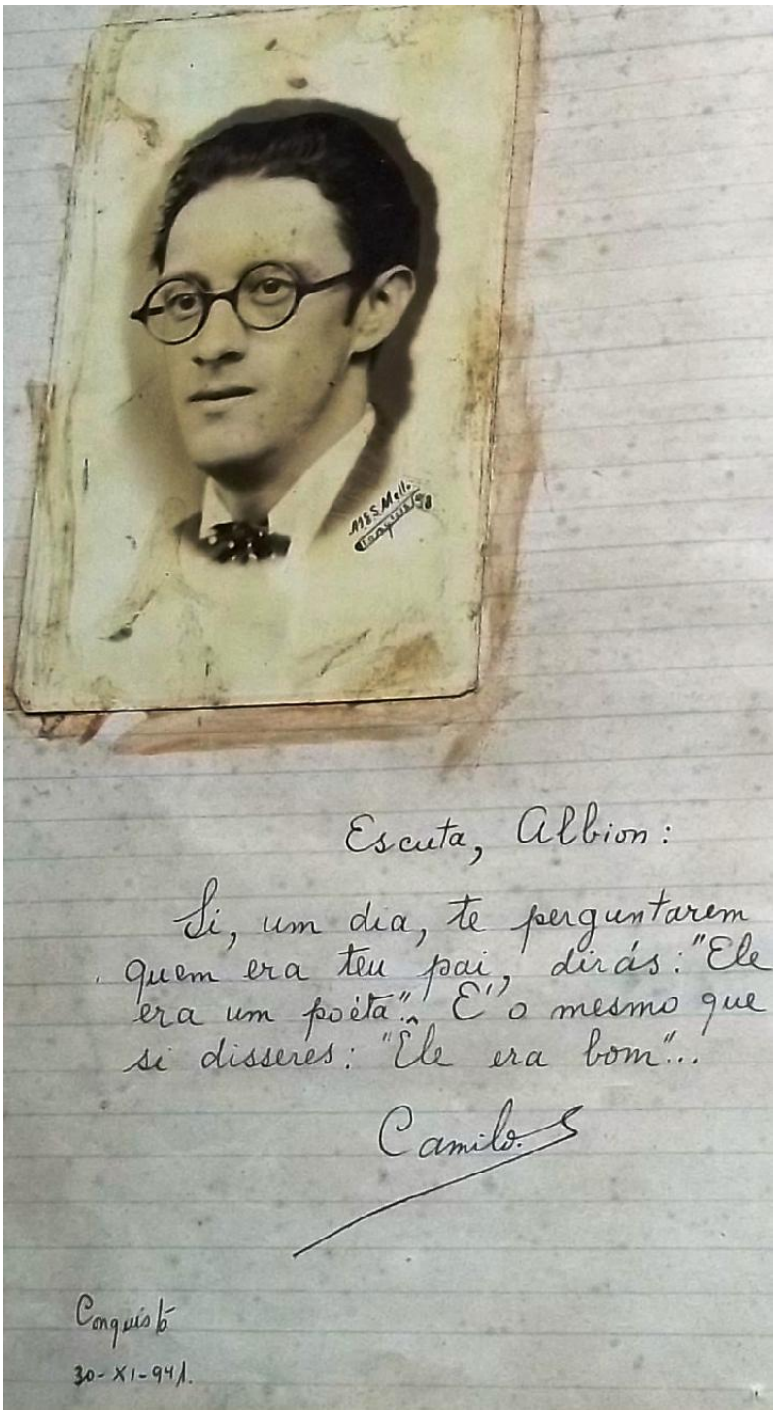


Fig. 7 – DEDICATÓRIA A ALBION – LIVRO AZUL

Fig. 8 – LIVRO AZUL – Distribuição dos documentos no arquivo

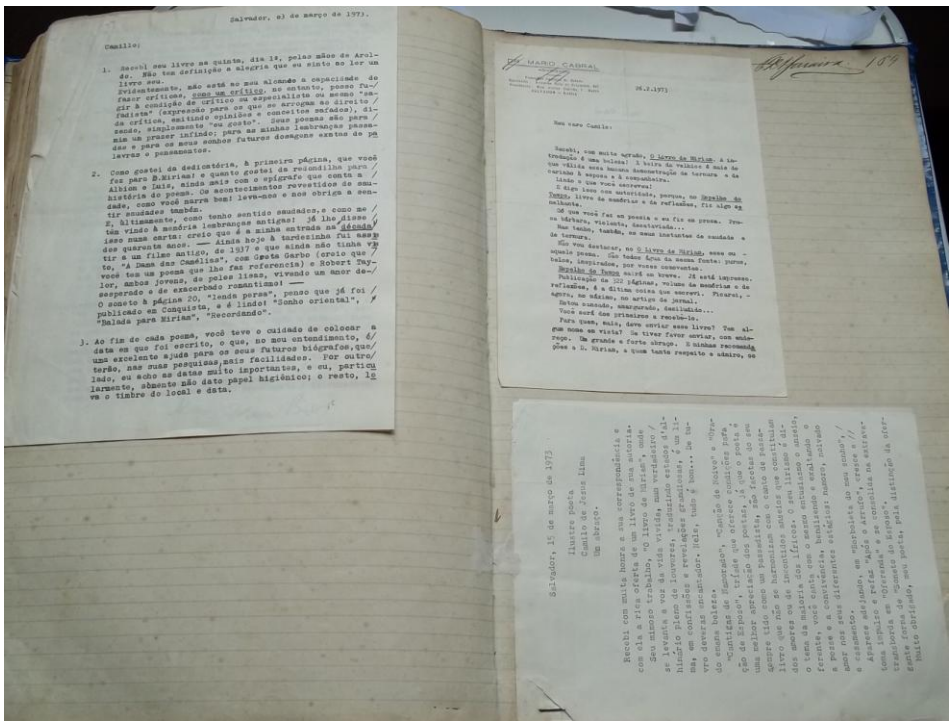


Fig. 9 – LIVRO AZUL – Distribuição dos documentos no arquivo

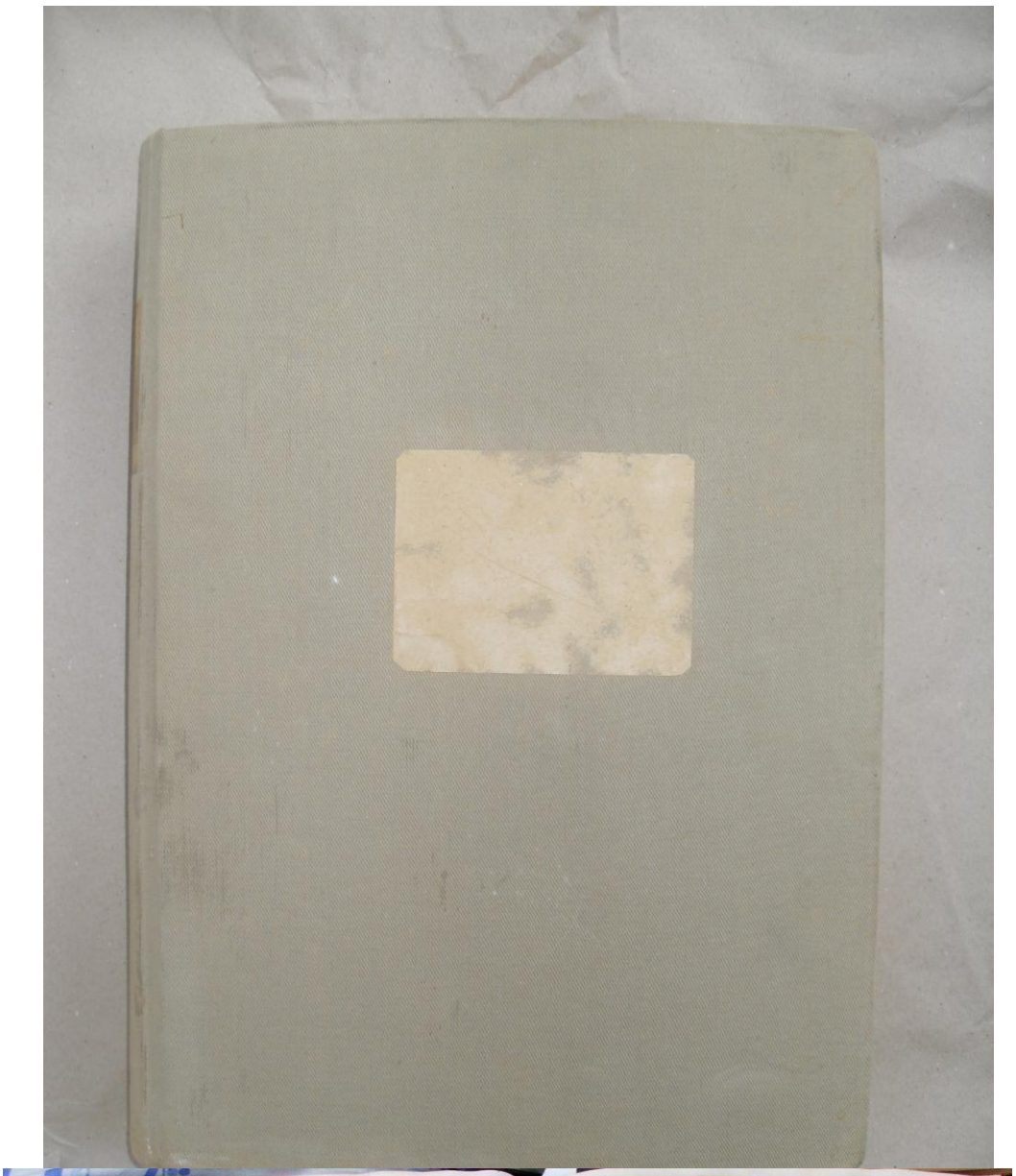


Fig. 10 – LIVRO CINZA

Fig. 11 – LIVRO CINZA – Distribuição dos documentos no arquivo

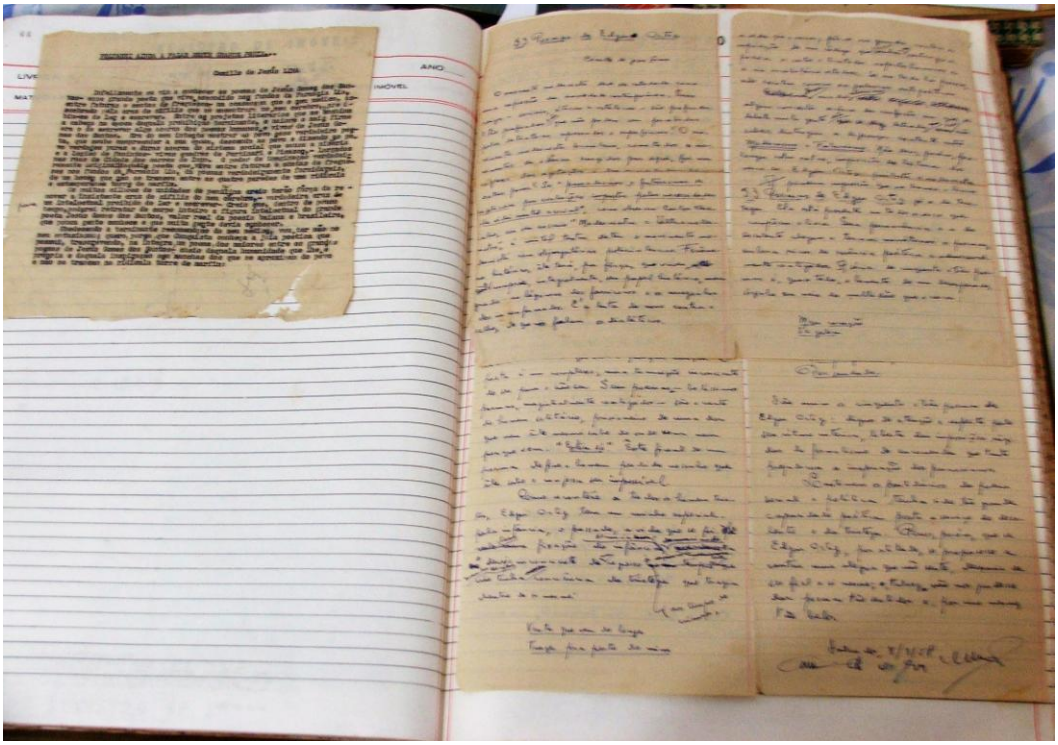


Fig. 12 – LIVRO CINZA – Distribuição dos documentos no arquivo

O COMBATE

SEMANARIO INDEPENDENTE E NOTICIOSO

Diretor: Landemar A. Brasil
Red. Gerente: Raimundo Odilon de Azevedo

Registrado de acordo com a lei

Ano XX — Vitória da Conquista — Bahia 7 de Março de 1950 — Numero 11

Inaugurado o Prédio Escolar Rural do Distrito de Iguà

Uma comitiva desta cidade

...e lugar no domingo 26 do ...s pp. no município visinho ...Iguà o ato inaugural do Pre... Escolar Rural. Naquele dia, ...15 hrs, uma grande comitiva ...posta do sr. Prefeito Mu...pal, Delegados Regional, de ...ias e Escolar, Representan...

...ERATHOSTENES MENEZES ...mento de projecto no distri... de Iguà

...a imprensa e pessôas gra... ...delegando àquele munici... ...foi recebida por grande ...e de populares e autori...des locais.

...ós os cumprimentos ge... ...o sr. Antonino Pedreira ...Oliveira, Prefeito desta Co..., dirigiu-se para o lo... ...onde fôra erigido o Predio ...penhado de sua caravana, ...cidadãs e povo em geral. ...da palavra dizendo do sig... ...ado daquela inauguração e ...grandes vantagens para o povo de Iguá, com a aquisição de tão útil obra. Em seguida a menor Emilia Maciel, corta a fita simbólica, dando franco acesso às dependências daquele prédio, aos presentes. Em uma das salas do Predio Rural, realizou-se ainda uma sessão solene, presidida pelo Prof. Everardo de Castro Delegado Escolar, onde usaram da palavra os srs Eratosthenes Menezes, Clemente Rocha, Tiberio Cerqueira, Dr. João Gustavo, Dr. Serafim Junior, que tiveram referencias elogiosas ao plano de ação do governo Antonino Pedreira de Oliveira não somente na cidade como nos distritos vizinhos. Ainda a menor Lenice Rocha, falou em nome dos menores iguaenses oferecendo ao sr. Prefeito ricas flores naturais.

O Prof. Everardo de Castro dá por terminada a sessão, por fim, em belissimas palavras sobre as utilidades de semelhantes obras em prol do ensino primario.

O Predio Rural que foi executado na atual administração, foi custeado pelo Governo Federal, através os esforços do Deputado Regis Pacheco junto ao Dr. Clemente Mariani, ministro da Educação.

xxx

Aos presentes, foram servidos dôces e bebidas finas, não tendo caráter mais festivo aquele ato, devido a recente falecimento do sr. Tiburcio Lemos, elemento de destaque e grande prestigio no distrito de Iguà.

E'cos do Carnaval

Com a maior ordem possivel os dias de Reinado do Momo neste cidade, embora a aumação elegante ao sugo, correram sem o menor incidente. Varias carrôtas e batucadas estiveram em ensaios rusi, que foram apreciados e aclamados por incalculavel multidão, principalmente na Praça da Piedade, ponto de maior afluencia.

No Clube Social

Ali tudo esteve como sempre sob a alegria estudantil do tanto bôa, alegria espontânea. Ao terceiro dia, desde cedo até o raiar do dia seguinte, velhos e moços participaram da festa e fazer alegria.

Os prêmios no Clube Social foram assim destribuidos depois de julgamento da comissão competente. ADULTOS—1º Prêmio—Grupo dos Cavaleiros; 2º Prêmio—Fantasia de Apache. Rosalita Araujo; 3º Prêmio—A Sl... mais alegre Dalva Fernandes. CRIANÇAS—1º Prêmio—Fantasia de Palhaço—Filha do Dr. Jorge Chaves; 2º Prêmio — Bonecas—Filha de ...ie Machado Costa; 3º Prêmio—Gelo Angura—Filha do sr. Benedito Pinto.

Nos cordões e batucadas

Uma caravana composta de ...Prefeito Municipal, representante de «O COMBATE» e autoridades, compareceu na noite de 24, feita aos cordões e batucadas em Vitória, sendo de seus componentes ...ações significativas manifestações pelos seus adeptos e respectivos directorias. Em todos, a tarde se estiveram a valer...

O Professor e o Recenseamento

Elemento de inestimável valor no preparo do espirito publico, sobretudo nas cidades do interior, para o bom andamento dos Recenseamentos, é, indiscutivelmente, o professor. Não é apenas nas salas de aula que se faz sentir a sua ação. Ela vai além. Dos garotos chega ás suas familias, por ocasião das reuniões dos circulos de pais e professores e das comemorações de datas nacionais. E mais longe ainda pode chegar, quando é o professor chamado—e sempre assim acontece—a tomar parte em reuniões literárias, festas religiosas e cerimônias civicas. Todos êsses instantes representam ótimas oportunidades para o professor, com a justa ascendência que possui, desenvolver um trabalho de orientação sobre as finalidades do Recenseamento, pondo em realce a figura do Recenseador que, apresentando-se no cumprimento de nobre missão, deve ser acolhido com cortesia e simpatia pelos que, por êle auxiliados, vão cumprir um dever patriótico.

Nos Recenseamentos passados, o professor representou, com todos os pontos de vista, pela inteligência, pela dedicação e pelo entusiasmo, ponderável fator do bom êxito das operações realizadas. Sério cotico os professores em 1950. Mas o Professor—nas qualidades que refletem o espirito de uma classe—esse será o mesmo de todos os tempos. E fará, por certo, do Recenseamento de 1950 uma bandeira de bons combates, contribuindo assim, mais uma vez, para o engrandecimento do Brasil.

Cartas para os camaradas encarcerados

Camillo de Jesus LIMA

Camaradas.

Eu só sinto uma vaidade na vida: não ser destes intelectuais que esmagam a consciência ao peso das gorgetas; não ter colocado minha vocação literária a serviço de uma ideologia morta e decomposta, a troco de posição, ou de uma vida mais fácil; não ter sido covarde que apenas o rumo da tempestade e pensasse ser possível «abafar a tormenta com uma cantiga de serenata, dentro dum camarote lotado». Foram se idéias que me cassaram para junto de vocês,—companheiros de luta, classe em luta —, quando me negou a vir, conhecia bem o caminho que iria trilhar; não vim, como um cego guiado por mãos alheias. Sou, por tudo isso, um escritor livre. Muito maior que a indiferença com que certa vez, recusei, entre festas burguesas, um prêmio literário de uma academia, ...distinções varias e medalhas circunspectas atribuídas publicamente, foi o orgulho, a alegria intima, - quase infantil de não esquecer, - com que recebi, por intermédio de um amigo, o meu carnet de escritor comunista. Veio das mãos gloriosas de Prestes essa condecoração que me distingui, pela vida afora, e na memória dos meus filhos, dessas galerias literárias que por aí se fazem para cursos e expoêes de uma ideologia morta e apodrecida.

Chegou a esse meu estado, José Rodrigues, João Bispo e José Maximiano, através das colunas hibridas da imprensa popular, que não se vexa de e não se cansa, a política de que «é carnaval, bem sua vez dando vazão ao seu ódio zoológico, mesmo quando escrevem a sociedade vocês, porque não não tiveram medo de dizer e escrever que Prestes é o traidor do povo do povo, que Ele está movimentando o ouro, comprando capas de ...levar à solução do problema nacional e que nada contribuo para ...

Os policiais, a serviço do ...que lhes se...gou que «Bulhões-Carvalho», estão ...ao lado e o trigo, o ...a vida de seus familiares, ...portadores ...de prestígio ...preparo ...

Vocês, no entanto, compreendem que nesta hora decisiva, todo o mundo do proletariado ...no comportamento que seja dirigido para que nos libertemos da exploração. Não poderão vocês, por ...o ...expressivamente ...

Vocês estão entre as ...patrões de ...

Nos ...culpas, ...injustiças ao ...a chuva na conquista do pão, ha a marca da revolta brutal. Bons capazes e mais bem ...quentes ...pelos fazem que o ...

Mando esta carta para vocês, porque não posso visita-los pessoalmente, como era do meu desejo e seria de meu orgulho. E, ao mandá-la, quero lembrar a vocês e que ...certo ter um poeta que era ...o povo «TUDA POITE TEM ASUBRE» e, EMBOS TODA A ESCURIDÃO»...

Por que temer, companheiros, a noite da reação?...

Macaúbas, 19—11—50

Jingo Social

...exemplo dos grandes Clubes ...Capitaes, o Clube Social Con... ...avisa de inaugurar em seus ...o Biogo Social.

...trata-se de um divertimento ...valvazente entre o seu ...social, do qual não ...ricos e valiosos brinde... ...divertimento poderá ...parte de uma só vez qual... ...senhorinhas Dehtre os ...prêmios ...sorteios e a ...o Diretorio ...

...Nossos votos de feliz permanencia entre nós.

Novo comandante da 2ª Cia da Polícia nesta cidade

Encontra-se há dias entre nós o Dr. Moacir da Silva Azevedo 1º Tenente da Força Publica, que veio assumir o comando da 2ª Companhia do 2º B-C da Polícia Militar do Estado nesta cidade.

Nossos votos de feliz permanencia entre nós.

Jornais novos do Rio e da Bahia encontram-se no Bazar Cairo

...que vem sendo justificar ...atual Diretoria e ...oportunidades de convivencia ...social entre seus sócios e ...Bazar.

...Bazar, a Diretoria fará sorteio ...Biogo da ...

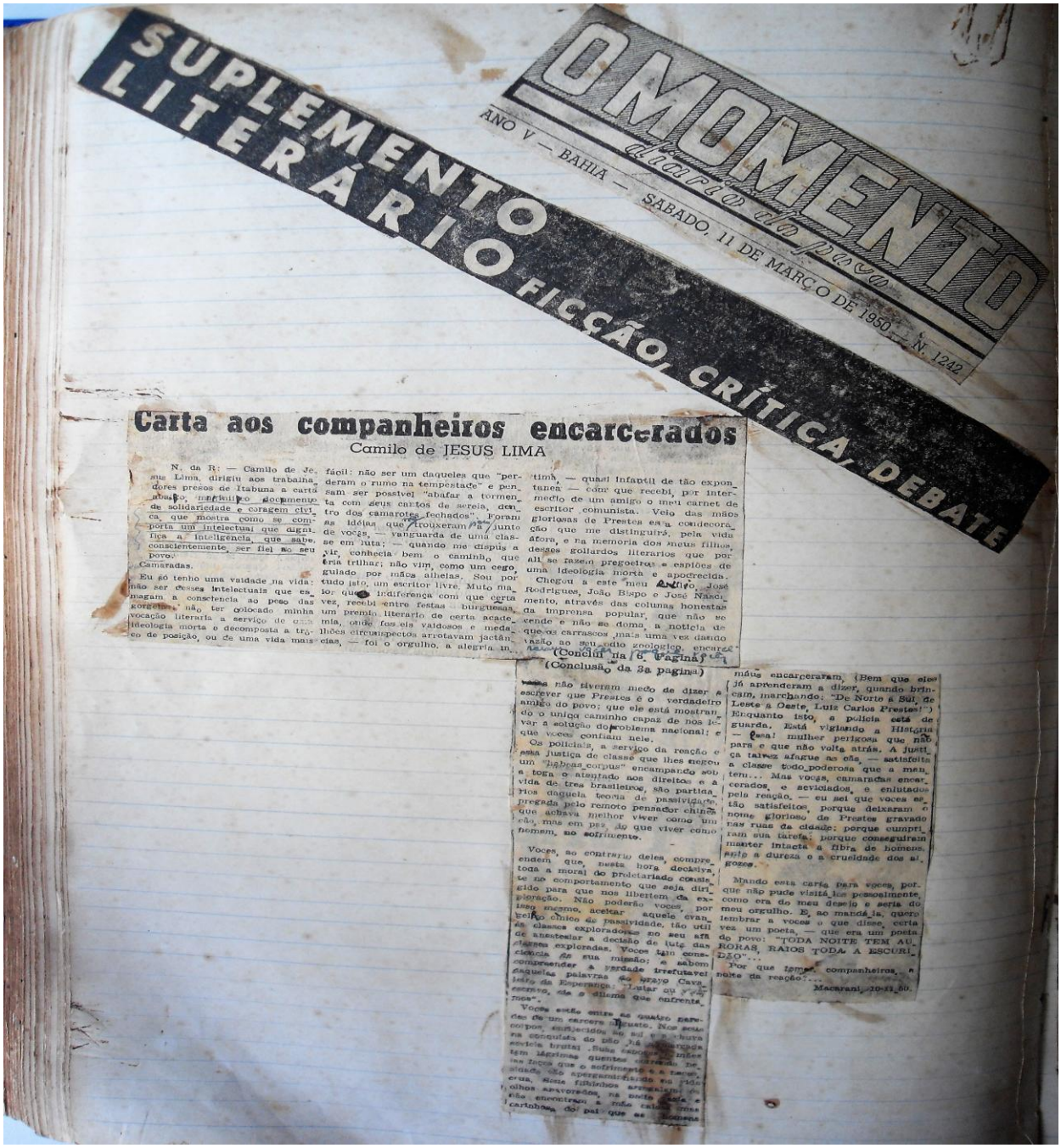
NOVIDADES MUNDIAES

Novas aplicações do germanio

LONDRES, Pa. «O Combate» Uma firma londrina, famosa por seus trabalhos em metais preciosos, pretende desenvolver a produção do germanio em grande escala. O novo produto químico, o germanio, tem grande importância por seu valor electrônico. É aplicado especialmente nos retificadores, onde supera o cobre, nas operações com frequencias ultra-elevadas.

A cidade finca de Londres vem produzindo o germanio a razão de um quilo por semana para fins de investigação. E agora depois de dois anos de estudos intensivos, sua produção foi reduzida a seis kilogramas ...

...Fonte: «O Combate»



SUPLEMENTO LITERÁRIO FICÇÃO, CRÍTICA, DEBATE

O MOMENTO

ANO V — BAHIA — SABADO, 11 DE MARÇO DE 1950 — N. 1242

Carta aos companheiros encarcerados

Camilo de JESUS LIMA

N. da R: — Camilo de Jesus Lima, dirigiu aos trabalhadores presos de Itabuna a carta abaixo, magnifico documento de solidariedade e coragem civica, que mostra como se comporta um intelectual que dignifica a inteligencia, que sabe, conscientemente, ser fiel ao seu povo.

Camaradas.

Eu só tenho uma vaidade na vida: não ser desses intelectuais que esmagam a consciencia ao peso das gorgeias, não ter colocado minha vocação literaria a serviço de uma ideologia morta e decomposta a troco de posição, ou de uma vida mais fácil: não ser um daqueles que "perderam o rumo na tempestade" e pensam ser possivel "abafar a tormenta com seus cantos de sereia, dentro dos camarotes fechados". Foram as idéias que trouxeram a junto de vocês, — vanguarda de uma classe em luta; — quando me dispus a vir, conhecia bem o caminho que iria trilhar; não vim, como um cego, guiado por mãos alheias. Sou por tudo isto, um escritor livre. Muto maior que a indiferença com que certa vez, recebi entre festas burguesas, um premio literario de certa academia, onde fos eis vaidosos e medalhões circunspectos arrotavam jactâncias, — foi o orgulho, a alegria intima, — quasi infantil de tão expontanea — com que recebi, por intermedio de um amigo o meu carnet de escritor comunista. Veio das mãos gloriosas de Prestes essa condecoração que me distinguirá, pela vida afora, e na memoria dos meus filhos, desses gollardos literarios que por ali se fazem pregoeiros e espiões de uma ideologia morta e apodrecida.

Chegou a este meu Arquivo, José Rodrigues, João Bispo e José Nascimento, através das colunas honestas da imprensa popular, que não se cende e não se doma, a noticia de que os carrascos mais uma vez dando vazão ao seu odio zoologico, encarce-

(Conclui na 6. Pagina)

(Conclusão da 3a pagina)

vocês não tiveram medo de dizer e escrever que Prestes é o verdadeiro amigo do povo; que ele está mostrando o unico caminho capaz de nos levar a solução do problema nacional; e que voces confiam nele.

Os policiais, a serviço da reação e essa justiça de classe que lhes negou um "habeas corpus" encampando sob a toga o atentado aos direitos e a vida de tres brasileiros, são partidarios daquela teoria de passividade, pregada pelo remoto pensador chinês que achava melhor viver como um cão, mas em paz, do que viver como homem, no sofrimento.

Voces, ao contrario deles, compreendem que, nesta hora decisiva, toda a moral do proletariado consiste no comportamento que seja dirigido para que nos libertem da exploração. Não poderão voces, por isso mesmo, aceitar aquele evangelho cinico de passividade, tão util ás classes exploradoras no seu afã de anestesiar a decisão de luta das classes exploradas. Voces tem consciencia de sua missão; e sabem compreender a verdade irrefutavel daquelas palavras do bravo Cavaleiro da Esperança: "Lutar ou viver escravo, eis o dilema que enfrentamos".

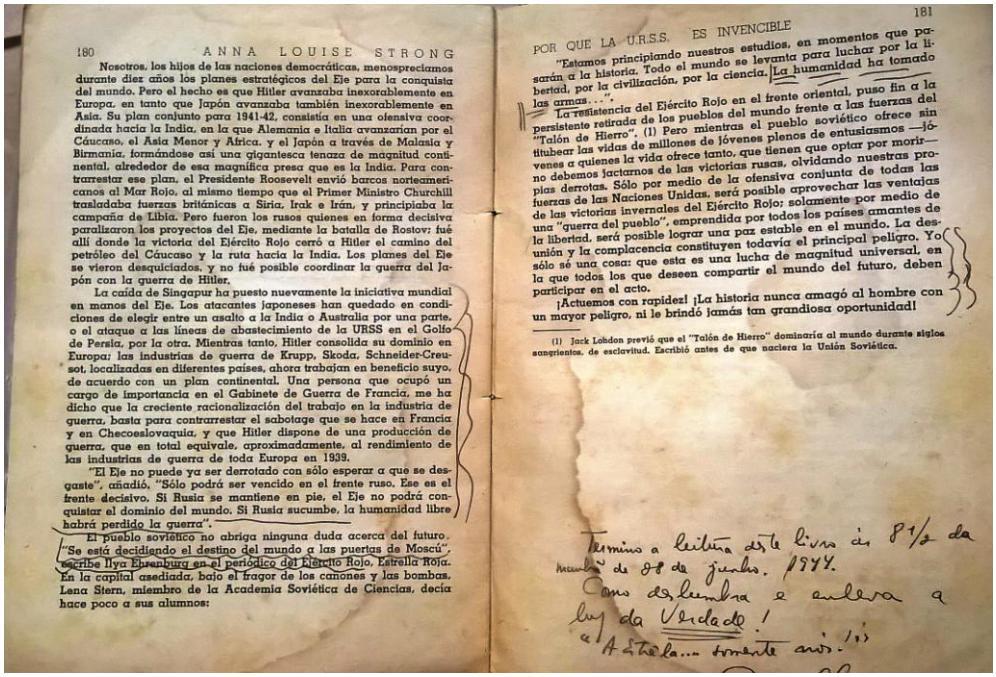
Voces estão entre as quatro paredes de um carcere angusto. Nos seus corpos, enrijecidos ao sol e a chuva na conquista do pão, há a marcada sevicia brutal. Suas esposas e mães tem lágrimas quentes correndo pelas faces que o sofrimento e a necessidade são apergaminhando na vida crua. Seus filhinhos arregalam os olhos apavorados, na noite fazia e não encontram a mão calda mas carinhosa do pai que os homens máus encarceraram. (Bem que eles já aprenderam a dizer, quando brincam, marchando: "De Norte a Sul, de Leste a Oeste, Luiz Carlos Prestes!") Enquanto isto, a policia está de guarda. Está vigiando a História — essa! mulher perigosa que não para e que não volta atrás. A justiça talvez afague as cãs, — satisfeita a classe todo poderosa que a mantem... Mas vocês, camaradas encarcerados, e seviciados, e enlutados pela reação, — eu sei que voces estão satisfeitos, porque deixaram o nome glorioso de Prestes gravado nas ruas da cidade; porque cumpriram sua tarefa; porque conseguiram manter intacta a fibra de homens, ante a dureza e a crueldade dos algozes.

Mando esta carta para voces, porque não pude visitá-los pessoalmente, como era do meu desejo e seria do meu orgulho. E, ao mandá-la, quero lembrar a voces o que disse, certa vez um poeta, — que era um poeta do povo: "TODA NOITE TEM AURORAS, RAIOS TODA A ESCURIDÃO"...

Por que temer, companheiros, a noite da reação?...

Macarani, 10-11-50.

Fig. 14 – Carta de Camillo de Jesus Lima aos camaradas encarcerados (O MOMENTO)



180 ANNA LOUISE STRONG

Nosotros, los hijos de las naciones democráticas, menospreciamos durante diez años los planes estratégicos del Eje para la conquista del mundo. Pero el hecho es que Hitler avanzaba inexorablemente en Europa, en tanto que Japón avanzaba también inexorablemente en Asia. Su plan conjunto para 1941-42, consistía en una ofensiva coordinada hacia la India, en la que Alemania e Italia avanzarían por el Cáucaso, el Asia Menor y Africa, y el Japón a través de Malasia y Birmania, formándose así una gigantesca tenaza de magnitud continental, alrededor de esa magnífica presa que es la India. Para contrarrestar ese plan, el Presidente Roosevelt envió barcos norteamericanos al Mar Rojo, al mismo tiempo que el Primer Ministro Churchill trasladaba fuerzas británicas a Siria, Irak e Irán, y principiaba la campaña de Libia. Pero fueron los rusos quienes en forma decisiva paralizaron los proyectos del Eje, mediante la batalla de Rostov; fué allí donde la victoria del Ejército Rojo cerró a Hitler el camino del petróleo del Cáucaso y la ruta hacia la India. Los planes del Eje se vieron desquiciados, y no fué posible coordinar la guerra del Japón con la guerra de Hitler.

La caída de Singapur ha puesto nuevamente la iniciativa mundial en manos del Eje. Los atacantes japoneses han quedado en condiciones de elegir entre un asalto a la India o Australia por una parte, o el ataque a las líneas de abastecimiento de la URSS en el Golfo de Persia, por la otra. Mientras tanto, Hitler consolida su dominio en Europa; las industrias de guerra de Krupp, Skoda, Schneider-Creusot, localizadas en diferentes países, ahora trabajan en beneficio suyo, de acuerdo con un plan continental. Una persona que ocupó un cargo de importancia en el Gabinete de Guerra de Francia, me ha dicho que la creciente racionalización del trabajo en la industria de guerra, basta para contrarrestar el sabotage que se hace en Francia y en Checoeslovaquia, y que Hitler dispone de una producción de guerra, que en total equivale, aproximadamente, al rendimiento de las industrias de guerra de toda Europa en 1939.

"El Eje no puede ya ser derrotado con sólo esperar a que se desgaste", añadió. "Sólo podrá ser vencido en el frente ruso. Ese es el frente decisivo. Si Rusia se mantiene en pie, el Eje no podrá conquistar el dominio del mundo. Si Rusia sucumbe, la humanidad libre habrá perdido la guerra".

El pueblo soviético no abriga ninguna duda acerca del futuro. "Se está decidiendo el destino del mundo a las puertas de Moscú", escribe Ilya Ehrenburg en el periódico del Ejército Rojo, Estrella Roja. En la capital asediada, bajo el fragor de los cañones y las bombas, Lena Stern, miembro de la Academia Soviética de Ciencias, decía hace poco a sus alumnos:

POR QUE LA U.R.S.S. ES INVENCIBLE 181

"Estamos principiando nuestros estudios, en momentos que pasarán a la historia. Todo el mundo se levanta para luchar por la libertad, por la civilización, por la ciencia. La humanidad ha tomado las armas...".

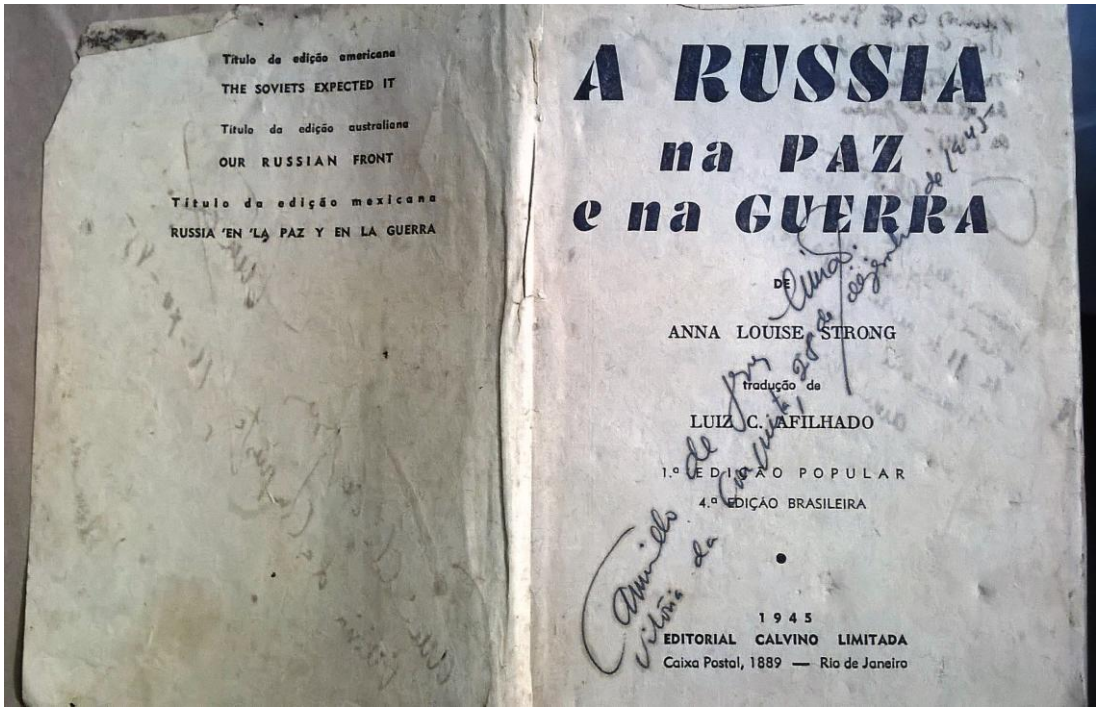
La resistencia del Ejército Rojo en el frente oriental, puso fin a la persistente retirada de los pueblos del mundo frente a las fuerzas del "Talón de Hierro". (1) Pero mientras el pueblo soviético ofrece sin titubear las vidas de millones de jóvenes plenos de entusiasmos —jóvenes a quienes la vida ofrece tanto, que tienen que optar por morir— no debemos jactarnos de las victorias rusas, olvidando nuestras propias derrotas. Sólo por medio de la ofensiva conjunta de todas las fuerzas de las Naciones Unidas, será posible aprovechar las ventajas de las victorias invernales del Ejército Rojo; solamente por medio de una "guerra del pueblo", emprendida por todos los países amantes de la libertad, será posible lograr una paz estable en el mundo. La desunión y la complacencia constituyen todavía el principal peligro. Yo sólo sé una cosa: que esta es una lucha de magnitud universal, en la que todos los que deseen compartir el mundo del futuro, deben participar en el acto.

¡Actuemos con rapidez! ¡La historia nunca amagó al hombre con un mayor peligro, ni le brindó jamás tan grandiosa oportunidad!

(1) Jack London previó que el "Talón de Hierro" dominaría al mundo durante siglos sangrientos, de esclavitud. Escribió antes de que naciera la Unión Soviética.

Termino a leitura deste livro às 8 1/2 da manhã de 28 de junho. 1944.
Como deslumbra e cultiva a luz da Verdade!
«A Estrela... tremente anão.»

Fig. 15 – NOTAS DE LEITURA



Título da edição americana
THE SOVIETS EXPECTED IT
Título da edição australiana
OUR RUSSIAN FRONT
Título da edição mexicana
RUSSIA 'EN 'LA PAZ Y EN LA GUERRA

A RUSSIA na PAZ e na GUERRA

DE

ANNA LOUISE STRONG

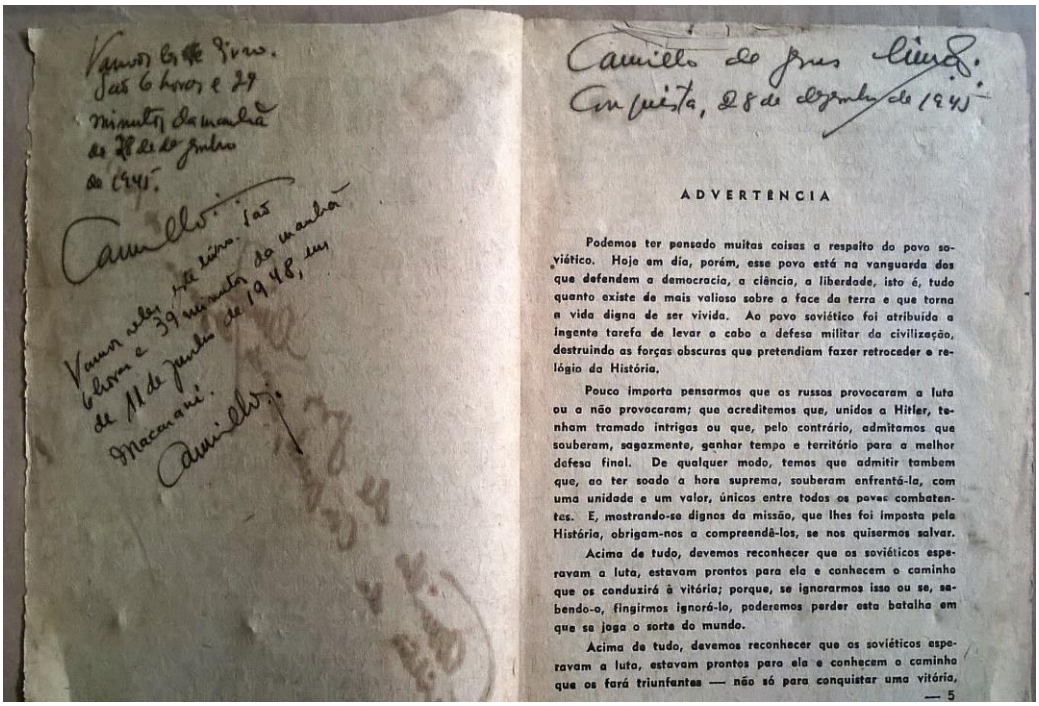
tradução de

LUIZ C. FILHADO

1.ª EDIÇÃO POPULAR
4.ª EDIÇÃO BRASILEIRA

1945
EDITORIAL CALVINO LIMITADA
Caixa Postal, 1889 — Rio de Janeiro

Fig. 16 – ACERVO BIBLIOGRÁFICO



ADVERTÊNCIA

Podemos ter pensado muitas coisas a respeito do povo soviético. Hoje em dia, porém, esse povo está na vanguarda dos que defendem a democracia, a ciência, a liberdade, isto é, tudo quanto existe de mais valioso sobre a face da terra e que torna a vida digna de ser vivida. Ao povo soviético foi atribuída a ingente tarefa de levar a cabo a defesa militar da civilização, destruindo as forças obscuras que pretendiam fazer retroceder o relógio da História.

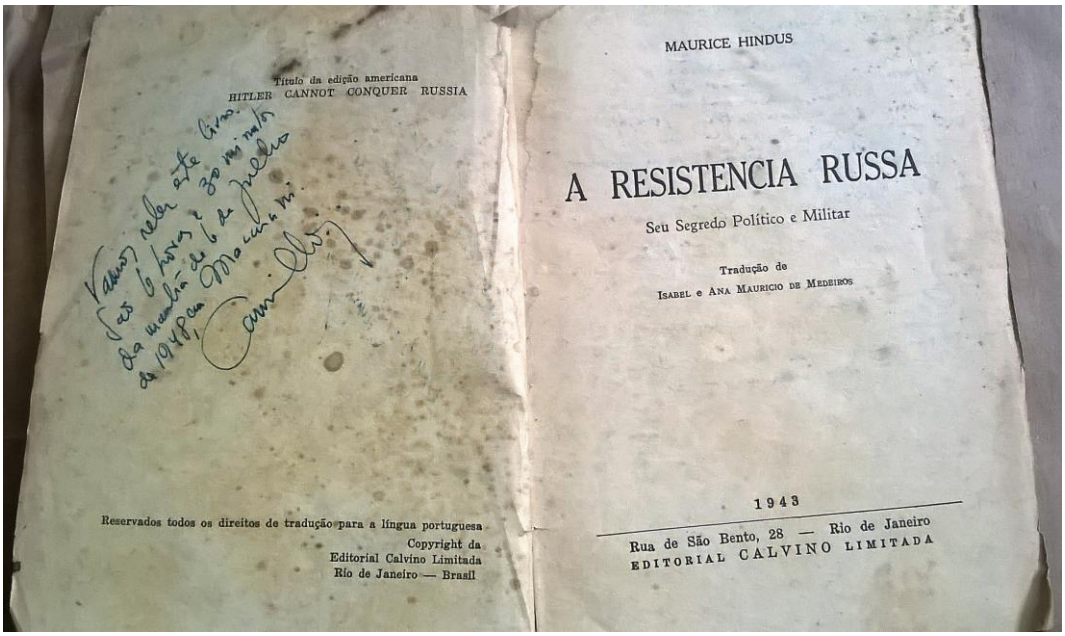
Pouco importa pensarmos que os russos provocaram a luta ou a não provocaram; que acreditemos que, unidos a Hitler, tenham tramado intrigas ou que, pelo contrário, admitamos que souberam, sagazmente, ganhar tempo e território para a melhor defesa final. De qualquer modo, temos que admitir também que, ao ter soado a hora suprema, souberam enfrentá-la, com uma unidade e um valor, únicos entre todos os povos combatentes. E, mostrando-se dignos da missão, que lhes foi imposta pela História, obrigam-nos a compreendê-los, se nos quisermos salvar.

Acima de tudo, devemos reconhecer que os soviéticos esperavam a luta, estavam prontos para ela e conhecem o caminho que os conduzirá à vitória; porque, se ignorarmos isso ou se, sabendo-o, fingirmos ignorá-lo, poderemos perder esta batalha em que se joga a sorte do mundo.

Acima de tudo, devemos reconhecer que os soviéticos esperavam a luta, estavam prontos para ela e conhecem o caminho que os fará triunfantes — não só para conquistar uma vitória,

— 5

Fig. 17 – NOTAS DE LEITURA



Título da edição americana
HITLER CANNOT CONQUER RUSSIA

Reservados todos os direitos de tradução para a língua portuguesa
Copyright da
Editorial Calvino Limitada
Rio de Janeiro — Brasil

MAURICE HINDUS

A RESISTENCIA RUSSA

Seu Segredo Político e Militar

Tradução de
ISABEL e ANA MAURICIO DE MEDEIROS

1943

Rua de São Bento, 28 — Rio de Janeiro
EDITORIAL CALVINO LIMITADA

Fig. 18 – NOTAS DE LEITURA

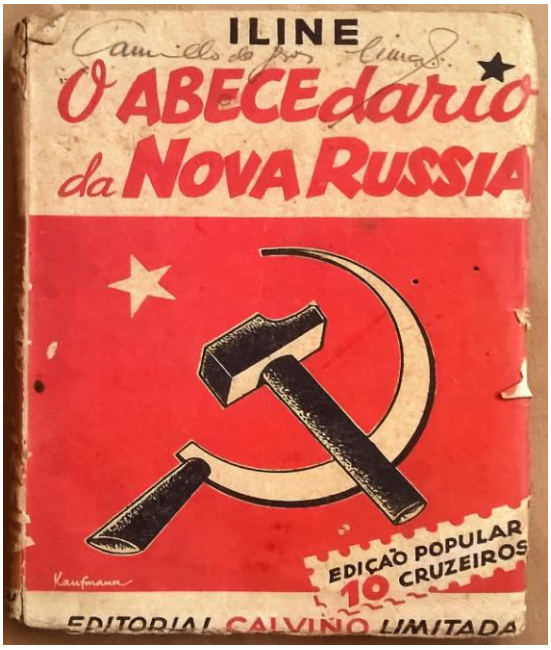


Fig. 19 – ACERVO BIBLIOGRÁFICO

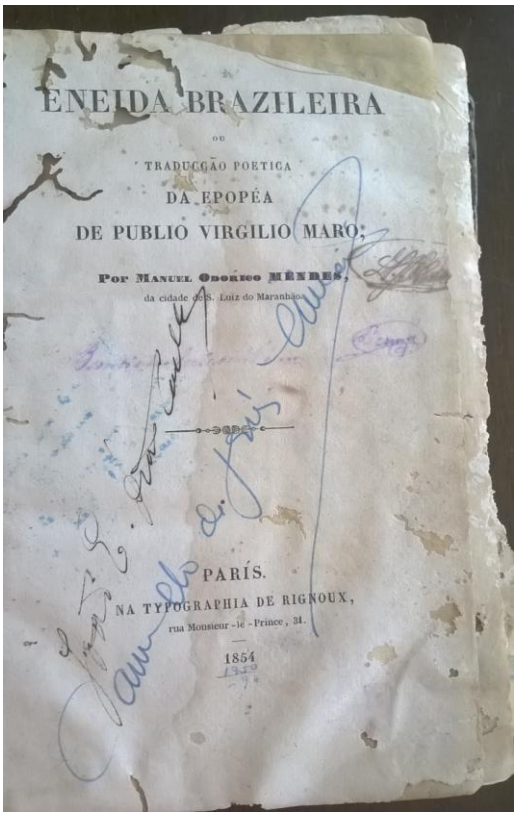


Fig. 20 – ACERVO BIBLIOGRÁFICO DE C. J. L

Fig. 21 – ACERVO BIBLIOGRÁFICO DE C. J. L

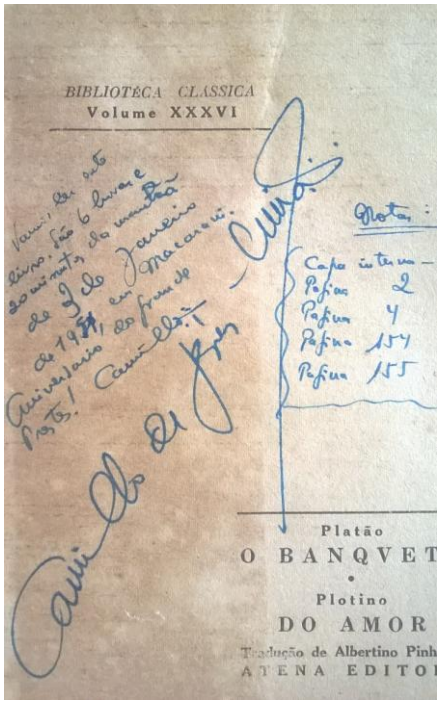


Fig. 22 – NOTAS DE LEITURA

ANEXO B, Doc. 1: CERTIDÃO DO CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS DO MUNICÍPIO SEDE DE CAETITÉ

ESTADO DA BAHIA
PODER JUDICIÁRIO

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAETITÉ
ARQUIVO PÚBLICO

COMARCA DE **CAETITÉ - BAHIA**

SUBDISTRITO DE **SEDE**

CARTÓRIO DO REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS DO MUNICÍPIO SEDE DE CAETITÉ

C E R T I D Ã O

Em cumprimento ao despacho exarado no processo nº. 0503, protocolado em 27 de julho de 2015, a pedido do Oficial do Cartório do Registro Civil das Pessoas Naturais da **Sede**, **CERTIFICO** que no dia oito de setembro de mil novecentos e doze, Distrito Sede, nasceu **CAMILLO DE JESUS FAGUNDES,** do sexo masculino, filho legitimo de FRANCISCO FAGUNDES DE LIMA e ESTHER FAGUNDES DA SILVA, conforme assentamento no livro de **Nascimento: A-08**; termo: **27;** folha: **80 v e 81 f**; com cópia anexa. E, para constar, eu, *Rosália Junqueira de Aguiar Rodrigues* Superintendente do Arquivo Público Municipal de Caetité, passei a presente certidão, aos trinta e um dias do mês de julho do corrente ano, que vai assinada por mim.

Caetité, 31 de julho de 2015.

Rosália Junqueira Aguiar Rodrigues
Superintendente do APMC
Port. 132 de 21/03/2014

Praça Dr. Deocleciana Pires Teixeira, 52 – Centro – Caetité – Bahia – CEP 46400-000
Telefone (77) 3454 1227 - E-mail: arquivocaetite@hotmail.com e site:
www.**arquivocaetite**.**ba**.gov.br

ANEXO B, Doc. 2: MÚSICA DE ELOMAR FIGUEIRA MELLO EM HOMENAGEM A CAMILLO

Incelença para um poeta morto

Cantemo u'a incelença
prá êsse ilustre prufessô
qui nessa hora imensa
chegô aos pé do Criadô
choremo outra incelença
pru grande meste da "Lição"
de saudosa lembraça
in nosso coração
levanta é madrugada
os galo já cantô
qui sua "Viola quebrada"
silenciosa ficô
segue a istrela de guia
nos campo do Siô
qui "A mão nevada e fria
da saudade" chegô
um canto de incelença
na Casa do Rei Salomão
cântaro os cumpaiêro
cum as ispada na mão
levanta é madrugada
os galo já cantô
qui sua "Viola quebrada"
silenciosa ficô
segue a istrela de guia
nos campo do Siô
qui "A mão nevada e fria
da saudade" chegô.

(Elomar Figueira Mello, 1983)